

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Mariana Diniz de Carvalho

EDUCANDO DONZELAS: trabalhos manuais e ensino religioso (1859- 1934)

Versão corrigida da Dissertação de Mestrado

São Paulo

2017

Mariana Diniz de Carvalho

EDUCANDO DONZELAS: trabalhos manuais e ensino religioso (1859- 1934)

Versão Corrigida da Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências – História Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Carneiro de Carvalho.

“De Acordo”

São Paulo

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO
Mariana Diniz de Carvalho

EDUCANDO DONZELAS: trabalhos manuais e ensino religioso (1859- 1934)

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Ciências – História Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Carneiro de Carvalho.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Carneiro de Carvalho

Prof.

Prof.

São Paulo

2017

A meus pais, esposo e filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa mostrar ou manifestar gratidão, render graças; penhorar, reconhecer. Também é uma forma de compensar, de retribuir, recompensar. Tenho muito o que agradecer, e para muitos, e por isso desde já peço desculpas por quaisquer esquecimentos.

Para começar, agradeço, e muito, à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Vânia Carneiro de Carvalho, primeiramente por apostar e acreditar em uma professora há muito afastada da academia que ousou voltar aos estudos e realizar uma pesquisa. Agradeço as suas paciência, colaboração e compreensão por todas as dificuldades que tive em conciliar carreira profissional, estudos e família. Seu enorme conhecimento, rigor intelectual e exigência acadêmica foram inspiradoras.

Agradeço também às professoras Dr.^a Diana Gonçalves Vidal e Dr.^a Solange Ferraz de Lima pela leitura crítica de meu relatório de qualificação e por todas as valiosas indicações e sugestões que contribuíram para dar corpo a este trabalho.

Não posso deixar de reconhecer a importância das queridas Renata Tavares Goffi, Maria Helena Goffi e Marta Alvarenga, por abrirem caminho e possibilitarem as entrevistas das alunas do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, contribuição tão valiosa para esta pesquisa. Ter convivido, mesmo que por um pequeno período de tempo, com D. Nena e D. Darci foi muito gratificante. Agradeço muito pelo carinho, disponibilidade e ótimas conversas que me confiaram, além de me ligar a outras integrantes desta rede de ex-alunas, as também importantes D. Bernadete e D. Dirce.

Não posso deixar de render graças e mostrar toda minha gratidão às irmãs Paula e Beatriz, que mesmo por contato virtual e telefônico me recomendaram a doce assistência da irmã Zilda Hilda Marino, figura de enorme importância para esta pesquisa, pois disponibilizou o acervo da Sala de Guardados da Congregação de São José, em Itu. Sua contribuição zelosa, paciente e carinhosa foi incalculável e fundamental para esta pesquisa. Aliás, é importante ressaltar que todas as irmãs, mesmo aquelas com quem tive apenas breves conversas, foram extremamente receptivas, atenciosas e carinhosas. Estendo meu agradecimento a toda a Congregação de São José.

Não posso esquecer meus amigos queridos José Fernando, Emerson e Gil, Renan e Gilmar, Paula e Beatriz por me acolherem calorosamente em minhas passagens por São Paulo. Sou eternamente agradecida pela guarida e boas conversas.

Aos meus queridos colegas de trabalho, obrigada por toda a torcida e incentivo ao trabalho. A colaboração e compreensão dos momentos difíceis pelos quais passei conciliando a rotina escolar com a rotina de estudos foram de suma importância.

Se meus colegas de trabalho foram importantes por seu incentivo, não posso dispensar menor agradecimento aos meus colegas da Pós-Graduação em História. Nossas conversas nos minutos de pausa e discussões sobre pesquisa e leituras ajudaram a tornar mais suave este árduo caminho. À Simone, que logo me acolheu com simpatia, conhecimento e sorriso largo, e à Raíssa, que sempre tinha resposta para todas as dúvidas, além de estar sempre pronta para ajudar, meus sinceros agradecimentos. À Bel, obrigada pelas dicas sobre nosso tema e por compartilhar nossos dilemas. Ao meu grupo de estudos, Nathália, Déborah, Nina, Guilherme e a recém-chegada Gaya, obrigada, suas dicas e discussões ajudaram a clarear muitas de minhas ideias.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer especialmente à minha família por todo amor, carinho, colaboração e incentivo que recebi de vocês mesmo antes desta jornada começar formalmente. Aos meus pais, João e Cleide, agradeço por toda torcida e colaboração. A meu esposo Gilberto, que sempre acreditou em mim, esteve presente e ajudou, obrigada por todo amor e incentivo. Aos meus filhos, Gilberto e Anna Clara, agradeço pela paciência com minhas ausências, compreensão por meu eterno cansaço e colaboração em meus dias corridos. O convívio com todos vocês fez meus dias parecerem mais acolhedores.

CARVALHO, Mariana Diniz de. **EDUCANDO DONZELAS: trabalhos manuais e ensino religioso (1859- 1934)**. Dissertação (Mestrado). FFLCH-USP, São Paulo, 2017.

Resumo: o objetivo desta pesquisa é analisar o ensino de bordados e outros trabalhos em suportes têxteis dentro do sistema educacional desenvolvido a partir da segunda metade do século XIX e início do XX, dando particular atenção ao ensino confessional das escolas da Congregação São José de Chambéry. A presente pesquisa analisa como os trabalhos manuais de agulha possuem uma larga identificação com a mulher. Estes trabalhos ajudaram na construção de uma imagem de feminilidade, participando ativamente na formação da identidade de gênero. O século XIX reconheceu a escola como um espaço privilegiado de difusão dessas tradições femininas. Para as mulheres, a escolaridade surge com a importante missão de formar a esposa, a mãe e, com isso, sedimentar os ideais da nação. Neste projeto educacional, o currículo reserva uma particularidade, o ensino exclusivo de trabalhos de agulha para as escolas do sexo feminino. Acreditamos que este particularismo seja revelador de como os trabalhos de agulha eram vistos como o instrumento perfeito para a construção desta feminilidade, e, nas escolas confessionais, como veículo de inculcação dos valores cristãos reformadores do ultramontanismo.

Palavras-chave: Cultura material. Trabalhos manuais. Bordado e costura. Educação católica feminina. Congregação de São José.

Abstract:

The objective of this research is to analyse the teaching of embroidery and other works in textile production inside the educational system developed from the second half of the 19th and beginning of the 20th centuries, directing particular attention to the confessional education of the schools of the Congregation Saint-Joseph of Chambéry. The present research analyses how needle crafts have a wide identificiation with women. These works have helped on the construction of an image of femininity, taking active part on the formation of the gender identity. The 19th century recognized the school as a privileged space for diffusion of these female traditions. To women, scholarship emerges with the important mission of forming the wife, the mother and, with it, found the ideals of the nation. On this educational project, the curriculum reserves one particularity, the exclusive education of needle works to schools of the female sex. We believe this particularity to be revealing proof of how needleworks were seen as the perfect

instrument for the constructing of femininity, and, in confessional schools, as an inculcation vehicle for the reformatory Christian values of ultramontanism.

Keywords: Material culture. Manufacturing. Embroidery and needlework. Catholic female education. Saint-Joseph Congregation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Figura 1. Quadro educativo de horas de sono para crianças..... | 61 |
| Figura 2. Fotografia de dormitório do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Franca, 1919. Poliantéia, 1919, p. 358. Sala de Guardados, Colégio do Patrocínio, Itu/SP. | 64 |
| Figura 3. Caderno de Gramática..... | 68 |
| Figura 4. Caderno de matemática..... | 72 |
| Figura 5. Retrato de Maria Amélia Castilho de Andrade, "Vida Social, A Cigarra, 06 de mar. 1916, s.n.p. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo. | 81 |
| Figura 6. Fotografia da turma mista do jardim de infância do Colégio Nossa Senhora da Assumpção, Piracicaba. Poliantéia, 1919..... | 82 |
| Figura 7. Amostra de bordado de flores coloridas em linho..... | 83 |
| Figura 8. Amostra de bordado em diferentes técnicas de flores coloridas bordadas e aplicadas sobre linho..... | 84 |
| Figura 9. Amostra de bordado de flores para roupas brancas em linho. | 85 |
| Figura 10. "Handsome Waist Designs for English Embroidery" da Home Needlework Magazine. | 86 |
| Figura 11. Gravura de mulher bordando, "Para a Morte", Livro das Donas e Donzelas,..... | 101 |
| Figura 12. "Trabalhos femininos", da Revista Feminina, set. 1915, p. 18. APESP. | 102 |
| Figura 13. Aula de trabalhos de agulha, Escola Caetano de Campos, 1908..... | 109 |
| Figura 14. Aula na Oficina de Marcenaria, Escola Caetano de Campos, 1908..... | 110 |
| Figura 15. Aula na Oficina Têxtil, Escola Caetano de Campos, 1908. | 111 |
| Figura 16. Três amostras de bordado com pontos cruz e matiz. | 118 |
| Figura 17. "Trabalhos Femininos", na Revista Feminina, ago. 1917 | 120 |
| Figura 18. Imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho, Nossa Senhora do Patrocínio e estandarte comemorativo de Nossa Senhora do Patrocínio. Sala de Guardados | 121 |
| Figura 19. Fotografia da padroeira do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio | 122 |
| Figura 20. Amostra sobre cetim de seda..... | 123 |
| Figura 21. Livro didático "Trabalhos manuaes" para alunas do quarto ano..... | 129 |
| Figura 22. Amostra de um Cartela de Bordados de 1913. | 130 |
| Figura 23. Amostra padrão para ensino de variados tipos de pontos de bordados..... | 131 |
| Figura 24. "Trabalhos de Agulha", na Revista Feminina. Receita para fazer almofada com diferentes técnicas na Revista Feminina, janeiro de 1916, p. 29. APESP. | 138 |
| Figura 25. "Trabalhos femininos", na Revista Feminina. | 139 |
| Figura 26. "Trabalho Feminino - o bordado branco", Revista Feminina. A..... | 140 |
| Figura 27. "Trabalhos encantadores", na Revista Feminina. | 141 |
| Figura 28. O baile da Concórdia. Revista A Cigarra, 31/01/1916, s.n.p. APESP. | 145 |
| Figura 29. Amostra em linho branco em bordado de fios agrupados com diferentes pontos de entremeio para renda do tipo renascença..... | 147 |
| Figura 30. Amostra em linho branco em bordado de fios agrupados com diferentes pontos de entremeio..... | 148 |
| Figura 31. Amostra em linho branco em bordado de fios agrupados com diferentes pontos de entremeio e barra ao final com ponto ilhós e uma casa de botão. | 149 |
| Figura 32. Amostra em tecido branco com bordado simples. | 150 |
| Figura 33. Canivet com poema, em papel vegetal, imitando trabalhos em ponto hardanger e pintura à mão. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016. | 153 |
| Figura 34. Parte externa do ramalhete espiritual de D. Duarte Leopoldo e Silva..... | 154 |
| Figura 35. Ramalhete espiritual de D. Duarte Leopoldo e Silva- parte interna. C | 155 |

| | |
|--|-----|
| Figura 36. Ramalhete espiritual de D. José Gaspar d'Afonseca e Silva - parte externa. | 156 |
| Figura 37. Ramalhete espiritual de D. José Gaspar d'Afonseca e Silva - parte interna. R..... | 157 |
| Figura 38. Fita em homenagem a D. Duarte Leopoldo e Silva feita na ocasião da visita do arcebispo nas cerimônias comemorativas dos 60 anos do noviciado de Madre Maria Theodora, 1929. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016..... | 159 |
| Figura 39. Detalhe da fita em homenagem a D. Duarte Leopoldo e Silva. F | 160 |
| Figura 40. Santinhos religiosos..... | 161 |
| Figura 41. A Primeira Comunhão, Revista Feminina | 166 |
| Figura 42. Grupo de alunas órfãs do asilo anexo à Santa Casa de Campinas | 169 |
| Figura 43. Seção Vida Religiosa, da revista A Cigarra..... | 172 |
| Figura 44. Capela das filhas de Maria do Colégio N. Sra. do Patrocínio, Itu. | 174 |
| Figura 45. Alunas do Colégio N. Sra. do Patrocínio, 1888. | 177 |
| Figura 46. Recreio das alunas menores do Colégio N. Sra. do Patrocínio. | 178 |
| Figura 47. Recreio das alunas maiores do Colégio N. Sra. do Patrocínio. Libreto de imagens do Colégio, Sala de Guardados do Colégio N. Sra. do Patrocínio, Itu/SP, s.n.p. | 179 |
| Figura 48. Alunas internas do Colégio N. Sra. do Bom Conselho..... | 180 |
| Figura 49. Capela do Asilo dos Expostos. | 181 |
| Figura 50. Refeitório do Asilo dos Expostos..... | 182 |
| Figura 51. Dormitório do Asilo dos Expostos. | 183 |
| Figura 52. Alunas da oficina de rendas e bordado da Escola Profissionalizante de São Paulo, revista A Cigarra, | 186 |
| Figura 53. Alunas da oficina de rendas e bordados da Escola Profissionalizante de São Paulo, revista A Cigarra..... | 187 |
| Figura 54. Amostra de trabalhos em tricô e macramê. | 188 |
| Figura 55. Amostra de toalhinhas e babador em linho, bordado e renda..... | 189 |
| Figura 56. Amostra de toalhas bordadas e gola..... | 190 |
| Figura 57. Matéria sobre enxoval de bebê, Revista Feminina..... | 192 |
| Figura 58. “Festas Escolares”, matéria sobre as festividades de encerramento da Escola do Braz, A Cigarra..... | 194 |
| Figura 59. Exposição beneficente de A Cigarra, | 196 |
| Figura 60. Fotografias de parte do público e das irmãs do Externato São José da capital, revista A Cigarra, 8 de dez de 1915. APESP..... | 199 |
| Figura 61. Festividades de final de ano das alunas do Externato São José da capital. As alunas se vestem com fantasias da peça que apresentaram sobre o progresso. É interessante notar que parte das personagens que representam o progresso usam vestes típicas masculinas, revista A Cigarra, 8 de dez de 1915. APESP. | 200 |
| Figura 62. Exposição dos trabalhos das alunas do Externato São José da capital. | 201 |

Sumário

| | |
|---|-----|
| Introdução..... | 12 |
| I. Projeto ultramontano e educação. | 20 |
| II. Estudos de História da Educação | 25 |
| III. Educação e Cultura Material. | 29 |
| IV. Objetos do universo escolar. | 39 |
| V. Estrutura da dissertação | 52 |
| CAPÍTULO 1. A trama da feminilidade – adornos da mulher. | 54 |
| 1.1. As qualidades do feminino:..... | 55 |
| Devotada, casta e higiênica..... | 55 |
| Devotada, educada e econômica. | 65 |
| Devotada, disciplinada e bela. | 75 |
| CAPÍTULO 2. Bordando a perfeição..... | 89 |
| Trabalhos manuais, Gênero e Cultura Material | 89 |
| Sobre trabalhos de agulha | 90 |
| Mulher e bordado | 96 |
| Bordado e corpo feminino | 98 |
| Escola e bordado. | 104 |
| Religião, escola confessional e bordado. | 113 |
| CAPÍTULO 3. Costurando o comportamento. | 125 |
| O bordado branco | 135 |
| Bordados em papel – os canivets..... | 151 |
| CAPÍTULO 4. O direito e o avesso – visibilidade e invisibilidade femininas..... | 163 |
| Fitas brilhantes – a pedagogia da emulação | 164 |
| Alinhavos invisíveis - as órfãs | 175 |
| Vestindo afeto – a unicidade do ensino de costura..... | 185 |
| Acabamento perfeito – as exposições de trabalhos manuais nas escolas. | 193 |
| Tecendo conclusões | 203 |
| ANEXO – AMOSTRAS DA SALA DE GUARDADOS..... | 206 |
| FONTES..... | 227 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 229 |

Introdução

Essa moça tinha desde os tenros anos o espírito mais cultivado do que faria supor o seu natural acanhamento. Lia muito, e já de longe penetrava o mundo com olhar perspicaz, embora através das ilusões douradas. Sua imaginação fora a tempo educada: ela desenhava bem, sabia música e a executava com maestria; excedia-se em todos os **mimosos labores da agulha, que são prendas da mulher**¹ (grifo da autora)

José de Alencar.

Os labores da agulha: estes são as prendas femininas, vistas como vocação natural, praticamente exclusiva. Até nossos dias, a identificação que tais trabalhos têm com as mulheres é frequente e ultrapassa as diferenças de classes, cultura e até fronteiras dentro do mundo Ocidental. Estes trabalhos ajudaram na construção de uma imagem de feminilidade, participando ativamente na formação da identidade de gênero, além de ampararem formas de comportamento. Deram suporte a sociabilidades femininas e à transmissão de conhecimento e tradições familiares e se transformaram em ritos do feminino². Entre os espaços privilegiados de ensino dessas tradições no século XIX está a escola. A escolaridade feminina tinha como base a formação de meninas e moças para a constituição da família, em que elas exerceriam o papel de esposas e mães exemplares, tornando-se o esteio dos valores e ideais de formação da nação. Para cumprir tal missão, o currículo reservava uma particularidade, o ensino de trabalhos de agulha, voltado exclusivamente às mulheres. Acreditamos que este particularismo seja revelador de como esses trabalhos eram vistos como o instrumento perfeito para a construção desta feminilidade, e, nas escolas confessionais, como veículo de inculcação dos valores cristãos reformadores do ultramontanismo³.

¹ ALENCAR, José. *Diva*. São Paulo, Ática, 1980, [1864], p. 15.

² Para Heather Pristash, Inez Schaechterle, e Sue Carter Wood, o patriarcado favorece a criação de práticas discursivas pautadas em estratégias classificatórias, onde criam, como grupo dominante, discursos e códigos próprios para o grupo dominado, que se submete, como é caso da associação entre trabalhos de agulha e mulher. Por este sistema, a oposição frontal feminina à figura masculina é praticamente impossível, portanto muitas mulheres usaram os trabalhos de agulha para a criação de códigos próprios, que as autoras chamam de “*subcultures message system*”, compreensíveis apenas ao grupo. Isso colaborou para promover laços de comunidade e visibilidade entre os que conhecem e produzem estes trabalhos. Cf. PRISTASH, Heather; SCHAECHTERLE, Inez; WOOD, Sue Carter. “The needle as a pen”. In: GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes. GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes (org). *Women and the material culture of needlework and textiles (1750-1950)*. Farnham, England Burlington, Ashgate, 2009. 2009, p. 14-15.

³ Movimento religioso da igreja católica do século XIX de centralização litúrgica e doutrinária na figura do Papa e de Roma, por isso normalmente identificado como um movimento de romanização, visto que impõe uma reforma ao catolicismo tradicional de cunho popular. Suas ideias também evocavam as resoluções e doutrinas estabelecidas no Concílio de Trento e, por

Por tudo isso, o objetivo desta pesquisa é analisar a transmissão e produção de bordados e outros trabalhos em suportes têxteis dentro do sistema de ensino desenvolvido a partir da segunda metade do século XIX e início do XX, dando particular atenção ao ensino confessional ministrado pelas irmãs de São José de Chambéry. Tal estratégia de análise, como pretendemos demonstrar, colocará em evidência o lugar social destes artefatos no disciplinamento do corpo e da mente femininos, contribuindo para engendrar diferenças de gênero no interior de uma sociedade marcada pela complementaridade justaposta como oposições de conjuntos de atributos entendidos como próprios ao sexo masculino ou ao feminino⁴.

A educação para meninas e moças no Brasil iniciou-se formalmente no século XIX. Antes disso, prevalecia no Brasil a velha ideia portuguesa de que para a mulher “o melhor livro é a almofada e o bastidor”⁵. É só a partir do Império, com a Lei de 15 de outubro de 1827⁶, que se pensa a criação de escolas de primeiras letras como obrigação do governo central e que se regula a educação feminina pela primeira vez. Nela, seus artigos 11 e 12 são destinados especificamente à instrução feminina. Mas por que dois artigos específicos para a educação feminina? O que eles traziam de diferencial em relação ao conhecimento visto como necessário aos meninos? O primeiro versa sobre os critérios de sua instalação e o segundo sobre o ensino de “prendas domésticas”⁷. Por que este ensino especificamente? O que seriam prendas domésticas? Seriam toda a sorte de trabalhos que, segundo a lei, “servem à economia doméstica”. As respostas a estas perguntas sobre a natureza de tais trabalhos e a importância de estes serem um conhecimento exclusivo feminino serão perseguidas no presente trabalho de pesquisa.

este motivo, também é conhecido sob a nomenclatura de tridentino. Tudo isso será tratado mais especificamente adiante.

⁴ CARVALHO, Vânia Carneiro. Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, n. série, v. 8/9, 2000-2001, editado em 2003, p. 314-315.

⁵ HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O Ensino Secundário no Brasil Império*. 2 ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 214.

⁶ Primeira lei em âmbito nacional sobre educação pública para ambos os sexos para as escolas de Primeiras Letras.

⁷ Pelo art. 6 da Lei de 1827, era conteúdo básico das escolas ou cadeiras de primeiras letras o seguinte programa: “ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil”. Já o art. 12 trata exclusivamente do ensino de meninas: “As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º.” In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm, acesso em 24/06/2015.

Entre as respostas que encontramos, está a preocupação própria do século XIX de que a educação poderia lapidar as características que se acreditavam natas no ser feminino. Era necessário garantir que a aquisição de conhecimento não comprometesse a graça, a pureza e delicadeza da mulher. Para isso, desde a primeira lei sobre educação no Brasil, na aurora do Império, deu-se especial ênfase ao ensino dos trabalhos da agulha e das prendas domésticas. Com estas breves considerações, já se descortina o primeiro ponto a ser compreendido: como os papéis sociais se criam, se desenvolvem e se perpetuam ao longo do tempo, construindo representações e identidades muito próprias, especificamente no que diz respeito às relações de gênero.

Tais representações e identidades, acreditamos, estão fortemente vinculadas aos objetos, que têm a capacidade de induzir comportamentos e estimular formas diferenciadas de percepção, de engajamento físico e de significações associadas à sua interação com o corpo. Acreditamos que os trabalhos manuais de agulha contribuíram significativamente para as diferenciações de gênero, ainda mais porque se associaram ao feminino de maneira quase simbiótica e intercambiável, como é o caso entre bordado e mulheres⁸. Trata-se aqui do que Marshall Sahlins nomeou como “consustanciação”, fenômeno no qual os atributos dos objetos definem o gênero e o gênero define os objetos, como uma identidade de “essências”: “a seda é feminina e as mulheres são sedosas”⁹.

Os anuários de ensino, assim como os Relatórios da Instrução Pública, deixam claro também que tais premissas serviram para o ensino de moças para além do Brasil, sendo frequentes na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, pois nosso sistema educacional pareceu sempre se respaldar e se legitimar com exemplos que foram criados, executados e testados nestes locais. Além de ser um fenômeno de abrangência transcontinental, com matriz originada na aristocracia europeia, estes sistemas educacionais realizaram uma diferenciação clara, que ficou notória nos casos aqui analisados. Institui-se, no ensino religioso, aulas direcionadas às meninas dos segmentos mais abastados da sociedade e aulas voltadas para as classes trabalhadoras. Se para as elites era importante ensinar o refinamento e acolhimento do bem servir, para as demais, o importante era ensinar uma possível profissão, como a de criada ou costureira. Entre estas polaridades sociais, estavam os segmentos

⁸ Os estudos de gênero vêm mostrando como este fenômeno de associação entre bordados e trabalhos de renda e de agulha em geral se tornaram femininos e ajudaram na elaboração da feminilidade. Exemplos neste tipo de análise são os trabalhos de Rozsika Parker (2010), Maureen Daly Goggin e Beth Fowkes Tobin (2006), Mary C. Beaudry (2006), Ana Paula Simioni (2010), Marize Malta (2011).

⁹ SAHLINS, Marshall. Notas sobre o sistema de vestuário americano. In: *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 203.

médios, onde existiu um certo conflito entre as práticas femininas de exibição do ócio, herdadas da aristocracia europeia e adotadas pelas elites brasileiras, e os padrões morais e as condutas pragmáticas entendidas como ideais para a vida de mãe e dona de casa, engajada no cuidado do lar e da família, mesmo que as finalidades fossem diferentes, a função feminina era a mesma¹¹.

Referindo-se à disciplina como estrutura de poder organizadora da sociedade moderna, Foucault¹² observa que os processos históricos que levaram ao que ele nomeou como “método geral” de funcionamento da sociedade não nasceram coerentes, prontos, mas suas manifestações se fortaleceram a partir do momento que começaram a convergir. Se pensarmos em uma trajetória dos trabalhos de agulha, bordados, obras de gosto, renda, crochê ou qualquer que seja o tipo de trabalho artesanal para uso decorativo e doméstico, estes serão prontamente identificados com o universo feminino, não porque existe qualquer vínculo essencial entre tais técnicas e as mulheres, mas porque os sentidos constituídos em séculos anteriores persistiram ao longo do tempo, sendo reificados como próprios da natureza feminina.

Os trabalhos de agulha, por tudo isso, são recorrentes na educação pensada para a mulher nos séculos XIX e primeira metade do XX. Em qualquer segmento social e em todas as instituições de ensino no Brasil, pública ou privada, existiam as aulas de trabalhos manuais voltadas para a confecção de trabalhos de agulha, que incluíam bordados, crochês, tricôs, rendas; trabalhos de costura, que compreendem as técnicas de costura de roupas, reforma e conserto; obras de gosto, com confecção de artigos de decoração, arranjos decorativos, etiqueta, etcétera, tudo para a construção de um lar acolhedor. E não só no Brasil, pois estes trabalhos encontram ressonância com o feminino em diversos países dentro da cultura ocidental¹³. Entender esta dinâmica é o principal objetivo desta pesquisa. Exemplo disso está no periódico “*A Eschola Publica*”¹⁴, do fim do século XIX, composto por artigos e sugestões programáticas para

¹¹ CARVALHO, Vânia Carneiro. *Gênero e artefato*. O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material - São Paulo, 1870-1920. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2008, p. 235.

¹² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. História da violência nas prisões. Petrópolis, RJ, Vozes, 1987, p. 127.

¹³ É praticamente uma unanimidade na bibliografia a relação entre trabalhos de agulha, renda, costura e gênero feminino a partir da Idade Moderna na cultura ocidental, como podemos verificar em Gertrude Whiting (1981), Rozsika Parker e Griselda Pollock (1981), Mimi Helmann (1999), Dolores Bausun (2001), Maureen Goggin e Beth Tobin, (2006), Mary Beaudry (2006), Vânia Carvalho (2008), Ana Paula C. Simioni (2010), Marize Malta (2011), Cortney Anderson (2015), entre outros.

¹⁴ Periódico que circulou no estado de São Paulo de 1893-1894 e 1896-1897, cujos editores, aliados à propagação do ideário republicano no campo da educação, auxiliaram a consolidar o método intuitivo como instrumento pedagógico modernizador. Cf. VALDEMARIM, Vera Teresa e PINTO, Adriana Aparecida. Das formas de estudar e conhecer o mundo: lições de coisas e

as escolas públicas de São Paulo. Em seu capítulo sobre os *Trabalhos de Agulha – programma para eschololas primarias do sexo feminino*, fica explícita a referência à pedagogia francesa¹⁵.

Mas como o bordado, renda e outros trabalhos manuais de agulha se amalgamaram de forma tão contundente ao gênero feminino? E quando isso ocorre? Norbert Elias¹⁶ situa na formação dos estados nacionais o projeto civilizador desenvolvido para a manutenção das hierarquias sociais que promoveram a pacificação da aristocracia guerreira, transformando-a em nobreza de corte. Este projeto, como bem observado por Roger Chartier, sobre a obra de Elias, daria lugar a mecanismos de autocontrole individual que caracterizaram o homem ocidental da era moderna. Criou-se um “condicionamento social”, em que a corte era seu principal laboratório e o indivíduo era educado para ter um autocontrole rigoroso, que se tornaria automático, levando-o ao autocondicionamento. Conforme ocorria a difusão para outras camadas sociais, principalmente por meio de sua apropriação pela burguesia, a aristocracia tratou de aumentar o grau da exigência de civilidade para continuar apartada da burguesia. Isso teria levado a um significativo aumento dos requintes do “*savoir-vivre*, à multiplicação das interdições, ao agravamento do nível das censuras”¹⁷, e a uma constante circulação de condicionamentos entre os segmentos sociais. Esse fenômeno foi recentemente tratado por Mimi Helmann, que demonstrou como os riquíssimos e personalizados móveis multifuncionais e portáteis serviram como coadjuvantes na elaboração de uma performance corporal refinada e restrita à aristocracia, o que ela denominou como ócio produtivo¹⁹.

É neste contexto que a historiadora da arte Rozsika Parker²⁰ insere o desenvolvimento de uma ideologia da feminilidade. Esta coincide historicamente com a clara separação entre arte e ofício, durante a Renascença, como também aponta

método de ensino intuitivo na imprensa periódica educacional do século XIX. In: *Revista Educação em Questão*. Natal, v. 39, n. 25, set-dez 2010, p. 163-187.

¹⁵ Programa aprovado pelo Conselho departamental de *Eure-et-Loir* e publicado pela *Revue Pédagogique*, em fevereiro do corrente ano. Tais credências o habilitam para sua plena adoção nas escolas públicas paulistas e, para isso, foi traduzido e adaptado à realidade destas escolas. In: *Pedagogia Paulista, A Eschola Prática – Ensaio de Pedagogia Prática*. THOMPSON, Oscar et al., São Paulo, Typographia Paulista, 1895: 231.

¹⁶ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

¹⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand, 1990, p. 115.

¹⁹ HELLMAN, Mimi. Furniture, Sociability, and the Work of Leisure in Eighteenth-Century France. *Eighteenth-Century Studies*, vol. 32, n. 4, 1999, p. 415-445.

²⁰ PARKER, Rozsika. *The Subversive Stitch: Embroidering and the making of the feminine*. London and New York, I. B. Tauris, 2010, p. 5.

Ana Paula Simioni²¹, quando o bordado passou a ser mais frequentemente feito por mulheres em casa ao invés de por homens profissionais. Ao se tornar feminino, os suportes têxteis se desvalorizaram. Durante o século XVII, o bordado foi usado para inculcar feminilidade nas meninas, assim como seu comportamento e gestual “inato”. A ideologia da feminilidade como natural da mulher percorre todo o século XVIII. Katherine Sharp mostrou como as mulheres britânicas do século XVIII se envolveram mais do que nunca na tarefa de decoração de interiores através de seus artesanatos, como forma de apurar o gosto e ajudar na construção de identidade. Tudo isso embalado na moda dos gabinetes de curiosidades, que abriram as portas para um conhecimento empírico em que as mulheres viram a possibilidade de uma vida social e um estímulo intelectual. Neste momento, os bordados experimentaram um período de renascimento de sua técnica, em que se buscava o realismo para retratar os objetos colecionados nos gabinetes²². A partir do século XIX, o bordado passou a ser completamente associado à mulher, que teve nele uma forma de lazer apropriada à sua condição, símbolo de um estilo aristocrático de ser, prova de gentileza e nobreza de quem o faz²³.

Os trabalhos de agulha foram, portanto, significativos na constituição do ideal de feminilidade de toda uma época. Por este motivo, este trabalho se preocupa em entender como os trabalhos manuais entraram para o universo educacional em geral e, em particular, no universo educacional confessional, especificamente nas escolas da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry²⁴. Assim, acrescentamos ao já exposto, o objetivo de analisar a dimensão material da educação feminina de modo a demonstrar sua vinculação com a moralidade cristã e católica.

Estão em foco os objetos utilizados na dinâmica escolar, especialmente aqueles associados às práticas de trabalhos manuais. Trata-se de analisar o engajamento do corpo feminino na produção artesanal de bordados e rendas, além de

²¹ SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Bordado e transgressão: questão de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyán. In: *Revista Proa*, Campinas, v.2, 2010. Acesso em: 27/07/2014.

²² SHARP, Katherine. Women's creativity and display in the eighteenth-century British domestic interior. In: McKELLER, Susie and SPARKE, Penny. *Interior design and identity*. Manchester, Manchester University Press, 2004, p. 11-15.

²³ BEAUDRY, Mary C. *Findings - the material culture of needlework and sewing*. New Haven, Yale University, 2006, p. 4.

²⁴ Congregação religiosa criada em 1648, na cidade de Puy, França. Concretizou os ideais de São Francisco de Sales, sendo uma das primeiras congregações sem estrita clausura. Foi criada atendendo aos pedidos feitos ao bispo, D. Henrique de Maupas, por jovens e viúvas interessadas em se organizarem para melhor educar e exercitar a caridade Cf. AZZI, Riolando. *Congregação das Irmãs de São José: Educação, Saúde e Assistência Social na Província de São Paulo (1859-1909)*. São Paulo, Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, v. 1, 2012a; CUNHA. *Op.cit*, 1999, p. 17-19.

toda sorte de utensílios para a família e decoração do lar, práticas mobilizadas para construir tanto as representações do que se entendeu, de modo amplo, como qualidades do feminino quanto, de modo mais específico, as concepções vinculadas à construção do projeto pedagógico gestado no seio do movimento reformador católico, o ultramontanismo²⁵, no final do século XIX e início do XX. A escolha da congregação se deve, primeiramente, ao seu papel ativo neste projeto religioso, além de ser o ponto gerador desta pesquisa, que inicialmente se inspirou na criação do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, fundado em Taubaté em 1879. Porém, o bordado e demais trabalhos de prendas ultrapassam os limites de um único colégio, ainda mais em uma congregação centralizadora como a das irmãs de São José²⁶, o que nos levou a optar por um alargamento do projeto de pesquisa, voltado agora para toda a congregação.

A atenção aqui se volta então para entender a educação feminina em contexto amplo, tanto religiosa quanto laica, na tentativa de indicar ao leitor a extensão do fenômeno que analisamos, para depois focarmos a religião confessional feminina, tendo a materialidade como suporte para a compreensão dos projetos educacionais pensados para as mulheres na segunda metade do século XIX, especialmente a partir de 1879, com a fundação do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, na cidade de Taubaté. No entanto, por dificuldades documentais e pela homogeneidade do projeto religioso da Congregação, escolhemos como data inicial desta pesquisa o ano de 1859, em que foi criado o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, na cidade de Itu/SP, primeira escola da Congregação de São José. A pesquisa estende-se até o ano de 1934, quando as reformas políticas, sociais e econômicas em curso no Brasil também se projetaram sobre a educação.

Segundo Diana Vidal, o movimento da Escola Nova promoveu rupturas nos saberes e fazeres escolares decorrentes de transformações que já estavam em curso desde o fim do século XIX. Para a autora o movimento não constituiu um novo modelo

²⁵MANOEL, Ivan. *Igreja e educação feminina: os colégios das Irmãs de São José de Chamberry*(1859-1919). Tese de doutorado - FFLCH, USP, São Paulo, 1988, p. 53-93.

²⁶ Pela documentação encontrada e melhor tratada adiante, as escolas desta congregação usavam o programa educacional do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, fundado na cidade de Itu em 1859, primeira escola da congregação, sendo carinhosamente chamada de casa-mãe de toda a Congregação.

escolar, mas sim, alterou a “cultura escolar”, promovendo transformações que resultaram na publicação do “Manifesto dos pioneiros da Escola Nova”²⁸, em 1932²⁹.

As mudanças, ainda que laicas, alteraram o panorama das escolas da Congregação e demais escolas católicas, que optaram por alternativas próprias frente às mudanças propostas no Manifesto e no movimento da Escola Nova, consideradas pelas escolas religiosas como um movimento anticristão, antinacional e antiliberal, reações que confluíram na criação do Instituto Católico de Estudos Superiores³⁰. Dois anos depois, em 1934, é realizado no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso Católico de Educação, iniciativa resultante da movimentação do Instituto acima citado, onde surgiram novas diretrizes para a educação religiosa católica em todo o país, modernizando alguns aspectos educacionais, mas reafirmando a necessidade de difusão das doutrinas romanas reformadas e de acordo com “os sistemas da Nova Pedagogia”³¹. Ou seja, era importante se adaptar aos novos tempos para manter a essência das antigas doutrinas religiosas³². O resultado prático disso foi uma nova diretriz a ser seguida nas escolas católicas, em geral, incluindo as da Congregação a

²⁸A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino em contraposição ao modelo chamado de tradicional. Foi bastante influente no Brasil principalmente a partir dos anos 1920, mas foi na década de 1930 que ganhou impulso, com a divulgação do Manifesto da Escola Nova (1932), que não possuía força de lei, no qual questionava o modelo educacional vigente e a escola tradicional e defendia a universalização da escola pública, laica, obrigatória e gratuita a fim de desenvolver as potencialidades da nação. Segundo Otaíza Romanelli este movimento refletiu as transformações de seu contexto histórico, marcado pela crescente industrialização e urbanização e pelo impacto das transformações econômicas, políticas e sociais provocadas por esses fenômenos, em que o poder se estruturou de forma a acomodar velhas e novas lideranças. Entre os seus signatários, destacavam-se os nomes de Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Cecília Meirelles. Cf. AZZI, Riolando. (org.). *Congregação das Irmãs de São José Educação, Saúde e Assistência Social na Província de São Paulo (1909-1959)*. São Paulo, Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, v. 2, 2012b, p. 53; ROMANELLI, Otaíza. *História da educação no Brasil*. 8ª edição, Petrópolis, Vozes, 1986, p. 150-151.

²⁹ Vidal, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREVAIS, Cynthia (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica, 3ª Ed., 2003, p. 497 - 515.

³⁰ AZZI, Riolando. *Op.cit*, 2012b, p.69.

³¹ Ata do Primeiro Congresso Católico de Educação, realizado no Rio de Janeiro em 1934. In: *Revista de Educação*, Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo, São Paulo, vol. VIII, dez/1934, nº 8. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116758/Primeiro%20congresso%20catolico%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2c%201934.PDF?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 abr. 2016.

³² Em 1928, foi fundado no Colégio do Patrocínio a Escola Normal Livre para a formação de moças para o magistério. Tal iniciativa, contudo, não obteve tanto êxito na profissionalização das alunas, pois, em sua maioria, abandonavam o magistério quando contraíam matrimônio. Como assegura Azzi, a formação geral recebida na escola ainda se preocupava em preparar as alunas para os cuidados domésticos e da família, não caracterizando uma mudança efetiva na condução do projeto educacional das escolas da Congregação. Cf. AZZI, Riolando. *Op.cit*, 2012b, p. 97.

partir de 1934, constituindo um momento de ruptura na forma da Congregação de ensinar, o que justifica o recorte temporal da pesquisa.

Outro importante aspecto a ser explorado na pesquisa foi a abertura de espaços de sociabilidade e visibilidade que este ensino gerava entre as educandas, principalmente por ocasião das exposições escolares. Novamente vemos paralelos entre o ensino laico e particular, pois ambos usaram largamente este expediente, porém com as especificidades de cada universo³³. Entender estas idiosincrasias é um ponto de interesse deste trabalho.

I. Projeto ultramontano e educação.

O projeto educacional das irmãs de São José e suas escolas fizeram parte de um movimento doutrinário e disciplinar que tomou corpo em meados no século XIX e que modificou as diretrizes doutrinárias da igreja católica até 1961, quando ocorre o Concílio Vaticano II³⁴: o ultramontanismo. A reforma ultramontana visava combater o pensamento moderno, na tentativa de recuperar o papel hegemônico que a Igreja desempenhara durante o Antigo Regime. Defendia o fortalecimento do poder decisório e doutrinário emanado do Papa e da Cúria romana, em oposição a todos os processos de laicização da sociedade. Segundo Gaeta, este catolicismo estava marcado por um fechamento sobre si mesmo. Para garantir a força unificadora deste movimento, seus pontífices, de Gregório XVI a Pio XII, não mediram esforços para afirmar a rigidez hierárquica da Igreja, além de utilizarem de todos os meios necessários para promover na sociedade um arcabouço religioso baseado nas estratégias reformadoras do movimento, tais como preparar o clero em seminários apropriados e a atuação evangelizadora com a fundação de escolas³⁵.

³³ Oliveira, Maria Augusta M. e Amaral, Giana L.. Representação da educação feminina em imagens: trabalhos manuais na Primeira República. In: *Dimensões*, vol. 34, 2015, p. 380-403.

³⁴ Concílio convocado pelo Papa João XXII em 25 de dezembro de 1961, conhecido como Concílio Vaticano II, que estabeleceu a bula papal *Humanae Salutis*, em que são propostos novos rumos e uma nova hermenêutica conhecida por suas funções pastorais. Foi inaugurado no dia 11 de outubro de 1962 e representou uma quebra de paradigma das doutrinas ultramontanas.

³⁵ Augustin Wernet fez um importante estudo sobre a ruptura que o clero paulista promoveu no século XIX, transformando as antigas tradições católicas populares coloniais em direção ao centralismo do projeto romanizador ultramontano, promovido principalmente por D. Antônio Joaquim de Melo. Para Gaeta, este movimento modificou a forma como as festividades católicas eram celebradas. Já Ivan Manoel estudou as consequências da aliança entre este movimento reformador católico com a oligarquia paulista para o modelo de educação feminina, enquanto que Patrícia Martins analisou a transformação dos seminários. Olívia Sebastiana Silva escreveu uma importante biografia da vida de Madre Maria Theodora de Voiron. Cf. SILVA, Olívia Sebastiana. *Uma alma de fé: Madre Maria Teodora Voiron*. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1984; WERNET, Augustin. *A igreja paulista no século XIX: A Reforma de D. Antônio*

A força doutrinária do movimento de romanização tornou-se evidente na encíclica³⁶ *Quanta Cura* e no *Sylabus*, que a acompanhava. Em suas orientações, propunha-se que toda a sociedade estivesse sob a liderança espiritual da Igreja, com educação veiculada por ela e que os clérigos tivessem autonomia diante do Estado. Seus princípios estavam associados ao Concílio de Trento, ganhando impulso a partir da Revolução Francesa, que municiou a Igreja de argumentos em defesa do retorno ao Antigo Regime.

O foco dos ataques dos religiosos conservadores era o poder laico do Estado, visto como responsável pelo caos instaurado na sociedade moderna. Além disso, segundo Riolando Azzi, o catolicismo popular implantado durante a colonização portuguesa tinha traços próprios, que também foram combatidos, como a devoção leiga, social e familiar expressa no uso dos oratórios domésticos. Russo demonstrou que as capelas e oratórios domésticos eram espaços de socialização constantes nas residências, onde era permitida a presença de leigos³⁸. Com o avanço do catolicismo reformador, que é romano, clerical, tridentino, individual e sacramental, essa forma de devoção e de socialização do catolicismo popular vai perdendo espaço em sintonia com o declínio das práticas de devoção domésticas, que se deslocaram para o espaço controlado da paróquia³⁹.

O principal articulador no Brasil deste projeto reformador de natureza centralizadora foi o Bispo de São Paulo, o ituano D. Antônio Joaquim de Melo⁴⁰. Tendo

Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo, Ática, 1987; MANOEL, Ivan. *Igreja e educação feminina: Os colégios das Irmãs de São José de Chambéry, 1859-1919*. São Paulo, Tese (Doutorado), FFLCH-USP, 1989; GAETA, Maria Aparecida J. V. A cultura clerical e a folia popular. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol 17, n. 34, 1997; LEONARDI, Paula. *Puríssimo Coração: Colégio de elite em Rio Claro*. Campinas, Dissertação (mestrado), FE-UNICAMP, 2002; MARTINS, Patrícia Carla de Melo. *Seminário episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX*, São Paulo, Tese (Doutorado), PUC-São Paulo, 2006.

³⁶ Encíclica é uma carta circular escrita pelo Papa tratando de algum tema doutrinário.

³⁸ RUSSO, Silveli Maria. *Espaço doméstico, devoção e arte: a construção histórica do acervo de oratórios brasileiro, séculos XVIII e XIX*. São Paulo, Tese (Doutorado), FAU-USP, 2010, p. 298-299.

³⁹ AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1978.

⁴⁰ Quem inicia o movimento ultramontano no Brasil foi o Bispo de Mariana, D. Antônio Ferreira Viçoso, mas foi a partir da nomeação de D. Antônio Joaquim de Melo para o bispado de São Paulo, em 1851, que o movimento realmente ganhou força. Nascido em Itu em 1791, adquiriu projeção principalmente por sua corajosa crítica à Revolução Liberal de 1842, onde defendeu o princípio da autoridade e, como consequência, recebeu a indicação do Imperador à sua nomeação para o bispado. Sempre demonstrou preocupação com a educação de crianças e jovens, e prova disso é a instalação em sua propriedade, ainda como padre, de um internato em forma de curso propedêutico, onde era professor e diretor, influenciado pelas propostas educacionais trazidas da França pelos padres saboiardos. Cf. WERNET, Augustin. *Op.cit.* 1987, p. 48-52; MANOEL, Ivan. *Op.cit.* 1988, p. 55; ANJOS, Juarez José T.. Dom Antônio Joaquim de Melo e suas concepções ultramontanas sobre a educação da criança pela família na diocese de São Paulo (1851-1861). In: *Revista Opsiis*, UFG, v. 15, nº 2, 2014, p. 22-24. Disponível em:

como objetivo a romanização da Igreja e da sociedade, o ultramontanismo combatia o catolicismo popular brasileiro de duas maneiras. Primeiro, tratando de implantar a doutrina já na formação dos padres, através do Seminário Episcopal de São Paulo⁴¹. Segundo, utilizando a educação de moças como meio de propagação da doutrina no tecido social. Para esta importante missão de evangelização feminina, as irmãs de São José se mostraram as parceiras perfeitas.

Esta frente de atuação era tida como muito importante já que a doutrina reconhecia nas mulheres as primeiras educadoras, as responsáveis pela transmissão dos valores romanizados dentro dos lares e no seio das famílias. Este projeto, conforme mostra Ivan Manoel⁴², teve o patrocínio da oligarquia paulista, que era muitas vezes liberal e republicana em sua atuação política, mas era conservadora no que dizia respeito à educação feminina e via muito sentido em se aliar à Igreja. As elites que assumiram o comando do país com o fim do Império tinham o objetivo de apagar os vestígios da escravidão e do colonialismo e alcançar o “progresso” econômico, mas isso não as impediu de patrocinar um projeto educacional confessional bastante conservador, já que este combinava com os dispositivos associados ao padrão desejado de conduta feminino. Na verdade, este projeto vai enfrentar a resistência das autoridades da Instrução Pública, principalmente das autoridades técnicas educacionais, que se espelhavam no modelo liberal francês⁴³.

Aline Pasche e Inára Pinto⁴⁴ mostram que muitos técnicos da educação achavam de extrema importância a autoridade e o exercício do poder público pelo Estado. Mas as autoras também mostram a significativa presença de clérigos em várias instâncias do poder público. Sua presença se espalhava em toda a estrutura educacional, estando presentes como membros de variados conselhos ou como autores de materiais didáticos comprados pelo Estado. Mas mesmo com toda a influência religiosa na educação, Ricardo Santa Rosa Oliveira constatou que foi através do processo de escolarização feminino que as mulheres começaram a

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/30640/18048#.Vgb0H8tViko> Acesso em: jul/2015.

⁴¹ O Seminário Episcopal de São Paulo também ofertava ensino para jovens que não pretendiam seguir a vida religiosa. Cf. MARTINS, Patrícia. *Op.cit*, 2006, p. 140-167.

⁴² MANOEL, Ivan. *Op.cit*, 1988, p. 197.

⁴³ MANOEL, Ivan. *Ibidem*, p. 108.

⁴⁴ PASCHE, Aline de Morais L. e PINTO, Inára de A. P. Doutrina e Religião cristã: a igreja católica no exercício do magistério e na seleção dos mestres. In: *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 13, n. 1, jan/jun. 2014, pp. 81-98.

perceber sua própria submissão, fazendo da educação sua “bandeira de luta” por mais direitos⁴⁵.

É principalmente a partir da segunda metade do século XIX⁴⁶ que a Igreja colocou em prática seu projeto educacional ultramontano. A sociedade de consumo e o avanço tecnológico do terço final do século criaram uma euforia do progresso⁴⁷. Nesse contexto de mudança, a medicina assumiu um papel relevante, ditando novas práticas de higiene, de alimentação e de comportamento que visavam as mulheres como difusoras dos cuidados com a família⁴⁸. Porém, estas novas condutas foram fruto de um discurso ideológico que reuniu os setores conservadores e diferentes matizes de reformadores em torno de um ponto comum: apesar das divergências que poderiam haver no campo político e econômico, formou-se uma visão hegemônica de natureza conservadora com relação ao papel feminino nesta sociedade. Concepções políticas poderiam ser diferentes, mas o papel da mulher seria o mesmo: boa mãe e esposa, alicerce da família cristã⁴⁹.

As escolas da Congregação, juntamente com todo o movimento ultramontano e a oligarquia, foram parte deste processo de formação de consenso em torno dos valores atribuídos às mulheres e que previa equipar a moça para desempenhar seu papel de mãe zelosa, devota e responsável pelo futuro da nação⁵⁰. Esta aliança pode parecer incoerente se pensarmos nos projetos político de cada um, mas ela se tornou exequível porque, para além de possíveis divergências, prevaleceu a percepção de que ambas não pretendiam alterações profundas nos quadros sociais. A manutenção

⁴⁵ OLIVEIRA, Ricardo Santa Rosa. *Educação, Maternidade e Progresso: Uma análise sobre a educação de mulheres entre 1870-1910*. Campinas, Dissertação (Mestrado), IFCH-UNICAMP, 1995, 107.

⁴⁶ Vale ressaltar que o século XIX foi marcado por inúmeras transformações. O Brasil começa o século como uma colônia e o termina como uma república, tendo vivido a maior porção do tempo como um império. Um século particularmente muito distinto. Em meio a essas transformações, o papel que a igreja católica reservava à mulher permaneceu inalterado, mas as formas de alcançar esse papel se transformaram, principalmente diante das mudanças impostas pela sociedade de consumo e difusão de ideias por meio da imprensa.

⁴⁷ Essas mudanças são mais perceptíveis a partir de 1870, a *Belle Époque* tropical. SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: _____ (org). *História da Vida Privada no Brasil*. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, v.3, p. 34.

⁴⁸ MATOS, Maria Izilda S. de Delineando corpos: representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: _____ e SOIHET, Rachel (org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo, Unesp, 2003, 107-127.

⁴⁹ Existe uma extensa bibliografia associando o ideal da esposa/mãe como o alicerce moral, educacional, higiênico do lar da família cristã brasileira. Cf. MANOEL, Ivan. *Op.cit*, 1997, p. 37; LOURO, Guacira L. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ªed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997, p. 96-97; MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: *Op.cit*, 1998, p. 373; entre outros.

⁵⁰ LOURO, Guacira. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 9ªed. São Paulo, Contexto, 2010. p. 446-447.

da ordem estabelecida, com aceitação passiva das condições de vida e espaços sociais bem definidos era o ponto de convergência do projeto político de ambos, incluindo aí o papel da mulher bem delimitado nessa sociedade. Entre os requisitos básicos do tipo de feminilidade pretendido, estava a *expertise* nos trabalhos manuais, grande diferencial das irmãs em suas instituições, que agradava as oligarquias e os profissionais liberais abonados, público alvo da instituição.

Quando um mesmo projeto educacional consegue congrega grupos políticos e ideológicos de diferentes matizes, é porque podemos considerar que este é um importante mecanismo de poder centrado em preocupações sociais, morais e médicas que levou à criação de um discurso teórico e prescritivo centrado no papel da mulher e nas características da feminilidade. Tanto a escola pública quanto a particular, em especial as confessionais, convergiram no modelo normativo de mulher, transferindo este modelo para os demais segmentos sociais. Das elites rurais e urbanas, aristocráticas ou burguesas, vinha o modelo a ser seguido e adaptado a cada realidade. Por esta razão, a pesquisa parte do exemplo de como este projeto se desenvolveu no seio da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, dada a importância e alcance de sua atuação no ensino de moças dessas elites no Estado de São Paulo, percebendo a partir daí as similaridades com outros sistemas educacionais e suas particularidades, quando comparados a esses mesmos sistemas.

Duas escolas desta Congregação são de grande valia para esta pesquisa devido a sua importância dentro do projeto ultramontano, caso do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, de Itu, considerado a “*casa Mãe*” da Congregação; e o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, local de produção das entrevistadas que respaldaram a documentação encontrada. Estas duas escolas também representaram a unicidade ideológica que este projeto conseguiu alcançar, pois a primeira se encontrava dentro do espectro da elite cafeeira do Oeste Paulista, enquanto a segunda tinha como patronos a elite rural do Vale do Paraíba⁵¹, mostrando que mesmo

⁵¹ A introdução do café no Brasil se deu em 1727, com Francisco de Melo Palheta, no Pará. Utilizado para consumo doméstico, foi no século XIX que encontrou, no Vale do Paraíba fluminense e paulista, condições para sua expansão comercial, onde encontrou terra virgem disponível, clima favorável e caminhos e trilhas para escoamento da produção, consequência do período minerador. Apesar da dificuldade de transporte em animais, o Vale atingiu seu auge de produção por volta de 1850, em cidades como Bananal, Areias, Taubaté, sempre fortemente baseada no trabalho escravo. Enquanto isso, outra área, a oeste da região do Vale, começou a prosperar, graças à disponibilidade de grandes extensões de terras, ao contrário do Vale, à sua delimitação geográfica entre as serras, ao solo fértil, à introdução de inovações técnicas e de mão de obra alternativa à escrava e à facilidade de transporte, com estradas de ferro e porto próximo. O declínio da primeira coincidiu com o crescimento da segunda. Duas classes regionais seguiram a do Vale, sustentação do regime monárquico e escravista, que foram se afastando do governo central conforme as leis abolicionistas foram ganhando maior escopo. Já

nas idiossincrasias ideológicas era possível encontrar sincronia de opinião quando se tratava de um assunto: a mulher, a mãe, a esposa e a filha de todos os “grandes homens” da nação.

II. Estudos de História da Educação .

A educação no Brasil demorou muito a se constituir como um sistema educacional laico, ou mesmo religioso⁵². Pode-se afirmar que não houve esforços da Coroa portuguesa, nem das autoridades locais para tornar a educação uma necessidade premente da sociedade colonial, constituindo-se apenas como parte do trabalho de congregações religiosas ou de preceptores atuantes nos espaços domésticos⁵³. Com o Império, como já dito, os primeiros esforços legais se iniciaram, fruto do reconhecimento da necessidade do novo estado garantir um sistema educacional na Constituição de 1824 e uma lei específica em 1827⁵⁴. Foi indicado o

a classe do Oeste Paulista começou a ser denominada como a burguesia do café. Estas últimas assumiram o comando do país com o fim do Império e tiveram como objetivo apagar os vestígios da escravidão e do colonialismo e alcançar o “progresso” econômico. Cf. SEVCENKO, *Op.cit*, 1998: XV, p. 7-48; FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, EDUSP, 2001, p. 186-204; TOSI, Pedro Geraldo e FALEIROS, Rogério Naques. Domínios do café: ferrovias, exportação e mercado interno em São Paulo (1888-1917). In: *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 2 (42), ago. 2011, p. 417-442; CASTRO, Hebe Maria e SCHNOOR, Eduardo (orgs). *Resgate: uma janela para o oitocentos*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1995; SODERO TOLEDO, Francisco. Taubaté como palco, o Vale do Paraíba como cenário. In: *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, Taubaté, vol. 4, n. 3 (especial), 2008, pp. 118-137; RICCI, Fábio. A economia cafeeira e as bases do desenvolvimento no Vale do Paraíba paulista. In: *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, vol. 1, n. 1, jul/dez 2006, pp. 23-34. In: <http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/artigo02.pdf> Acesso: set/2015); LIMA, Tânia A., BRUNO, Maria Cristina, FONSECA, Marta. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, Século XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. Expedição Museológica. In: *Anais do Museu Paulista*. Nova Série, nº 1, 1993, p. 179-206.

⁵² Vários estudos sobre a constituição de um sistema de ensino no Brasil mostram a importância da igreja católica antes e depois de sua criação. Se antes, durante a Colônia, os esforços educacionais isolados eram muitas vezes restritos à iniciativa de ordens religiosas, como jesuítas, depois, com as leis de ensino abrangente, a religião será a baliza moral dos sistemas. Cf. ROMANELLI, Otaíza O. *História da educação no Brasil*. 8ª edição, Petrópolis, Vozes, 1986, p. 33-37; HILSDORF, M. L. S. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p. 6; RIBEIRO, Maria, L. S. *História da Educação brasileira (a organização escolar)*. 19ªed. Campinas SP, Autores associados, 2003, p. 17-28; BIOTO-CAVALCANTI, Patrícia Ap.; TEIXEIRA, Rosiley (orgs.). *História da Educação Brasileira: (Pedagogia de A a Z; v. 6)*. Jundiaí, SP, Paco Editorial, 2013, p. 27-31.

⁵³ VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. In: *Revista educação em Questão*, Natal, v. 28, n. 14, jan/jun 2007, p. 24-41.

⁵⁴ Outro importante marco legal para o desenvolvimento da Instrução Pública se deu pelo Ato Adicional de 1834. A reforma constitucional decorrente do conturbado momento pós-abdicação e que representou um marco desencadeador de uma vasta discussão entre centralização e descentralização no Brasil imperial, incluindo o campo educacional, trouxe à tona a discussão de quem, governo geral ou provincial, teria o poder de legislar e organizar a instrução pública e a educação. Estas questões geraram debates acalorados entre vários segmentos sociais e profissionais, como políticos, administradores, professores e intelectuais. O período regencial

Método Lancaster ou Mútuo, bastante popular entre 1840-50 e que se preocupava bastante com a organização do espaço para o aprendizado, constituído em decúrias⁵⁶.

Já na segunda metade do XIX, tomou corpo, influenciado por debates e experiências concernentes aos métodos, saberes e práticas testados nas escolas americanas, uma metodologia que reconhecia a criança como um ser em desenvolvimento e portadora de curiosidades. Por tais discussões, ganham força os entusiastas do método de ensino intuitivo, ou Lições de Coisas⁵⁷. Por sua natureza empírica e interesse em desenvolver indivíduos portadores de habilidades, o método mostrou-se capaz de atrair a simpatia das instituições religiosas, pouco inclinadas às inovações laicas e republicanas⁵⁸. Porém, segundo Marcos Albino L. Bencostta e Maria Isa Gerth da Cunha, a maior influência na educação da Congregação das irmãs de São José foi seguramente o *Ratio studiorum*, que tinha como ideal a glorificação de

foi marcado pelas reivindicações por descentralização político-administrativa por todo o país. Portanto, a reforma constitucional feita em 1834 refletiu o momento, criando algumas medidas descentralizadoras. Foi no art. 10§ 2º desta reforma que se estabeleceram normas para o ensino no Brasil, com as atribuições das Províncias e da corte. Por ele ficou estabelecido que as Províncias teriam o poder de legislar sobre a instrução pública, mas que se excluíam destes direitos a competência na criação das faculdades e academias, ou quaisquer outros, criando-se dois sistemas paralelos, o provincial e o geral. Este cenário fragmentou os poucos projetos e recursos existentes, contribuindo para a proliferação de leis contraditórias. Cf, HAIDAR. *Op.cit*, 2008, p. 17-18; RIBEIRO, Maria, L. *Op.cit*, 1992, p. 44-45.

⁵⁶ O Método Lancaster, ou Mútuo, era bem apropriado à escassez de recursos e de professores do início do processo de escolarização, pois se baseava em um sistema de difusão de ensino no qual um professor ensinava a dez decúrias, que por seu turno ensinavam cada um a outros tantos discípulos, propagando assim o ensino.

⁵⁷ Segundo Valdemarin, é na Reforma Leônico de Carvalho de 1879 (Decreto de 19 de abril de 1879) que se prescreveu este método de ensino como parte do programa das escolas primárias. Entre seus entusiastas, estava Rui Barbosa, que o indicava em seus famosos "Pareceres". Nos anos de 1870, a educação brasileira se viu diante da iminência da transformação da mão de obra e de novas necessidades educacionais. Diante desta perspectiva, Rui Barbosa produziu os seus pareceres sobre educação: a "Reforma do Ensino Secundário e Superior", de 1882, e a "Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública", de 1883. Por eles, o autor deixava evidente que concebia a educação como motor de desenvolvimento. Nestes pareceres, Rui Barbosa recomendava o método Lição das Coisas, chegando a traduzir e adaptar para a realidade brasileira o livro de Norman Calkins, "*Primary Object Lessons*". As ideias do polivalente político brasileiro mostravam sua preocupação com a modernização do país em favor de uma educação pública e de qualidade, em consonância com as ideias pedagógicas desenvolvidas naquele tempo. Cf. LOURENÇO FILHO. *A Pedagogia de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro, Melhoramentos, 1952, p. 14-26; MORMUL, Najla Mehama e MACHADO, Maria Cristina Gomes. Rui Barbosa e a Educação Brasileira: os pareceres de 1882. In: *Cadernos de História da Educação* – v. 12 – jan/jun. 2013, p. 277-293; OLIVEIRA, Luiz Antônio e MACHADO, Maria Cristina Gomes. O debate da instrução no Império: recortes da legislação na perspectiva de Moacyr. In: *Revista HISTEDBR*. Vol. 15, mar/2015, p. 1-25. Acesso em: ago/2015; VALDEMARIN, Vera Teresa. *História dos Métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso*. São Paulo, Cortez 2010, p. 167.

⁵⁸ Em depoimento coletado por Vera Lúcia dos Santos, uma irmã formada em 1932 relata os materiais e coleções usadas nas aulas, e faz menção direta ao método Lições de Coisas. Cf. SANTOS, Vera Lúcia. *A Revista do Patrocínio*. São Paulo, Dissertação (Mestrado), USP, 2004, p. 52.

Deus⁵⁹. Nele, o ensino era permeado pela doutrina cristã e se utilizava de “controles” das atividades próprias ao disciplinamento do corpo⁶⁰, como a extrema regulação dos momentos do dia, em que “o dia, as horas, os minutos estavam organizados de maneira a manter a ordem e a disciplina. Deste modo, as normas da Igreja (que asseguravam a formação das “mulheres católicas” e das “boas cidadãs”) estariam em vigor continuamente”⁶¹.

O importante não é compreender somente os esforços de constituição da instrução pública para meninas e moças, até porque foram poucos, mas entender a participação das congregações religiosas neste sistema, em particular a participação da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry. Valiosos são, portanto, os estudos desenvolvidos por Ivan Manoel⁶², em que procura esclarecer a aparente contradição entre as ideias liberais que surgiam no novo projeto político brasileiro na virada do século XIX e o sistema educacional religioso para moças patrocinado pelas oligarquias. Ao contrário do que poderia parecer, os valores culturais da oligarquia republicana no que tange ao modelo educacional de moças não se contrapunham aos valores da educação jesuítica, alicerçados na política ultramontana do catolicismo brasileiro. Tratava-se, para o autor, de um momento histórico marcado pela necessidade de modernização das forças produtivas, mas que se manteve deliberadamente tradicional no âmbito cultural⁶⁴.

Maria Isa Gerth da Cunha chega a resultados semelhantes⁶⁵, ao analisar a vinda das irmãs de São José de Chambéry para o Brasil. Ela demonstra como a educação oferecida pela instituição estava em consonância com os vários discursos sobre feminilidade do período e com o projeto ultramontano da igreja católica⁶⁶.

⁵⁹BENCOSTTA, Marcus Albino Levy e CUNHA Maria Iza Gerth. Educação feminina católica e educação masculina protestante no Brasil do século XIX: fragmentos de uma história institucional e cultural. In: *EDUCAÇÃO & LINGUAGEM*, ano 1, n. 18, jul. dez. 2008, p. 25-43.

⁶⁰FOUCAULT, Michel. *Op.cit*, 1987, p. 136-141.

⁶¹CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Educação, História e Religião: Ordens religiosas como lócus da construção de identidades femininas. In: *Revista Aulas*. Dossiê Religião n.4 – abril 2007/julho, 2007, p. 66-67.

⁶²MANOEL, Ivan. *Op.cit*, 1988, p. 7-8.

⁶⁴Do ponto de vista do fundamento teórico, a instrução pública sofria forte influência filosófica e política do liberalismo. Um liberalismo maleável, “conforme as conjunturas e interesses impunham na organização estrutural político econômico-social do país: um proto-liberalismo e proto-capitalismo que se solidificou no Império e adentrou na Primeira República com readequações a partir do ideário positivista”. Cf. OLIVEIRA, Luiz Antônio e MACHADO, Maria Cristina Gomes. *Op.cit*, 2015, p. 4.

⁶⁵CUNHA, Maria Isa G. *Op.cit*, 1999.

⁶⁶O século XIX experimentou novas formas de sociabilidade, que giraram em torno das relações entre o público e o privado. Este século, portanto, “esboçaria uma idade do ouro do privado”. O privado, por sua teia de complexas relações políticas, sociais, econômicas, morais e médicas, levaria à criação de discursos teóricos, normativos ou descritivos centrados na

Apesar das diferenças e descompassos na inserção das mulheres no sistema educacional, foi ao longo do século XIX que se deu início à identificação do magistério com o gênero feminino⁶⁷. Sendo assim, pensar em educação, principalmente a dos anos iniciais escolares, ou jardins de infância, é também pensar na mulher. A função precípua da educação feminina era formar adequadamente a mãe e dona de casa conforme os signos do XIX, o século da higiene, da infância e da ciência. Era preciso dar cabo ao “atraso” brasileiro. O final do oitocentos experimentou mudanças significativas: fim da escravidão, advento da República, intenso processo de imigração, crescente urbanização e início de industrialização. A preocupação de desenvolver uma sociedade “moderna e higiênica” passa para a ordem do dia, naquela que ficou conhecida como *Belle Époque* brasileira⁶⁸. Este processo teria a casa como um dos espaços importantes de sua realização, mas se estenderia à escolarização de toda a sociedade desde a mais tenra idade, e neste contexto a mulher teria um duplo papel de suma importância: educar a juventude em casa, como mãe, e na escola, como professora⁶⁹. É neste período que começou no Brasil a difusão do movimento dos *kindergartens* de Fredrich Froebel⁷⁰, em que a educação infantil era entendida como uma extensão do papel materno da mulher. Comentando o crescimento dos cursos de formação de professoras no ensino secundário, fenômeno observado à época por Joaquim Teixeira de Macedo, Haidar escreveu:

Objetivando confiar à mulher não apenas a formação dos filhos, mas a educação da infância nas escolas, tarefa que ‘os homens usurparam’ mas que ‘de direito e por natureza devia ter-lhe sempre pertencido’, propunha Macedo para as jovens brasileiras uma educação que ‘não lhes roubasse todas as suas graças’ e que ‘as

família Cf. PERROT, Michelle. Outrora em outro lugar. In: _____. *História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Vol 4. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 16.

⁶⁷ LOURO, Guacira L. *Op.cit*, 2010, p. 444.

⁶⁸ SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres*. São Paulo, Contexto, 2012, p. 16.

⁶⁹ ALMEIDA, Jane S. de. Educadoras Missionárias na Província de São Paulo em finais do século XIX: Fragmentos de sua passagem pela Educação Escolar. *Cadernos de História da Educação*, v. 12, n. 1, 2013, p. 211.

⁷⁰ O alemão Friedrich Froebel (1782-1852) foi o fundador dos jardins-de-infância, destinados aos menores de oito anos. O educador considerava o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação do indivíduo. Viveu em uma época de mudança na concepção sobre criança e infância. Propunha uma educação que privilegiava as brincadeiras e jogos educativos na aquisição de conhecimento. O nome de jardim da infância se devia ao fato de Froebel acreditar que a criança é como uma planta em sua fase de formação, exigindo cuidados periódicos para que cresça de maneira saudável. Além disso, Tizuko M. Kishimoto mostra que, segundo esta concepção, a educação deveria, em seu início, ser protetora, guardadora, e, por consequência, feminina. In: KISHIMOTO, Tizuko M. Froebel e a concepção de jogo infantil. In: *Revista da Faculdade de Educação*. V. 22, n. 1, 1996, p. 1-23.

tornasse ainda mais fulgurantes no desempenho da nova missão que os homens lhes destinavam', o magistério"⁷¹.

No Decreto de 13 de outubro de 1888, um novo regulamento para as escolas secundárias da corte transformou a Escola Normal Mista da Corte⁷² em uma instituição que possibilitava uma educação voltada também para o exercício de uma profissão. A partir do crescimento da demanda e da grande identificação do magistério com a maternidade⁷³, as escolas da congregação se renderam aos fatos e passaram também a oferecer em seu ensino secundário a formação para o magistério. A identificação entre magistério e maternidade faria com que as escolas da Congregação ajudassem na formação de professoras, principalmente nos colégios que, em atendimento aos princípios caritativos que regiam as ações missionárias das irmãs, recebiam também as filhas das camadas mais baixas, destinando vagas às órfãs em todas as escolas. Em 1870, as irmãs passaram a gerir o Seminário Nossa Senhora da Glória⁷⁴, em São Paulo. Já nos internatos, durante o período analisado, a preocupação maior era com a formação culturalmente refinada e moralmente cristã para que as filhas das elites melhor se preparassem para sua maior vocação de mãe e esposa.

III. Educação e Cultura Material.

Os estudos sobre a História da Educação são uma valiosa fonte de apoio para a presente pesquisa por indicar possíveis tratamentos metodológicos para os suportes de ensino, mas vale ressaltar que não é nosso objetivo compreender os aspectos

⁷¹Haidar, Maria de Lourdes Mariotto. *O Ensino Secundário no Brasil Império*. 2 ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 226.

⁷²Segundo Leonor Maria Tanuri (2000: 64-67), a primeira escola normal do Brasil foi criada na Província do Rio de Janeiro, pela Lei nº 10, de 1835, fechando 15 anos depois, em 1849, por causa da pequena demanda. Esta realidade pode ser observada em todas as províncias, onde as escolas normais tiveram uma trajetória incerta entre criação e extinção de muitas delas. Foi só a partir de 1870 que começaram a ter maior êxito, quando se consolidaram as ideias liberais de democratização do ensino como projeto civilizador proposto pelo Estado brasileiro e a consequente valorização das escolas normais. Neste contexto, a Escola Normal da Corte foi criada em 1876, pelo Decreto nº 6370 de 30.11.1876, que determinou que o estabelecimento funcionasse em dois segmentos: um para o sexo masculino e outro para o feminino, com três anos de curso. Mas é só a partir de 1888 que se reconhece o programa desta escola como profissionalizante. Cf. TANURI, Leonor Maria. Contribuição para o estudo da escola normal brasileira. In: *Pesquisa e Planejamento*. São Paulo, vol. 13, dez/ 1970, p. 25; TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. História da formação de professores. In: *Revista Brasileira de Educação*, Mai/Jun/Jul/Ago, Nº 14, 2000, p.664-67; HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *Op.cit*, 2008, p. 226.

⁷³ TANURI, Leonor Maria. *Op.cit*, 2010, p. 66.

⁷⁴ O Seminário Nossa Senhora da Glória foi fundado em São Paulo no ano de 1825 com o objetivo de abrigar especialmente as órfãs de militares mortos a serviço da pátria. Em 26 de junho de 1870, mediante contrato, as irmãs de São José assumiram mais esta obra educacional para dar assistência às jovens desamparadas. Preparava suas alunas para o exercício do magistério, corte e costura e para serem boas esposas e mães. TEIXEIRA, Emilio *et. alii.*. *Poliathéia em Homenagem à Madre Maria Theodora de Voiron*. São Paulo, Escolas Profissionais do Lyceu Salesiano S. Coração de Jesus, 1919, pp. 286-287.

pedagógicos, os sistemas de ensino formados no final do Império e início da República, ou compreender a cultura escolar desenvolvida no interior das escolas confessionais femininas, tal como se propõem as pesquisas sobre História da Educação. O que se pretende aqui é entender como a educação, na sua dimensão corporal e material, constituiu-se como parte integrante de um, mas não o único, projeto civilizador do Estado brasileiro, sendo neste caso específico o projeto religioso. Ou, como Roger Chartier⁷⁵ mostrou, pensar como se instauram os processos de controle social, autocontrole psíquico e como se produzem as censuras tácitas e condicionamentos incorporados, para os quais a escola se tornou um lugar especial. Vários projetos e estratégias do período para a manutenção das estruturas de poder durante a modernização do Estado brasileiro, tais como o discurso médico-científico, o liberalismo e o positivismo, que prescreviam os papéis sociais e de gênero, vêm sendo estudados⁷⁶. A nossa contribuição consiste em explorar da perspectiva da cultura material uma das faces desse grande movimento de acomodações de interesses classistas, regionais, políticos e sociais.

Pode-se dizer que as pesquisas sobre a cultura material escolar são um ramo em expansão na área. Estes estudos observam a materialidade como meio de compreender a cultura escolar⁷⁷ de um determinado tempo ou local. Como aponta Diana Vidal,

No desafio de compreender a conformação da cultura escolar em suas diferentes dimensões, sincrônicas e diacrônicas, é essencial distinguir os modos como ela se manifesta nos objetos produzidos pela e para a escola e nas práticas instaladas no seu interior pela ação dos sujeitos escolares⁷⁸.

⁷⁵ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1990.

⁷⁶ RAGO, Margereth. *Op. cit.* 1987; SCHWARCZ, Lilia. *op.cit.*, 1997; MANOEL, Ivan. *Op.cit.* 1988; CUNHA, maria Isa. *Op.cit.* 1999; ALMEIDA, Jane. *Op.cit.* 2013: 203-207; GONÇALVES NETO, Wenceslau. GONÇALVES NETO, Wenceslau. "Educação Christã da Mocidade": Regulamentação da vida escolar em Colégios Católicos de Minas Gerais (1863-1911). *Cadernos de História da Educação*, v.13, n.1, 2014, p. 104.

⁷⁷ Cultura escolar é uma nova vertente do campo de pesquisa em educação que vê a escola como um território intermediário entre o macrosistema e o microuniverso, este relacionado ao jogo dos sujeitos sociais. Referem-se aos modos particulares de interagir, de trabalhar, de agir e de pensar que se consolidam nas práticas cotidianas e expressam a identidade de cada escola. Os elementos culturais, ideológicos, as crenças e as expectativas vinculados aos sujeitos e aos grupos presentes no cotidiano da escola podem tanto fortalecer e consolidar quanto expressar resistências aos processos que nela se desenvolvem. Cf. NÓVOA, Antônio (org.). *As Organizações Escolares em Análise*. Lisboa: Portugal: Edições Dom Quixote, 1999, p. 16.

⁷⁸ VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolar. In: *Currículo sem Fronteiras*, vol 9, nº1, pp 25-41, Jan/Jun 2009. (online) www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em janeiro de 2015.

Se a escola serve para a manutenção do *status quo*, ela é também o lugar de produção de uma cultura específica⁷⁹. Nesta conjuntura em particular, as escolas se valem de todo um arcabouço material e didático que, para as pesquisas centradas neste tipo de análise, servem para compreender as práticas dos sujeitos educacionais, assim como os discursos e significados produzidos ao longo do processo de fomento da cultura que surge na escola. Os estudos voltados para a materialidade escolar começam a se constituir como um campo analítico importante para a cultura escolar. Para perceber isso, basta passar em revista algumas publicações específicas sobre História da Educação.

Em 2013, o *Caderno de História da Educação* (CHE) publicou um balanço historiográfico e de possibilidades de pesquisa em História da Educação. Nele, nenhuma pesquisa viu na cultura material escolar uma possibilidade analítica possível para compreender os sistemas educacionais desenvolvidos no Brasil. Já a *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE) publicou um dossiê de história da cultura material escolar, em 2007, o mesmo acontecendo em *Educar em revista*, publicação da Universidade Federal do Paraná, editada em 2013, também na forma de um dossiê. Vê-se que o tema começa a solicitar a atenção dos pesquisadores na área da educação. Outra importante publicação que produziu um dossiê sobre cultura material escolar foi a *Revista Linhas*, da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), em 2015. Nela ainda vemos a forte influência dos estudos sobre leitura e produção de livros didáticos, mas também como a cultura material é capaz de produzir percepções mais amplas sobre a cultura escolar. Nomes como Augustin Escola Benito, Diana Gonçalves Vidal, Vera Lúcia Gaspar, Rosa Fátima de Souza e outros autores exploram as potencialidades dos estudos da materialidade para a compreensão das práticas escolares e da cultura escolar proveniente destas práticas.

Os novos estudos da área são consequência das discussões historiográficas em curso na segunda metade do século XX e que influenciaram diretamente os estudos de História da Educação⁸⁰. Entre as heranças recebidas destes debates ocorridos a partir dos anos de 1960⁸¹, está o alargamento dos territórios da História

⁷⁹ *Ibidem*, p. 26.

⁸⁰ VIDAL, Diana Gonçalves. *As lentes da História: Estudos da História e Historiografia da Educação no Brasil*. Campinas SP, Autores Associados, 2005, 73-75.

⁸¹ Para Libânia Xavier e Fábio Garcez de Carvalho, a renovação historiográfica aqui discutida e que influencia os estudos de história da educação se deu a partir dos debates nas Ciências Sociais a partir da segunda metade de século XX, tanto em decorrência das críticas às primeiras gerações dos *Annales*, a emergência do Estruturalismo, como devido aos desdobramentos do “*linguist turn*”. Deste debate, a história se defende e se renova, surgindo os novos objetos e territórios da Nova História e da História Cultural. Cf. XAVIER, Libânia e CARVALHO, Fábio G.. *Pesquisa educacional, História da Educação e Historiografia*. Diálogos

através da anexação de outras áreas das Ciências Sociais. Emerge daí uma História cuja preocupação é entender e identificar como, em lugares e momentos diversos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada, assim como entender também as representações do mundo social que são forjadas neste processo. Roger Chartier vê as representações do mundo social como construções que aspiram à universalidade e naturalidade, quando na verdade são determinadas por interesses de grupos que as forjam e é, por isso, que se faz necessário cruzar os discursos proferidos, que não costumam ser neutros, com a posição de quem os utiliza. Estes discursos produzem estratégias e práticas que têm na escola um bom veículo de legitimação e ação de projetos de poder⁸². Talvez por isso, como aponta Libânia Xavier e Fábio Garcez de Carvalho, exista atualmente uma proeminência de estudos de História da Educação que se utilizam das ferramentas analíticas propostas pela História Cultural, que constituem também a grande novidade, para os autores, nesta área de conhecimento⁸³.

A identificação das matrizes teóricas dos estudos sobre educação é resultado de um balanço da pesquisa em História da Educação a partir de duas perspectivas: os possíveis diálogos e intersecções com a historiografia, assim como as tensões e possibilidades que outras áreas e abordagens podem trazer à História da Educação. Nas contribuições analisadas pelos autores, que utilizaram como referência da área os trabalhos apresentados no II Encontro de História da Educação do Rio de Janeiro (II EHEd – RJ), ocorrido em novembro de 2010, percebemos diálogos frequentes entre determinados ramos da pesquisa em História da Educação com a historiografia, mas nenhum dos trabalhos apresentados se dedicou especificamente à análise da cultura material escolar⁸⁴. As pesquisas apresentadas se prendem aos discursos elaborados nas escolas ou aos projetos educacionais, sem considerar a participação, no processo, dos artefatos escolares. Dentro dos estudos de História da Educação, aqueles relativos a políticas educacionais comportam análises marxistas e sociológicas, mas também adotam contribuições do pós-estruturalismo e da História Social, advindas do

em curso, intercâmbios possíveis. In: *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 12, n. 1, jan/jun. 2013, p. 231-251.

⁸² Chartier, Roger. *Op.cit.*, 1990, p. 15-17.

⁸³ XAVIER, Libânia e CARVALHO, Fábio G. *op.cit.* 2013, p. 233-234.

⁸⁴ Entre as novas temáticas, objetos, fontes e abordagens, os estudos voltados para o campo da cultura escolar e práticas educativas, influenciados diretamente pela História Cultural, dão ênfase à dimensão simbólica e às representações sociais, procurando compreender como ocorrem os processos de produção, circulação e apropriação de ideias; as instituições seriam simultaneamente produto e produtora. Para tal, utilizam-se de fontes impressas – jornais, periódicos, livros didáticos, regulamentos escolares para depreender e analisar os discursos produzidos.

contexto de crise geral das Ciências Humanas nos anos 1970 e das particularidades da historiografia brasileira durante a ditadura e o processo de abertura⁸⁵.

Conforme já observado aqui, o processo educativo é cercado de materiais que possibilitam, facilitam, dão suporte, orientam e condicionam o ensino e a aprendizagem. Cadernos, livros, lousas, carteiras, estantes, quadros e mapas, lixeiras, lápis e borrachas e muitos outros objetos são tão necessários dentro de uma sala de aula que praticamente se tornam naturais (e invisíveis) no ambiente, saindo, portanto, do foco das análises sobre o tema e tratados sem maior relevância. Mesmo sendo “suportes de práticas, mediadores da ação educativa e elementos estruturais para o funcionamento dos estabelecimentos de ensino”⁸⁶, são costumeiramente esquecidos como artefatos viáveis tanto como objeto de pesquisa para a História da Educação.

Vera Teresa Valdemarin⁸⁷ se utiliza de manuais didáticos para entender a difusão do ideário da Escola Nova no Brasil. Por meio deles, a autora buscou analisar as relações entre práticas pedagógicas e suas concepções doutrinárias, além de outras relações presentes na cultura, em geral, e na cultura escolar, em particular.⁸⁸ No entanto, a dimensão material, presente nos manuais, serviu para a autora apenas como um suporte, um veículo de ideias, onde o objeto central das análises está nos discursos e na cultura escolar.

Augustín Escolano Benito, ele próprio um pioneiro no estudo da cultura material escolar, aponta para outro fato que contribuiu para relegar a segundo plano os objetos da escola. No processo de constituição de um ensino de massas, os professores por vezes desenvolviam as competências dos alunos com recursos materiais próprios. Prática considerada muitas vezes como ingênua, mas que teria dado origem a uma pedagogia empírica, geralmente pouco valorizada pela pedagogia científica,

⁸⁵Mais ao fim do balanço, os autores apontam para as possibilidades da história do tempo presente como uma possível contribuição para o campo de pesquisa em História da Educação, alertando que nenhuma pesquisa apresentada no II EHED, ou mesmo no primeiro e outros colóquios, seminários e encontros sobre o tema se utilizou desta possível ferramenta metodológica.

⁸⁶ SOUZA, Gizele. Cultura escolar material na história da instrução primária no Paraná: anotações de uma trajetória de pesquisa. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, nº14, mai/ago 2007, p. 11.

⁸⁷ VALDEMARIN, Vera Teresa. História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010, p. 129.

⁸⁸ Para isso, analisa, entre outros documentos, o material didático a partir de um usuário específico, os autores de manuais didáticos destinados à formação de professores, para então traçar uma investigação das práticas pedagógicas. Antônio D’Ávila e João de Toledo tornam-se, na abordagem da autora, personagens importantes para a compreensão dos manuais didáticos por eles produzidos. Portanto, ela parte dos autores para compreender a obra e, por consequência, o discurso pedagógico sobre os modos de fazer e aprender no movimento da Escola Nova.

reforçando a cisão frequente, até nossos dias, entre a prática escolar, na qual se consolidou uma larga tradição de professores como produtores de artefatos para ensino, e o saber acadêmico⁸⁹.

Se os objetos da escola são frequentemente subestimados, os trabalhos manuais e bordados o são ainda mais, já que nem são propriamente objetos deste universo, isto é, criados especificamente para este fim. Eles foram incorporados ao universo pedagógico por carregarem potencialidades educacionais que iam ao encontro das práticas escolares e das necessidades do projeto civilizador de que o sistema educacional foi imbuído no período.

A História da Educação começa a atentar para a materialidade da escola a fim de entender os processos pedagógicos. Prova disso é o dossiê A cultura material na história da educação: possibilidades de pesquisa, publicado na RBHE em 2007. Logo em seu início, Rosa Fátima de Souza faz uma apresentação geral dos trabalhos que compõem o dossiê e expõe os desafios de se fazer uma pesquisa com base nos artefatos da escola, dada a naturalização destes objetos no espaço de sala de aula. A autora aponta, porém, para as possibilidades que se abrem para a compreensão do processo educativo, já que através da materialidade se evidenciam práticas discursivas e métodos de construção de sujeitos⁹⁰.

Alguns dos trabalhos presentes neste dossiê foram importantes para o desenvolvimento desta pesquisa. Regina Maria S. de Souza procurou entender os aspectos da organização escolar da Deutsche Schule, ou Escola Alemã, de Curitiba, em consonância com a sociedade na qual a escola estava inserida na virada do século XIX⁹¹. Compreender seus níveis de flexibilidade diante das normas impostas através do que chamou de “vestígios de práticas” dos materiais em articulação com seu método de ensino, que no caso de sua pesquisa era o método intuitivo, também conhecido como “lição de coisas”, muito praticado e divulgado em finais do século XIX, em substituição ao criticado método mútuo. A pesquisa é sobre a cultura escolar e, para isso, a autora usou fontes variadas como jornais, relatórios institucionais e materiais didáticos, entendidos como “instrumentos condutores e produtores de aprendizagens, alguns estimulando o desempenho do grupo, outros desenvolvendo

⁸⁹ BENITO, Augustín Escolano. Las materialidades de la escuela (a modo de prefacio). In: GASPAR DA SILVA, Vera Lúcia. *Objetos da escola: espaços, lugares de constituição de uma cultura material escolar* (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis, Insular, 2012, p. 12.

⁹⁰ *Idem*, p. 11.

⁹¹ SOUZA, Regina Maria S. A cultura material da Deutsche Schule. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 14, mai/ago 2007, p. 71-94.

as capacidades individuais”, subordinados àquilo que a escola propagava em seu cotidiano como “ofício de aluno”. Entre os objetos condutores e produtores de aprendizagens estão a lousa quadriculada, a caneta tinteiro, o mata-borrão e um caderno de aluno. A autora pondera que as dificuldades do uso de artefatos escolares como fontes de pesquisa vêm do fato de que eles, muitas vezes, provêm de “velhos baús”, guardados de recordação que, ao serem retirados de seu contexto original de uso, transformaram-se em coleções particulares. Seriam, portanto, fragmentos materiais de memória escolar e, por isso mesmo, revestidos de carga simbólica, pois são vestígios da passagem de seus donos na escola⁹².

A mesma realidade enfrentou Marilena A. J. Guedes de Camargo, que fez uma ampla seleção de artefatos com ex-alunos do Ginásio Ribeiro, de Rio Claro, tratado mais adiante. O método intuitivo, ou “lições das coisas”, tinha como princípio norteador levar o aluno a observar os objetos que lhe estão próximos, o ambiente que o cerca, para prepará-lo para a construção de conhecimento. Método e material didático foram concebidos para o uso e manuseio em sala para que facilitassem o aprendizado. Mas como identificar e analisar objetos que foram descartados, ou apenas selecionados por algumas pessoas ligadas à escola segundo critérios subjetivos e não explicitados? A autora mobiliza fontes que completam as lacunas, ou que permitam recontextualizar os artefatos em seu ambiente de origem, usando para isso jornais com descrições e imagens da escola pesquisada, relatórios institucionais e escolares e os próprios objetos escolares⁹³.

No mesmo dossiê da RBHE, Valdeniza Maria Lopes da Barra⁹⁴ propõe a análise da disposição de móveis e utensílios em sala de aula das primeiras escolas femininas em meados do século XIX, em específico a escola feminina de Capivari, atrelada ao uso do já citado método mútuo. Para tanto recorre a duas descrições diferentes, a oficial e a de uma professora. Barra se utilizou dos documentos de constituição da escola onde esta professora atuava. Entre solicitações de materiais pela professora e a resposta das autoridades responsáveis, a autora faz um levantamento dos objetos da escola, diferenciando o ideal, aquilo que era solicitado para o bom andamento da atividade educativa no entendimento da professora, com o real, o que era efetivamente entregue. Com isso se descortina o quadro de precariedade dos espaços escolares e os discursos produzidos por tal contexto, novamente versando sobre o ideal e o real.

⁹² *Idem.* 2007, p. 77.

⁹³ CAMARGO Marilena A. J. Guedes de. *Coisas Velhas*: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo, Unesp, 2013.

⁹⁴ BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. A lousa escolar: traços da história de uma tecnologia da escola moderna. In: *Educar em revista*, Curitiba, nº 49, jul/set 2013, pp 121-137.

Percebe-se a concordância dos dois agentes sobre a importância da instrução para a sociedade e para o projeto civilizador em curso. Mas também se abre espaço para as justificativas do atraso da “nação”. A provisão material da escola era de competência do inspetor geral da Instrução Pública, que deveria elaborar a Tabela de Móveis e Utensílios necessários às escolas, principalmente quando estas não eram em prédios públicos e funcionavam nas residências dos professores⁹⁵. Já no dossiê da *Educar em Revista*, de 2013, a mesma autora analisa o uso da lousa na transmissão de conhecimento pelo método mútuo, mostrando o entrelaçamento do artefato com o método.

Outra autora que trata da modalidade de ensino doméstico e das discussões suscitadas por tal modelo é Maria Celi Chaves Vasconcelos⁹⁶, centrando sua atenção em demonstrar como a discussão e as práticas escolares na escola formal e na educação doméstica foram, aos poucos, antagonizando-se, corroborando o projeto governamental de ampliar sua intervenção sobre o espaço da casa, além da construção de um sistema ideal para o país.

Nos últimos anos, surgiram importantes iniciativas para subsidiar pesquisas sobre cultura material escolar. Entre elas vale destacar os esforços realizados pelo grupo de cooperação coletiva em cultura material escolar⁹⁷. É com base nessa experiência que César Augusto Castro⁹⁸ mostra alguns resultados do empenho realizado pelos pesquisadores para localizar, coletar e analisar os mais variados documentos a fim de identificar os artefatos da escola. Também, dentro deste contexto, o livro organizado por Vera Lúcia Gaspar e Marília Gabriela Petry⁹⁹ dá visibilidade à materialidade escolar como meio de se compreender aspectos

⁹⁵ A partir da tabela e dos ofícios de solicitação e objetos efetivamente entregues, foi possível à autora pensar sobre as prováveis configurações do espaço escolar e suas confluências com o método mútuo, percebido através das disposições dos bancos e mesas que favoreciam o ensino por decuriões, suas práticas, além da escolarização do espaço da casa da professora, mostrando também as negociações tácitas entre a professora e os agentes da Instrução Pública.

⁹⁶ VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *Op.cit.*, 2007, p. 24-41

⁹⁷ Projeto nacional de cooperação e estudo para produzir um banco de dados para pesquisas na área, compreendendo 15 estados brasileiros e que conta com subprodutos importantes editorialmente. Como exemplo, vale citar os esforços que culminaram na obra coletiva *Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930)*, coordenada por Rosa de Fátima de Souza (2013). Cf. SOUZA, Rosa Fátima; SILVA, Vera Lúcia G.; SÁ, Elizabeth F. (Org.). *Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930)*. Cuiabá, EdUFMT, 2013.

⁹⁸ CASTRO, César Augusto. *Cultura Material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC E RS, 1870-1925)*. São Luís, EDUFMA, Café & Lápis, 2011.

⁹⁹ GASPAR, Vera, PETRY, Maria Gabriela. *Objetos da escola: espaços, lugares de constituição de uma cultura material escolar* (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis, Insular, 2012.

constitutivos da cultura escolar de Santa Catarina no século XIX. As autoras demonstram como estes artefatos evidenciam as práticas e condutas dos sujeitos educacionais, análise que busca colocar as fontes materiais como um importante componente interpretativo das questões de História da Educação.

Um traço comum a todos estes trabalhos é seu campo teórico situado na cultura escolar, buscando compreender as práticas e culturas produzidas no universo escolar, além das formas de apropriação dos mecanismos de controle, materializadas ou não nas instituições. Foi o que fez Marilena A. J. Guedes Camargo¹⁰⁰ em seu interessante trabalho, no qual resgata muitos objetos da escola, dispondo tanto daqueles guardados na escola, que no seu caso é o Colégio Estadual e Escola Normal “Joaquim Ribeiro”, de Rio Claro, como os objetos guardados por ex-alunos. Entre os artefatos analisados pela autora estão cadernos de vários tipos, seguindo a tipologia que o colégio usava – caderno de uso de sala de aula, caderno de passar o ponto a limpo e caderno de assuntos que a autora chamou de outras atividades, como caligrafia, trabalhos manuais e economia doméstica (estes dois últimos circunscritos apenas às alunas); manuais escolares internos e disciplinares; jornais publicados pelos alunos.

O caderno é entendido como um dispositivo escolar em que as práticas discursivas se articulam de maneira a produzir um efeito¹⁰¹. É um registro escrito que documenta a trajetória e o aprendizado do aluno, tanto em sala como em casa. É testemunho do processo de ensino-aprendizagem, que mostra o particular, seu dono, mas também o todo, os conteúdos dados e a forma de ministrá-los. Permitem perceber os discursos produzidos, as tendências educacionais da escola, assim como as ideias e ideais valorizados no decorrer do tempo recortado pela pesquisa. É especialmente interessante para esta pesquisa a breve análise feita pela autora de amostras de bordados produzidos nas aulas de trabalhos manuais, exclusivamente femininas, momento em que, segundo a autora, “o “Ribeiro” assumia plenamente a função de “colégio de moças””¹⁰². Os materiais, portanto, são vistos como suportes de representações, mas não, no caso do bordado, como propriamente produtores de comportamentos.

Enfim, a materialidade escolar aos poucos se constitui como uma importante ferramenta analítica para a História da Educação, abrindo caminho para mais pesquisas na área e contando com iniciativas de levantamentos sistemáticos de

¹⁰⁰ CAMARGO, Marilena A. J. Guedes. *“Coisas Velhas”*: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo, UNESP, 2000.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 93.

¹⁰² *Ibidem*, p. 134.

objetos da escola para contribuir com sua expansão. Porém, são, principalmente, suportes para a compreensão dos fenômenos e práticas estudados dentro da perspectiva da cultura escolar, sendo a materialidade muito mais um veículo de sentidos, em que os objetos são vistos prioritariamente como suportes de representação.

Essa não é, porém, a realidade observada no dossiê da *Educar em revista*, de 2013, onde muitos artigos pretendem entender os fenômenos históricos por meio da cultura material escolar. Marcus Levy Bencostta¹⁰³ mostra em seu artigo a participação ativa dos arquitetos franceses Jean Prouvé e André Lurçat na elaboração de carteiras escolares no início do século XX. O autor usa catálogos e desenhos feitos pelos arquitetos para mostrar como suas propostas estavam associadas aos movimentos vanguardistas da arquitetura, *design* e decoração, mas também dialogavam com os princípios ergonômicos preconizados pelos médicos da época e com as demandas de educadores, preocupados em propor um mobiliário que colaborasse efetivamente com o aprendizado.

No mesmo dossiê, Ian Grosvenor e Natasha Macnab¹⁰⁴ apontam as mudanças no mundo material da criança com deficiência visual através dos objetos táteis pensados para auxiliar o processo educativo. Além dos objetos, o artigo analisa as formas como estas crianças eram vistas e entendidas pela sociedade no início do século XX utilizando-se de imagens colhidas em um *blog* do *Tyne and Wear Museum and Archive*, sobre o trabalho de John Alfred Charlton Deas no *Sunderland Museum*, na Inglaterra. Rosa Fátima de Souza¹⁰⁵, Célia Dórea¹⁰⁶ e Valdeniza Barra¹⁰⁷ mostram a forte relação entre materiais escolares e métodos de ensino. Particularmente interessante para esta pesquisa é o artigo de Maria Teresa Santos Cunha¹⁰⁸ sobre um jornal escolar que circulou entre 1945 e 1952 em um colégio religioso feminino redigido manualmente por meninas de sete a dez anos. A autora centra sua análise no teor dos textos e suas prescrições comportamentais e morais para compreender a cultura

¹⁰³ BENCOSTTA, Marcus Levy. Mobiliário escolar francês e os projetos vanguardistas de Jean Prouvé e André Lurçat na primeira metade do século XX. In: *Educar em revista*, Curitiba, n.49, jul/set. 2013, Editora UFPR, pp. 19-38.

¹⁰⁴ GROSVENOR, I. e MACNAB, N.. 'Seeing through touch': the material world of visually impaired children. *Ibid*, pp. 39-57.

¹⁰⁵ SOUZA, Rosa Fátima de. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil do século XX. *Ibid*. 103-120.

¹⁰⁶ DÓREA, C. A arquitetura escolar como objeto de pesquisa em História da Educação. *Ibid*, pp 161-181.

¹⁰⁷ BARRA, V. L. *Op.cit.* p. 121-137.

¹⁰⁸ CUNHA, M.T.. Das mãos para as mentes. Protocolos de civilidade em um jornal escolar/ SC (1945-1952). *Ibid*, pp, 139-159.

escolar, mas também analisa a confecção dos jornais, em que relaciona a preocupação com a caligrafia com disciplinamento do corpo proposto pela escola.

Corpo disciplinado é o objeto central de Rosa Lydia T. Corrêa¹⁰⁹, que analisa como a cultura material escolar produz, através do ensino de Educação Física em cursos de formação de professores, um corpo disciplinado e higiênico apto a ensinar as futuras gerações.

IV. Objetos do universo escolar.

Esta pesquisa utiliza-se de fontes textuais, iconográficas, tridimensionais e relatos orais de ex-alunas. Três corpos documentais foram pensados: o primeiro conjunto de documentos se constitui de textos sobre educação e relativos ao contexto de implantação das escolas femininas laicas e das escolas da congregação; sua repercussão nos meios impressos, como jornais e periódicos de circulação local; textos oficiais da Instrução Pública, como os anuários de ensino, os Relatórios da Instrução Pública e atas e ofícios da Instrução Pública; panfletos da instituição.

O segundo corpo de documentos são os materiais de ensino, tais como manuais e livros didáticos ou de apoio escolar; cartilha e catecismos; livros de contos e fábulas pensados para o universo escolar; manuais de trabalhos manuais produzidos para servirem de cartilhas para as aulas desta disciplina.

O terceiro corpo de documentos são os objetos produzidos ao longo do processo escolar, tanto os usados para a finalidade pedagógica, como cadernos de ex-alunas; quanto aqueles usados nas relações disciplinares, cotidianas, mas que se somam ao projeto educacional por contribuírem com a difusão dos ideários e condutas corporais inerentes ao projeto educacional e religioso da Congregação¹¹⁰. Estão nesta

¹⁰⁹CORRÊA, R.L.T.. Cultura, material escolar e formação de professores: como disciplinar o corpo – imagens e texto. *Ibid.* pp.183-205.

¹¹⁰ A ideia aqui é pensar tais objetos como meio de difusão e desenvolvimento do conceito de currículo oculto. O conceito de currículo oculto, aqui emprestado de Perrenoud, serve para compreender as interações entre o aprendizado organizado de maneira consciente daquele que realmente acontece e decorre das interações do conhecimento com o contexto e a realidade de determinado ambiente escolar. É da interação entre o conhecimento pensado e planejado no currículo formal proposto por um projeto educacional, com atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar que surge o currículo oculto(1995: 51). Pode-se afirmar que uma escola em regime de internato ensina por muito mais tempo do que aquela de não internato, onde o ensino acontece principalmente na sala de aula. Todos os momentos e interações, agrupamentos e seleções de trabalhos, formas de organização do espaço e outras tantas formas que envolvem as relações sociais servem como espaços de aprendizado. Portanto para a incorporação de hierarquias, regras, organizações espaciais, mensagens implícitas no material didático e outras inúmeras interações que ocorrem nas práticas escolares. Candau e Moreira (2007: 18) destacam que a força deste currículo está em sua maneira subliminar, que o torna uma força modeladora e eficaz. Cf. PERRENOUD, Pierre. Currículo real e trabalho escolar. In: _____.

categoria as fitas e medalhas de premiação por bom comportamento, as bacias de banho, as camisolas para banho, a austeridade do uniforme escolar, o espaço físico da escola, com seus longos dormitórios, salões e capelas, os trabalhos de desenhos e *canivets*¹¹¹, e 22 amostras de bordados e trabalhos de crochê e tricô, totalizando 108 peças. Não existem objetos de uso cotidiano guardados pela escola, para estes casos as imagens auxiliam a inseri-los no universo escolar.

O percurso inicial para a constituição do corpo documental desta pesquisa foi um tanto acidentado. A primeira providência foi procurar entre os arquivos da cidade de Taubaté, tanto os religiosos quanto os públicos, tudo aquilo que era relativo ao Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, estabelecido na cidade em 1879 e encerrado em 1969. Nos documentos sobre os trâmites legais do encerramento do colégio e consequente recolhimento dos arquivos escolares encontra-se a seguinte referência temporal: “estabelecimento de ensino que funcionou de 1932 até 1969, ano de sua extinção”¹¹². Ora, o que teria acontecido com todos os documentos referentes aos anos iniciais desde sua fundação? Teriam sido entregues em período anterior aos arquivos da Instrução? Não há menção alguma a eles. E continuando a leitura de toda a documentação do processo de encerramento da instituição, foi possível identificar no “arquivo morto” da Diretoria de Ensino de Taubaté apenas os anuários de alunas a partir de 1937, constando fichas individuais e exames admissionais, contudo, nenhuma documentação institucional anterior à década de 1950 foi encontrada, tendo sido aparentemente incinerada para a criação de mais espaço. Foi tentada uma incursão nos arquivos do Centro de Referência em Educação Mário Covas – CRE Mário Covas – sem que fosse possível encontrar nada que preenchesse estas lacunas.

Com o encerramento do Colégio, o prédio da escola foi doado à Universidade de Taubaté, apenas o prédio. Seu interior foi esvaziado e doado pela Congregação, não restando nada mais do que a imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho, que

Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar. Porto, Porto Editora, 1995, p. 51; CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. *Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura*. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Ogr). Brasília, MEC, Secretaria de Educação Básica, 2007: 18,

¹¹¹ *Canivet* é um tipo especial de imagem piedosa que usa recortes estratégicos no papel da própria imagem para a produção de uma trama semelhante à renda, feita com agulhas, canivetes e pequenas facas, daí seu nome. Foi bastante difundido a partir do século XVII, sendo tradicional na França, onde recebe esta nomenclatura, adotada pelas irmãs de São José que são francesas. Sua origem pode ser ainda mais antiga, vinda do período medieval. O termo *canivet* designa a ferramenta que era usada para criar iluminuras, o que o colocaria em mosteiros ainda antes do tempo de sua difusão e popularização no século XVII, quando, nos conventos, passou a ser identificado com o mundo feminino.

¹¹² Ofício de número 238/70, de 27 de fevereiro de 1970. Processo de fechamento do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho (CDPH – UNITAU, caixa Bom Conselho).

hoje ocupa um lugar de destaque na “sala de guardados” da Congregação, que fica na *casa-mãe* das irmãs de São José, o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu. Lá, a irmã Zilda Hilda Marino, superiora da casa, que já foi Provincial da Congregação¹¹³, disponibilizou, desde que em sua companhia para melhor explicar a origem de cada item, o acervo da citada sala. Muitos dos objetos representativos da Congregação estão guardados nela e são um dos poucos vestígios materiais das escolas, pelo menos daquilo que foi gentilmente disponibilizado pela Congregação, já que no arquivo da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo não foi permitido o acesso ao acervo, porque sua responsável atestou não possuir nenhum documento ou objeto que se relacione especificamente às escolas. Já outras escolas da Congregação, como a Escola de Enfermagem e o Colégio Santana indicaram Itu como o local escolhido para abrigar as memórias das escolas, principalmente no que nos aqui é mais caro, os trabalhos manuais de agulha.

Para Bourdieu, qualquer herança material é uma herança cultural que certifica a origem e a antiguidade, além de colaborar com a reprodução moral, ou seja, com a transmissão de valores e unidade de classe¹¹⁴. Se pensarmos como esta ideia se aplica para a sala de guardados podemos perceber como a herança material ali reunida, fruto do que se escolheu guardar, comunica os valores da Congregação expressos em objetos relacionados à fé e doutrinas religiosas das irmãs. Da escola, temos alguns poucos livros e cadernos, mas um significativo número de amostras de trabalhos manuais, de bordados aos papeis rendados, conhecimento caro à escola e difundido como um dos diferenciais da educação produzida ali. Ao compararmos com o acervo de escolas como Caetano de Campos, ou o Colégio Estadual e Escola Normal “Joaquim Ribeiro”, de Rio Claro, é mais usual encontrar nestes casos trabalhos dos alunos relacionados ao currículo escolar muito mais do que ao trabalho manual.

Estes artefatos estão hoje reunidos na “sala de guardados”, organizada sem o propósito de ser um arquivo institucional, mas apenas um espaço de memória. Seu acervo foi, portanto, pensado um pouco como uma coleção, em que a lógica de quem o guarda está muito mais na ordem da afetividade, sendo preciso entender seu

¹¹³ A Congregação de São José de Chambéry, assim como muitas casas monásticas, é dividida administrativamente em províncias, que é geralmente feita em linhas geográficas e pode compreender um país, ou ainda regiões de um país. A superiora provincial, portanto, é o mais alto nível hierárquico da instituição religiosa em uma “província”. O título do cargo é geralmente abreviado, usando apenas provincial. Em 1872, o Conselho Geral da Congregação aprovou a Missão brasileira como nova província e nomeou Madre Maria Teodora Voiron como Superiora Provincial para o Brasil, cargo que já foi ocupado duas vezes pela entrevistada supracitada.

¹¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Crítica social do julgamento. São Paulo, Edusp, Porto Alegre, Zouk, 2007, p. 75.

coleccionador para melhor compreender a seleção, conforme indica Susan Pearce¹¹⁵. A pesquisadora Rachel Duarte Abdala¹¹⁶ utiliza a fotografia escolar como suporte de memória, tendo como modelo representativo a escola Caetano de Campos. Por ela, a autora mostra que a escola é um *locus* privilegiado para a construção de uma memória coletiva. Partindo desta premissa, podemos aferir que a sala citada se constitui como um importante espaço de memórias da Congregação.

A historiadora Marize Malta aponta para a dificuldade de encontrar acervos museológicos para os trabalhos manuais de agulha, o que dificulta encará-los enquanto patrimônio, dignos de pesquisa e de produção de conhecimento. São encontrados geralmente guardados nos fundos dos baús domésticos, constituindo uma espécie de museu privado sentimental¹¹⁷. No caso aqui considerado não seria propriamente o espaço privado doméstico, mas aquele das memórias da Congregação, que, coincidência ou não, foram guardados na *casa-mãe* da Congregação. Por isso, não existe propriamente um registro do local em que foram feitas as amostras de materiais produzidos por alunas, nem foi possível identificar sua autoria. A maior preocupação, porém, foi com a datação dos artefatos encontrados, já que não possuem registros específicos, em especial as amostras de trabalhos manuais. As amostras, segundo a superiora da casa de Itu, irmã Zilda Hilda Marino, foram organizadas em ordem cronológica e seriam do fim do século XIX e início do XX. Entre elas, foi possível identificar dois *canivets* datados, um de 1900, outro de 1929. O último *canivete* da pasta foi confeccionado sem data, mas em comemoração ao jubileu episcopal de D. Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, fato que ocorreu em 1929.

Outra dificuldade foi identificar as amostras de trabalhos manuais em termos de técnica e grau de *expertise* exigida para sua confecção. Isso resultou também em

¹¹⁵ Susan Pierce sistematizou a relação da sociedade ocidental burguesa com o artefato, pensando as razões que levam alguém a colecionar. A autora classificou o colecionismo segundo tipologias que consideram os motivos da seleção, a relação com as aquisições e suas finalidades. O primeiro tipo de coleção é a que se aproxima da “sala de guardados”. Foi denominada por Pearce como a coleção *souvenir*, que possui um caráter privado, calcada na nostalgia que os objetos colecionados evocam. O contato com os objetos-souvenires materializa o passado e seu conjunto legitima uma narrativa sobre ele. O segundo tipo seria a coleção *fetichê*, em que os objetos ganham significados e sua lógica só existe na própria coleção e, por fim, a coleção *sistemática*, em que o princípio organizativo está fora da coleção e é pensada pela lógica classificatória. PEARCE, Susan M. *Interpreting Objects and Collections*. London and New York, Routledge, 2001, p. 193-204.

¹¹⁶ ABDALA, Rachel Duarte. *Fotografias escolares: práticas do olhar e representações nos álbuns escolares da Escola Caetano de Campos (1895-1966)*. São Paulo, Tese (Doutorado), FE-USP, 2013.

¹¹⁷ MALTA, Marize. Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento. In: *XXVIII Simpósio Nacional de História*, Florianópolis, 27 a 31 de jul. 2015, p. 1-2.

um problema para a identificação da seriação das alunas¹¹⁸, assim como de qual segmento da escola elas pertenciam, se eram ensinadas no ensino primário ou no secundário¹¹⁹. Também foi necessário fazer a identificação dos trabalhos conforme suas técnicas e pontos. Para isso, várias artesãs da cidade de Taubaté foram consultadas com base nas imagens coletadas e expostas na parte anexa desta pesquisa. A principal dificuldade foi com o desacordo de opiniões em relação aos nomes dos pontos ou identificação de certas técnicas. Nestes casos, todos os dados coletados nessas ocasiões foram conferidos e validados com base nas obras *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*, de TH. De Dilmont¹²⁰ e *100 Pontos de Bordado*¹²¹, além de tutoriais na web.

¹¹⁸ No livro de D. Rosina Nogueira e Miguel Milano destinado a alunas do 4º ano feminino, série da instrução primária, constam basicamente todos os pontos e tipos de trabalhos encontrados nas amostras, mas isso não invalida seu aprendizado em salas do nível secundário. Pelo contrário, o bordado e trabalhos manuais exigem aperfeiçoamento constante, sendo necessário sua frequente confecção, aumentando assim o grau de aperfeiçoamento, firmeza nos pontos e limpeza do avesso. Provavelmente essas qualidades eram mais exigidas conforme se aumentava o grau de instrução das alunas. Apenas com a análise das amostras, contudo, não foi possível aferir se foi feita por aluna, assim como sua série. O mesmo ocorre em outro livro dos mesmos autores, encontrado na “sala de guardados”, que também corrobora tais impressões. Os trabalhos de agulha exigidos para as alunas do curso primário são semelhantes às amostras coletadas. Cf. SOARES, D. Rosina Nogueira e MILANO, Miguel. *Trabalhos Manuaes*. São Paulo e Rio de Janeiro, Weisflog Irmãos, 1917; SOARES, D. Rosina Nogueira e MILANO, Miguel. *Trabalhos Manuaes*. São Paulo e Rio de Janeiro, Companhia Melhoramentos de São Paulo, Cadernos de 1º ao 5º anos de ambos os sexos, s.d.

¹¹⁹ De acordo com Demerval Saviani, a seriação escolar se constituiu ao longo do Império, com várias reformas, legislações e regulações. A Reforma de Couto Ferraz, de 1854, previa a organização dos estudos em: a) uma escola primária dividida em duas classes: a primeira compreenderia escolas de instrução elementar, denominadas escolas de primeiro grau; a segunda corresponderia à instrução primária superior, ministrada nas escolas de segundo grau; b) uma instrução secundária ministrada no Colégio Pedro II, com a duração de 7 anos, e nas aulas públicas avulsas, consagrando, portanto, a coexistência dos dois modelos então em vigor; c) os alunos seriam agrupados em turmas adotando-se, portanto, a seriação e o ensino simultâneo. Embora o regulamento fosse dirigido ao Município da Corte, zona de atuação direta do Ministro do Império, como que a respaldar a interpretação de que o dispositivo do Ato Adicional de 1834 não tinha caráter privativo, mas concorrente, a Reforma Couto Ferraz contém normas alusivas, também, à jurisdição das províncias. Em continuidade com a Reforma Couto Ferraz, a Reforma Leôncio de Carvalho, de 1879, mantém a obrigatoriedade do ensino primário dos 7 aos 14 anos, a assistência do Estado aos alunos pobres (Idem), a organização da escola primária em dois graus com um currículo semelhante, levemente enriquecido e o serviço de inspeção. Segundo Schueler e Magaldi, a República trouxe rupturas mais no campo discursivo do que no prático. Seguindo essa direção, as autoras afirmam “que a escola primária brasileira não foi uma invenção republicana, tampouco uma novidade *fin-de-siècle*. Paradoxalmente, tal representação, ainda hoje, pode ser lida em textos e manuais de história educacional”. Cf. SAVIANI, Dermeval. “Pedagogia e política educacional no Império brasileiro.” *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia/MG*. 2006; SCHUELLER, AFM de, e AMB de M. MAGALDI. “Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa, 2008.” (2011).

¹²⁰ DILMONT, TH. *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*. Bibliothèque D.M.C., Mulhouse, s.d.

¹²¹ 100 Pontos de Bordado. Coats/Corrente. In: http://www.coatscrafts.com.br/NR/rdonlyres/BFD5B616-D15B-48C6-8FDE-D471B6FE37C8/106590/manual_bordado.pdf. Acesso em jan/2016.

O depoimento da irmã Marino, conjugado às datas encontradas, permitiu inferir que tais amostras seriam significativas e representativas daquilo que era produzido nas escolas da congregação no período pesquisado, portanto, optou-se por considerá-las como documentação válida para esta pesquisa. Também foi considerada a administração altamente centralizadora da Congregação, talvez reflexo do próprio movimento centralizador ultramontano de que faziam parte, o que tornava as escolas espalhadas pelo interior do Estado de São Paulo meros braços da instituição em Itu. Monsenhor José Pereira de Barros¹²², ideólogo e fundador do colégio de Taubaté, doou para a Congregação um edifício para as irmãs conduzirem sua instituição de ensino na cidade. Para oficializar a doação e regularizar o funcionamento da escola, o diretor da Secretaria de Negócios de Império solicitou, por carta particular¹²³, informações sobre a organização e currículo do estabelecimento. Em sua resposta, o monsenhor dá claramente a indicação daquilo que foi solicitado na carta ao responder ao missivista sobre o teor da doação dos imóveis, a lisura da Congregação escolhida para conduzir sua obra e explica que o colégio “não tem estatutos aprovados e rege-se **exatamente pelo regulamento interno do Collegio do Patrocínio de Itu**”¹²⁴ (grifo meu). No restante do processo de regularização, em que cada secretário ou diretor da Instrução e dos diversos órgãos da burocracia imperial informam a seu respectivo superior, tal fato é mencionado e todos os burocratas foram a favor da aprovação do Colégio sem estatuto além do emprestado do Patrocínio.

Este processo de reconhecimento da instituição proporcionou um alargamento do raio da documentação pesquisada a partir de Taubaté, contribuindo para a inclusão dos objetos da “sala de guardados” de Itu, pois mesmo tendo a possibilidade de terem

¹²² Dom José Pereira da Silva Barros foi seminarista no Seminário Episcopal de São Paulo, um dos mais importantes focos irradiadores do ultramontanismo idealizado e colocado em prática por Dom Antônio Joaquim de Melo), foi vigário de Taubaté, deputado provincial, bispo de Olinda, bispo do Rio de Janeiro, entre outros cargos eclesiásticos de importância. Em sua terra natal, Taubaté, foi o idealizador do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho e do Externato São José, da reabertura da Santa Casa de Misericórdia e de várias obras de caridade, todas com o auxílio sempre presente das irmãs de São José de Chambéry. Cf. WERNET, Augustin. *Op.cit.* 1987, p. 164; ABREU, Maria Morgado. *Taubaté: de núcleo irradiador do bandeirismo a centro industrial e universitário do Vale do Paraíba*. Aparecida, Editora Santuário, 1991, p. 54.

¹²³ Ofício de 21 de outubro de 1880, s/n, encaminhado ao Doutor Joaquim Cordeiro de Mello, respondendo a uma carta informal encaminhada por este ao monsenhor, em que, pode-se inferir, pedia ao monsenhor as informações educacionais necessárias para resolver as questões burocráticas e explicava os motivos da demora de se expedir a licença de funcionamento do colégio de Taubaté. No próprio ofício se lê: “agradeço muito cordialmente a V. Sa. o favor que fez-me de pedir informações em carta particular”. CDPH-UNITAU, Pasta “Bom Conselho – de 1878 a 1970”.

¹²⁴ *Ibidem*; Ofício do diretor da 2ª Diretoria da Secretaria de Estado dos Negócios do Império ao Presidente da Província de São Paulo, em 13/10/1880; “Parecer” de C. S. da Fonseca, em 25/10/1880, APESP, Ordem 5112, lata 91.

sido feitos em outras escolas da Congregação no Estado, estas tinham uma constância e regularidade nas formas de transmissão de conhecimento e execução do trabalho educacional, que irradiava de um mesmo centro, o Patrocínio em Itu, portanto, também são fontes para a pesquisa.

Além da datação encontrada em alguns objetos e da escolha de sua inclusão mesmo sem um referencial espacial definitivo, as amostras foram apresentadas às três ex-alunas da Escola de Taubaté, sendo que duas delas foram alunas durante a década de 1920: Maria José Alves Correia, apelidada de Nena, e Bernadete Faria. Também foi entrevistada uma aluna que frequentou o Colégio na década seguinte, Maria Darci Prospero de Alvarenga. As entrevistas foram usadas como comprovação das demais fontes e se estruturaram dentro dos procedimentos metodológicos da História Oral, mais especificamente o que José Carlos Sebe Bom Meihy classificou como “relatos em discussão paralela”¹²⁵.

Como foi explicado, Maria Darci estudou logo após o período recortado da pesquisa¹²⁶, porém, ela auxiliou significativamente na consolidação daquilo que vínhamos percebendo com relação à continuidade do trabalho desenvolvido nas escolas e sua unicidade, pois as amostras de Itu possuíam as mesmas características, dimensões, tipos de tecidos e fios, além de tipos de bordados que todas haviam feito em seu tempo de escola. Segundo Diana Gonçalves Vidal e Vera Lúcia Gaspar da Silva, “depoimentos auxiliam na recomposição do mapa de artefatos incorporados e/ou abandonados pela instituição escolar ao longo dos anos e indicam a impregnação dessa materialidade na constituição de subjetividades”¹²⁷.

As entrevistas ajudaram a entender os tipos de tecidos empregados, as técnicas ensinadas, os desenhos preferidos, a lógica de cada amostra e as formas de condução das aulas. A única diferença observada entre os anos 1920 e os anos 1930 foi uma pequena redução na carga horária das aulas de trabalhos manuais, que deixaram de ser diárias para serem feitas, segundo Maria Darci, em torno de três vezes na semana. Contudo, nenhuma das entrevistadas conseguiu localizar as suas amostras, feitas durante a permanência na Escola. Suas memórias muitas vezes se complementavam, com uma cobrindo a lacuna deixada por outra e ajudando também

¹²⁵ Os procedimentos metodológicos aqui são entendidos como ferramenta para a validação de outras fontes e onde as entrevistas não são o objetivo principal, mas como um recurso a mais para a comprovação das demais fontes. Foi elaborado um questionário simples, com questões específicas dos tempos de estudo de cada uma, mas não rígido e estático, com espaço para interações não pensadas previamente. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. São Paulo, Edições Loyola, 4ª edição, 1996, p. 45-46.

¹²⁶ Estudou na escola na década de 30.

¹²⁷ VIDAL, Diana G. e SILVA, Vera Lúcia G. *Op.cit*, 2010, 39.

na compreensão dos artefatos recolhidos na “sala de guardados”, que funcionavam como um condutor de memórias e de suas vidas¹²⁸ em uma época da vida em que aquilo que rege a atividade mnemônica é sua função social, pois a velhice seria o momento de olhar para trás e lembrar-se de sua efetiva inserção em uma sociedade¹²⁹, no caso aqui, seu pertencimento ao universo escolar de sua infância.

Para driblar as lacunas de uma documentação tridimensional calcada em objetos guardados em um espaço de memória da instituição, a ideia foi começar por tentar entender a lógica daquilo que foi selecionado para permanecer como registro material de um tempo. Dinah Eastop¹³⁰ alerta que, para se compreender a importância de um objeto em um grupo ou pessoa é preciso entender como e por quais razões indivíduos atribuem valores aos objetos, e que estes variam, sendo determinados culturalmente¹³¹. Entende-se que aquilo que foi guardado, portanto, foi representativo da instituição e dos valores caros à Congregação. A intenção é entender os motivos e a seleção de um grande número de objetos ligados às artes manuais e têxteis¹³².

A maior parte do acervo é de livros e objetos ligados à devoção das irmãs, como súmulas e encíclicas papais, livros religiosos, cadernos de devoção, além de imagens, toalhas e rendas de altar para as práticas religiosas. Estes objetos não estão ligados diretamente à Escola e para a pesquisa serão usados aqueles que ajudam a entender o projeto educacional, as normas e condutas das irmãs. Para compreender estes princípios normativos, foi de muita ajuda o manual *Máximas de Perfeição*. Sua importância reside no fato de ter sido criado pelo padre jesuíta Jean Pierre Médaille, fundador da congregação em 1650, no Puy, França¹³³. Sua intenção foi reunir jovens e viúvas interessadas em consagrar-se a Deus para servir ao próximo. Para nortear os trabalhos missionários e a consagração das irmãs, este padre escreveu aquilo que seria o manual prescritivo de comportamento caritativo para Deus, o pequeno livro

¹²⁸ PEARCE, Susan. *Op.cit*, 2001, p. 195.

¹²⁹ BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 60-63.

¹³⁰ EASTOP, D. 2007. Material culture in action: conserving garments deliberately concealed within buildings. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, Jan-Jun 2007, 187-204.

¹³¹ *Ibidem*, p. 188.

¹³² CARVALHO, Vânia Carneiro. *Op.cit*, 2008, p.28.

¹³³No entendimento do clero católico no Concílio de Trento, o livre arbítrio é um fator de desvirtuamento do homem, sendo necessário que este busque a absolvição de seus pecados para sua salvação. Para as resoluções tridentinas, o homem deve buscar um estágio de santificação, de constante busca pela graça de Deus. Muitas ordens religiosas surgiram como consequência do Concílio de Trento, reafirmando o caminho católico da salvação. É neste contexto que surge a Congregação das irmãs de São José de Chambéry, em Puy, França, no século XVII, em um projeto conjunto do Bispo de Le Puy, D. Henrique Cauchon de Maupas de Tour e do jesuíta Jean-Pierre Médaille, autor do manual Cf. AZZI, *Op.cit* 2012a, p. 16-17.

Máximas de Perfeição, voltado para pessoas que “aspiram a santidade com uma teologia aplicada à vida”¹³⁴. Nele vemos o entendimento de como proceder diante de vários desafios que a vida secular, longe dos mosteiros e conventos, apresenta. É também a base da educação pensada pelas irmãs em seus colégios.

Maria Isa Gerth Cunha utiliza o texto para demonstrar como os ideais escritos por ele norteiam a conduta da provincial¹³⁵ da Congregação no Brasil, a madre Teodora de Voiron. As *Máximas* dão a linha mestra de sua atuação, com sua conduta e vida exemplar dedicadas ao amor por Cristo, à abnegação de suas vontades e à aceitação do sofrimento. Sua ascensão ao posto, em substituição à irmã Basília, morta ainda durante a viagem ao Brasil, deu-se justamente por ela combinar obediência e abnegação inimagináveis à sua pouca idade. A superiora da Congregação, madre Marie Felicité, escolhe a irmã Maria Teodora por perceber sua fé inabalada em “Nosso Senhor”. Mas nem todos viam as qualidades percebidas pela superiora. Gerth usa a biografia da irmã onde descreve como foi este evento:

Ao ver aquela jovem de 24 anos, o bispo Antônio Joaquim de Melo exclama: “mas, é uma criança! Uma criança! Que faremos com uma criança!” percebendo o desagrado, Irmã Maria Teodora procura o Reitor do Seminário Episcopal e Diretor espiritual das Irmãs, Frei Eugênio de Rumili e responde: “diga-lhe que não se aborreça por minha causa. Ser-me-á agradável qualquer cargo, ainda mesmo o último”¹³⁶.

D. Antônio resolve manter a substituta, irmã Maria Justina Pepin, mas testa durante todo o tempo suas virtudes, que ao final reconhece:

Para pô-la a prova, ordenava (I^a Pepin, sob orientação de D Antônio Joaquim) que copiasse modelos de tapeçaria; depois de pronto o trabalho, mandava desmanchar.

Paciente, obediente, resignada, a fiel serva do Senhor, executava trabalhos manuais. Impressionado com o que via e ouvia sobre aquela eleita, D. Antônio apressa-se em corrigir o engano, colocando-a no cargo para o qual foi designada¹³⁷.

Paciente, obediente, resignada, tudo o que indicava o manual *Máximas* para se conseguir a perfeição diante de Deus. Certamente, a sobrevivência da história da madre Teodora de Voiron, alimentada e talvez lapidada pelas irmãs, é mais um indício

¹³⁴ MÉDAILLE, Jean Pierre. *Máximas de Perfeição*. Edição da congregação, Porto Alegre, 2010.

¹³⁵Muitas instituições religiosas se organizam em províncias, que podem ser regiões ou países de atuação. O superior hierárquico de uma província recebe a designação de provincial. No caso da Congregação de São José, a primeira provincial foi madre Maria Theodora Voiron. Cf. CUNHA, Maria Isa G. *Op.cit.*, 1999, p 49-54.

¹³⁶SILVA, Olívia Sebastiana. *Uma alma de fé: Madre Maria Teodora Voiron*. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1948, p. 107; CUNHA, Maria Isa G. *Op.cit.* 1999, p. 52.

¹³⁷ *Ibidem.* p, 52.

do que se queria ressaltar nos ensinamentos do Manual. Mas a passagem evidencia também a importância dos trabalhos manuais de tapeçaria (neste caso) ou bordados para conquistar tal desempenho. Ele é o meio para atingir a santificação e conduta ilibada esperada das irmãs e das moças que lá iam estudar. Para as moças, essa convergência estava representada no exímio ensino do bordado, pois agregava as qualidades muito valorizadas para meninas, tornando-as objeto de elogios e orgulho.

Além do *Máximas*, as *Chroniques de la Congrégation des Soeurs de Saint-Joseph de Chambéry*¹³⁸ e a *Poliantheia em homenagem à Madre Maria Teodora de Voiron, Superiora das Irmãs de São José de Chambéry no Brasil*¹³⁹ são fontes valiosas para compreender as concepções de mundo e o contexto de desenvolvimento da obra educacional ultramontana. Por meio delas, é possível verificar como algumas proeminentes figuras públicas do Estado de São Paulo e a Congregação a viam, além de deixar vislumbrar em suas entrelinhas as formas de pensar a mulher na sociedade brasileira do fim de século XIX e início do XX. A *Poliantheia* é bastante útil para isso, pois é possível aferir que a iniciativa de produzir todo o livro e o convite às autoridades da época para participarem do projeto foi de D. Anna de Queiroz Telles Tibiriçá¹⁴⁰, eminente senhora da sociedade paulista e presidente da Comissão Executiva do 60º aniversário da fundação do Colégio de Nossa Senhora do Patrocínio. Contudo, apesar da iniciativa e organização do livro vir da comissão¹⁴¹, a primeira parte tem textos assinados por homens públicos. Já os textos explicativos da ação missionária das irmãs são de autoria das alunas e ex-alunas, apesar de receberem apenas a assinatura “A Comissão Executiva”. Os papéis são bem definidos: o trabalho feminino, responsável por organizar as comemorações, fica eclipsado como uma obra coletiva e anônima, enquanto as “proeminentes” figuras do espaço público masculino têm sua autoria individualizada.

Os materiais didáticos reunidos na “sala de guardados” são, comparados ao número de amostras de trabalhos manuais, relativamente pequenos. Restringem-se a uma coleção de livros didáticos para aula de, novamente, trabalhos manuais, e uma

¹³⁸*Chroniques de la Congrégation des Soeurs de Saint-Joseph de Chambéry*. Chambéry, Imprimeries Réunies. 1936, Livro XII.

¹³⁹ O livro comemorativo foi organizado por ex-alunas do colégio de Itu, elas próprias pertencentes ao grupo ‘Filhas de Maria’ para a comemoração dos 60 anos de trabalhos missionários no Brasil de Madre Teodora, superiora da congregação e grande condutora das obras educacionais e caritativas.

¹⁴⁰Ex-aluna do Patrocínio, filha de Antônio de Queiroz Telles, Conde de Parnaíba, e esposa de Jorge Tibiriçá, ex-presidente do Estado de São Paulo, ex-senador estadual e ex-secretário da Agricultura.

¹⁴¹Esta comissão também tinha outras senhoras da elite econômica e política do estado: Rita de Mesquita Sampaio, Julia Cintra do Prado, Dalila Barroso de Souza, Maria da Glória Nebias Motta e Guiomar de Itatiba Pentead.

coleção de seis cadernos da aluna do Patrocínio Valentina Barros Civatti, escritos entre 1885 e 1886. Algumas poucas cartilhas e um caderno de uma aluna da Escola Normal, das décadas de 1940 e 1950 também constituíam o acervo, mas não foram selecionados.

Por aquilo que se escolheu guardar, vê-se uma prevalência de materiais provenientes das aulas das disciplinas de prendas domésticas e de obras de gosto. Talvez o desmantelamento de toda a rede de ensino da Congregação, ao final dos anos 1960, tenha sido melancólico a ponto das irmãs pouco se preocuparem com seus objetos de ensinar. Porém, ao contrário de um possível desleixo ou esquecimento, pode-se pensar que a guarda dos diversos tipos de trabalhos manuais, coisa rara se reconhecermos que outras escolas não deixaram vestígio de práticas semelhantes, demonstra que este universo era bastante caro à Congregação. Um indicativo da identificação dos valores da Congregação com estes trabalhos vê-se logo ao lado da entrada do edifício do Patrocínio, em Itu, onde há uma sala para exposição e venda de trabalhos manuais feitos nos dias de hoje.

Também foram selecionados periódicos de circulação local, pois, segundo Marta Maria C. Carvalho¹⁴³, a historiografia educacional ganhou um grande escopo documental ao alargar sua problemática para além das leis, regulamentos, anuários de ensino, preceitos e doutrinas. Esta ampliação contribuiu para se investigar, através dos jornais, os discursos em disputa na implementação de modelos educacionais. Marilena Camargo analisou através dos jornais as lições prescritivas de moralidade e comportamento da escola¹⁴⁴.

Em Taubaté isto não foi diferente e muitos jornais explicitavam os conceitos educacionais e os papéis femininos caros a eles, principalmente aqueles que contavam com seções femininas e discussões sobre educação e cuidados com a família, que contribuem para entender os papéis sexuais propostos por esta sociedade. Foram selecionados, portanto, os jornais *Gazeta de Taubaté*, *A Semana: Folha Democrata*, *O Taubateano*, *O Operário*, entre 1879, ano da inauguração do Colégio, e 1919.

Entender a importância das exposições e projeção dos trabalhos de agulha e obras de gosto produzidos no interior das escolas femininas é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Para demonstrar esta importância, foram

¹⁴³ CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A Escola e a República*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003, p. 260-261.

¹⁴⁴ CAMARGO, Marilena. *Op. cit.*, 2000, p. 161-167.

selecionados periódicos femininos de grande circulação no estado de São Paulo, principalmente os periódicos *A Cigarra* e *Revista Feminina*. Nelas vemos várias menções às exposições de escolas públicas e particulares. Também vemos matérias sobre algumas cidades do interior paulista, muitas coincidentemente com escolas da Congregação, como Itu, Campinas, Jaú, Taubaté, etc...

Jacques Le Goff comenta que uma excelente forma de ver como uma sociedade pensa a História seria através do estudo dos livros didáticos produzidos para esta disciplina¹⁴⁶. O que dizer então da escola? A escola é uma forma igualmente interessante de compreender os valores caros de uma sociedade, aqueles que são dignos de seu ensino e perpetuação, e é através do currículo que isso se descortina. A cultura escolar mostra aquilo que queremos ser, mas também aquilo que efetivamente somos, em um processo de transformação que tenta sublimar o indesejado e enaltecer o que se quer manter, ou até forjar. Os livros didáticos e os materiais produzidos para o processo educativo são fundamentais para garantir o sucesso da empreitada e ajudam a compreender as ideias que circularam na escola. Contribuem, conforme Chartier, para compreender a apropriação dos discursos através da articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito¹⁴⁷.

Neste sentido, privilegiaram-se os manuais didáticos do contexto escolar àqueles pensados para o grande público, ou para o lar. Isso porque os manuais e livros didáticos encontrados na escola de Itu referem-se apenas às aulas de trabalhos manuais, sem nenhuma alusão à etiqueta ou à boa conduta. E são de dois tipos diferentes: dois exemplares ingleses de trabalhos de agulha, *Home Needlework Magazine*, de 1904 e 1905, e uma compilação de cinco livros intitulados *Trabalhos Manuaes: para o 1º até o 5º anno de ambos os sexos*, dos professores D^a Rosina Nogueira Soares e Miguel Milano¹⁴⁸. Os manuais não contêm data de publicação, mas em seu prefácio consta uma ressalva de que a obra está de acordo com o Anuário de ensino de 1913, por isso optou-se em considerá-los.

Na Biblioteca de Livros Didáticos da FE-USP foram encontrados outros tipos de manuais úteis para esta pesquisa, mas também livros de catecismos e de boa conduta para crianças. Reitera-se novamente que a preferência na seleção foi por manuais que se circunscreviam ao universo escolar, pois a idade das alunas variava entre 5 e 16 anos, sendo pouco provável que elas tivessem acesso livre a obras direcionadas às

¹⁴⁶ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Editora Unicamp, 2003, p. 48.

¹⁴⁷ CHARTIER, Roger. *Op.cit.* 1990, p. 24-26.

¹⁴⁸ SOARES, D^a Rosina Nogueira e MILANO, Miguel. *Op.cit.*, s.d..

mulheres adultas, mesmo que, como bem demonstrou Simone Andriani ¹⁴⁹, estes manuais tenham servido para prescreverem condutas corporais e de representação do feminino que combinavam com as concepções conservadoras do ultramontanismo. Estes manuais, contudo, não eram materiais destinados ao uso escolar, contribuindo mais para a compreensão do contexto do que propriamente para pensar as práticas educacionais de dentro da escola. A escolha se direcionou então para aqueles de provável uso pedagógico: três *catecismos* do início de século XX¹⁵⁰, *O Lar*, com várias histórias sobre comportamento infantil e moral, *Trabalhos Manuaes*, também de D^a Rosina Nogueira Soares e Miguel Milano, sobre trabalhos de bordado, tricô, crochê direcionado às meninas e moças, e *El Trabajo Manual*, direcionado a meninos, em que o foco das aulas de trabalhos manuais está na marcenaria.

Por fim, na “sala de guardados” estão as amostras de bordados e trabalhos com papel rendado, os *canivets*, organizados em pastas contendo 26 páginas com inúmeras amostras de crochê, tricô, macramê, bordados de vários tipos, técnicas e formas, e nove páginas de amostras de *canivets* com mensagens religiosas ou formando ramalhetes espirituais, com um breviário de ações religiosas feito por aluna. Práticas religiosas validadas e tornadas públicas pelos objetos produzidos na Escola ajudavam no sistema de disciplinamento e ordem da Escola e punham em destaque algumas alunas.

Objetos ajudam no processo de disciplinamento, mas não são um agente social promovedor de alguma ação. Sua importância era atribuída pelas irmãs e alunas, mostrando, conforme explicado por Alfred Gell¹⁵³, que os objetos não são agentes autossuficientes, pois são os humanos que atribuem sentidos a eles, mas eles são parte constitutiva de uma cadeia de ações – aluna devota, que elabora um caprichoso trabalho de papel rendado para tornar pública sua devoção, que por seu turno permite receber menção honrosa por seu comportamento, que, como consequência, recebe fitas com medalhas, o que torna ainda mais explícito seu comportamento e que garante o seu ingresso ou permanência em um grupo seletivo de alunas escolhidas para ser

¹⁴⁹ SANTOS, Simone Andriani dos. *Senhoras e criadas no espaço doméstico, São Paulo (1875-1228)*. São Paulo, Dissertação (mestrado), FFLCH-USP, 2015.

¹⁵⁰ Vale lembrar, como aponta Riolando Azzi, que foi o ultramontanismo, em especial as escolas da congregação de São José, que trouxe ao Brasil a Primeira Comunhão como forma de transmitir os ensinamentos do catolicismo tridentino às crianças, pois este movimento desejava “re Cristianizar” o país, já que a marca do catolicismo brasileiro herdado da colonização era principalmente devocional, pouco condizente com o catolicismo romanizado. Cf. AZZI, Riolando. *Op.cit.* 2012a, p. 166

¹⁵³ GELL, Alfred *apud* BOIVIN, Nicole. The Agency of Matter. In: _____. *Material cultures, material minds: the impact of things on human thought, society, and evolution*. New York, Cambridge University Press, 2008, p. 139-140.

Filhas de Maria, que novamente torna público seus trabalhos, isso tudo em uma cadeia de relações sociais que garantem visibilidade às alunas, que Goggin chama de *display of submission*¹⁵⁴, sempre intermediado por objetos, que possuem, como entende Bruno Latour¹⁵⁵ um “programa de ação”.

V. Estrutura da dissertação

O objetivo é mostrar o quanto os sentidos dos objetos provêm das práticas sociais em que estão inseridos e como se imbricam nas concepções religiosas do ultramontanismo, servindo de suporte para inculcar valores e práticas específicas deste projeto no que concerne ao papel da mulher.

Para melhor tecer a trama que se articula entre bordado-escola-mulher, a dissertação se propõe a desenvolver uma reflexão a partir dos questionamentos que emergiram diante da documentação.

Portanto, no primeiro capítulo, intitulado: “A trama da Feminilidade – adornos da mulher”, a intenção é mostrar as qualidades requeridas pelo discurso dominante, incluindo o ultramontano, para a mulher. Para isso, é analisado o conceito de feminilidade; como se deu a difusão desse conceito através dos manuais de civildade, dos livros didáticos, na literatura, nas escolas e atividades pedagógicas; e, por fim, como estes elementos se encontram no universo escolar e como a materialidade atua sobre eles.

A partir da noção de feminilidade construída no primeiro capítulo, o segundo capítulo, “Bordando a perfeição”, visa demonstrar como o bordado e todos os tipos de trabalho de agulha colaboraram nesta construção. A intenção é mostrar como trabalhos manuais foram indispensáveis para a incorporação, através de sua dinâmica e forma de realização, de uma série de condutas motoras e normativas que ajudavam na elaboração da mulher-esposa e mãe ideal do período, assim como permitiram entender as relações de poder que se estabeleceram, mesmo que afásicas e invisíveis para seus próprios agentes.

¹⁵⁴ Parte importante da formação de uma menina é tornar-se ‘mulherzinha’, que seria, para a autora, uma forma de inculcar obediência e paciência como forma de tornar-se mulher. A autora demonstra por meio de imagens, o costume de mulheres serem retratadas segurando objetos têxteis, como tricô, bordados, tesouras de costura e afins para exhibir, evidenciar, através destes artefatos, suas características femininas socialmente aceitas. Cf. GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes. *Women and the material culture of needlework and textiles (1750-1950)*. Farnham, England Burlington, Ashgate, 2009, p. 17.

¹⁵⁵ LATOUR, Bruno. The Berlin Key or how to do things with words. In: P.M. Graves-Brown. *Matter, Materiality and Modern Culture*. London, Routledge, 1991, p. 10-21.

A ideia é mostrar como os discursos normativos da mulher mãe e esposa ideal, casta, devotada, higiênica, econômica, disciplinada e bela encontraram na escola um ambiente fértil para sua reprodução. Tanto nas escolas públicas, como nas particulares e, principalmente, religiosas, o ensino era desenvolvido para a plena realização desse ideal, desenvolvendo uma cultura própria, em que todos os espaços escolares, seus agentes, seu ensino formal e informal, seus materiais didáticos e organização escolar convergiram com os padrões enunciados na imprensa, nos manuais de civildade e nos discursos educacionais. Os objetos da escola entram aqui para respaldar as análises, cuja intenção é mostrar como a materialidade viabiliza a vida social. No caso de trabalhos de agulha, como bordado e costura, esses objetos estavam não somente em consonância com a representação social da feminilidade vista no capítulo anterior, como ajudam ativamente a constituir tais representações, envolvendo o corpo e suas condutas, naquilo que Warnier chama de síntese corpo-objeto¹⁵⁶.

Já no terceiro capítulo, “Costurando o comportamento”, o que se pretende é mostrar como as aulas de trabalhos manuais dentro das escolas religiosas colaboraram na construção de um comportamento disciplinado e devotado, dentro dos paradigmas estabelecidos pelo ultramontanismo e pela doutrina religiosa da Congregação, usando as diferentes técnicas e tipologias de bordados. Para isso, mobilizaram-se amostras de trabalhos de agulha tanto de materiais didáticos quanto do acervo da Congregação de São José para mostrar como o bordado com amostras, os bordados em branco e os trabalhos em papel permitiram a construção de um corpo disciplinado e devoto.

No quarto capítulo, “O direito e o avesso – visibilidade e invisibilidade femininas”, o objetivo é mostrar como estas aulas permitiram a criação de espaços aceitáveis de sociabilidade feminina. Porém, essa sociabilidade esbarrava nos discursos normativos e projeto educacional reformador, criando uma paradoxal relação entre visibilidade e invisibilidade feminina, que passava pela pedagogia da emulação por um lado, e a valorização da humildade por outro, sem esquecer o universo invisível das alunas órfãs da congregação.

¹⁵⁶ WARNIER, Jean-Pierre apud CARVALHO, Vânia C. *Op.cit*, 2008, p. 68.

CAPÍTULO 1. A trama da feminilidade – adornos da mulher.

Não há preparação de corações e de inteligências sem guias seguros. Embora sejam os homens os responsáveis pela direcção dos negócios, que só a elles é confiada, no entanto o homem nasce da mulher e é esta que há de preparar o seu coração e a sua intelligencia. A formação da mulher para o sublime ministério de Mãe – e é á Mãe que compete preparar o coração e a intelligencia do filho – é uma das mais sublimes funcções que Deus possa ter confiado a creaturas. Para isso, porém, é preciso que não haja preocupação de outra espécie, que o sacrificio seja continuo e que não haja desfallecimentos. As beneméritas Irmãs de São José de Chambery, que há uma dúzia de lustros installaram-se na cidade de Itú, Esposas do Cordeiro Immaculado, sem fazer outra preocupação além de salvar as suas almas e fazer o bem ao próximo, sacrificando-se todos os dias por Nosso Senhor Jesus Christo, que lhes dá força e coragem quotidianamente na união Eucharistica, tem sido durante esse tempo as heroínas da formação da mulher paulista, da mulher brasileira.

Benedicto, Bispo do Espírito Santo, 1919¹⁵⁷.

Segundo Rozsika Parker¹⁵⁸, o século XIX elaborou uma rígida ideia de feminilidade, da mulher e de seu papel social. A rainha do lar, a mãe, a abnegada educadora das gerações, responsável pelo futuro da nação, estandarte da moral e dos bons costumes e a base da família, sobre a mulher repousava todo o sucesso dos seus entes e da sociedade. Portanto, seu ofício é o cuidado. Seu palco é o lar. Seu modelo normativo é inspirado nos arquétipos do cristianismo e também dentro dos pressupostos médico-higiênicos tão presentes e que espelhavam a cultura vigente, em que a representação feminina foi imposta pela religião, estado e sociedade. Entre os mecanismos de inculcação desta feminilidade, a escola mostrou-se um espaço privilegiado, pois seu modelo conseguiu convergir interesses dos diversos setores da sociedade, exprimindo uma quase unanimidade sobre a representação feminina. Mas a escola ensina através de seu currículo; tanto intencional, como o não intencional; suas aulas; materiais produzidos. Mesmo com o padrão adotado de escolas separadas por sexo e idade, a maior parte do currículo obrigatório era igual para meninos e

¹⁵⁷ O texto faz parte de efeméride feita nos 60 anos de atuação da Madre Maria Theodora Voiron no Brasil que contou com textos de várias personalidades públicas e eclesiásticas da época. *Polianthéa de Homenagem à Madre Maria Theodora Voiron*, Itu: 1859-1919. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1919, p. 97.

¹⁵⁸ PARKER, Rozsika. *The Subversive Stitch: Embroidering and the making of the feminine*. London and New York, I. B. Tauris, 2010, p. 1-16.

meninas, principalmente nos primeiros anos de escolaridade. Então, como as diferenciações de gênero podem ser construídas em um ambiente que tende à uniformização? O que havia de específico? No currículo pensado para meninas e moças havia uma especificidade: aulas de trabalhos de agulha e de prendas domésticas.

Mesmo acreditando que as demais disciplinas colaboravam para as clivagens de gênero, com formas, objetivos e espaços diferenciados, as aulas de trabalhos de agulha constituíram um espaço privilegiado para a construção da feminilidade, pois a elaboração de bordados, rendas, crochês, tricôs, roupas e prendas domésticas colaboraram para o desenvolvimento de condutas corporais específicas da feminilidade e ainda ajudaram a sedimentar a imagem de dedicação e entrega aos cuidados da família e do lar. E entre os modelos educacionais, o ensino do tipo confessional dedicou especial atenção aos trabalhos de agulha e à inculcação do modelo de moralidade cristã, que será aqui analisado a partir da atuação das irmãs de São José de Chambéry.

A congregação de São José de Chambéry contou, na segunda metade do século XIX e primeira do XX, com uma extensa rede de aproximadamente 24 instituições¹⁵⁹, de ação social entre escolas, santas casas, asilos e orfanatos em toda província, posteriormente estado de São Paulo, rede que só se tornou possível graças à aliança entre igreja e oligarquia, como já apontado. Essa aliança pode ser percebida geográfica e economicamente, pois orbitava a riqueza do café, do Vale do Paraíba ao Oeste Paulista. As elites das duas regiões podiam até possuir suas diferenças com relação aos projetos políticos e econômicos em curso, mas viam na instrução religiosa uma sólida referência para a educação feminina.

1.1. As qualidades do feminino:

Devotada, casta e higiênica.

Mãe, esposa, dona de casa, alicerce da família cristã, primeira educadora, cuidadora do lar. Todas as qualidades elencadas acima faziam parte do que se compreendia como feminilidade. Rozsika Parker, concordando com Beauvoir, entende a feminilidade como uma construção social e psicológica, assim como o bordado. A

¹⁵⁹ Essas instituições estavam presentes nas cidades paulistas de Itu, São Paulo, Campinas, Taubaté, Pindamonhangaba, Franca, Guapira, Piracicaba e Jaú. Posteriormente, estendeu seus trabalhos no sul de Minas, na região Sul e por todo o Brasil. Cf. MESGRAVIS, Laima. *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1984)*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1976; WERNET, Augustin. *Op.cit.* 1987; AZZI, Riolando. *Op.cit.* 1996, 2008; MANOEL, Ivan. *Op.cit.* 1988; GAETA, Maria Aparecida. *Op.cit.* 1997.

convicção de que ele é natural entre mulheres, mas não entre homens, é recorrente e consequência de uma ideologia da sociedade patriarcal que sancionava uma rígida diferenciação entre os papéis sociais¹⁶⁰, que para Julia Lopes de Almeida em seu *Livro das Noivas*¹⁶¹ resultavam na felicidade humana:

A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a patria supplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige maior exemplo de dignidade e de moral. Com a educação superficialíssima que temos, não meditamos nisso, e levamos de continuo a queixar-nos de que é nullo o papel que nos confiaram... Como poderíamos, todavia, encontrar outro e mais amplo e mais sagrado?¹⁶²

Imagens religiosas ajudaram na construção destes papéis sociais. Geraldine A. Johnson analisou a importância que as esculturas da Madonna e seu Filho desempenharam no ideal de casamento, maternidade e comportamento no início da Era Moderna. O contexto religioso reformador deu forte enfoque à devoção mariana nas práticas religiosas, incrementando um comportamento feminino piedoso, com o culto a Maria e ao pequeno Jesus como estratégia para humanizar e aproximar as práticas devocionais dos católicos, mas também por verem na relação entre Maria e Seu Filho as bases de um comportamento modelar baseado na entrega física e mental da Virgem-mãe. Essa concepção religiosa marcou a forma de se pensar a maternidade, o casamento e, principalmente, o papel feminino ao longo do tempo¹⁶³.

Neste papel, a honra familiar era marcada pelas atitudes da mulher. Arlette Farge¹⁶⁴ percebe essa importância dentro do sistema de valores familiares na França do século XVIII, em que mostrou como a injúria era comumente encontrada nos arquivos judiciais como forma de atacar indivíduos e famílias através da dúvida da conduta e virtude feminina¹⁶⁵. Tal ideia ganha maior repercussão e importância no

¹⁶⁰ PARKER, Rozsika. *Op.cit.* 2010, p. 1-16.

¹⁶¹ ALMEIDA, Júlia Lopes. *O Livro das Noivas*. Rio de Janeiro/São Paulo/Minas. Francisco Alves & Cia., 1905.

¹⁶² *Ibidem*, p. 13.

¹⁶³ O ensaio foca no papel das esculturas e imagens da Virgem e do Menino nos rituais devocionais, matrimoniais e procriativos na Itália do século XV. Foi possível observar que o uso de pequenas estátuas e pinturas para exibição doméstica tornara-se mais comum por toda a Europa, mas foi na Itália que artistas como Donatello, Lorenzo Ghiberti, Luca della Robbia e Jacopo della Quercia desenvolvem um novo gênero para ilustrar esta imagem devocional. Além de pensar aspectos formais de criação e difusão dos elementos estéticos e dos artefatos em si, a autora também procurou fornecer um contexto mais completo sobre o papel que estas imagens Marianas desempenharam ao abordar as preocupações modernas sobre o nascimento e o casamento. JOHNSON, Geraldine A. Beautiful Brides and Model Mothers. In: MACCLANAN, Anne L. e ENCARNACIÓN, Karen R.. *The Material Culture of Sex, Procreation and Marriage in Premodern Europe*. Palgrave Macmillan, US, 2002. P, 135-161.

¹⁶⁴ FARGE, Arlette. Famílias. A honra e o sigilo. In: CHARTIER. Roger (org). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 559-594.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 570.

século XIX, como atesta Michelle Perrot, para quem a honra é um atributo muito mais moral e biológico do que econômico, e recai sobre a mulher geralmente pelo erro sexual, o nascimento ilegítimo¹⁶⁶.

Para Foucault, a sexualidade é um elemento das relações de poder, não a única, mas um dos dotados de maior instrumentalidade, cabendo a ela as inúmeras estratégias e dispositivos para reproduzir um sistema de regras que define o permitido e o proibido dentro das técnicas de poder¹⁶⁷. Certeau chama de maquinaria¹⁶⁸. Gabrielle Houbre¹⁶⁹ mostrou como a percepção da sexualidade feminina mudou do Iluminismo para o século XIX. O enciclopedismo rompeu parcialmente com a inocência das meninas e descortinou os “mistérios da vida”. Contudo, o papel e as reivindicações femininas ao longo da Revolução, aliados à possível curiosidade despertada por este saber, levaram a burguesia a se posicionar de maneira contrária a essas influências vistas como perniciosas, movimento que impulsionou a busca de refúgio na tutela da Igreja e na figura idealizada da mãe¹⁷⁰. A consequência disso foi o desenvolvimento de uma educação moral inibidora para as meninas, com uma forte valorização da inocência, da castidade, do pudor e da pureza, ideal católico da virgindade, constituindo-se todo esse conjunto como qualidades inerentes da “donzela”. Nesse sentido, se no século XVIII as meninas poderiam pensar ainda que minimamente sobre seu futuro matrimonial, no XIX elas perdem essa faculdade sob o perigo de terem sua inocência maculada com revelações perigosas e sua educação deveria ser pautada sobre a preservação de sua castidade¹⁷¹.

Neste ideal construído, conforme mostrou Jane Soares de Almeida, em que a expectativa da mulher considerada honesta era o casamento e a maternidade, as meninas deveriam ser preparadas desde cedo, em casa e nas escolas confessionais ou laicas¹⁷². Para esta preparação, as aulas de trabalhos de agulha eram parte

¹⁶⁶ PERROT, Michelle. Dramas e conflitos familiares. In: *Op.cit*, 2009, p. 250.

¹⁶⁷ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*, v.1. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, p. 99.

¹⁶⁸ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Nova edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1998, p. 239-240.

¹⁶⁹ HOUBRE, Gabrielle. Inocência, saber, experiência: as moças e seu corpo fim do século XVIII/começo do século XX. In: MATOS, Maria Izilda S. de e SOIHET, Rachel (org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo, Unesp, 2003, p. 93-106.

¹⁷⁰ A autora mostra que o saber médico começou a se impor à influência da igreja analisando como o enciclopedista Diderot transmitiu a sua filha os “mistérios da vida” utilizando-se dos novos ditames derivados do saber médico, *idem*, p. 93-95.

¹⁷¹ Segundo a autora, a partir de 1820, o movimento ultramontano assume o poder e promove sua centralização doutrinária, resultando em um moralismo ainda mais repressivo. Cf. HOUBRE, *idem*, 97.

¹⁷² ALMEIDA, Jane Soares. Mulheres na Educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX no Brasil. In: SAVIANI, Demerval. *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, Autores Associados, 2004, p. 67-68.

preponderante da educação. A diferença de tratamento desta disciplina nas escolas laicas e confessionais se dava mais sobre o papel que estes trabalhos desempenhariam nos diferentes segmentos sociais. Para as alunas de baixa renda da escola pública, ou órfãs das escolas confessionais, esta preparação envolvia aprender a cuidar do próprio lar, mas também a profissionalização¹⁷³. Já para as alunas das elites rurais e urbanas da época, estas aulas buscavam desenvolver habilidades para a demonstração de refinamento e de senso estético exibido em reuniões sociais e no gerenciamento do lar. Novamente, a literatura ajuda a iluminar um pouco como esta relação entre bordado, feminilidade e castidade, voltada para a preparação para o matrimônio e maternidade, amalgamaram-se de tal forma a ponto de se naturalizarem:

[...] Helena praticava de livros ou de alfinetes, de bailes ou de arranjos de casa, com igual interesse e gosto, frívola com os frívolos, grave com os que o eram, sem entono nem vulgaridade. Havia nela a jovialidade da menina e a compostura da mulher feita, um acordo de virtudes domésticas e maneiras elegantes. Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da magnífica voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela... era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. **Entendia de costura e bordados e toda a sorte de trabalhos feminis**¹⁷⁴.

[...] Eu, pelo meu lado, - inocente e pura, educada sob os mais austeros exemplos de moral e virtude, tendo feito a minha aprendizagem doméstica sem prejuízo dos meus pequenos dotes sociais; sabendo coser, como sabendo bordar; dirigir os serviços dos criados, governar uma casa, como sabendo tocar piano, receber visitas e dançar uma valsa; e mais; tinha boa ortografia, alguma leitura, que não era composta só de maus romances, um pouco de francês, um pouco de inglês, um pouco de desenho, sessenta contos de dote, princípios religiosos bem regulados, caráter sereno, temperamento garantido por hereditariedade natural, seguros hábitos de asseio, alinho e gosto no vestir, que nada deixavam a desejar quanto à elegância, mas que jamais roçavam, nem de leve, pelos arreboques do janotismo equívoco¹⁷⁵.(grifo da autora)

O interessante a notar é que estes trabalhos eram tão associados ao caráter feminino, que, nas personagens femininas de conduta desviante, era frisada a ausência de seu gosto por eles.

[...] Ela porém, que tivera muitos amantes ricos; ela que causara rixas, suicídios e assassinatos, morrer era uma iniquidade sem nome! Não era mulher comum, ela, a Lola, a Lola desejada por tantos homens; a Lola, amante do Freitas, que gastava mais de um conto de réis por mês nas coisas triviais da casa, não podia nem devia

¹⁷³ OLIVEIRA, Maria Augusta M. e AMARAL, Giana Lange. *op. cit.*, 2015, p. 395.

¹⁷⁴ ASSIS, Machado. *Helena*. 9 ed. São Paulo, Ática, 1979, p. 24-25 [1876].

¹⁷⁵ AZEVEDO, Aluísio de. *O livro de uma sogra*. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia, 1951 [1895], p. 15.

morrer. Houve então nela um assomo íntimo de revolta contra o destino implacável.

Agarrou a blusa, ia vesti-la, mas reparou que faltava um botão. Lembrou-se de pregá-lo, mas imediatamente lhe veio a **invencível repugnância que sempre tivera pelo trabalho manual**. Quis chamar a criada: mas ia demorar. Lançou mão de alfinetes¹⁷⁶. (grifo da autora)

A literatura ficcional ajuda esta pesquisa ao mostrar, como salienta Vânia Carvalho, que suas tramas e situações são plausíveis para a época abordada e possuem grande verossimilhança com as realidades tratadas, o que permite vê-las como importante via de acesso à informação sobre a educação e a expressão dos modelos femininos da sociedade da época¹⁷⁷.

O saber médico soma a essas concepções morais outros ingredientes ao se institucionalizar como produtor de uma percepção que transformou a visão sobre a doença, as formas de contágio, o corpo e a noção de limpeza. Era preciso mudar os hábitos e as atitudes, salvar a sociedade de suas patologias. Segundo Maria Izilda Santos de Matos¹⁷⁸, esse saber foi decisivo na configuração de pautas culturais e normativas que permitiram que o médico exercesse controle sobre a vida de homens e mulheres, disciplinando e ordenando comportamentos associados à sexualidade. A sociedade era um corpo que precisava de prescrições para se tornar saudável. Para a doutrina médica higienista, todos os aspectos da vida deveriam seguir os parâmetros sanitaristas¹⁷⁹.

Neste projeto, o lar e a família desempenhavam papel importante na difusão dos novos hábitos higiênicos, sendo a figura materna seu esteio. Para garantir a saúde de todo o corpo social, a mulher, agora agindo sob a tutela médica, tornara-se o exemplo de retidão moral. Novamente, a construção do ideal feminino valorizava a educação moral e a boa conduta, que se delimitava principalmente no âmbito da sexualidade, circunscrita em seu papel reprodutor e maternal.

A difusão dos ideais higienistas coincide com o processo de urbanização brasileiro. Não ficou apenas circunscrito aos grandes centros urbanos, onde a concentração de pessoas era vista como espaço fértil para epidemias e outras

¹⁷⁶ BARRETO, Lima. Um e outro. In: BARRETO, Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. (org.) SCHWARCZ, Lília Moritz, São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 81.

¹⁷⁷ CARVALHO, Vânia Carneiro. *Gênero e artefato*. O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material. São Paulo, 1870-1920, Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2008, p. 35.

¹⁷⁸ MATOS, Maria Izilda S. de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico. In: _____. e SOIHET, Rachel (org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo, Unesp, 2003, p. 107-127.

¹⁷⁹ Idem, p. 107-111.

doenças, mas tais ideais alcançaram também as cidades interioranas, garantindo a sua plena institucionalização. Um exemplo disso pode ser observado na Figura 1 do jornal *Gazeta de Taubaté*, de 03 de abril de 1881¹⁸⁰. No papel de boa mãe, o cuidado e a saúde da prole deveriam ocupar o lugar central. A instrução da mulher tornava-se ponto nevrálgico deste saber, pois era por meio dela que se pretendia atingir o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país¹⁸¹.

¹⁸⁰ Segundo Antonio de Melo Júnior, *A Gazeta de Taubaté* foi um semanário de circulação entre 1878 a 1888, quando é substituída pelo *Liberal Taubatéense*. A passagem do século XIX para o XX foi uma época bastante propícia para a atividade jornalística em Taubaté. Conforme Maria Cristina M. Soto, foram registrados cerca de 222 jornais locais, alguns de vida curta, e que refletiam as diversas ideologias que circulavam à época. Cf. SOTO, Maria Cristina M. *Pobreza e conflito: Taubaté 1860-1935*. São Paulo, Anablume, 2001; MELO, Antonio de M.. *Imprensa Taubateana: contribuição à sua história – 1861 1981*, Taubaté, Almanaque Urupês, livro eletrônico: acesso em jun. 2016.

¹⁸¹ MATOS, Maria Izilda S., *op. cit*, 2003, p. 110.

EXERCICIO E SOMNO

O seguinte quadro, que offerecemos ás nossas mães de familia, indica as horas que as crianças de 7 a 15 annos devem consagrar durante o dia ao somno, aos exercicios corporaes, ao estudo e ao descanso.

Este importante trabalho deve-se ao Dr. Friedlander e é applicavel ás crianças de ambos os sexos, que se acharem em condições normaes de saude.

| Idade. | Somno. Horas | Exercicio. Horas | Estudo. Horas | Reposo. Horas |
|--------|-----------------|---------------------|------------------|------------------|
| 7 | 9 | 9 | 2 | 4 |
| 8 | 9 | 9 | 2 | 4 |
| 9 | 9 | 8 | 3 | 4 |
| 10 | 8 | 8 | 4 | 4 |
| 11 | 8 | 7 | 5 | 4 |
| 12 | 8 | 6 | 6 | 4 |
| 13 | 8 | 5 | 7 | 4 |
| 14 | 7 | 5 | 8 | 4 |
| 15 | 7 | 4 | 9 | 4 |

Figura 1. Quadro educativo de horas de sono para crianças.

Publicado pelo periódico *A Gazeta de Taubaté*, 03/04/1881. Matéria originalmente publicada no *Jornal do Agricultor*, publicação contemporânea, sem data. Arquivo Histórico Municipal Dr. Feliz Guisard Filho, Taubaté/SP.

O século XIX, portanto, contribuiu significativamente para a elaboração de uma ideia bastante rígida de feminilidade, com um modelo normativo que "prega novas formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às das classes trabalhadoras"¹⁸². Para Roger Chartier, "a construção da identidade feminina se enraíza na interiorização, pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos"¹⁸³. Tais ideias se intensificaram com o aumento da circulação de impressos ao final do XIX, que divulgam amplamente esse modelo. Para Certeau,

O laboratório da escritura tem como função "estratégica": ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo.¹⁸⁴

Neste modelo, a castidade e a religiosidade passaram a ser o símbolo máximo da virtude feminina, criando o ideal de esposa-mãe-de-família-dona-de-casa, com especial atenção à infância, vista como a riqueza potencial da nação, em contraposição às mulheres desviantes, com sexualidade exacerbada, a prostituta¹⁸⁵. Ambas, segundo Jane Soares de Almeida, cumpriam seu papel de submissão ao atender às necessidades e vontades dos homens¹⁸⁶.

Toda uma disciplina do minúsculo¹⁸⁷ operou sobre a mulher. Eram nas minúcias e na delicadeza que residiam as qualidades femininas. Se deslocarmos estas questões

¹⁸² RAGO, Margareth. *Op.cit.* 1985, p. 62.

¹⁸³ CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). In: *Cadernos Pagú*. Campinas, v. 4, jan-jun.1995, p. 40.

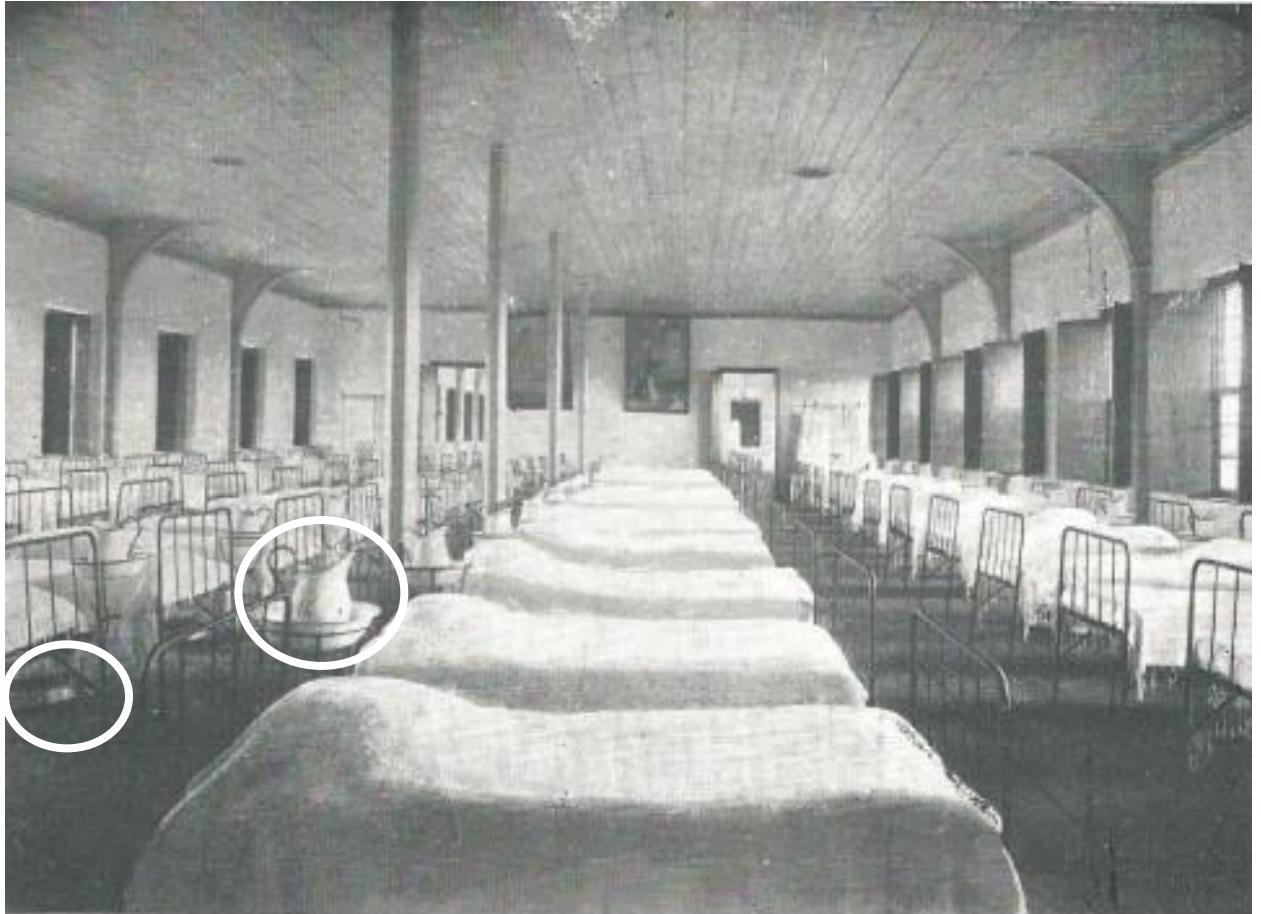
¹⁸⁴ CERTEAU, Michel de. *Op.cit.* 1998, p. 226.

¹⁸⁵Na bibliografia pesquisada, tanto sobre estudos de gênero, trabalhos manuais como em História da Educação, as representações femininas do século XIX e XX são fartamente identificadas dentro do binarismo Maria/Eva. Esta representação tem uma forte correspondência com a sexualidade feminina dentro de um regime binário: o lícito e ilícito, permitido e proibido, e coloca como ideal a castidade feminina em detrimento de uma sexualidade mais erotizada Cf. FOUCAULT, Michel. *Op.cit.* 1988; CHARTIER, Roger. *Op.cit.* 1995; RAGO, Margareth. *Op.cit.* 1987; SOIHET, Rachel *Op.cit.* 1998; MATOS, 1989, 2003; PEDRO, Joana. *Op.cit.* 2005; VALDEMARIN, Teresa, *Op.cit.* 2010; PARKER, *Op.cit.* 2010; et al.

¹⁸⁶ ALMEIDA, Jane Soares de Educadoras Missionárias na Província de São Paulo em finais do século XIX: Fragmentos de sua passagem pela Educação Escolar. *Cadernos de História da Educação*, v. 12, n. 1, 2013, p 205-217.

¹⁸⁷ Para Foucault, o período moderno (ou a época clássica do pensamento intelectual europeu) descobriu o corpo como objeto e alvo de poder, em que este entra em uma maquinaria de poder capaz de produzir um corpo disciplinado. Dentro dos dispositivos desta nova microfísica do poder, o autor entende que a religião já se utilizava há algum tempo das técnicas que levaram a uma transformação do regime punitivo para o regime de introdução disciplinar. Para a Igreja, o detalhe funcionou como uma excelente forma de contabilidade moral e controle político, constituindo uma categoria de teologia, pois é no detalhe que viria a se localizar todos as minúcias da educação cristã e também da pedagogia escolar e militar, enfim, todas as formas de treinamento. Cf. FOUCAULT, Michel. *Op.cit.* 1987, p. 129.

para os espaços escolares, podemos verificar como o controle minucioso colaborou para a constituição do feminino, amalgamando-se aos ideais e às representações sociais daquele tempo. Um exemplo disso pode ser observado no modo de uso da bacia para banho. Por se tratar de um objeto de uso diverso e múltiplo e bastante ordinário, não configurava um material didático, mas desempenhou uma função educativa bastante importante: o controle corporal. Seu uso apareceu nas lembranças das alunas internas entrevistadas, que descreveram o ritual do banho. Talvez o fato de se banharem com camisolas, peça que integrava o extenso enxoval exigido para ingresso na Escola, o ritual tenha voltado à lembrança com força. Diante da descrição, foi possível retornar aos documentos e textos sobre as escolas e encontrar uma imagem do dormitório do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, de Franca. Nela, fora do foco principal da imagem, que era mostrar um dormitório limpo, ordenado, com várias camas perfiladas dentro dos pressupostos do higienismo, encontram-se as tais bacias de higiene. Para cada cama havia dois tipos de bacias, em uma vê-se o conjunto bacia e jarro, possivelmente de ágata, para limpeza de mãos e rosto. Ao lado das camas, a imagem deixa entrever as bacias metálicas de banho (Figura 2), confirmando os depoimentos, sendo o mais vívido, o de D. Bernardete:



Franca — Um dormitório do Collegio N. S. de Lourdes.

Figura 2. Fotografia de dormitório do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Franca, 1919. Poliantéia, 1919, p. 358. Sala de Guardados, Colégio do Patrocínio, Itu/SP.

Sua descrição de como era o banho é bastante detalhada: ao acordar, a irmã responsável pelo dormitório batia uma palma, era a senha para tomarem o banho dentro da bacia estreita, sem que se derrubasse uma gota de água no chão. A segunda palma anunciava o fim do tempo do banho, quando a aluna deveria se enxugar e trocar a camisola sem muita exposição do corpo e de maneira rápida, pois na terceira palma, todas deveriam estar prontas e vestidas. Ela não soube dizer quem trazia a água para o momento do banho e que ficava ao lado da cama. Seriam as órfãs? Infelizmente, não há registros sobre a rotina higiênica da escola, e as pensionistas não conseguiram recordar de muitas interações com as órfãs. Também não foram encontradas alunas órfãs para a coleta de depoimento.

O que podemos notar, observando um simples momento da rotina das alunas, é que o colégio não prescindia de inculcar sua visão de mundo cheio de castidade e

de pudor. Ao exigir o uso da camisola durante o banho¹⁸⁸, coletivo e solitário ao mesmo tempo, a Escola organizava a ação de modo que cada aluna não tivesse tempo para ter curiosidade de se olhar ou de olhar em volta, até porque se assim o fizesse, provavelmente derrubaria a água do jarro para fora da bacia de banho, o que era inadmissível para a Escola e intolerável para a aluna, que se veria publicamente em uma situação de autodelação. Como disse Ivan Manoel

Vigilância de todos os instantes, de todos os movimentos, de todos os atos públicos ou particulares, de forma que a privacidade fosse desmontada e todas ficassem diante de todas sem características próprias, sem marcas pessoais, sem individualidade.

Cada passo era medido, estipulado por um conjunto de regras, destinado a moldar a mulher que, além dos ornamentos culturais, da polidez, portasse a marca indelével da educação conservadora. Por isso gestos, comportamento, linguagem, tudo era vigiado, controlado, moldado¹⁸⁹.

O banho era um dos momentos de aprendizagem fora do currículo formal, aprendiam-se as regras de conduta corporal que deveriam levar a um autocontrole e disciplina ritualizados, automatizando-se o domínio de um corpo espoliado de sua sexualidade. Ao fazer do banho um momento público, mesmo que sem espaço para a atenção aos outros corpos que também se banhavam, as irmãs evitavam momentos de intimidade que pudessem permitir a descoberta do próprio corpo, que devia ser, acima de tudo, coberto, sublimado, sendo atendido apenas nas suas necessidades higiênicas. Também colaborava para o controle gestual deste corpo, onde a interação sujeito-objeto permitia ações motoras a partir da materialidade. Na dinâmica do banho com a bacia, a aluna interagia com seu corpo de maneira direcionada, pois o objeto delimitava o espaço de sua atuação a fim de incorporar um aprendizado até se tornar automatizado¹⁹⁰.

Devotada, educada e econômica.

Enquanto a masculinidade era associada à força, racionalidade e coragem, à feminilidade recaía a fragilidade, a discrição, comedimento nos gestos, olhares, voz,

¹⁸⁸ No prospecto de 1888, era solicitado no enxoval da aluna 3 camisolas, duas de dormir e uma para banho. Sala de Guardados do Colégio Noassa Senhora do Patrocínio, Itu.

¹⁸⁹ MANOEL, Ivan. *Op.cit.* 1996: p. 78.

¹⁹⁰ WARNIER, *apud.* REDE, 2003, *História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material.* In: *Anais do Museu Paulista.* São Paulo, n. Sér. v.4, jan./dez. 1996, p. 282-283.

emoções e a dependência¹⁹¹. Uma mulher deveria saber de todos os detalhes de seu lar a fim de conduzi-lo de maneira adequada. Os manuais de civilidade¹⁹² cumpriam bem este papel, juntamente com os discursos da imprensa, a escola, o saber médico e outros dispositivos disciplinares do século XIX que colaboraram fortemente para a difusão deste ideal¹⁹³.

No caso dos manuais que prescreviam o comportamento esperado, temos em *o Lar Doméstico*, de Vera Cleser, um exemplo vívido de como a honra estava ligada ao comportamento feminino, no caso destacado, da filha:

São as moças principalmente que têm o poder de embellezar a vida familiar pela bôa educação, pelo amor aos seus, pela docilidade e modestia.

Nem sempre, porém, encontram-se estes predicados nas filhas-famílias: muitas infelizmente não meditam na sentença cheia de ensinamentos do Quarto Mandamento, querem a todo transe ter as suas vontades, são insolentes para com a mãe, grosseiras para com os irmãos, atrevem-se a magoar o pai com contradições desrespeitosas, em uma palavra, calcam aos pés todos os preceitos de piedade filial.

O bom senso se revolta contra este desvio das leis de Deos e da natureza; o meu coração se sente invadido de indignação e ao mesmo tempo de incommensuravel pena quando vejo pais que por criminosa condescendencia estão sofrendo vexações por possuírem uma filha grosseira, ingrata e mal educada!¹⁹⁴

Se a honra feminina se amalgamava à família, a atenção então recaía de maneira significativa sobre a jovem em formação. E os maiores medos não se voltavam apenas para as filhas insolentes e grosseiras, mas principalmente para a

¹⁹¹ RAGO, Margareth. *Op.cit.* 1985, p. 62; PERROT, Michelle. *Op.cit.* 2002: p. 15; PINSKY, Carla Bassanezi. *Imagens e representações 1: A Era dos modelos rígidos*. In: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres*. São Paulo, Contexto, 2012, p. 471.

¹⁹² Para Norbert Elias, cada sociedade cria uma miríade de modelos de comportamento e condicionamento que norteiam as relações sociais hierarquizadas, onde a civilidade passa a ser parte do processo de distinção social. Já Roger Chartier percebeu na sociedade francesa entre a Idade Média e a Revolução Francesa intercâmbios nos usos dos códigos de polidez, demonstrando como o acesso a estes se popularizam. Menciona o código pensado por Erasmo, que rejeita os modelos aristocráticos, pregando que a civilidade deveria ser instrumento moralizador a começar pelas crianças em sua primeira instrução. Com o século XIX, a civilidade passa a ser percebida, principalmente para a burguesia ainda assediada pelas lembranças da corte, como um conjunto de regras para tornar o trato social mais agradável, difundido o ideal de boas maneiras. É desta forma que se populariza no Brasil Cf. ELIAS, Norbert. *Op.cit.* 1994, p. 23-29; SCHWARCZ, Lilia. "Introdução". In: ROQUETTE, José Ignácio. *Código de bom tom: ou, Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo, 1997, p. 9; "Distinção e divulgação: a civilidade e seus livros". In: *Leituras e leitores no Antigo Regime*. São Paulo, UNESP, 2004, p. 45-90; PERROT, Michelle, *Op.cit.* 2009, p. 173; SANTOS, Simone. *Op.cit.* 2015, p. 32-34.

¹⁹³ MATOS, Maria Izilda. *Op.cit.* 2003; PEDRO, Joana. *Op.cit.*, 2005; PINSKY, Carla. *Op.cit.* 2012.

¹⁹⁴ CLESER, Vera. *O lar Doméstico*. Conselhos Práticos sobre a boa direção de uma casa. São Paulo, Typographia de Oscar Monteiro, 1898, p. 105-106.

sexualidade fora dos controles normativos. Segundo Perrot, duas sexualidades são dignas de constante atenção: a puberdade, potencialmente perigosa, graças à crise de identidade típica da adolescência; e a feminina, com seu perpétuo perigo da vergonha e da corrupção do corpo¹⁹⁵. Por isso a Igreja exercia especial controle sobre a sexualidade feminina. A autora ressalta o papel da devoção e da sociabilidade mariana como fator essencial para o controle do comportamento feminino, principalmente através dos rosários, onde as mais velhas tinham o poder de enquadrar e disciplinar as mais novas, e das congregações de Filhas de Maria¹⁹⁶. Estas práticas encerravam as jovens em uma rede de práticas e proibições a fim de preservar seu maior patrimônio, a virgindade.

No caderno (Figura 3) da aluna Valentina de Barros Civatti¹⁹⁷, guardado no colégio de Itu, um texto usado para a atividade de composição na aula de Língua Portuguesa versava sobre a festa da Imaculada Conceição. Logo no início da composição é possível observar que o texto visava celebrar a criação pelo Papa Pio IX do dogma da Imaculada Conceição de Maria, no dia oito de dezembro de 1859. Motivo de júbilo entre os católicos do mundo, a composição enaltece a concepção de Maria sem a mácula do pecado. Isso, segundo sua autora, era fato suficientemente importante para afastar os males do satanismo e do paganismo, dos perigos do racionalismo tão em voga na época, pois fortalecia a fé católica e o culto mariano¹⁹⁸. Mesmo que a composição tivesse como objetivo fazer uma redação, a escolha do tema é uma forma de transmitir os valores da educação feminina proposta pelas irmãs de São José.

¹⁹⁵ PERROT, Michelle. *Op. cit.* 1994, p. 257.

¹⁹⁶ Importantíssimo instrumento de inculcação de valores e comportamento nas escolas da Congregação de São José de Chambéry.

¹⁹⁷ Os cadernos encontrados na Sala de Guardados são todos de uma mesma aluna e foram produzidos, provavelmente, pela própria aluna, já que sua composição é de maços de papéis almaço costurados nas laterais, onde a folha frontal faz a função de capa, toda ela decorada pela aluna, contendo identificação da matéria, nome da aluna e ano. Não consta qualquer série ou graduação, mas pela qualidade e complexidade da composição feita pela aluna, pode-se supor que se trata de uma secundarista. A falta de um acervo mais abrangente de materiais didáticos é uma dificuldade constante quando se pretende analisar aspectos materiais do universo escolar.

¹⁹⁸ Composição encontrada no caderno de Gramática, da aluna Valentina de Barros Civatti, no ano de 1882, Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu.

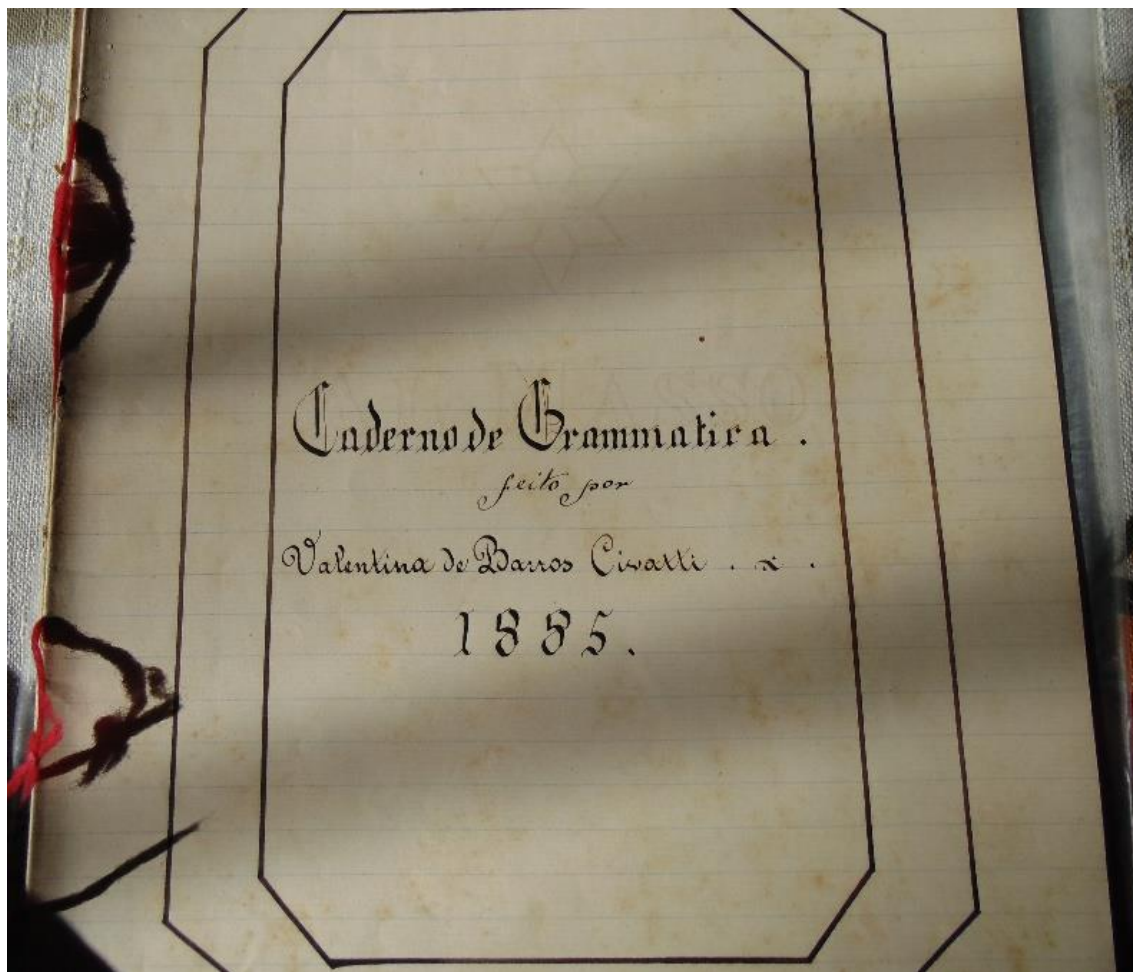


Figura 3. Caderno de Gramática. Parte do material selecionado da aluna Valentina de Barros Civatti, 1885, do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu. Sala de Guardados, Colégio do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2015.

Outra passagem que mostra o uso de textos com objetivo direto de fazer uma atividade de gramática, mas com o objetivo indireto de transmitir a moral da instituição, o *ditado* que se intitulava “O egoísmo” versava sobre os males do egoísmo de modo geral, pois começava com o alerta: “O homem egoísta é uma planta venenosa que vegeta no meio da sociedade”. Em toda a primeira metade do texto de uma página, seu objetivo era mostrar como o egoísmo feria os desígnios do cristianismo e de Deus, e mostrava que a pessoa egoísta perdia amigos, envergonhava a família ao compará-lo com um usurário, sentenciando que o egoísmo era “uma espécie de avareza condenada por Deus e pelos homens e, por isso, uma menina não devia ser egoísta. A partir deste momento, todo o texto usado para o exercício do ditado passa a observar como deve ser o comportamento da “boa menina”:

Amar a Deus e ao próximo como a si mesmo é uma máxima que toda menina deve ter sempre presente á imaginação.

A menina nada deve fazer nesta vida sem que tenha bem presente esta outra máxima da Escripura. Não façás a outro aquilo que não desejas que te fação.

A menina pode procurar seus interesses sem que prejudique os dos outros, pois é muito reprehensvel que alguém enriqueça ou procure comodar a custa de outrem.

Livre-se a menina de ser egoísta.¹⁹⁹

Marilena Camargo mostrou em seu trabalho com “coisas velhas” da escola, que muitos cadernos e materiais produzidos, principalmente no curso normal, reproduziam em seus textos e atividades propostas as concepções de mundo e os diferentes papéis sociais existentes²⁰⁰. Novamente, Vera Cleser dá uma elucidativa síntese sobre essas ideias:

Quão consoladora é a imagem da bôa filha! Esta sabe avaliar a grande ventura de possuir ainda os bons pais e nunca ousará affligil-os: vê os sacrificios que fazem constantemente em beneficio dos filhos, nunca se esquece o quanto o pai trabalha para proporcionar aos seus a subsitencia decente, [...]; vê o desvelo com que a mãe trata de tudo e de todos e procura ser-lhe uma auxiliar meiga e discreta. Consegue sempre aliviar os dissabores dos pais, evita-lhes toda despeza superfula e por ocasião das enfermidades transforma-se em verdadeiro anjo do lar, impondo a todos que a cercam respeito e dedicação. A bôa filha é modesta e respeitosa, nunca mente; prefere confessar um erro e receber uma reprehensão a illudir os pais. Não é intrigante, não é birrenta, nem mesmo quando julga que os pais são injustos num caso dado. Não usa palavras inconvenientes, não briga com os irmãos, nunca os calunia. É ordeira e asseiada, está satisfeita com sua sorte e não inveja as companheiras que passam melhor e vestem vestidos luxuosos. Ocupa-se com os irmãos, instrue-os com carinho e paciencia, dirige os seus brinquedos e educa-os com bôas palavras e bons exemplos. Estuda piano, o canto, a pintura, **lê livros instructivos, recorda coisas apprendidas na escola, ocupa-se com trabalhos de agulha, com o concerto da roupa e é o orgulho e a alegria do lar.**

Uma filha deve, desde a mais tenra idade, aprender a não ter segredos para com sua mãe, a confiar-lhe seus pensamentos mais intimos, sua alegria e suas mágoas, pois só a bôa mãe as sabe comprehender e avaliar; ninguem como ella a guiará no caminho da dignidade e do dever. Confiança ilimitada, amor e obediencia, eis a gratidão silenciosa pela solicitude maternal que nenhum filho jamais pôde, nem poderá pagar!

Um bôa filha será uma bôa dona de casa, uma bôa mãe, uma esposa amavel, ajuizada e carinhosa e as palavras que encimam este capitulo terão nella a sua gloriosa interpretação (grifos da autora)²⁰¹.

¹⁹⁹ CIVATTI, idem.

²⁰⁰ CAMARGO, Marilina. *Op.cit.* 2013, p. 121.

²⁰¹ CLESER, Vera. *Op. cit.*, p. 107-108.

Mas não é só com intenção que se ensina. Nos estudos sobre currículo real e currículo oculto, é evidente que toda ação produzida na escola tem uma reação, e o processo educativo não pode se desvencilhar disso. Neste sentido, entender os materiais produzidos também fora de sala de aula, sem necessariamente serem objetos pensados conscientemente com finalidade pedagógica, também contribui para a compreensão do processo educativo²⁰².

Além dos cadernos e livros didáticos que pertenceram ao currículo formal da escola, outros materiais ensinavam, condicionavam, disciplinavam, controlavam. Mas fazer pesquisa com materiais escolares, formais ou não, traz uma dificuldade que não pode ser ignorada. A preservação de documentos e materiais escolares encontra um obstáculo considerável à sua frente²⁰³, a ausência de uma política de arquivo:

Muitas escolas e comunidades públicas apagam (seus documentos e materiais) porque veem seus materiais envelhecidos pela ação do tempo como descartáveis, como objetos que atrapalham uma ordenação institucional dos espaços onde se encontram. Assim, muitas autoridades educacionais e públicas jogam no lixo documentos que poderiam compor um *corpus* importante de artefatos²⁰⁴.

Isso é ainda mais real e premente quando se trata de métodos educacionais que foram substituídos pelas novidades pedagógicas, sempre tão presentes em um sistema educacional como o brasileiro, historicamente cheio de falhas e ainda em busca de qualidade e eficácia. Marcus Levy Bencostta e Rosa Fátima de Souza alertam que a “introdução, uso e desaparecimento de alguns artefatos estão diretamente relacionados às transformações na educação, isto é, às iniciativas de modernização do ensino e de renovação pedagógica”²⁰⁵. Se um método se transforma no culpado pelos problemas estruturais da educação, seu destino é, além de sua desqualificação, o descarte físico de seu material para garantir espaço para o novo e redentor método importado para salvar a educação. Mas, apesar do tamanho reduzido

²⁰² PERRENOUD, Pierre. Currículo real e trabalho escolar. In: _____. *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto, Porto Editora, 1995.

²⁰³ RIBEIRO, Betânia, SILVA, Elizabeth da e ALVES, Maria Aparecida. Jornal como fonte: uma das pontas do *iceberg* nas narrativas em História da Educação. In: *Cadernos de História da Educação*. Pelotas, v. 13, n. 1, jan./jun., 2014, 219-231.

²⁰⁴ *Idem*. p. 225.

²⁰⁵ BENCOSTTA, Marcus Albino Levy e SOUZA, Rosa Fátima de. Dossiê Cultura Material Escolar: Abordagens Históricas. In: *Educar em Revista*. Curitiba, n.49, jul-set. 2013, Introdução, p. 15.

do acervo documental da escola, os materiais selecionados informam muito sobre suas práticas educacionais e sociais.

Pelo Caderno de Matemática da mesma aluna, datado de 1885, foi possível perceber outro aspecto importante das escolas da Congregação. Apesar de estarem em consonância com o ideal feminino da época, não estavam desconectadas da realidade (Figura 4). Nele pudemos encontrar um viés mais pragmático na educação ofertada às alunas. Novamente, não consta seriação, mas possivelmente, pelos cálculos apresentados, também aqui se reforça a suposição de se tratar de uma aluna secundarista. Assim como o Caderno de Gramática, este também foi feito a partir de folhas do tipo alçaço costuradas cuidadosamente uma a uma. Não é, portanto, um caderno comprado pronto, não possui capa, a não ser pela folha da frente adornada pela aluna, o que deveria, por si só, demandar bastante cuidado para evitar a desorganização ou mesmo a destruição de suas folhas.

Este caderno ajuda a compreender a função pedagógica e lógica organizativa da escola, dando visibilidade aos fazeres escolares e ao utilitarismo de sua proposta. Isto porque chamou a atenção seu conteúdo pragmático, em que os cálculos parecem ser ensinados para equipar as alunas a gerenciar seu cotidiano e sua renda. A primeira atividade, por exemplo, sobre regra de três simples, envolvia um cálculo para estimar o tempo e a produtividade de operários de uma obra com a finalidade de pagar pelos seus serviços; em outra página, encontramos uma atividade de regra de três composta, envolvendo, novamente, trabalhos de operários, mas agora para se conseguir estimar o tempo necessário para uma construção de determinada área. Em seguida, a aluna deveria fazer exercícios envolvendo regras de juros, para estimar o ganho e os pagamentos. Na parte sobre taxa incógnita, a aluna deveria fazer cálculos sobre investimentos de capital. Quando o tempo é incógnito, o que era requerido calcular era, a partir de um dado prêmio de investimento, valor, quanto tempo o dinheiro havia sido investido. Outro segmento do caderno se intitulava Capital Junto aos Juros e novamente instava a aluna a calcular ganhos em investimentos segundo determinadas taxas de juros que um capitalista investia em seu capital por determinado tempo e a determinado juro.

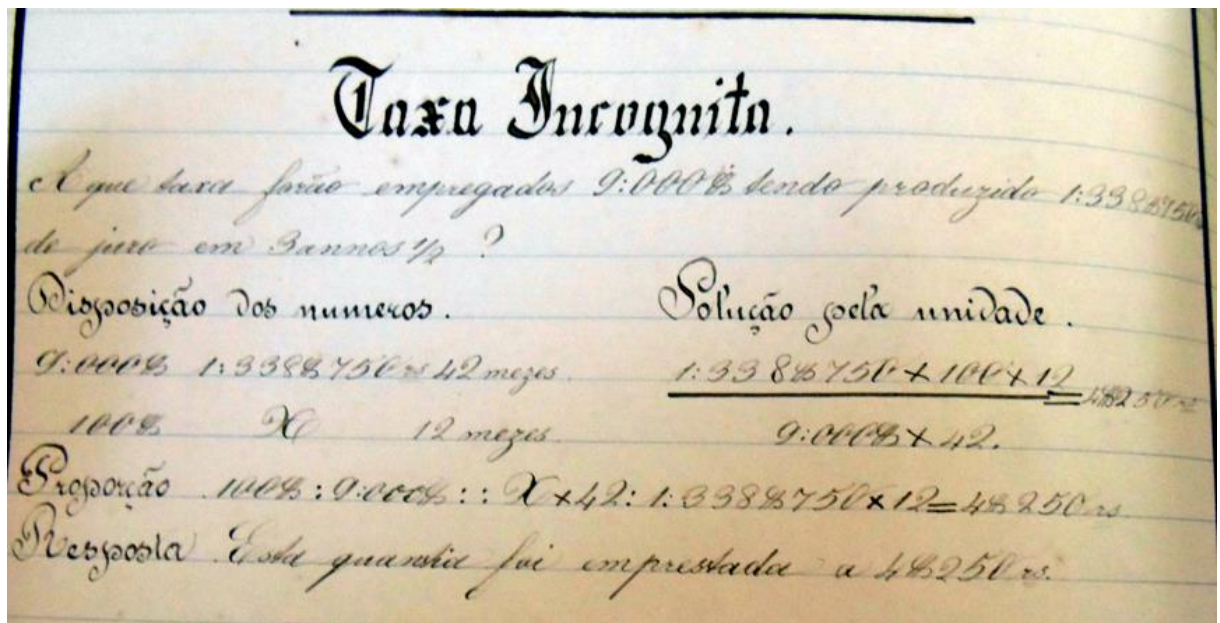


Figura 4. Caderno de matemática. Da aluna Valentina de Barros Civatti, 1885, do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu. O enunciado pede: *A que taxa farão empregados 9:000\$ sendo produzido 1.338\$750 de juro em 3 annos 1/2?*. Sala de Guardados, Colégio do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2015.

Outros exercícios versavam sobre o cálculo para pagamento de trabalhos por empreita, cálculos para corrigir empréstimos, para repartição de herança, para definir prazos diferenciados de pagamento de contas ou empréstimos, para calcular lucros e perdas, corretagem e transmissão de herança e, por fim, regras de seguro.

A impressão que tal caderno passa é a de uma preparação para a viuvez. June E. Habner mostrou que as mulheres de elite não podiam gerenciar dinheiro, renda ou bens enquanto estivessem casadas, pois o homem era considerado legalmente o "cabeça" da família, mas que, em caso de viuvez, as mulheres podiam assumir o patrimônio familiar, comum entre fazendeiras que queriam evitar o desmantelamento do patrimônio familiar²⁰⁶. Ora, também é sabido que a maior parte dos casamentos da elite era arranjada, nem sempre com as idades próximas entre os noivos, podendo as moças se casar muito jovens, a partir do momento em que menstruavam²⁰⁷, o que as habilitaria a serem mães. Era, portanto, muito comum os maridos serem mais velhos, em alguns casos, bem mais velhos, sendo, portanto, bastante comum a viuvez feminina. Sendo uma escola para as filhas da elite agrária e burguesa, cujo destino visado era o matrimônio arranjado pela família, parece bastante lógico prepará-las para a viuvez e o trato com o patrimônio, que não deveria ser perdido ou dilapidado

²⁰⁶ HABNER, June. *Op.cit.* 2012, p. 50

²⁰⁷ AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana Maria. *Op.cit.*, 2012, p. 67.

pela ignorância. Os signos de um tempo ficam bem evidentes no conteúdo das aulas de matemática.

Também é possível imaginar que as próprias freiras da Congregação se utilizavam destes cálculos, dado o tamanho de sua estrutura organizacional e o fluxo de capital necessário para administrar tamanho empreendimento.

A escola pública, principalmente a Escola Normal, em São Paulo, possuía um programa de matemática igual ao masculino. Sua porção prática estava relacionada ao magistério²⁰⁸. Porém, pensar a renda familiar e saber fazer as contas para um lar doméstico econômico era também uma qualidade necessária às mulheres. Vera Cleser enfatizou em seu manual a importância da mulher econômica:

A ECONOMIA

Sobre registro para que o casal saiba como emprega o dinheiro [...] aconselho que examinem com cuidado todas as parcellas e cortem no proximo mez as despesas que reconhecerem como superfluas. Uma dona de casa caprichosa colleccionará estes livros como preciosos documentos que ora lhe fornecerão agradaveis recordações de uma viagem, de um divertimento, etc.; ora lhe ministrarão informações preciosas sobre preços e gastos geraes²⁰⁹.

Em outra passagem, ela exemplifica:

...Eis como as mãos habeis de uma mulher trabalhadora transforma [sic] as velharias em objetos uteis e bonitos. Nós não *ganhamos* o pão, minhas amigas, mas temos o indiscutível dever de poupar o dinheiro que o pai ou o marido ganha com o suor do seu rosto. **Não aspiremos outra gloria, não almejemos para nós essa emancipação que, baseada sobre principios erroneos, viria a destruir o nosso tranquilo lar domestico!**²¹⁰

Como mostra Vera Cleser, as mulheres menos abastadas deveriam ter como ofício o zelo pelo espaço doméstico, preocupando-se acima de tudo com a economia ao invés de uma carreira ou renda própria. Para os colégios da Congregação, mesmo

²⁰⁸ Segundo o Relatório do Director da Escola Normal do Estado de São Paulo, de 1894, o programa de matemática consistia em: Aritmética, onde o aluno deveria ter noções preliminares, numeração decimal, quatro operações sobre números inteiros, redução das frações ordinárias à expressão mais simples, Redução das frações ordinárias ao mesmo denominador, quatro operações sobre frações ordinárias, quatro operações sobre frações decimais, sistema métrico decimal; em Álgebra, adição e subtração algébrica, multiplicação, divisão, quatro operações sobre frações algébricas, exercícios relativos às quatro operações algébricas; Noções de Geometria, traçar perpendicular e retas, dividir retas, traçar paralelas, construir formas geométricas, ângulo, circunferência, polígonos regulares. Vários autores, *Relatório do Director da Escola Normal*. São Paulo, Typographia à Vapor de Vanorden & Comp. 1894.

²⁰⁹ CLESER, Vera. *Op cit*, 1895, p. 41.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 65.

voltados a um público de alto poder aquisitivo, esta necessidade de economia aparece no prospecto²¹¹ da escola, que descreve as disciplinas de trabalhos manuais da seguinte forma:

MATERIAS DO ENSINO

(...) Trabalhos manuais: toda a espécie de pontos de meia e de costuras; remendos, como essencialmente necessários á ordem e economia doméstica.

Obras de gosto: flôres artificiaes; toda a espécie de bordados e ponta de tapete.

A saúde financeira familiar também estava sob os cuidados da mulher. A introdução a cálculos financeiros tão pragmáticos na escola confessional, além de indicar uma possível preparação para uma viuvez, pode indicar que as mulheres de elites, ao contrário do que se pensava, tinham sob seu comando uma parte das responsabilidades financeiras ligadas à administração da casa e dos negócios, provavelmente um imperativo para casais em que o marido tinha que se ausentar por longo tempo, ou mesmo, uma divisão de trabalho administrativo doméstico. Para Michelle Perrot²¹², na segunda metade do século XIX, as mulheres preocupavam-se com a gestão financeira da casa. Nestas senhoras do lar, todas as suas ações conferiam sentido a seu cotidiano:

Do asseio e da decoração do lar à observância quase religiosa de uma moda tirânica [...] de cada mínimo trabalho feminino (pois uma dama precisa estar sempre ocupada) à obsessão pelas contas (esse tormento da senhora do lar que com frequência precisa se restringir ao que lhe é dado pelo marido, a quem deve prestar contas): cada detalhe adquire sentido numa moral de fundamento mais simbólico do que econômico.

[...] Este modelo completo de domesticidade, marcado por um angelicalismo que só não é inteiramente vitoriano devido ao culto à Virgem Maria, encontra-se em diferentes graus em todas as camadas da burguesia ²¹³.

O ideal da Virgem Maria atravessou oceanos, assim como o conhecimento matemático financeiro era uma necessidade – ou para a viuvez, ou para prestação de contas ao marido, ou para a instrução das novas gerações – tudo mostra que a ideia

²¹¹Prospecto do Colégio N. Sra. do Patrocínio para o ano de 1888, constando um breve texto sobre as concepções educacionais da congregação, as disciplinas ofertadas, o uniforme, o enxoval e condições de pagamento e regras da escola. Sala de Guardado, Colégio do Patrocínio, Itu/SP.

²¹² PERROT, Michelle. *Outrora, em outro lugar*. In: _____. *História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 14-17.

²¹³ PERROT, Michelle. *Figuras e papéis*. In: _____. *Op.cit*, 2009, p. 129-130.

de feminilidade das irmãs e do ensino feminino estava em consonância com seu tempo.

Mas a função principal das escolas da Congregação não era formar viúvas, mesmo que estas aulas habilitassem as alunas a gerenciarem suas vidas. O maior objetivo era formar as “sinhazinhas”, ou a “boa moça” da família aristocrática ou burguesa. Estas eram criadas para servirem aos seus. Seus destinos eram traçados no nascimento, pois sua função familiar seria conseguir um casamento que mantivesse ou ajudasse a elevar o *status* social e econômico da família. A honra familiar também estava atrelada a ela desde tempos remotos²¹⁴. As funções femininas como guardiã do lar e lastro moral da família tiveram como contrapartida uma crescente preocupação em observar e domar suas pressupostas características de ser passional, irracional e frágil. Era a mãe quem observaria a castidade da filha e ela própria deveria ter o controle de seus sentimentos, pois a desonra feminina estava ligada à sua sexualidade, atingindo toda a família ²¹⁵.

Devotada, disciplinada e bela.

O controle do corpo passava por uma nova sensibilidade durante o século XIX, que Carvalho²¹⁶ observou no uso de artefatos doméstico e da etiqueta. Era esperado da dona de casa a elegância corporal que a definiria como uma dama respeitável, a etiqueta seria parte do seu treinamento para o refinamento e conduta corporal “dócil”. Às mulheres caberia desenvolver o autocontrole. Cynthia Culver Prescott, ao refletir sobre a ocupação do oeste norte-americano, demonstrou que lá, assim como aqui, entre as qualidades consideradas como próprias dos homens estavam o trabalho duro, a disciplina e o senso de dever, todas exercidas no espaço público; já as qualidades atribuídas às mulheres seriam as habilidades no trato do espaço doméstico, em condutas pias, submissas, elas seriam as mantenedoras do lar como um paraíso de conforto e descanso do mundo externo²¹⁷. Manejar seu corpo neste espaço e aparelhá-

²¹⁴ Observa-se uma longa permanência na vinculação entre honra familiar e mulher. Cf. ALGRANTI, Leila Mezan. *Op.cit.* 1993p. 261, _____. Educação feminina: vozes dissonantes no século XVIII e prática colonial. In: Histórias & Utopias, BLAJ, Ilana e MONTEIRO, John M. *XVII Anpuh*, 1996, p. 266; NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz. Maria Beatriz. Mulheres brancas no fim do período colonial. In: *Cadernos Pagú*. Campinas, v. 4, 1995, p 82-83; ALVES, 2008: 20-21; HABNER: June. *Op.cit.* 2012: 43-44; ALMEIDA, Jane. *Op.cit.* 2013., p. 207; GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Op.cit.* 2014, p. 112.

²¹⁵ PERROT, Michelle. Dramas e conflitos familiares. In: _____. *Op.cit.* 2009, p. 250.

²¹⁶ CARVALHO, Vânia C. *Op.cit.* 2008, p. 196.

²¹⁷ PRESCOTT, Cynthia Culver. Crazy Quilts, controlled lives: consumer, culture and meaning of Women's domestic Work in the American Far West. In: GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth. *Op.cit.*, 2009, p. 111-124

lo como lar era sua principal função. Como Tânia Soares de Lima descreveu na cerimônia do chá da tarde²¹⁸.

Paradoxalmente, todo o gestual e as práticas sociais que demonstravam sua natureza recatada, subserviente e maternal era, para ela, um capital simbólico importante, pois coincidia com o ideal de beleza. Segundo David M. Turner²¹⁹, o termo belo foi, a partir do século XVIII, frequentemente usado como atributo de comportamento feminino. Mas também experimentou paradoxos, pois a beleza feminina oscilava entre o problema e a virtude, já que representaria um poder da mulher sobre o homem, que o enfeitiça por sua beleza, privando-o da razão, ou como virtude, quando obediente e devotada. Novamente vemos o reflexo do binarismo frequente com que se representava o feminino. A beleza da mulher poderia levar o homem à ruína, ou representar a elevação de um espírito intocado e puro. Para o autor, o século XVIII começou a representar o belo como uma expressão da bondade e da virtude e o século XIX só reforçou o conceito, elegendo os olhos como o fim maior da beleza.

O belo está nos olhos, no olhar. Mas qual olhar? Os olhos suaves, lânguidos, sem vestígios de sensualidade, que indique a passividade e reforce as noções de feminilidade. A beleza física tendia a ser encarada como uma dádiva divina e, por isso mesmo, não devia ser corrompida com espalhafatos e modismos. Maquiagem era um atentado ao recato e comedimento. Por isso, a condenação geral ao uso da maquiagem como artifício de embelezamento, permitido apenas para as prostitutas²²⁰.

Basta lembrar que talvez a mais emblemática personagem literária feminina brasileira é descrita com “olhos de ressaca”, mas também com “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”.

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto

²¹⁸LIMA, Tânia Soares de. Chá e simpatia: Uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. In: *Anais do Museu Paulista*, n. série, v.5, jan./dez. 1997, p. 101.

²¹⁹TURNER, David M. The Body Beautiful. In: REEVES, Carole (edited). *A Cultural History of the human body: in the enlightenment*. Bloomsbury Academic, London, Oxford, New York, 2010, p. 116.

²²⁰SANT'ANNA, Denise B. de. "Sempre bela". In: PINSKY, Carla e PEDRO, Joana. *Op.cit.* 2012: p. 105-106.

atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que ...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca.²²¹

No romance, Machado de Assis mostra, por meio de alusões ao olhar de Capitu, toda a ambiguidade que cobre a personagem, que foi colocada pelo narrador na eterna dúvida sobre sua conduta. Primeiro, a descrição de José Dias, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, que suscita a curiosidade do próprio Bentinho, que resolve mirá-lo para tentar entender o enigmático olhar e acaba lançando mão de outra definição, “olhos de ressaca”, isso porque, de início, até observa a cor e doçura que admirava, mas também se sente incapaz de afastar o olhar, reconhecendo a força e intensidade de atração que Capitu exerce sobre ele. É também através do olhar de Capitu sobre o amigo Escobar, morto por afogamento, que Bentinho lança mão da metáfora para mostrar toda a sua desconfiança sobre a fidelidade de sua esposa, sem nunca possibilitar a defesa e reabilitação da personagem, já que toda a descrição mostra a dubiedade de ações, em que ela era sempre colocada em situações ambíguas, em constante fluxo e refluxo, “saca e ressaca”, que leva à inevitável situação de eterna dúvida sobre ela.

A literatura contribuiu para a transformação e difusão de um ideal de beleza feminina que elucida bem as transformações por que este ideal passou. Alan Corbin mostra que a configuração de um sentimento amoroso, as condutas, os modelos imaginários e as práticas sociais de uma sociedade sofrem constante mutação²²². Os movimentos literários e intelectuais desde o amor cortesão²²³ até os movimentos do Iluminismo influenciaram os comportamentos dos amantes do século XIX. Os valores caros ao romantismo descortinaram a mentalidade de uma época, em que a ideia do que seria a natureza feminina, que o autor nomeia como enigma da feminilidade, oscilava entre a figura traiçoeira de Eva e a pureza abnegada de Maria – “marmórea e bestial, a mulher-esfinge, cingida pela serpente, os olhos iluminados por um brilho

²²¹ ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo, Globo, 1997, [1899], p. 53-54.

²²² CORBIN, Alan. Bastidores. In: PERROT, Michelle. *Op.cit.* 2009. p. 483-486.

²²³ Conceito de origem laica desenvolvido na Europa Medieval que abrange um conjunto de atitudes, mitos e etiqueta para enaltecer um tipo de amor, ou de comportamento amoroso em que a o amor idealizado e pessoa amada é elevada a um plano quase divino. O amor neste contexto ganha formas mística, com a comunhão das almas dos amantes em detrimento das relações mundanas e carnais.

feroz, corresponde ao código hierático do *modern style*²²⁴. Tal modelo tornou-se popular até a intervenção do código religioso. A partir daí a “experiência romântica do amor toma do sacramento a linguagem religiosa da confissão, a função redentora do sofrimento, a espera da recompensa”²²⁵. Surgiu então a “virgem etérea, diáfana, [que] nega a tal ponto a sexualidade de seu companheiro que se torna inquietante, insidiosamente castradora”. O amor romântico modificou-se, a palavra deu lugar ao olhar, ao sorriso; nas perturbações, o rubor e o silêncio.

Este ideal feminino de beleza chega com força também no Brasil e as escolas da Congregação, como já visto, estava de acordo com os códigos religiosos que se sobressaíram no amor romântico. O Pe. José M. Natuzzi enalteceu este ideal ao agradecer o trabalho realizado por madre Maria Theodora, com o texto “A reverenda irmã Maria Theodora: A mulher antiga e a mulher moderna”:

[...] imprimir e gravar na donzela christã a forma indelével da tradição antiga da fé, da moral e das letras: esta foi a missão gloriosa da irmã Theodora. Ella compreendeu que a natureza humana permanece invariável nas suas inclinações e nas suas aspirações. Corrigir, dirigir e desenvolver as inclinações para o bem e para a verdade; (...) Dest’arte ella, com o descortino de mulher antiga e moderna, abafou em sua escola os clamores irritantes do feminismo, evitando que a mulher, no lar e na sociedade, fosse uma eterna contemplação, dos olhos insaciáveis e um tédio eterno das inteligências cultas. Soube portanto magistralmente harmonizar os dotes estheticos da natureza feminina com a multiforme cultura da intelligencia e do coração. A característica mais fulgida porem de toda esta educação rebrilha no culto constante da consciência, que ha de pautar todos os actos da donzela, gerando no seu espirito a mais preciosa das prendas femininas, a *sinceridade e a rectidão*.²²⁶

É interessante notar a qualidade dada à madre no texto, mulher antiga e moderna. Novamente, Vânia Carvalho nos fornece algumas ferramentas para a compreensão deste perfil idealizado da mulher e de suas qualidades²²⁷. Segundo a autora,²²⁸ o perfil idealizado de mulher tinha como padrão o comportamento aristocrático do século XVIII, sendo as mulheres das elites burguesas e latifundiárias

²²⁴ CORBIN, Alan. *Op.cit.* 2009, p. 484.

²²⁵ *Ibidem*, p. 487.

²²⁶ Polianthéia, *op. cit.* 1919, p. 44-45.

²²⁷ CARVALHO, Vânia C.. *Op. cit.*, p. 219-240.

²²⁸ Para a autora, os artefatos, portadores de valores constituídos por meio das práticas sociais, estão relacionados com as definições dos papéis de gênero. Neste processo, as ações femininas no espaço doméstico se fundem a este espaço, em uma ação centrífuga, na medida em que suas ações e relações entre seu corpo e os objetos da casa se harmonizam, diminuindo inclusive a capacidade de individualização. Sua presença se espalha pela decoração e arranjos do mobiliário da casa, transferindo as qualidades de graça e beleza a este contexto. Cf. CARVALHO, Vânia C.. *Op. cit.*, p. 224.

as herdeiras destas atitudes²²⁹. O passado idílico do Antigo Regime era o ideal para mostrar o refinamento e as qualidades ideais para as moças. O ultramontanismo também via na estrutura política e social do Antigo Regime seu ideal de sociedade, em que propunha um retorno ao passado no que concernia às condutas femininas, admitindo-se as modernizações trazidas pelas teorias higiênicas e benesses da sociedade de consumo no cuidado do lar e da família.

Nas descrições dos eventos sociais expostos na revista *A cigarra*²³², todas as qualidades atribuídas à graça e beleza do espaço se relacionam diretamente à presença feminina, mostrando como ocorre a simbiose dela com os espaços sociais e da casa. À mulher cabia adornar, estabelecer os arranjos decorativos e também produzir parte dos objetos que constituem este arranjo e incorporam não só o conforto, como também a presença da mulher no espaço. Neste processo, a própria mulher torna-se um adorno da casa. Assim como o *biblot*, a associação estética que se fazia era com a ornamentação, portanto, com o supérfluo. Sendo desnecessária, sua produção tornava-se signo de distinção, altruísta em sua essência, principalmente quando não remunerada, tornando o tempo livre em tempo produtivo, porém fora do mercado, um tempo unicamente voltado para o investimento privado com o cuidado da dona de casa, exigente com a harmonia e beleza que transformavam sua casa em lar²³³.

Os objetos decorativos produzidos pela dona de casa, fosse ela abastada ou pertencente aos extratos médios da sociedade, eram imagens de suas autoras. Estes ornamentos possuíam uma natureza fortemente semiótica, ou seja, eram carregados de significações de natureza absolutamente autobiográficas. Seriam metáforas visuais do papel feminino no lar, pois refletiam seu esforço físico e o modo como viviam a sua

²²⁹ O mesmo fenômeno também foi observado com o surgimento do movimento *Victorian domestic handcraft movement*, que se iniciou no fim do século XVIII, quando os trabalhos elegantes da aristocracia foram sucedidos pelos hobbies da classe média. EDWARDS, Clive. *Op. cit.* 2009, p. 41.

²³² Segundo Heloísa de Faria Cruz, a revista *A Cigarra* era uma publicação quinzenal com grande tiragem à época e com grande atenção e cobertura da alta sociedade paulista. Nela, foi possível encontrar matérias exclusivas sobre as cidades do interior paulista, com números dedicados a Taubaté, Campinas, Itu e outras. Também foi encontrado grande número de exemplares desta revista no Arquivo Histórico de Taubaté, mostrando a circulação no interior paulista. Cf. CRUZ, Heloísa de Faria (org). *São Paulo em Revista: Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedade Paulistana 1870-1930*, São Paulo, Arquivo do Estado, 1997, p. 88-93.

²³³ CARVALHO, Vânia C. *op.cit.* 2008: p. 234-235; EDWARDS, Clive. Material Cultures women's home-crafted objects as collections of culture and comfort -1750-1900. In: POTVIN, John and MYZELEV, Alla. *Material Cultures - 1740-1920: the meanings and pleasures of collecting*. Surrey, Ashgate, 2009, p. 47; NEWELL, Aimee E. "Tattered to Pieces": Amy Fiske's Sampler and the changing Roles of Women in Antebellum New England. In: GOGGIN, Maureen D. and TOBIN, Beth F. *op.cit.* 2009, p. 51-52.

vida. Se possuíam a função de embelezar e harmonizar o ambiente, esses atributos também eram atributos femininos de beleza. As mulheres se tornavam belas na medida em que eram devotadas à família, transmitiam calma, tinham posturas refinadas, gestuais graciosos, vistos como intrínsecos à natureza feminina, mas que resultavam, na verdade, de um laborioso processo de automatização de movimentos repetitivos, fruto inclusive do tipo de trabalho artesanal que executavam. Todo esse gestual controlado, refinado e delicado ajudava a produzir uma percepção da mulher como um ser frágil.

Nas jovens, que desde a mais tenra idade já deveriam conhecer os ofícios do cuidado e da produção de trabalhos manuais, principalmente por causa da produção do enxoval, o padrão de representação de beleza, na virada do século, constituía-se pela aparência romântica, postura sonhadora, contornos suaves. Havia uma constante associação com o uso de flores, tanto nos adornos bordados ou pintados de seu vestuário, quanto nos arranjos de cabelo e adereços pessoais como joias, estojos, bolsas. Nas revistas femininas, esses elementos visuais associados à natureza feminina eram perceptíveis nas fotografias impressas onde se queria marcar a presença de mulheres. Um exemplo encontra-se na seção *Vida Social*, publicada na revista *A Cigarra*, onde se reproduz a imagem de uma jovem da elite paulista (Figura 5). Na edição de março de 1916, vemos a jovem Maria Amélia em posição romântica, de corpo inteiro, olhar lateral em leve queda do rosto para fitar um ramalhete de flores, roupa clara, delicada e bordada, cenário ao fundo com reprodução de uma paisagem natural e pétalas das flores caídas ao chão, lembrando a fragilidade da natureza da flor e, em associação, da natureza feminina. O sentido da imagem bem poderia estar associado à perenidade da situação de pureza, uma donzela em idade de se casar, que não se perderia com o casamento adequado, ao contrário, apenas se realizaria na sua vocação física da maternidade.

As flores são imagens frequentes no repertório estético feminino. Na Figura 6, do jardim de infância do Colégio Nossa Senhora d'Assumpção, de Piracicaba, pertencente à Congregação de São José, em que se observa um grupo misto de crianças, podemos perceber uma curiosa montagem que reproduz os papéis sexuais da sociedade, mesmo em representações de crianças, em idade usualmente considerada assexuada à época. Entre os meninos, dois carregam um tambor, instrumento de percussão que exige ritmo e força. Os demais – à exceção de três que não seguram nada, um posicionado ao lado de um cavalinho de brinquedo e um último muito pequeno que permanece sentado na foto – estão carregando um bastão em posição semelhante à usada por soldados. Já entre as meninas há uma diversidade

maior de arranjos, em que, mesmo com a baixa qualidade da fotografia, é possível observar muitas carregando bonecas. Uma delas está sentada bem à frente do grupo e tem um buquê de flores nas mãos, muitas outras estão com os cabelos adornados com fitas, um aviamento do universo feminino.



Figura 5. Retrato de Maria Amélia Castilho de Andrade, "Vida Social, A Cigarra, 06 de mar. 1916, s.n.p. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.



Figura 6. Fotografia da turma mista do jardim de infância do Colégio Nossa Senhora da Assumpção, Piracicaba. Poliantéia, 1919.

Entre as amostras de bordado e trabalhos de agulha da Sala de Guardados há uma grande quantidade de técnicas e bordados em padrões florais. Neles, vemos amostras que mostram técnicas diferentes em suportes têxteis com a padronagem prioritariamente de flores. Na Figura 7, encontramos exemplos de bordados com temas florais feitos em pontos cheios e matiz, em fios de seda e um bordado de uma aranha em sua teia, todos com a mesma técnica com desenhos diferentes. Já na Figura 8, é possível observar duas amostras contando com uma maior variedade de técnicas de trabalho de agulha, com aplicação de flores com feltro, aplicação de fitas, flor de crochê aplicada ao linho e flor em fita²³⁴, também aplicada sobre o linho, arrematados com ponto haste. Na amostra da figura 9, as técnicas vão de bordado *richelieu*, ponto cheio, ponto reto, ponto rococó, trançado e técnicas com tecido vazado em fios brancos para as roupas brancas. As amostras mostram a regularidade dos padrões florais, que figuram um grande número de desenhos bordados²³⁵.

²³⁴ Trabalho conhecido como cianinha.

²³⁵ Os pontos e técnicas de bordados serão melhor explicitados no apêndice desta dissertação, onde será feito um catálogo com todas as amostras de bordados coletadas na Sala de Guardados, com uma descrição da técnica e pontos usados em sua confecção.



Figura 7. Amostra de bordado de flores coloridas em linho. Sala de Guardados, Colégio do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.



Figura 8. Amostra de bordado em diferentes técnicas de flores coloridas bordadas e aplicadas sobre linho. Sala de Guardados, Colégio do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.



Figura 9. Amostra de bordado de flores para roupas brancas em linho. Amostra de bordado de flores para roupas brancas em linho. Sala de Guardados, Colégio do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

Além de servirem para decorar o lar, os trabalhos de agulhas eram frequentes no vestuário feminino. Para homens, apareciam nas roupas de batismo, nos pagãos ou em golas de camisas. Geralmente em tamanhos pequenos, restringiam-se mais à infância, o que nos faz acreditar que a presença das flores em suas roupas

explicitavam o momento de vida do homem em que ele ainda estava sob a tutela da mãe. Na fase adulta, limitavam-se aos monogramas nas roupas e nos lenços, que eram a extensão feminina no vestuário masculino, a marca do cuidado. Era no lenço com um pequeno bordado que a mulher se fazia presente no mundo do trabalho e no espaço público masculinos. Já nas mulheres, os bordados e outros trabalhos de agulha ou rendas eram frequentes em seu vestuário, como já comentamos, a começar pelas roupas íntimas.

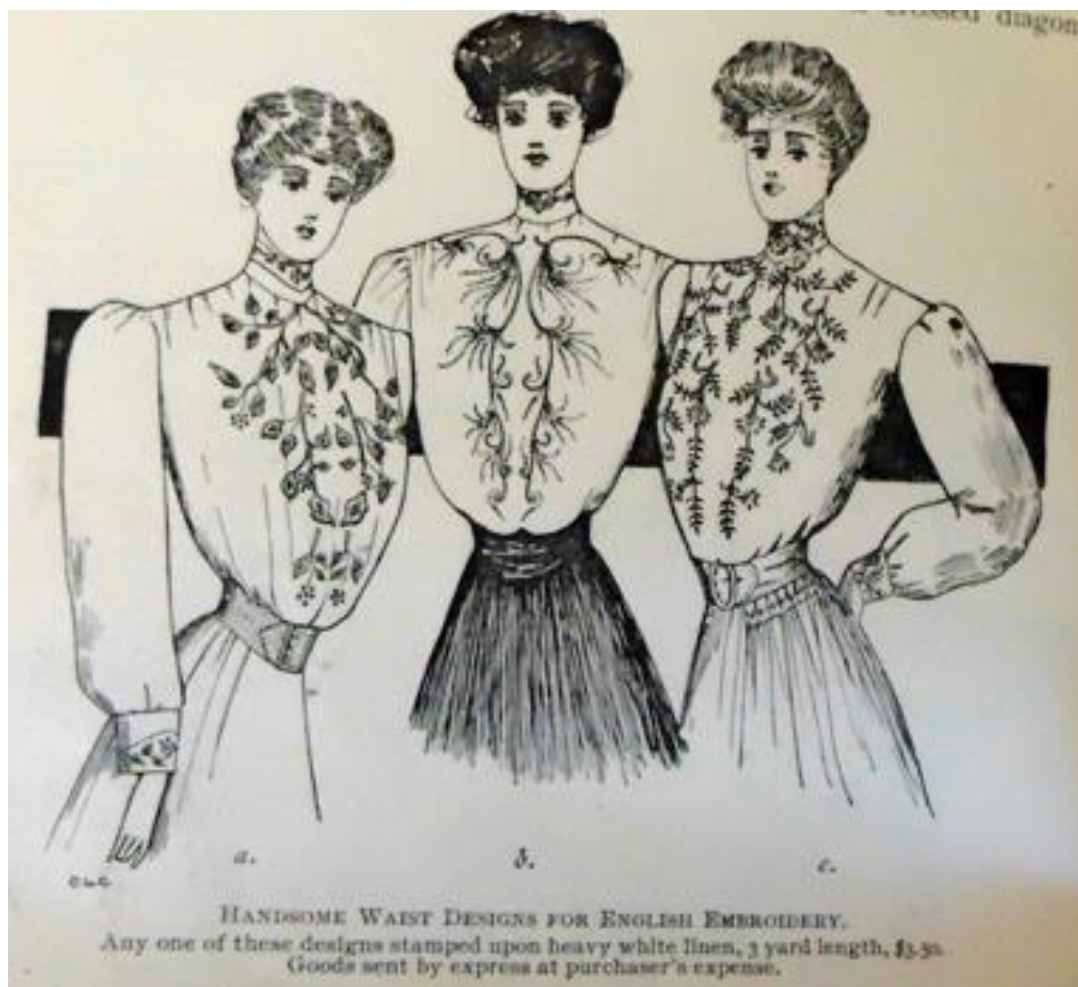


Figura 10. "Handsome Waist Designs for English Embroidery" da *Home Needlework Magazine*. Modelo para vestuário feminino acinturados, de bordados padrões florais simétricos em linho branco, da *Home Needlework Magazine*. vol VII, n. 1, 1906. Sala de Guardados, Colégio do Patrocínio, Itu/SP.

O bordado é usualmente feito com simetria, as peças para a decoração doméstica e para o vestuário têm uma simetria e regularidade nos padrões. Nos

padrões florais, geométricos, em *Art Nouveau*²³⁶, prevaleciam a repetição dos padrões com proporção, uniformidade e paralelismo, como se observa na Figura 10.

Um possível motivo para a predominância da harmonia e simetria dos padrões estéticos pode-se depreender da análise de Umberto Eco sobre a estética medieval. Segundo o autor, as definições de beleza sempre tiveram especial atenção no pensamento humano e uma das fórmulas que possuem uma longa continuidade é a estética da proporcionalidade, que ganhou relevância na Idade Média, principalmente com autores como Santo Agostinho. Para ele, a beleza residiria muito mais na harmonia e na proporção entre as partes do que em elementos isolados. Os trabalhos manuais possuem uma tradição que remonta aos trabalhos têxteis medievais, representaram a dicotomia entre artes aplicadas e belas artes durante a Renascença e a conseqüente feminização durante este processo. Por ter sido relegado à condição de arte menor, artesanato e trabalho de mulher, preservou muitos elementos constitutivos de antigas tradições estéticas, já que era produzido e reproduzido no contexto de um ensino descompromissado com as reflexões sobre renovações de linguagem estética, o que acontecia no campo das artes plásticas²³⁷.

Cynthia Cuber Prescott fez uma interessante descoberta ao comparar duas gerações de tecelãs de colchas em *patchwork* no Oeste americano na segunda metade do século XIX. Ao analisar as colchas da primeira geração, produzidas pelas esposas dos desbravadores do território hostil da ocupação do Oeste, a autora percebeu que a principal característica dos trabalhos daquelas mulheres eram os pontos firmes, a simetria e o paralelismo das formas e padrões da colcha. Já a segunda geração, beneficiada pela prosperidade resultante do trabalho de seus pais na condução dos negócios e pelo assentamento bem sucedido, produziu colchas com padrões caóticos, sem regularidade e simetria, com pedaços de tecidos heterogêneos e desiguais na estampa e na forma. Prescott relacionou essa diferença à experiência vivida de cada geração na ocupação do território. Na primeira, a colcha ordenada e geométrica refletia o desejo de domar uma realidade hostil, que precisava aproveitar

²³⁶ Estilo internacional de arquitetura e de artes decorativas – especialmente da arte aplicada à indústria – muito apreciado de 1890 até os anos 1920. Aliás, o século XIX possui dois movimentos que valorizavam, cada qual a sua maneira, a produção em têxteis domésticos para decoração: o *Arts and Crafts Movement* e o *Art Nouveau*. Segundo Solange Ferraz de Lima, o primeiro abriu espaço para as artes aplicadas como território de novas formas, tentando conciliar arte e artesanato. Já o *Art Nouveau* integrava um projeto político francês de reforçar a imagem do país como centro mundial do bom gosto e produção refinada. LIMA, Solange Ferraz. O trânsito de ornatos: modelos ornamentais da Europa para o Brasil, seus usos (e abusos?). In: Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 16, n. 1, jan./jun., 2008, p. 36.

²³⁷ ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro, Record, 2010, p. 63-65.

cada pedaço de tecido e torná-lo objeto útil. Já a segunda geração, que se viu livre da necessidade do trabalho diário e da carestia de recursos, conquistando o conforto desejado, rompeu os padrões ordenados. Contudo, continuaram a produzir o mesmo tipo de trabalho de suas mães, reforçando a identificação de gênero, redefinindo os padrões visuais para manterem a mesma identidade feminina²³⁸. Transpondo esta percepção à prevalência de padrões ordenados nas revistas de trabalhos manuais, na moda e nos livros didáticos, podemos inferir que as técnicas de poder do mundo disciplinado, higiênico e moralizante ajudaram a manter em evidência estes padrões.

²³⁸ PRESCOTT, Cynthia Cuber. *Op.cit.* 2009, p. 11-124.

CAPÍTULO 2. Bordando a perfeição

“Outra freira não menos idolatrada era Soror Rosa Amelia. Occupava um cargo em que a paciência é muitas vezes posta a prova: era professora de prendas.

E comtudo, seria difícil apontar alguém que a visse zangada: sua indulgência era tal, que algumas alumnas chegavam a abusar”

J. L. Rodrigues, Polianthea de Homenagem à Madre Maria Theodora Voiron. Editora das Escolas Profissionais do Lyceu Salesiano, 1919, p. 81.

Trabalhos manuais, Gênero e Cultura Material

Um de nossos objetivos é mostrar como a produção dos trabalhos de agulha e das obras de gosto estava não apenas em perfeita consonância com a representação social que se tinha sobre a mulher e a feminilidade, mas ajudou a constituir tais representações. Sendo assim, a construção identitária engloba não só as noções abstratas de gênero, mas as ações que envolvem o corpo, suas condutas, as articulações deste com os objetos, constituindo uma síntese corpo-objeto²³⁹. Não são poucos os teóricos que reservaram em suas análises um lugar especial para a materialidade, já que a “chamada ‘cultura material’ participa decisivamente na produção e reprodução social”²⁴⁰.

No caso em questão, os trabalhos manuais colaboraram para a incorporação, através de sua dinâmica e forma de realização, de uma série de condutas motoras e normativas que ajudaram na produção da mulher como esposa e mãe segundo os ideais do período. Sua análise permite entender como as relações de poder se estabeleceram, mesmo que afásicas e invisíveis para seus próprios agentes.

A história ainda é devedora em reconhecer a importância da dimensão material da existência humana. Para Marcelo Rede, historiadores oscilam entre o desprezo e o fracasso em considerar adequadamente as articulações entre a vida social e a

²³⁹ WARNIER *apud* CARVALHO, CARVALHO, Vânia Carneiro de. Cultura material, espaço doméstico e musealização. In: *VARIA HISTÓRIA*, Belo Horizonte, vol 27, n. 46, jul.dez. 2011, p. 448.

²⁴⁰ MENESES, Ulpiano B. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005. p. 18-84

materialidade²⁴¹. Ulpiano Bezerra de Meneses²⁴² adverte que objetos possuem apenas propriedades físico-químicas:

Os atributos intrínsecos dos artefatos, é bom que se lembre, incluem apenas propriedades de natureza físico-química: forma geométrica, peso, cor, textura, dureza etc. etc. Nenhum atributo de sentido é imanente. O fetichismo consiste, precisamente, no deslocamento de sentidos das relações sociais – onde eles são efetivamente gerados – para os artefatos, criando-se a ilusão de sua autonomia e naturalidade. Por certo, tais atributos são historicamente selecionados e mobilizados pelas sociedades e grupos nas operações de produção, circulação e consumo de sentido. Por isso, seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos²⁴³.

No caso dos trabalhos manuais, ação e atribuição de sentidos andam juntas, a primeira implica em uma conexão motora com a dinâmica do trabalho manual, que inclui o trato com o objeto. Nessa interação tecem-se também os sentidos, que não são vividos de modo desencarnado, como ideias, mas como parte de nossa percepção. A citação de Meneses nos previne da armadilha de buscarmos fixados nos artefatos a origem dos sentidos e será em outros textos que ele buscará discutir a dimensão da ação e efeitos proporcionados pelo uso de artefatos. É assim que, o ensino de trabalhos manuais constitui uma excelente plataforma de observação das práticas sociais. Para isso, deve-se “examiná-los ‘em situação’, nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social”²⁴⁴.

Mas antes, é preciso refletir sobre a variedade de tipos de trabalhos manuais que encontramos ao longo da pesquisa, o que nos ajuda a evitar generalizações e simplificações. Isto porque é muito fácil colocá-los sob o rótulo de artesanato e ignorar as diversas particularidades que compõem estes trabalhos.

Sobre trabalhos de agulha

Adentrar uma casa do século XIX e início do XX era certamente se deparar com uma profusão de trabalhos artesanais em toda a decoração. Onipresentes nos lares dos mais variados segmentos sociais, eram típicos das casas e emprestavam à decoração doméstica a demanda por aconchego e conforto. Por sua larga utilização e

²⁴¹ REDE, Marcelo. *Op.cit.* 2012, p. 133.

²⁴² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV, n.21, 1998, p. 89-102.

²⁴³ *Ibidem*, p. 91.

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 92.

variedade de apropriações permitiam demonstrar formas de distinção social e cultural por meio da demarcação de gostos²⁴⁵. Um exemplo dessa apropriação diferenciada das classes sociais encontramos na análise de Maria Izilda Santos de Matos sobre o trabalho feminino²⁴⁶, em que demonstra como os trabalhos de agulha e de costura em domicílio configuravam como alternativa de emprego importante para as mulheres das classes trabalhadoras.

Pierre Bourdieu em sua análise sobre distinção social, explica que uma classe é definida pela estrutura de relações entre as propriedades pertinentes de uma determinada classe social dentro dos variados valores e efeitos desta estrutura ²⁴⁷. Entre propriedades determinantes destas condições está a relação entre gênero.

[...] uma classe define-se no que ela tem de mais essencial pelo lugar e valor que atribui aos dois sexos e a suas disposições socialmente constituídas. Eis o que faz com que, por um lado, o número de maneiras de realizar a feminilidade corresponda ao número de classes e de frações de classe; e, por outro lado, no seio das diferentes classes sociais, a divisão do trabalho entre os sexos assumam formas completamente diferentes, tanto nas práticas quanto nas representações²⁴⁸.

Vemos aqui que as tarefas femininas ajudam também na construção da identidade de classe e, nesse ponto, o ensino dos trabalhos típicos da feminilidade colabora para a perpetuação das distinções sociais. Cada segmento social possuía uma relação diferente com o mesmo tipo de prática artesanal.

Estes trabalhos também se mostravam bastante úteis em momentos de dificuldade, pois podiam virar uma renda extra, com o benefício de não tirar as mulheres de dentro de casa, resguardando o marido da impressão de não prover

²⁴⁵ MALTA, Marize. “Paninhos, agulhas e pespontos: a arte de bordar o esquecimento na história”. In: XXVIII Simpósio Nacional de História – Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, 2015, p. 5.

²⁴⁶ Nesta obra, Maria Izilda faz uma importante análise sobre o cotidiano urbano e suas experiências “porta adentro” e as complexas relações entre o espaço público e o privado durante o processo de industrialização em São Paulo de 1890 a 1930. A autora insere o trabalho de costura e de agulha realizado na habitação por mulheres como parte do crescimento fabril, vinculado às estratégias e demandas do capitalismo, que não via necessidade de investimento em organização fabril para um trabalho sazonal, já que a principal demanda era por costura de sacas de café. MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, EDUSC, 2002, p. 87-109.

²⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. *A distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp, Porto Alegre, Zouk, 2007.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 102.

corretamente sua família²⁴⁹. A própria revista possuía um bazar para a venda de trabalhos de suas leitoras²⁵⁰. Para as famílias em que era imprescindível a contribuição doméstica com o salário da mulher, foi criada a Escola Profissional Feminina, em 1911, com o objetivo de habilitar moças das classes trabalhadoras como mão de obra para a indústria, com aulas de trabalhos de agulha, costura, renda e confecção de roupas, chapéus e flores, entre outras disciplinas²⁵¹. Dois aspectos foram significativos para isso, a forte identificação que estes trabalhos tinham com a mulher e sua capacidade de ser flexível, permitindo, por vezes, conciliar o trabalho remunerado com o trabalho doméstico, já que a mulher podia produzir dentro do espaço doméstico.

Não é ocioso reforçar que, nem espaço, nem objetos são intrinsecamente masculinos ou femininos. O espaço doméstico não se constituiu em um local exclusivamente feminino. Carvalho procurou demonstrar de que maneira o modo diferenciado como homens e mulheres utilizavam os espaços e os objetos dentro de casa contribuiu para a constituição das diferenças não apenas sociais (patrões e empregados), mas de gênero²⁵². No caso que analisamos, as práticas domésticas de artesanato vinculadas às mulheres migraram para a escola e foram incorporadas às técnicas de disciplinamento do corpo feminino. Assim, é preciso lembrar que a produção dos assim chamados trabalhos manuais não se limita apenas a significar, ela age na transformação do corpo. Por outro lado, o universo simbólico que se pretende atingir não é uma pura camuflagem de objetivos maquiavelicamente manipulados para o controle físico das mulheres. A materialidade da experiência artesanal feminina é também o meio de se fazer a conexão com o imaterial, o transcendente, o mundo religioso e os valores a ele associados, como abordaremos adiante.

Os trabalhos manuais estavam em todos os lares e em todos os cantos da casa, mas com formas e usos diferenciados. Paninhos eram espalhados em poltronas, superfícies de todos os tipos, da mesinha de apoio à mesa de jantar, nas mesas de toucador, sob a vasilha do lavatório, como arremates de cortinas, como colchas, como

²⁴⁹ MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. República: da *Belle Époque* à Era do Rádio. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, v.3, p. 418.

²⁵⁰ A *Revista Feminina* desempenhou um importante papel na difusão de trabalhos artesanais no Brasil para os segmentos médios da população. Seus exemplares tentavam combinar duas práticas aparentemente contraditórias, como salienta Vânia Carneiro de Carvalho, pois se apropriava da aura do artesanato francês de um lado, visto como padrão de refinamento em trabalhos artesanais, mas incentivava a profissionalização feminina através destes mesmos trabalhos. Cf. CARVALHO, Vânia Carneiro. *Op.cit.* 2008, p. 74.

²⁵¹ CARVALHO, Vânia Carneiro. *Op.cit.* 2008, p. 77; SANTOS, Simone A. *Op.cit.* 2015, p. 194-195.

²⁵² CARVALHO, Vânia Carneiro. *Op.cit.* 2008, p. 94-95.

coberturas de copos. Compunham um contraponto de luz em meio à mobília muitas vezes escura; estavam nos sofás, tanto como cobertura de pontos estratégicos, como o encosto da cabeça e dos braços, mas também na forma de almofadas, que permitiam ajustar o corpo ao sofá e proporcionar mais conforto. Mais importante que o conforto, os trabalhos artesanais ornamentavam, serviam como cobertura para os objetos tecnológicos que adentraram o lar como as inovações do XIX, a exemplo do que demonstrou Kenneth Haltman²⁵³ sobre as formas de camuflagem das engrenagens do telefone, já que estas remetiam ao mundo da tecnologia e do trabalho, enquanto o lar deveria ser o espaço de desaceleração do corpo e da mente, um espaço de descanso, especialmente para os homens.

Um exemplo de tais práticas encontramos no manual doméstico de Vera Cleser, que instrui a sua leitora a não deixar rastros visíveis de seu trabalho, muito menos do maquinário necessário para isso. Em sua instrução, reforça ainda mais o papel dos paninhos de cobertura:

A hora que determinar o plano domestico, tres horas por exemplo, interrompa a dona de casa a sua costura, mesmo se faltar pouco para conclui-la; guarde-a na cesta e cubra esta e a machina com as toalhinhas apropriadas, tire os fiapos de linha e de fazenda e guarde-os na bolsa de chitão. (*Vide A mesinha de costura.*) No soalho não se deve vê o menor signal de atividade de uma senhora caprichosa e trabalhadora.

Lave as mãozinhas e o rosto de seus filhinhos, peteie-lhes novamente o cabelo, ponha-lhes aventaes limpos, sapatos (aos ques um barbante não substitua o atacador!) cuide emfim tudo para que o marido ao voltar encontre a casa risonha, irreprehensivelmente limpa e em ordem²⁵⁴.

Essas práticas eram tão frequentes, que as “toalhinhas” ou “paninhos” ainda têm o poder de evocar em nós memórias familiares e afetivas. Ao nos depararmos com esses paninhos, toalhinhas de bandeja ou de cobertura de móveis, geralmente o fio da memória nos traz a lembrança afetiva de mães, avós, tias que cobriam em profusão os lares de nosso passado. A coloquialidade de tais artefatos dificultou o reconhecimento de sua importância como objetos únicos e produtos do engenho e talento humano, incluindo a sua condição de objeto de arte. Exceção para os têxteis de ostentação, que mereceram certo destaque no universo da História da Arte e em alguns museus de arte, especialmente os de arte decorativa. As grandes tapeçarias

²⁵³ HALTMAN, Kenneth. Reaching Out to Touch Someone? Reflections on a 1923 Candlestick Telephone. In: *American Artifacts: Essays in Material Culture*. 2000, 71-92.

²⁵⁴ CLESER, Vera. O Lar Doméstico. 1898, p. 22

muitas vezes traduziam a opulência das moradas dos abastados e eram usualmente produzidos por manufaturas de renome, conferindo status e importância a tais trabalhos. Já os têxteis produzidos em casa, estes ficaram perdidos nos baús e na memória. Como nos conta Marize Malta, “o luxo prevaleceu sobre o trivial”²⁵⁵.

Como decorrência, os têxteis domésticos foram negligenciados como patrimônio. Isso os excluiu dos acervos e das pesquisas sobre seus significados e todo o rol de práticas sociais que se entrelaçam a partir deles²⁵⁶. Algumas instituições museológicas têm peças têxteis em seu acervo permanente, como o Museu Paulista-USP, Museu Imperial de Petrópolis e Instituto Feminino da Bahia²⁵⁷; ou iniciativas como a do Museu Republicano “Convenção de Itú”, que conta com uma exposição “*Fios do passado*”²⁵⁸, mas não constituem o padrão expositivo dos museus em geral.

São equivocadamente colocados sob uma mesma tipologia, trabalho feminino ou trabalhos de agulhas e apresentam dificuldade de valoração como arte ou não, se são artesanato típico ou não. Até se pensarmos em sua executante, sua classificação fica difícil, pois o valor da tradição de bordar ou fazer renda por mulheres de uma comunidade mais pobre ou afastada dos grandes centros urbanos é distinto do valor atribuído à produção feita por mulheres de elite.

Arqueólogos, familiarizados por ofício com os artefatos, deram várias contribuições para a cultura material como matriz e mediadora de relações sociais, porém, Mary C. Beaudry²⁵⁹ alerta para o menosprezo dos arqueólogos pelos chamados *small finds*, termo vindo principalmente da arqueologia inglesa, que “contamina” o que se escreve sobre os pequenos achados da arqueologia histórica. Os artefatos de costura, por muito tempo, inseriram-se nesta categoria e foram

²⁵⁵ MALTA, Marize. *Op.cit.* 2015, p. 3.

²⁵⁶ Estudos sobre têxteis domésticos são relativamente novos dentro do universo historiográfico. Pioneiras como Rosika Parker relatam como a trivialidade deste tipo de fonte dificulta a pesquisa, porém, ressaltam a importância deste tipo de estudo para a compreensão do que se entende por feminilidade. Após a publicação de sua obra, em 1988, outros trabalhos surgiram na esteira deste, principalmente nos Estados Unidos e Europa. Já o Brasil começou a produzir trabalhos significativos sobre o tema principalmente neste século, tendo destaque os trabalhos de Vânia Carvalho e Ana Paula Simioni. Cf. CARVALHO Vânia, *Op.cit.*, 2008; GOGGIN, and TOBIN, Beth. *Op.cit.*, 2009; SIMIONI, Ana Paula. *Op.cit.* 2010; MALTA, Marize. *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2014. *et ali.*

²⁵⁷ MALTA, Marize. *Op.cit.* 2015, p. 3.

²⁵⁸ A Exposição “Fios do passado” é resultado de um projeto fotográfico de valorização e resgate de bordados e de bordadeiras desenvolvida pela fotógrafa Pola Fernandez junto ao Grupo de Mulheres Negras Saltenses Nyota. O museu também desenvolve um trabalho educativo de resgate das tradições de bordados com bordadeiras de Itu e região.

²⁵⁹ BEAUDRY, Mary C. *Findings - the material culture of needlework and sewing*. Yale, Yale University, 2006, p. 2.

descartados como fonte, apesar de sua abundância, por serem considerados objetos ordinários, ligados ao espaço doméstico e às mulheres, corroborando e reforçando a produção de um saber que marginalizava as práticas de agentes femininos e domésticos. A própria autora confessa que sua atenção sobre estes pequenos achados só mudou quando se deparou com um dedal de prata com monograma, achado na escavação feita em 1986 na Spencer-Pierce-Little Farm, em Newbury, Massachusetts. Objeto pessoal e valioso, ele a fez procurar saber quem eram as mulheres que um dia viveram ali. Foram iniciativas como esta que proporcionaram o aumento no interesse da vinculação de artefatos com as questões de gênero e daqueles que relatam as atividades femininas, possibilitando o preenchimento das lacunas analíticas da arqueologia histórica²⁶⁰.

Como todo objeto de uso intenso, também o artesanato têxtil para uso doméstico podia ser comprado, encomendado ou feito em casa, como recomendado em manuais e revistas da época, pois só assim teria o “toque de cuidado” e marca pessoal da dona de casa. Estes tipos de trabalhos são variados e envolvem:

...têxteis de revestimento e sobreposição, geralmente tratados como tecidos de decoração (forração de móveis, cortinas, colchas) e tapetes; os de serviço, a chamada roupa branca e as alfaias; os ornamentais, que lidam com pouca interação, como quadros bordados, por exemplo.²⁶¹

Não se pode esquecer das almofadas, roupas de tricô e crochê, bordados para itens decorativos e também para vestuários, macramê, lençóis com anagramas, bicos e franjas de toalhas e coberturas para objetos de uso cotidiano da casa e de seus moradores. Seu efeito era proporcionar a sensação de conforto e cuidado. Mas, para além do conforto visual e até físico que estes artefatos podiam causar, a magia de seu aconchego envolvia mais do que o próprio artefato, envolvia sua autora. Segundo Clive Edwards, eles constituíam uma metáfora visual do papel feminino no lar porque estes objetos refletem seu esforço físico e o modo como viviam suas vidas. Seriam, segundo o autor, resultado do “*labor of love*”²⁶².

O esforço físico empreendido para a produção do artesanato para decorar o interior doméstico acrescentava um valor ao objeto. Um valor pessoal além de cultural, principalmente no século XIX, onde o conceito de lar torna-se significativamente

²⁶⁰ *Ibidem*, p. 3-4.

²⁶¹ MALTA, M. *idem*, p. 4-5.

²⁶² EDWARDS, Clive. Material Cultures Women's home-crafted objects and collections of culture and confort. 1750-1900. In: POTVIN, John and MYSELEV, Alla. *Material Cultures – 1740-1920: the meanings and pleasures of collecting*. Surrey, Ashgate Publishing, 2009, p. 50.

importante²⁶³. Os objetos têm a propriedade de facilitar a memória, pois fazem parte da história de vida e carregam as lembranças de sua produção ou aquisição²⁶⁴. Por isso, a natureza do trabalho empreendido na feitura do artesanato doméstico desempenhou um papel importante para as mulheres, pois proporcionou uma relação de intimidade entre a mulher e o seu trabalho, aproximação que permitiu a extensão de sua personalidade para o espaço doméstico. Isso a fez criadora de uma estética do lar doméstico compatível com o ideal de feminilidade da época.

Mulher e bordado

Os estudos centrados na materialidade percebem as práticas e representações como dimensão da cultura que não devem ser dissociadas de sua dimensão material, pois não existem valores ou mensagens sociais puramente imateriais. A cultura material é, por excelência, matriz e mediadora de relações²⁶⁵. Neste sentido, os têxteis colaboram para os estudos históricos de gênero, pois eles inserem as mulheres na sociedade, são matrizes de identidade de gênero e mediadores de relações sociais²⁶⁶. Sua prática promove uma relação orgânica entre corpo e objeto,

Bordar foi uma atividade socialmente significativa. Estes trabalhos eram vistos como bens pessoais para suas autoras²⁶⁷. Costurar, dar pontos, consertar e ajeitar o vestuário são funções constantes do trabalho doméstico feito por mulheres. Mulheres e moças se engajam no trabalho manual decorativo como forma de mostrar suas habilidades nas artes femininas, assim como marcar sua posição social. Ao mesmo

²⁶³ As formas de morar carregam em si os códigos de valores de uma época e possuem, portanto, um caráter simbólico. Por isso, a transformação da arquitetura doméstica e configuração espacial da casa refletem as mudanças de um tempo. O século XIX se caracterizou, entre outros aspectos, por seus discursos higiênicos e pelo ideal de vida burguês, no qual o conforto passa a ser um importante signo de toda época, que se incorpora no modo de viver e transforma a casa em lar. A felicidade doméstica passa a ser o principal foco de um lar confortável e engloba o asseio, os mobiliários e os cuidados com a decoração, distanciando-se da antiga forma de morar colonial, onde trabalho e moradia se fundiam no mesmo espaço. Cf. CARVALHO, Maria Cristina Woolf de. Bem-morar em São Paulo, 1880-1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, vol. 4, 1996, p.165-200; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Op.cit.* 2008, p. 21-27; EDWARDS, Clive. *op. cit.*, p. 38.

²⁶⁴RICE, Charles. *Emergence of the interior: Architecture, Modernity, Domesticity*. London and New York, Routledge, 2007, p. 15.

²⁶⁵ REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências e recentes nos estudos de cultura material. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 4, p. 265-282, jan.-dez. 1996.

²⁶⁶ É praticamente uma unanimidade na bibliografia a relação entre trabalhos de agulha, renda, costura e gênero feminino a partir da Idade Moderna. Cf. BAUSUN, Dolores. *Threading time: a cultural history of threadwork*. Fort Worth, Texas, TCU Press, 2001; BEAUDRY, Mary. *Op.cit.* . 2006; GOGGIN, Maureen e TOBIN, Beth, *Op.cit.* 2009; WHITING Gertrude. *Old-time Tools and Toys of Needlework*. New Yprk, Dover Publications, 1981; PARKER, Rozsika. *Op.cit.*, 2010; et.al.

²⁶⁷ FOX, Sandi. *For Purpose and Pleasure: Quilting Together in Nineteenth-Century America*. Nashville, TN, Rutledge Hill Press, 1995, p. 31.

tempo em que serve como um lazer pouco utilitário (adorno), bordar pode ser também capaz de gerar renda. Mas nem sempre foi assim. Dolores Bausum mostra como os têxteis se imbricaram na história da humanidade, passando por vários períodos da história, das tradições bíblicas à tapeçaria medieval, chegando às transformações da sociedade industrial, a partir do século XVIII, quando este tipo de trabalho se desloca definitivamente para a esfera exclusiva feminina. Para demonstrar a proposição, a autora utiliza vários autores da literatura de ficção, evidenciando como os trabalhos manuais colaboraram para o controle do corpo feminino, principalmente com a finalidade de evitar sentimentos fortes e paixões eróticas. Por isso, a religião e o bordado possuem um forte vínculo²⁶⁸.

Em seu texto sobre trabalhos femininos em um convento Veneziano dos séculos XV a XVIII, Isabella Campagnol explica que o bordado e a costura não eram, naquela sociedade e tempo, trabalhos exclusivamente femininos, pois homens trabalharam com alfaiatarias em sistemas de corporações por muito tempo. Já a renda, ao contrário, jamais ganhou espaço na corporação da sociedade veneziana, constituindo domínio exclusivo feminino. Os trabalhos de agulha se imbricaram ao cotidiano feminino, pois era de suma importância marcar cada momento e tempo disponível em:

[...] all sorts of “feminine works” in order to avoid “dangerous moments of idleness. According to contemporary philosophers and religious thinkers, in fact, these empty moments were those in which the “weak” feminine mind was more vulnerable and could indulge in morally reprehensible thoughts, therefore deeming it essential to keep women constantly busy in some kind of activity²⁶⁹.

Por seu caráter disciplinador e por carregar os signos da feminilidade do período, os trabalhos em suportes têxteis, em especial o bordado e a renda, foram peças fundamentais nos processos de evangelização cristã ao longo do mundo ocidental, no reforço dos espaços sexualizados da rua e da casa e nas representações de gênero. Serviram tanto para os missionários protestantes, como para os católicos, pois seus ideais de conduta feminina se pareciam:

The ideology of separate spheres in Porto Rico was further defined by the *casa/calle* distinction, with women’s domain the home, and men’s domain being the street. This division emphasized the male role as provider and protector, dress worked to make the social distinctions of class and gender visible. The Catholic Church heavily influenced the ideology of traditional gender roles, as the Catholicism

²⁶⁸ BAUSUM, Dolores. *Op.cit.*, 2001, p. 1-22.

²⁶⁹ CAMPAGNOL, Isabella. *Op.cit.* 2009, p. 168.

fostered an emphasis on Family honor and female virginity that maintained male control over women's labor and sexuality²⁷⁰.

Voltando aos citados conventos e casas de caridade venezianos, os bordados eram usados para ocupar as mentes e evitar a desonra para todas as mulheres do ambiente religioso. Estes se constituíam em espaços de confinamento tanto para moças que se preparavam para casar, como para aquelas que iriam abraçar, espontaneamente ou forçosamente, a vida religiosa. Ou seja, moças ricas, dos segmentos médios e baixos, a maioria passaria por uma instituição religiosa. Nestes locais, era essencial ocupar as mentes fracas, por isso, seus currículos eram pensados com doses maciças de trabalhos de agulha²⁷¹. Contudo, o bordado é simultaneamente um lugar de produção cultural e um campo para expressão pessoal feminina, como as artistas plásticas analisadas por Ana Paula Simioni²⁷² mostram tão bem. Usam da arte menosprezada para expressar sua voz silenciada.

Bordado e corpo feminino

A associação entre trabalhos de agulha e feminilidade foi tão constante que a educação feminina a incorporou. A institucionalização de tal associação só ajudou a perpetuá-la, chegando até mesmo aos ambientes profissionais de artistas e arquitetos modernistas no século XX, como demonstrou Simioni²⁷³. Mas quais são os atributos

²⁷⁰ FERNANDEZ-SACCO, Ellen. *Mundillo and Identity: The revival and transformation of Handmade Lace in Puerto Rico* 2006: 156. In: GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes (org). *Op.cit.* 2009, p. 156.

²⁷¹ COMPAGNOL, Isabella. *Op.cit.* 2009, p. 169.

²⁷² Para mostrar que os objetos artísticos, em virtude de seus atributos materiais (e não somente sua autoria), possuem um “gênero”, a autora analisa a longa identificação das artes têxteis, e em especial os bordados, com o gênero feminino a partir do século XVI, quando as academias passaram a estabelecer uma “hierarquia dos gêneros” um sistema de classificação das modalidades artísticas que as escalonava, estabelecendo como modalidade mais “alta” a pintura de história, domínio quase exclusivo dos artistas homens, e condenando como “baixas” as artes aplicadas, vistas como domésticas e, por extensão, femininas. A partir dos movimentos feministas, algumas artistas usaram esta arte relegada às mulheres como forma de denunciar práticas sexuais diferenciadas dentro do universo das artes, promovendo uma revalorização das tradições “femininas”. É dentro desta perspectiva que a autora estuda as obras de Rosana Paulino e Rosana Palazyan, no Brasil dos anos 80 do século XX, por sua capacidade de operar subversões dos sentidos tradicionalmente, onde seus bordados propiciam novas formas de olhar e de pensar, extremamente críticas às hierarquias dos gêneros (artísticos e sociais) que vigoram tanto nas práticas cotidianas, quanto nos mundos das artes. Simioni, Ana Paula. *Op.cit.* 2010.

²⁷³ A autora também mostra como a associação das mulheres aos trabalhos artesanais e têxteis se prolongou para a geração de artistas ligados ao modernismo. O tratamento social era hierarquizado, quando se tratava de homens e mulheres produtores de obras artísticas e arquitetônicas. Homens executores de projetos arquitetônicos seriam *designers*, reconhecidos com alto status, enquanto mulheres, responsáveis pelas partes têxteis do projeto, as executoras. Além disso, a autora demonstra como os espaços dentro da *Bauhaus* se especializavam e diferenciavam segundo o gênero, sendo os ateliês de arquitetura e pintura sistematicamente desencorajados às mulheres, que eram encaminhadas ao ateliê de têxteis.

dos bordados que o fazem tão “adequados” à noção de feminilidade? Por se remeter ao lar, o bordado também transmite a ideia de objeto de cuidado da família, que traria prazer e plenitude e serviria de herança cultural entre gerações de mulheres²⁷⁴.

Para Daniel Miller, o sujeito não pode se perceber fora do mundo material, pois é dentro e através deste mundo que o sujeito constrói sua identidade²⁷⁵. O raciocínio se estende à materialização das identidades sociais por meio dos trabalhos de agulha e dos têxteis, responsáveis por configurar um padrão corporal sexuado. Esta feminização dos têxteis coincide com o surgimento da sociedade de consumo do século XIX e, com ela, surge o fenômeno do “caseiro”²⁷⁶. Para Clive Edwards, o movimento de valorização do artesanato - “*do it yourself*” - representa o indivíduo através da auto-expressão e do sentimento de autoestima²⁷⁷. Neste contexto, o bordado ganha proeminência entre as habilidades femininas, tornando-se uma habilidade mais importante do que o domínio de outros idiomas. A característica doméstica somada à posição do ato de bordar colaboraram significativamente para isso²⁷⁸, pois a mulher calada, ereta e cabisbaixa, em posição de submissão, ao contrário da ideia de articulação linguística, era mais adequada à moça idealizada.

Um bom exemplo desta ideia aparece no livro de Júlia Lopes de Almeida²⁷⁹, onde a leitora da obra recebe várias sugestões de cuidados para a casa e a família. A obra em tom intimista de uma conversa da autora com sua leitora a instruía a ser uma boa esposa, mãe educadora e dona de casa econômica, honrada, elegante e dedicada à família. Para a dona de casa ser econômica, a obra traz diversas dicas sobre

As estruturas metálicas eram bastante valorizadas na escola modernista e, novamente, eram domínio masculino. Segundo os manuais para aulas desta natureza, a escola também perpetuaria um modelo em que os objetos ensinados e produzidos por meninos eram de materiais sólidos como madeira, cartolinas, relacionados à geometria e conhecimentos matemáticos e espaciais, enquanto as meninas ficavam com a fluidez dos têxteis, as formas românticas de flores e natureza bordadas, ou tricô e costura para aconchegar e aquecer a família, adequados à graça feminina, encanto, ou como Simioni chama, por sua “textilidade”. Cf. SIMIONI, Ana Paula. Bordado e transgressão: questão de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. *Idem*.p. 7-8.

²⁷⁴ PARKER, Rosika. *Op. Cit.*, p. 2-3.

²⁷⁵ MILLER, Daniel. *Materiality: An Introduction*. In: _____. (Editor). *Materiality*. Durham and London, Duke University Press, 2005, p. 5.

²⁷⁶ ULRICH, Laurel T. *The Age of Homespun: Objects and Stories in the Creation of an American Myth*. New York, First Vintage Books Edition, 2002, p. 4-5.

²⁷⁷ Edwards, Clive. Home is Where the Art is: Women, Handicrafts, and Home Improvements 1750-1900. In: *Journal of Design History*. Oxford, Oxford University Press, Vol. 19, n. 1, 2006, p. 1.

²⁷⁸ NEWELL, Aimee E. “Tattered to Pieces”: Amy Fisk’s Sampler and the Changing Roles of Women in Antebellum New England. In: *Women and Material Culture of Needlework & Textiles, 1750-1950*. Surrey, Ashgate, 2009, p. 51-68.

²⁷⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes. *O livro da Donas e Donzellas*, Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte, Francisco Alves & Cia., 1906.

cuidados e organização das roupas da família e da casa, além do cuidado com a alimentação. É interessante notar o teor dos textos e as imagens que os acompanham. Apesar de tantas orientações sobre como organizar e administrar o lar, em apenas uma imagem aparece uma mulher efetivamente trabalhando em uma atividade têxtil, no caso, um trabalho de agulha. Mais interessante ainda é observar que esta imagem ilustra o capítulo *“Para a morte”*, em que a autora constata a inevitável mutabilidade da existência humana e coloca as mulheres como espectadoras das mudanças de seu tempo, entre elas, o feminismo.

Que culpa temos nós de ficarmos aqui ou irmos para além, se somos levadas pelo vento?

Nos tempos antigos, a mulher era calma, submissa, pacífica e retraída; mas seria tudo por ter mais bom senso, mais felicidade e menos ambição? Não me parece. O motivo devia ser outro; o motivo devia de estar na atmosfera que a envolvia e em que não existia nenhum elemento agitador. Não somos nós que mudamos os dias, são os dias que nos mudam a nós.²⁸⁰

Para ilustrar essas ideias, o livro traz uma imagem emblemática do que seria este exemplo de mulher do passado, calma, submissa, pacífica e retraída: uma mulher fazendo seu trabalho de agulha, quieta, solitária, em plena noite, já que acompanhada de uma lamparina, rosto aparentemente cansado (figura 11):

²⁸⁰ ALMEIDA, Júlia Lopes. *op. cit.* p. 71-72.



Figura 11. Gravura de mulher bordando, "Para a Morte", *Livro das Donas e Donzelas*, Júlia Lopes de Almeida, 1906, p. 72.

Continuando o texto, o que se percebe é que a mudança do tempo a que autora se refere é o feminismo, e chega a defender o trabalho feminino. Sua crítica, contudo, recai sobre a luta mais extremada, tomando como exemplo os textos de Emma Goldman²⁸¹, para quem a luta por igualdade passava pela violência. À mulher não cabia, segundo Lopes, uma atitude combativa, mas conciliadora. Tudo, porém, culpa do tempo que impele a mulher ao mundo do trabalho e a afasta de sua vocação, a bondade feminina, sugerindo, paradoxalmente, um desejo de aproximação maior com a mulher do passado, submissa, calma e pacífica.

O mesmo olhar cabisbaixo e atento, mas sem juízo de valor, encontramos em uma das habituais matérias sobre trabalhos femininos da *Revista Feminina*²⁸². Seu objetivo é apenas ilustrativo e de adorno, mas é uma das poucas vezes que aparecem imagens de mulheres bordando, mesmo em uma revista que tinha como parte

²⁸¹ Provavelmente Emma Goldman, ativista anarquista e feminista lituana radicada nos Estados Unidos no fim do século XIX.

²⁸² *Revista Feminina*, n. 16, set. 1915, p. 18. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

permanente a seção receitas de trabalhos de agulha e outros trabalhos artesanais femininos, com o nome de “trabalhos femininos” ou “trabalhos de senhoras” (figura 12).

REVISTA FEMININA

18



TRABALHOS FEMININOS



Fig. N. 2 — Seda phantasia bordada com florestubas, ou bordado inglês e limon. Neste ultimo caso é necessario um transparente de seda branca ou de côr. Muito lindo modelo, facil de confeccionar em casa. Economico e de grande effeito.



Fig. N. 3 — No centro um grande quadrado de Venêcia de 29 cent. de lado. Desenho muito simples: — “mat” para a estrella do centro, linhas afastadas com picot para as rosaceas (vide trabalhos de agulha, Rev. Feminina, numeros anteriores), pontos de tulle dupla para as rosaceas dos angulos. O quadrado é executado à parte e é posto no centro com ponto de enfiar. Ao redor, motivos ajourés à inglesa, interrompidos por um redondo de renda de Venêcia de 4 cent. de diametro. Nos angulos são incrustados quadrados de filet de 39 malhas por 8 cms. Ao redor uma banda de renda. Fundo; transparente de setim mandarine. Uma fita enfiada e terminando por dois laços.

Fig. N. 1 — Para estantes ou mesmo para portas. Côres de accordo com o mobiliario. Para um tecido vieux bleu, por ex. os motivos maiores serão feitos ao “pochoir” em tons azul mais claro, azul mais escuro que o fundo, vivo pallido e verde carregado. Os traços finos, bordados em “passé” chato. Trabalho de lindo effeito.



Fig. N. 2 — Touca para menina de 4 a 6 annos.

Fig. N. 3 — Linda amostra que pode servir para um porta-camisas de dormir, para uma almofada, etc

Figura 12. "Trabalhos femininos", da *Revista Feminina*, set. 1915, p. 18. APESP.

Nas poucas representações de mulheres bordando, elas aparecem sempre sozinhas, caracterizando o bordado como um trabalho solitário, mas vale lembrar que estas atividades eram muitas vezes realizadas em grupos, caso em que a troca de experiência e conhecimento sobre o bordado se misturava com as experiências de vida de cada participante²⁸³. A dificuldade destes trabalhos era reconhecida, mas não necessariamente nas receitas das revistas. E também é parte da atração que estes trabalhos tinham a promessa subjacente de conferir um corpo educado e feminino àquelas que os praticavam²⁸⁴. Novamente, Júlia Lopes de Almeida, no seu *Livro das Noivas*, explica sobre as roupas brancas: “Para fazer costura branca é preciso ter um gênio especial, sereno e paciente”²⁸⁵.

Difícil, cansativo, persistente, árduo, regrado, pouco reconhecido, mas que confere à sua praticante o zelo, a docilidade e a humildade de quem cuida e se dedica com amor ao que é seu. Portanto, os trabalhos de agulhas e têxteis permitem e são capazes de transmitir significados e valores, educar e criar identidades, e nessas identidades, educam os corpos dentro dos signos que representam. Os objetos são reclamados como invisíveis, sem uma assinatura autoral, como no objeto artístico, e por isso mesmo, ensina para sua autora a humildade e entrega que esta deveria ter, além de inculcar obediência, regra e paciência por horas. Isso seria um pré-requisito para a sua transformação em mulher. Neste sentido, os trabalhos com têxteis promovem uma exibição da submissão, que Goggin e Tobin chamam de *display of submission*²⁸⁶.

Para alcançar o objetivo de formar as meninas “na prática das virtudes que convêm ao sexo”, os trabalhos de agulha são de grande serventia. Goggin faz um interessante paralelo entre estes valores e virtudes com o bordado, mostrando que a

²⁸³ Caso dos estudos sobre confecção de colchas de retalho no Oeste americano, ou renda de bilros em Porto Rico. Nas escolas, as aulas de trabalhos de agulha ocorriam justamente em grupo, mas a conversa entre alunas não era incentivada, que deveriam permanecer concentradas em seus trabalhos, pois nem o espaço físico da sala de aula, nem a distribuição das carteiras permitia muita interação. Cf. PRESCOTT, Cynthia C. *Op.cit.*, 2009, p. 113; FERNANDEZ-SACCO, Ellen. *Op.cit.*, 2009, 149-150; ABDALA, Rachel. *Op.cit.* 2015, p. 146.

²⁸⁴ GOGGIN, *Op.cit.* 2009, p. 16; EDWARDS, Clive. *Op.cit.* 2009. p. 43.

²⁸⁵ ALMEIDA, Júlia Lopes. *Livro das Noivas*, Rio de Janeiro/São Paulo, Francisco Alves & Cia. Typographia, 1905, p. 23-24.

²⁸⁶ Parte importante da formação de uma menina é tornar-se ‘mulherzinha’, que seria uma forma de inculcar obediência e paciência como para tornar-se mulher. Elas demonstram por meio de imagens, o costume de mulheres serem retratadas segurando objetos têxteis, como tricô, bordados, tesouras de costura e afins para exibir, evidenciar, através destes artefatos, suas características femininas socialmente aceitas Cf. PRISTASH, Heather; SCHAECHTERLE, Inez; WOOD, Sue Carter. “The needle as a pen”. In: GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes. *Women and the material culture of needlework and textiles.(1750-1950)*. Farnham, England Burlington, Ashgate, 2009, p. 17.

tríade – castidade, silêncio e obediência – combinava perfeitamente com sua prática, que sugeria “fechar todos os orifícios femininos – a castidade, a vagina; o silêncio, a boca; a obediência, os olhos, que deviam ser obedientes e cabisbaixos”²⁸⁷. A posição de bordar, principalmente durante seu aprendizado, é justamente a do olhar obediente, corpo imóvel, mobilizado para o movimento exclusivo das mãos, que convida à disciplina e ao domínio do gestual, apropriado para garantir tais virtudes. Já quando o bordado já era suficientemente automatizado, poderia representar um espaço de introspecção, de devaneio, onde sua artesã poderia ter um momento só seu, mais prazeroso que os afazeres domésticos.

Para Warnier, os esquemas corporais podem produzir condutas motoras adequadas ou não para determinados contextos ²⁸⁸. Os trabalhos de agulha como vistos aqui permitem a elaboração de uma síntese motora capaz de transmitir discursos afásicos de feminilidade. Já para Bruno Latour, estes trabalhos podem ser entendidos como contendo um “programa de ação” produzido em meio a laços sociais permeados por objetos, em uma contínua relação entre humanos e não humanos, uma “rede de atores”²⁸⁹. A mãe ou professora que ensina, a filha ou aluna que aprende, as agulhas, fios e tecidos, desenhos, treino e técnica, decoração do lar, família, estão todos em redes de associações que funcionam para disciplinar e desenvolver condicionamentos disciplinares coerentes com o projeto social do período e, por consequência, dos projetos escolares gestados neste contexto e que podem ser subvertidos, pois a cadeia de ações entre humanos e não humanos não é pré-determinada.

Escola e bordado.

Por estarem em todos os lares e amalgamados ao ideal de identidade feminina, os trabalhos de agulha também eram um aprendizado necessário. Transmitir o conhecimento e habilitar corretamente as meninas da família era uma obrigação dos pais. Ora, por associação, o sistema educacional criado no século XIX no Brasil para escolarizar as meninas também passou a ser um espaço de transmissão desses trabalhos de agulha e costura. Das escolas públicas às particulares, confessionais ou laicas, todas possuíam em seu currículo o ensino de trabalhos manuais. Nas leis que

²⁸⁷ GOGGIN, *Op.cit.* 2009, p. 37.

²⁸⁸ WARNIER, Jean-Pierre, *apud* REDE, Marcelo. Estudos de cultura material: uma vertente francesa. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo, n. Sér. v. 8/9, 2000-2001, p. 285.

²⁸⁹ LATOUR, Bruno. The Berlin Key or how to do things with words. In: P.M. Graves-Brown. *Matter, Materiality and Modern Culture*. London, Routledge, 1991, pp 10-21.

regularam a escolaridade feminina durante o Império e República, o ensino de trabalhos de agulha era obrigatório.

Segundo Krzysztof Pomian, estruturas são fenômenos sociais, geográficos, econômicos, técnicos, políticos, culturais, psicológicos que permanecem constantes durante um longo período, ou que só evoluem de maneira quase imperceptível, já as conjunturas são percebidas como as flutuações que se manifestam neste contexto²⁹⁰. A construção de representações femininas que encontramos no período da pesquisa começou juntamente com o estado moderno, onde se internalizou a disciplina e criaram-se novos hábitos de civilidade. Nesta longa duração, o bordado, a renda, a costura e os trabalhos manuais em suportes têxteis são identificados como práticas femininas, em que as novas conjunturas históricas não foram capazes de destruir seu núcleo de sentidos. Tais objetos continuaram agindo como construtores do corpo feminino, atualizando de forma inconsciente e naturalizada sentidos tradicionais. O novo ingrediente que ingressa na longa identificação dos trabalhos de agulha e têxteis ao feminino foi a sua inserção no ambiente escolar.

O período analisado por esta pesquisa, fim do século XIX e início do XX, foi palco de transformações no sistema educacional como um todo, mas entre as mudanças percebemos as permanências. A principal mudança que se verificou foi no método de ensino que passou a ser visto como um recurso pedagógico eficaz para as demandas educacionais deste tempo, o método intuitivo. Sua matriz epistemológica vinha da Europa e dos Estados Unidos, principalmente por meio da difusão proporcionada pelas Exposições Universais.

Um exemplo disso encontramos no periódico “*A Eschola Publica*”, publicado de 1893 a 1897, com a finalidade de atender às necessidades do sistema educacional em fase de implantação do novo regime republicano²⁹³. Em 1895, os editores deste periódico reúnem vários artigos já publicados em uma compilação de suas edições anteriores, servindo como um manual aos professores. Ele trazia orientações práticas sobre aulas, com recomendações endereçadas a seu público alvo, o professor.

²⁹⁰ POMIAN, Krzysztof. A história das estruturas. In: LE GOFF, Jacques, CHARTIER, Roger e REVEL, Jacques. *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes, 1988, p. 99-100.

²⁹³ As mudanças do período republicano, conforme atestam Diana Gonçalves Vidal e Vera Lúcia Gaspar, foram gestadas durante o Império, inclusive em muitas das soluções introduzidas, como seriação de conteúdos e obrigatoriedade escolar. Depois da mudança de regime, o discurso de renovação teve no periódico *A Eschola Publica* um importante instrumento de difusão dos ideais pedagógicos do novo regime, como analisado por Valdemarin e Pinto. Cf. VIDAL, Diana Gonçalves e SILVA, Vera Lúcia Gaspar da. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In: *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 11, n. 2, 2010, p. 29-45 VALDEMARIN, Vera Teresa e PINTO, Adriana Aparecida. *Op.sit.* 2010, p. 170.

Encontramos nele uma variedade de conteúdos e meios de trabalhar estes conteúdos em sala com os alunos. Toda obra possui ao menos um plano de aula para todas as disciplinas do currículo, além de orientações sobre experimentações baseados no que preconizava o método “Lição de Coisas” e todos se destinavam a alunos de ambos os sexos, à exceção do capítulo Trabalhos de Agulha. Este se destinava exclusivamente às escolas primárias do sexo feminino²⁹⁴. Voltaremos mais tarde às recomendações feitas sobre o capítulo ao tratar do ensino com amostras.

Em outro caso, no periódico²⁹⁵ publicado pela educadora Anália Franco²⁹⁶, de circulação gratuita nas escolas públicas no fim do século XIX e primeiros anos do XX, encontramos um discurso em consonância com o projeto modernizador tão discutido no período, educação obrigatória, independentemente de classe e gênero. Mas, para as mulheres, não se era cabível retirar as prendas que as definiam, conforme podemos observar:

No intuito de prestar um pequeno contingente á mães que desveladamente preocupam-se da educação das suas filhas, vamos traduzir algumas criteriosas idéas de Mme. Alq as quaes nos parecera úteis para auxiliá-las na sagrada tarefa que por Deus lhes foi imposta. Se bem que não apoiemos *in totum* o modo de pensar da illustre educadora, nem por isso podemos deixar de aprovar as suas judiciosas observações relativamente ao assumpto de que tratamos.

Segundo a sua opinião, a mulher seja qual for a classe social a que pertença, deve ser instruída, **saber todas as prendas domesticas** e aprender uma profissão que lhe possa garantir a existência no caso de necessidade, e para esse fim estabelece em resumo os limites desses reconhecimentos conforme a posição de fortuna de cada uma.

Em primeiro lugar trata da classe média, a qual sendo a mais numerosa é aquela em que a mulher occupando-se dos affazeres domésticos, tem mais tempo para cultivar o seu espirito. No geral, entre nós, em que consiste o que se chama uma boa educação?

²⁹⁴ THOMPSON, Oscar et al. *A Eschola Publica* – ensaio de pedagogia prática. Typographia Paulista, 1895, p. 231.

²⁹⁵ *Álbum das Meninas: Revista Litterária e Educativa dedicada às Jovens Brasileiras*. Propriedade de Anália Emília Franco, S. Paulo, 31 de maio de 1898, Anno I, N. 2, p. 39-40. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

²⁹⁶ Anália Emília Franco (1853-1919), conhecida como Anália Franco, foi educadora e ativista pelo direito e acesso da mulher à educação, independentemente da condição social, raça ou religião. Foi publicada tanto nas obras sobre pedagogia como em diversos veículos de informação e seus escritos mostravam suas preocupações com crianças em fragilidade social e com a instrução para todos como forma de modernizar o país, em consonância com o pensamento da época. Porém, também deixava clara sua intenção de romper com o estereótipo da mulher intelectualmente inferior e frágil, tão comum neste tempo. Além de colaboração em inúmeras publicações, publicou nos finais do século XIX um periódico exclusivamente pensado para o público escolar feminino - *O Álbum das Meninas: revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras*. Segundo Arroyo, parte interessante deste periódico reside no fato de ser uma publicação dirigida por mulheres para as jovens mulheres e que circulou gratuitamente nas escolas públicas femininas durante boa parte de sua existência. Cf. ARROYO, 2011: p. 191 e CHAGAS, 2015.

Ensina-se como principios sólidos de virtude a assistir machinalmente os officios religiosos, a inclinar-se levemente ante as pessoas conhecidas, e em seguida a se fazer obedecer pelos fâmulos, sob pretexto de bem governar a sua casa, constringendo-se sempre na sociedade, afim de affectar uma senhora de grande tom.

No collegio aprende apenas algumas linguas estrangeiras quasi sempre ignorando a sua própria, alguns trechos ruidosos no piano, algumas noções de desenho, e todos os trabalhos de agulha mais em voga, ficando com isto os pães, plenamente satisfeitos, como se a mulher não tivesse outro destino no mundo senão brilhar e reinar, sem lembrarem-se das tristes vicissitudes de que é tão cheia a vida humana.

Esta espécie de educação quasi no geral é partilha da rica e da pobre, com a diferença porém que á primera ha mais esmero quanto á parte artística inoculando-se-lhe ao mesmo tempo uma grande dose de vaidade e de desprezo ao próximo, de modo que recostada nos coxins avelludados da sua carruagem, julga-se um ente superior á espécie humana que vegeta em torno dela. Esta educação não apresenta senão uma superficie polida e resvaladia, para aquela que se acha collocada numa elevada posição.

E, com effeito ella nada lhe offerece que a ampare e fortaleça no meio do vasio absoluto que se faz em torno de si. Verdade é que muitas vezes nos achamos entre estes dous dilemas; entre a mulher sabia que se torna pedante e ridícula, e a mulher ignorante e frivola, incapaz de ser uma digna companheira do seu esposo, um guia para os seus filhos e o apoio de si mesma. (grifos da autora)²⁹⁷

Como se pode observar, o artigo é em parte a tradução de uma autora francesa, Mme Alq, e expressa parcialmente a opinião da autora. Porém, a tradução é seletiva, pois são traduzidas as partes em que há reflexões e críticas sobre a educação ofertada às moças. Apesar da aparente crítica que a autora faz à qualidade e riscos da educação oferecida à época, mais adiante se percebe que os trabalhos e o papel feminino não mudam, o conhecimento feminino deve ser mais sólido para melhor compreensão dos problemas masculinos. Seu mister ainda é o cuidado, que se materializa nos mesmos objetos e gestos que a educação que ela critica propõe.

[...] visto que com o auxilio d'uma instrucção seria e reflectida a mulher pode ser iniciada em todos os estudos que pertencem aos homens, para os poder comprehender e escutar-os com praser, e ainda mais para saber soffrer as adversidades e ajudar os seus a supportal-as.

Não é porém para as sciencias abstractas que se deve dirigir a sua cabeça já um tanto exaltada e impressionável. A mulher deve ser instruída, mas não sabia. A erudição, diz não sei que grande moralista, dá a mulher ainda mesmo a mais amável uma apparencia por vezes real de philosophia varonil que desagrade e faz afastar-se d'ella.

Em summa a instrucção como todos os bens, deve ser dispensada com sobriedade, prudência e discernimento. Todavia a mulher que vive n'uma esphera social elevada, mais que nenhuma outra deve

²⁹⁷ FRANCO, Anália Emília. *Op. Cit.* 1898, p. 39-40.

receber uma instrução profunda: a esta è permiltido mesmo ser sabia, visto que é a ella sobretudo que convém preservar da ociosidade, que a tornaria completamente frivola e nulla.

Não se podendo estimual-a ao trabalho para manter-lhe a existência, cumpre ao menos fazel-a trabalhar para adquirir a gloria; á todo o custo é preciso impor-lhe um fim a que deva attingir, apontar-lhe alguma cousa de mais serio na vida, que vestir-se, fazer visitas e recebel-as. A' todo o custo é indispensável encher o vácuo que deixariam o seu bem estar material e a satisfação de todos os seus desejos, vácuo que seria logo preenchido por caprichos desordenados, por irritações sem motivo, e enfim “pelo spleen”²⁹⁸.

O projeto modernizador de escola não mudava o papel da mulher e neste ponto podemos observar uma longa permanência no sistema educacional brasileiro do Império à República, no ensino laico e confessional: o ensino de trabalhos manuais.

Segundo Rachel Abdala “a escola produz imagens e reflete projeções socioculturais”²⁹⁹ e uma escola que refletiu estas projeções foi a escola Caetano de Campos, que passou a ter o objetivo de evidenciar o projeto modernizador e se tornou modelo de educação da República e do estado de São Paulo, motor político desta república³⁰⁰. Nela, entre as práticas escolares retratadas está a aula de trabalhos manuais, que demonstravam a diferenciação entre gêneros característica da época: aula de trabalhos de agulha para meninas e trabalho em oficina de marcenaria para meninos:

²⁹⁸ *Ibidem*, p. 41.

²⁹⁹ ABDALA, Rachel. *Op. Cit.*, 2013, p. 39.

³⁰⁰ *Ibidem*, p. 57-58.



Figura 13. Aula de trabalhos de agulha, Escola Caetano de Campos, 1908. *Álbum de Fotografias da Escola Normal e Anexas de São Paulo, 1908.* APESP.



Figura 14. Aula na Oficina de Marcenaria, Escola Caetano de Campos, 1908. *Álbum de Fotografias da Escola Normal e Anexas de São Paulo, 1908*. APESP.

No mesmo álbum de fotografias é possível observar que o trabalho com têxteis não era exclusividade feminina, pois também foram representadas oficinas com rapazes onde se percebe máquinas de fiação, mas parecem possuir um aspecto mais fabril e profissionalizante (alfaiataria ou sapataria, talvez) do que as aulas de têxteis com meninas. Além disso, o bordado, como evidencia a imagem, pode ser confeccionado em qualquer lugar, incluindo a sala de aula, sem demandar espaço exclusivo. As figuras 14 e 15 também destacam a postura ativa dos alunos, que estão em pé e evidenciam seu caráter especializado.



Figura 15. Aula na Oficina Têxtil, Escola Caetano de Campos, 1908. *Álbum de Fotografias da Escola Normal e Anexas de São Paulo*, 1908. APESP.

Trabalhos com têxteis poderiam constituir uma renda para muitas alunas, como no já citado caso das costureiras domiciliares, mas as fotografias, mais uma vez, reforçam um discurso na medida em que se presta a traduzir um instante repleto de intencionalidades. Para Kossoy, a fotografia é um suporte de criação e também de composição de realidades, constituindo-se como meio de expressão, informação e mesmo de representação³⁰¹. Mesmo quando trata de objetivos semelhantes, como formar uma mão de obra qualificada para os trabalhos com têxteis, as imagens escolhidas para se perpetuarem no álbum de fotografias da escola mostram a apropriação diferenciada dos sexos, com uma maior evocação do mundo do trabalho fabril direcionado aos meninos (Figuras 13, 14 e 15).

Já foi dito aqui que os trabalhos de agulha constituem uma recorrência nos sistemas educacionais. De uma transmissão feminina, familiar ou comunitária, a

³⁰¹ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia, Ateliê Editorial, 1999, p. 36-38.

escolarização do século XIX transfere seu aprendizado e *expertise* também para o interior da escola. Vale lembrar que as artífices desta conjuntura eram predominantemente religiosas estrangeiras, com predomínio de francesas.

Mas o que poderia diferenciar as escolas públicas das confessionais? Segundo Maria Augusta M. de Oliveira e Giana Lange do Amaral³⁰², a disciplina de trabalhos manuais permaneceu nos currículos nos períodos imperial e republicano e teve grande significação para a educação feminina. Analisando as exposições destes trabalhos na imprensa de Pelotas, no Rio Grande do Sul, as autoras verificaram uma recorrência nos tipos de trabalhos apresentados nas instituições públicas e privadas. A escola privada era o Colégio São José de Pelotas, pertencente à mesma congregação do Patrocínio e Bom Conselho, as irmãs de São José de Chambéry.

A forma de expor os trabalhos também era típica do sistema educacional da época, as exposições de final de ano, realizadas pelas escolas para divulgar os trabalhos das alunas e também para converter estes trabalhos em renda. Para as escolas públicas, renda para a própria unidade escolar, nas confessionais, conversão da renda em trabalhos caritativos. As exposições serão tratadas mais especificamente à frente, mas por ora a referência a elas é importante para entendermos a diferença na maneira como as instituições usavam estes espaços. Para as autoras, duas distinções são observadas: as escolas privadas (religiosas e de elite) tinham uma maior preocupação com o refinamento e distinção social das alunas abastadas enquanto o ensino público e laico estava voltado para a profissionalização; outro uso era a transmissão dos valores do sistema educacional a que pertenciam, nas exposições de escolas públicas eram observados em destaque os símbolos da República, enquanto na escola religiosa, o destaque era a pintura do Sagrado Coração de Jesus, símbolo de sua devoção. Mais uma vez, observa-se recorrência nas diferenças.

A escolarização fez o bordado sair do âmbito doméstico para adentrar as salas de aula. Mas se os trabalhos de agulha são uma constante no universo feminino escolar, seus sentidos e objetivos são diferentes, principalmente, conforme já analisado, na apropriação diferenciada dos diversos segmentos sociais. Para escolas destinadas às órfãs e segmentos populares, sua função era prioritariamente a formação de mão de obra competente. Nas escolas públicas, com grande contingente de segmentos médios, o domínio da arte feminina visava o cuidado do lar e da família.

³⁰² OLIVEIRA Maria Augusta M. de e AMARAL, Giana Lange do Amaral. Representações da educação feminina em imagens: trabalhos manuais na Primeira República. In: *Dimensões*. Pelotas, v. 34, 2015, p 380-403.

Para a escola de elite, o objetivo era demonstrar o uso do tempo ocioso empregado em um trabalho lento, que não se transforma em renda como para as primeiras, nem em economia para o lar como para as segundas, mas em refinamento.

Religião, escola confessional e bordado.

As primeiras iniciativas educacionais para o sexo feminino se restringiram a oferecer apenas as primeiras letras e prendas domésticas, estas últimas refinadas para as filhas das elites e voltadas ao trabalho para os segmentos mais baixos. Já o ensino secundário feminino ficou a cargo quase exclusivamente da iniciativa privada³⁰³ com uma significativa predominância de escolas de caráter confessional, com forte apelo ao regime de internato³⁰⁴. Só na Província de São Paulo, 37 congregações religiosas fundaram 109 escolas secundárias femininas entre 1859 e 1954³⁰⁵.

Além de espaço de saber, era também o *locus* de formação cultural, científica e moral, marcado pela forte presença das congregações religiosas no ensino feminino considerada parte fundamental desta formação. Nelas, o ensino era permeado pela doutrina cristã, mas que também se utilizava de “controles” das atividades próprias ao disciplinamento do corpo³⁰⁶, como a extrema regulação dos momentos do dia, em que “o dia, as horas, os minutos estavam organizados de maneira a manter a ordem e a disciplina. Deste modo, as normas da Igreja (que asseguravam a formação das ‘mulheres católicas’ e das ‘boas cidadãs’) estariam em vigor continuamente”³⁰⁷.

³⁰³ HAIDAR, Maria de Lourdes M. *Op.cit.* 2008, p. 212.

³⁰⁴ A Idade Média confere à solidão um papel de destaque, principalmente no sentido espiritual. Estar só, em recolhimento do convívio social como forma de renunciar ao mundo, representava ascender o espírito a um lugar elevado, simbólico de grande prestígio. Resulta daí a origem dos mosteiros e escolas monacais, que instituem o internato como forma de afastamento dos indivíduos do mundo para resguardar a espiritualidade. No século XVI, principalmente com os jesuítas, os internatos foram incorporados ao movimento tridentino como forma de melhor formar os homens dentro dos preceitos do catolicismo. Em consequência, o movimento ultramontano no século XIX soma a essas ideias a noção de infância, que precisava ser resguardada dos perigos da tentação e do mal, instituindo uma educação calcada no isolamento, principalmente para meninas, que deveriam ter sua pureza resguardada a qualquer custo, e melhor ensinar suas doutrinas. Cf. CLAUSSE, Arnould. A Idade Média. In: DEBESSE, Maurice e MIALERET, Gaston. *História da Pedagogia*. São Paulo, ed. Nacional, 1974, p. 100; SNYDERS, George. Os Séculos XVII e XVIII. *Idem*, p. 271; MANOEL, Ivan. *Op.cit.* 1988, p. 194-195; BRAUNSTEIN, Philippe. As abordagens da intimidade nos séculos XIV-XV. In: *História da vida privada: da Europa Feudal à Renascença*. DUBY, Georges (org.). São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 633-636.

³⁰⁵ MANOEL, Ivan. *Op.cit.* 1988, p. 36.

³⁰⁶ FOUCAULT, Michel. *Op.cit.*, 1987, p. 136-141.

³⁰⁷ CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. *Op.cit.* 2007, p. 66-67.

É neste contexto que se inserem as escolas da congregação de São José, espalhadas por todo o Estado de São Paulo, atendendo principalmente às filhas das elites agrárias e urbanas. Instalaram-se em Itu em 1858, fundando no ano seguinte o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. Daí seguiu-se uma enorme expansão de sua atuação ao se fixarem em Campinas, São Paulo, Taubaté, Franca, Piracicaba e Jaú. Além de suas funções educacionais, as irmãs também trabalhavam nas áreas de saúde, assistência social e caridade, administrando diversas Santas Casas e asilos nas cidades em que se instalavam. Em atendimento aos princípios caritativos que regiam as ações missionárias das irmãs, atendiam também às filhas das camadas mais baixas, destinando vagas às órfãs em todas as escolas. Em 1870, as irmãs passaram a gerir o Seminário Nossa Senhora da Glória³¹⁴, em São Paulo³¹⁵. Em Taubaté, o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho iniciou suas atividades no ano de 1879³¹⁶.

O trabalho educacional da escola não tinha como finalidade a formação de professoras, mas sim, a preparação das jovens que deveriam assumir papéis de donas de casa e mães³¹⁷. Mas não se eximiam de preparar moças para a vida religiosa e também formar professoras. No entanto, o foco eram as futuras noivas/esposas/mães, preparadas de maneira requintada para guarnecer o lar, desde o enxoval até os cuidados cotidianos. Nestes termos, as irmãs davam cuidado especial ao ensino de catecismo, história sagrada e “trabalhos manuais” como atesta a *Poliantheia*:

As aulas de trabalho manual, de uma importância capital na educação das meninas, as de pintura, flores, etc., são dadas por Irmãs, cuja competência tem sido assáz demonstrada em bellissimas exposições de trabalhos, cada fim de anno. Merecem especial menção os estandartes e paramentos da Igreja, que são obras primas de labor. (...) A sacristia do Bom Conselho, nada deixa a desejar em tudo que diz respeito á pomposidade e realce das cerimônias do

³¹⁴ Seminário Nossa Senhora da Glória foi fundado em São Paulo no ano de 1825 com o objetivo de abrigar especialmente as órfãs de militares mortos a serviço da Pátria. Em 26 de junho de 1870, mediante contrato, as irmãs de São José assumiram mais esta obra educacional para dar assistência às jovens desamparadas. Preparava suas alunas para o exercício do magistério, corte e costura e para serem boas esposas e mães. TEIXEIRA, Emilio *et. al.*. *Polianthéia. Op.cit.* 1919, p. 286-287.

³¹⁵ MANOEL, Ivan. *Op.cit* 1988, CUNHA, 1999, AZZI, 2012a.

³¹⁶ Fundaram em Taubaté, além do Colégio, o Externato São José, Hospital Santa Isabel e Asilo São Francisco.

³¹⁷ Mauro Castilho Gonçalves estuda a atuação da congregação na formação de professoras no curso normal do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho de Taubaté entre os anos de 1954 e 1969. Cf. GONÇALVES, M. C. Escola Normal Livre Nossa Senhora do Bom Conselho: no coração da cidade, um projeto de formação de professoras (1954-1969). In: Mauro Castilho Gonçalves, Cesar Augusto Eugenio. (Org.). *História da Educação no Vale do Paraíba paulista: temas, objetos, fontes.* Jundiaí, SP, Paco Editorial, 2013, p. 139-151.

culto, - muito concorrendo para isso a devoção e o gosto. Apuradamente artístico, das respectivas Irmãs Sachristãs.³¹⁸

Um exemplo consistente de como o trabalho com têxteis se aglutina com o ideal de comportamento feminino encontra-se na já citada história de como a irmã Maria Teodora, ganha a confiança de D. Antônio Joaquim de Melo: através de uma tapeçaria. Foi por meio dela que Maria Teodora mostrou todas as virtudes caras a uma mulher na época, ainda mais uma religiosa. Sua postura reforça os comportamentos diferenciados de gênero dentro da visão da igreja, à mulher, a submissão e obediência; ao homem, a posição de comando e autoridade, bem de acordo com um clero centralizador e disciplinador como o ultramontano reformista³¹⁹.

Para um movimento com tais características, mostrar obediência e abnegação era mais que auspicioso, era necessário. Mas, para a irmã Maria Teodora, mulher devota, isso não era apenas uma questão de posicionamento estratégico, mas sim o sinal interiorizado de sua relação com a fé e com Deus. Em sua doutrina, encontrar a perfeição pela entrega ao outro, caridade e sublimação de seus desejos e individualidade era o recomendado. Por ironia, ao fazer exemplarmente tais recomendações, ganhou notoriedade e reconhecimento.

Por ser um importante elemento disciplinador, os trabalhos manuais sempre desempenharam papel importante nos espaços religiosos. As artes têxteis são veiculadas aos conventos por toda a Renascença³²⁰. Locais de reclusão e vida altamente regulada, na Europa e no Brasil³²¹, os conventos entendem a disciplina como uma forma de glorificar a Deus. A organização dos trabalhos nos conventos é feita de modo a ocupar todas as horas do dia. Neste sentido, o bordado foi largamente incentivado pelas autoridades eclesiásticas, de Veneza, caso de Compagnol, ou brasileiras, por ajudar a manter o silêncio meditativo e desenvolver a paciência:

[...] in everyday life, needlework was strongly encouraged by convent authorities for several reasons. First of all, it played the same ennobling role held in the outside world, bestowing appreciation and honor on the nuns and consequently on monastery. Secondly, the

³¹⁸ *Poliantéia. Op.cit.* 1919, p. 335.

³¹⁹ Para extirpar quaisquer avanços liberais e laicos na sociedade brasileira, o clero reformista ultramontano não poupava esforços. Viam a ação educativa, tanto do clero, como das moças/futuras mães, como caminho para conter o crescimento deste ideal. Mas para garantir a unidade do pensamento reformista, as decisões deveriam ser centralizadas e unificadas, convergindo para as decisões vindas diretamente do Vaticano. C. f. WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no século XIX*. São Paulo: Ática, 1987, p. 3-4; MANOEL, Ivan. *op. cit.*, p. 14-15; AZZI, Riolando. *Op.cit.* 20012a, p 59-62

³²⁰ CAMPAGNOL, Isabella. *Op.cit.* 2009, p. 167-183.

³²¹ ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e decotas: Mulheres da Colônia*. (Estudo sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do sudeste – 1750-1822. São Paulo, Tese (Doutorado), FFLCH-USP, 1992: 210-211.

level of concentration required for intricate embroideries and complex needle laces kept the nuns busy, keeping also in check their thoughts, and offering a purpose to an otherwise dull existence, finally, the sale of needlework could be a very lucrative business!³²²

Para Parker, a igreja usou o bordado, assim como esculturas e pinturas, como um elemento de poder político, pois possuía vários centros de produção e ensino, principalmente em freiras no claustro. Para a Escola e suas alunas, os trabalhos serviriam para exposição e premiação de boa conduta, merecendo uma medalha e fitas chamativas para emulação dos dotes de tão honrada atividade. As peças feitas podiam ser vendidas em exposições para angariar fundos ao grupo de alunas e ex-alunas 'Filhas de Maria', para custear as obras de caridade do grupo, tratado mais à frente.

Os objetos confeccionados e aprendidos no seio da Escola contribuíam para uma espécie de materialização das doutrinas católicas e o projeto educacional específico da Congregação. Os estudos das prendas, assim como seu produto final, carregam entrelaçados à sua trama as '*Máximas de Perfeição*'³²³. Os trabalhos na Escola vão aumentando gradativamente a complexidade de execução técnica, sejam em pontos ou em tecidos, que permitem um aprendizado progressivo. Ao produzi-lo, a aluna passa por todas as etapas de preparação, do tecido, geralmente um linho fino e com trama bastante apertada, muito mais difícil de trabalhar do que o tecido étamine, por exemplo, de trama aberta e típico para bordar. A aluna tem que fazer o desenho de forma que não suje a amostra e sirva como um bom guia para a agulha. Para manter a complexidade e dificuldade do trabalho, usava-se linha de seda e era necessário tomar cuidado para não sujar ou manchar o tecido branco de linho. O branco, como Vânia Carvalho já salientou, "é a limpeza que se vê"³²⁴.

Tecidos como linho são os mais característicos para trabalhos de bordado, principalmente os brancos. Por conta do processo de industrialização, principalmente fabril, no Brasil, já era ofertado grande quantidade de tecidos diferentes no mercado de aviamentos, mas o predomínio dos linhos, sempre brancos, que as alunas precisavam comprar, confirmam que a opção era reforçar a tradição dos bordados elaborados e complexos, feitos exclusivamente à mão. As irmãs incentivavam o uso

³²² CAMPAGNOL, Isabella. *Op.cit.* 2009, p. 171.

³²³ MÉDAILLE, Jean Pierre. *Máximas de Perfeição*. Porto Alegre, Edição da Congregação, 2010

³²⁴ CARVALHO, Vânia C. *Op.cit.* 2008, p. 286.

de materiais mais nobres para o bordado, aqueles que exigiam técnica, atenção e treino.

De toalhas a roupas, o linho está na maioria das receitas apresentadas nas revistas femininas, nos livros didáticos e manuais de bordados encontrados na Sala de Guardados da Congregação, em Itu. Porém, nas amostras guardadas pela escola³²⁵, foi possível perceber um número significativo dentro do quadro delimitado de amostragem de bordados feitos em cetim, tecido pouco usual (figura 16). Este possui a trama plana, o que ajuda na confecção dos pontos, porém, sua superfície bastante lisa e escorregadia dificulta consideravelmente este trabalho.

³²⁵ Foram encontrados três manuais na Sala de Guardados da Congregação. Um didático, destinado às meninas e meninos, de autoria dos professores D. Rosina Nogueira Soares e Miguel Milano, com ampla divulgação nas escolas paulistas e duas revistas especializadas americanas, *Home Needlework Magazine*. No livro didático, destinado às séries iniciais e também ao ensino secundário feminino e masculino, não existe nenhuma receita de trabalho com cetim. Já as revistas especializadas possuem algumas receitas em cetim de seda. In: *Home Needlework Magazine*, Florence, Mass. Florence Publishing Co. Vol. I, n. 4, oct. 1904; vol. VII, n. 1, jan. 1905; SOARES, Rosina N. e MILANO, Miguel. São Paulo/Rio de Janeiro, Ed. Melhoramentos, sem data;



Figura 16. Três amostras de bordado com pontos cruz e matiz. Primeira amostra, na esquerda superior é feita em tecido étamine, com ponto cruz, próprio para trabalhos de agulha. Segunda amostra, na direita superior é confeccionada em cetim, enquanto que a amostra maior é feita em linho. Ambas apresentam ponto matiz. Acervo da Sala dos Guardados do Colégio do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

Uma possível explicação para o ensino de bordado neste tipo de tecido é sua identificação com o universo religioso, como podemos verificar na “Seção Feminina” da *Revista Feminina*, que traz receitas intituladas “Arte Sacra”. A primeira imagem é a de uma cortina para tabernáculo feita em cetim, seguida de uma toalha para altar em linho (Figura 17). Na própria Congregação, em Itu, encontramos bordados com os mesmos tecidos, também relacionados ao universo religioso: um estandarte de Nossa Senhora do Patrocínio, adornando a imagem original de Nossa Senhora do Bom Conselho, única peça realmente identificada com o colégio de Taubaté. Neste estandarte, é possível perceber que o vestido da imagem de Nossa Senhora do Patrocínio é o mesmo que se faz menção no livro *Poliantéia*, e foi bordado exatamente como o confeccionado em 1894, pela irmã Joanna Philomena Gichon,³²⁶ professora de trabalhos manuais no Colégio desde 6 de agosto de 1879, auxiliada por órfã “habilíssima em trabalhos de agulha e cujo nome não nos ocorre”³²⁷ O vestido foi ofertado por D. Maria Euphrosina Lapa³²⁸ (Figuras 18, 19 e 20). Pela descrição, a peça foi toda feita em tecido de seda, com bordado a ouro.

³²⁶ Foi professora de canto e trabalhos manuais, em que era descrita como exímia nas agulhas. Sua colaboração à padroeira do Colégio foi bordar o vestido da imagem em 1896. *Poliantéia*, 1919, p. 135.

³²⁷ *Ibidem*, p. 190.

³²⁸ Onde “despendeu avultada quantia com a compra do necessário para o actual vestido da imagem da Padroeira”. *Ibidem*. 1919, p. 190.

TRABALHOS FEMININOS

ARTE SACRA



Cortina para o Tabernaculo feita de setim branco ou moire branco. Pode ser bordada a ouro, a prata, a seda, ou pintada a gouache. A franja deve estar de accordo com o bordado.



Bordado para toalha de altar. Explicação do modo de executar na pagina de Trabalhos de Agulha

RENDAS

valencianas, linho de todas as qualidades para enfeite de vestidos e roupas brancas

procurem na **CASA GUERRA**
Rua S. Bento, 84 e 86—S. PAULO

Figura 17. "Trabalhos Femininos", na *Revista Feminina*, ago. 1917, s.n.p. APESP.



Figura 18. Imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho, Nossa Senhora do Patrocínio e estandarte comemorativo de Nossa Senhora do Patrocínio. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.



Figura 19. Fotografia da padroeira do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu. Polianthea em homenagem à Madre Maria Theodora Voiron, 1919, p. 158.



Figura 20. Amostra sobre cetim de seda, 12,5 x 9 cm, com linha de seda, variados tipos de pontos e pintura sobre tecido. Imagem da autora. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP.

Complexos, elaborados e de difícil execução, estes objetos permeiam as relações sociais da Congregação de inúmeras maneiras. Envolvem compra de materiais, execução do trabalho, exibição na comunidade e colaboram na devoção à imagem, mesmo sendo um adorno da imagem. Expõem as diferenças de classes, da aluna pagante, passando pela professora autora até chegar na auxiliar anônima. Pelo material empregado, tecido de seda e fios de ouro e de seda, cansam, exigem atenção, causam dor nos dedos, vistas e no corpo. Mas não era problema, pois nas *Máximas*, em seu capítulo cinco, sobre as *Máximas de Paciência*, lê-se que “os sofrimentos bem aceitos são como lenha que serve para alimentar o fogo do amor de Deus”³²⁹. Mais à frente, preconizava-se que “a verdadeira prova de amor consiste em sofrer muito por quem se ama. Aceitai sofrer muito por Deus”³³⁰. Bordar nem faz sofrer tanto assim, pode até ser enaltecedor. Mas certamente mostra dedicação, paciência, treino, pois “quando alguma coisa vos for confiada, realizai-a com exatidão, alegria e simplicidade”³³¹, ou “preferi sempre a satisfação dos outros à vossa”³³². O que se vê, portanto, é que religião e trabalhos de agulhas se entrelaçaram perfeitamente para atender às demandas do movimento religioso, da sociedade e da Congregação.

³²⁹ MÉDAILLE, Jean-Pierre. *Op.cit.* 2010, p. 22.

³³⁰ *Ibidem*, p. 23.

³³¹ *Ibidem*, p. 25.

³³² *Ibidem*, p.31.

CAPÍTULO 3. Costurando o comportamento.

Para Roszika Parker³³³, a matriz do modelo de subserviência feminina que observamos no século XIX na sociedade ocidental burguesa, que encorajava nas mulheres comportamentos de obediência às autoridades familiares e institucionais, especialmente a submissão à tutela masculina, configurou-se no século XVII e já estava plenamente estabelecido como modelo de comportamento feminino entre as famílias aristocráticas e seus segmentos satélites no século XVIII. As meninas eram ensinadas desde a infância a se preparar para o seu papel de boa esposa e mãe e o bordado fez parte essencial deste aprendizado. Parker assinala ainda que, desde os estudos de Philippe Áries, muito se tem discutido sobre a importância da infância neste mesmo século. Porém, para esta autora, as mulheres, desde muito novas, eram encorajadas a serem pequenas mulheres e o bordado representava um *continuum* na vida feminina, do seu ensino quando jovem, depois na produção dos artefatos domésticos e familiares e, por fim, na transmissão desse conhecimento para as novas gerações.

No Brasil tal processo não foi diferente, pois as meninas, principalmente aquelas pertencentes às elites, possuíam apenas os primeiros anos de sua infância para brincar à vontade junto às outras crianças, pois, ao crescerem um pouco mais, eram apresentadas aos segredos do bordado, rendas e costura³³⁴. Depois disso, conforme ganhavam mais habilidade, começavam a confecção de seu enxoval³³⁵, que deveria ter lençóis de linho, toalhas de mesa e roupa branca. Quanto melhor suas habilidades nas atividades refinadas, que deveria acrescentar noções de piano³³⁶, pintura, dança e língua estrangeira, maiores eram as suas chances de conseguir um bom casamento.

O aprendizado dos trabalhos de agulha exige longas horas de investimento sob um mesmo pedaço de tecido. A aprendiz deve preparar o linho. Essa preparação envolve vários procedimentos. Primeiro, fazer os pespontos, que servem como linhas

³³³ PARKER, Roszika. *Op cit.* 2010, 82-83.

³³⁴ HABNER, June E. *Op cit.* 2012, p. 67;

³³⁵ MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michelle. *Op.cit.*, p. 223; AREND, Silvia Fávero. *Op.cit.*, 2012. p. 67.

³³⁶ O dedilhar um instrumento como o piano era uma combinação perfeita com a ideia de feminilidade da época. A delicadeza e a postura da pianista ajudaram a propagação da prática do instrumento e também a popularização desse instrumento como objeto doméstico e constitutivo do universo feminino. Como resultado desse processo, o país viu surgirem grandes pianistas de renome internacional como Antonietta Rudge, Guiomar Novaes e Madalena Tagliaferro. C.f. TOFFANO, Jaci. *As pianistas dos anos 1920 e a geração Jet-Lag -o paradoxo feminista.* Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2007, p. 51-55.

de orientação. Feitos nas laterais os pespontos servem para evitar que o tecido desfie. Passa-se o risco do desenho ou gráfico, geralmente usando carbono, em trabalho de decalque, quando necessário; contam-se os fios da trama do tecido para que o desenho fique centralizado. Seleccionam-se linhas e cores para o trabalho. Por fim, aplicam-se os pontos³³⁷ na trama do tecido, dando a tensão correta para evitar desníveis ou repuxados. O acabamento e a limpeza são ainda uma preocupação. A ideia de bom acabamento aplica-se também ao avesso, que é objeto de avaliação de sua destreza e habilidade com as agulhas. Trata-se de um trabalho que exige atenção, foco, disciplina, habilidade com as mãos e noção espacial, possuem diferentes níveis de complexidade para sua execução, não é um trabalho intelectual, o que reforça a visão de um tipo de trabalho cujo aprendizado parecia à época adequado às meninas e moças.

Seu ensino, visto como um rito de passagem, oferecia às aprendizes um conjunto de temas, técnicas, valores e ideários associados ao feminino, garantindo seu pertencimento a este universo. Um dos meios mais significativos e eficazes do ensino de bordados era o uso das amostras. O pano de amostra era a página em branco do caderno feminino, onde se escrevia com as agulhas e não com penas ou canetas. Eles são exemplos de uma larga tradição cultural, pois são encontrados em vários lugares do mundo, com muitas semelhanças entre eles³³⁸. Produzir o seu próprio pano de amostra era um exercício educacional, frequente a partir do século XVII, que permitia acompanhar o aprendizado e o progresso da educanda³³⁹. Parker mostrou uma sensível diferença entre as amostras de bordados dos séculos XVII, XVIII e XIX. Essa transformação teria, segundo a autora, relação com o avanço do processo de individualização e de disciplinamento típicos da ascensão burguesa e da ética protestante no norte da Europa³⁴⁰.

No início, as amostras não eram ordenadas, contendo vários tipos de desenhos e pontos ao longo do tecido, que era preenchido com modelos de ponto de bordado de acordo com o espaço disponível. O pleno desenvolvimento industrial e o fortalecimento da sociedade do consumo trouxeram também a proliferação e difusão de diferentes tipos de manuais de civilidade e, conseqüentemente, de trabalhos

³³⁷ A multinacional de aviamentos *Coats Craft – Corrente*, empresa escocesa fundada no início do século XIX e instalada no Brasil no início do XX, possui um catálogo digital com exemplo de mais de cem tipos de pontos para bordar. In: http://www.coatscrafts.com.br/NR/rdonlyres/BFD5B616-D15B-48C6-8FDE-D471B6FE37C8/106590/manual_bordado.pdf. Acesso em ago. 2016.

³³⁸ GOGGIN, Maureen D. *Op cit.* 2009, p. 3.

³³⁹ NEWELL, Aimee. *Op cit.*, 2009: p. 56-58

³⁴⁰ PARKER, Roszika. *Op cit.* 2010, 85-86.

manuais. Junto a esse processo, as amostras se transformaram e acompanharam um tempo marcado pela necessidade de disciplina do trabalhador fabril, com a preocupação com o ritmo do trabalho e com o desenvolvimento constante da sociedade. A ideia de progresso contaminou o mundo do bordado e as amostras passaram a ter um caráter ordenado e escalonado, onde a aprendiz passava do ponto mais simples ao mais complexo com clara divisão das amostras, podendo ser possível perceber o seu progresso e evolução³⁴¹.

Esta dinâmica fica bem mais evidente no século XIX, em que também é o momento de grande preocupação com a universalização do ensino como forma de se alcançar o progresso da sociedade. Não por um acaso o tipo de exercício constante, de repetição e elaboração de um conhecimento mais simples para um mais complexo, também é a marca das atividades escolares. No *Ensaio de Pedagogia Prática*, da *A Eschola Publica*, percebe-se a proposta escalonada de atividades, onde as alunas do curso elementar³⁴² partem de trabalhos com papel e primeiras noções de costura para depois paulatinamente acrescentar elementos mais elaborados em tecido:

Curso elementar

JANEIRO – *Dobradura, Recorte, Trançado.* –

Tecido. Estudo do ponto. Ponto dianteiro ou alinhavadinho. Ponto de concerto.

Costura. – Bainha.

(Os trabalhos de dobrar, recortar, trançar, tecer, alternar-se-ão com trabalhos de costura, pelo menos durante seis meses, no curso elementar. [...])

FEVEREIRO – *Dobradura. Recorte. Trançado.*

Tecido. – Continuação dos exercícios do mez precedente.

Costura. – Bainha. Ponto de marca sobra talagarça. [...]

(a partir do 2º trimestre, os trabalhos em *papel* serão menos frequentes)³⁴³.

³⁴¹ Muitos autores se basearam nestes artefatos para desenvolverem suas análises sobre os trabalhos de agulha. Aimee Newell explorou os efeitos físicos e mentais da velhice em mulheres do leste americano antes da Guerra de Secessão através de várias amostras de seus trabalhos de bordado. Com eles, recontou histórias individuais e também analisou como o desenvolvimento tecnológico e industrial impactou a vida destas mulheres e de suas famílias. Goggin e Tobin veem, através de uma amostra, evidências de uma denúncia de abuso. Já no Brasil, Marilena Guedes Camargo as encontrou guardadas como suportes de memória escolar de ex-alunas de um colégio de Rio Claro. Cf. NEWELL, Aimee E. *A Stitch in Time: The Needlework of Aging Women in Anteeillum America*. Ohio, Ohio University Press, 2014; GOGGIN e TOBIN, *Op cit.* 2009; CAMARGO, Marilena. *Op cit.* 2000.

³⁴² Primeiros anos de escolaridade.

³⁴³ THOMPSON, Oscar. *Op.cit*, 1895, p. 231-232.

O trabalho com amostras era frequente nas escolas. Na escola Caetano de Campos (Figura 13), na sala de aula de trabalhos manuais de meninas, cada uma parece ter em mãos seu paninho de amostras. Diferentemente de um aprendizado doméstico, onde a aprendiz teria, em alguns momentos, maior proximidade com quem a ensinava, a escola aproveitou seu mobiliário, sua estrutura organizativa de aula, que levava a um conhecimento homogêneo conforme a turma/seriação, tornando possível a observação do progresso das alunas.

O livro “Trabalhos Manuaes” dos professores D. Rosina Nogueira Soares e Miguel Milano³⁴⁴ foi bastante utilizado nas escolas da época. Ele esclarece como era esse ensino de trabalhos manuais³⁴⁵ nas escolas³⁴⁶:

O desejo de methodisar este ensino (trabalhos manuais), reunido á vontade que alimentamos de vêr que as exposições escolares exprimam a realidade, e á necessidade urgente de facilitar ás colegas o *ensino colectivo* de trabalhos manuais ás suas alumnas, foram, em verdade, as causas que nos induziram a elaborar esta despretenciosa série.

Reunindo, a matéria completa de cada anno, em pequenos opusculos, mirámos **facilitar ás creanças a aquisição paulatina da obra**; enfeixando todas as partes da mesma em um único volume, chamado, “*Manual do Mestre*”, para uso das alunas das Escolas Normaes e das ilustradas colegas, nada mais fazemos do que fornecer, áquellas, o programma completo de trabalhos a que estão obrigadas na Normaes, e a estas, o meio de poderem vencer, methodicamente, as difficuldades d’este ensino, desde o 1º ao 4º ano do curso preliminar.

O ensino colectivo, conforme indicamos, suavisa o trabalho do professor, **uniformisa a aprendizagem, facilita a fiscalização, porquanto, dada a explicação oral, as creanças nada mais têm a fazer do que seguir os modelos**, que julgamos indispensáveis. (grifos da autora)

³⁴⁴ Um exemplar deste livro foi encontrado na Sala de Guardados da Congregação, permitindo supor que serviu de apoio às práticas pedagógicas das professoras de trabalhos manuais. Tanto pode ter servido como referência e modelo para a professora, como pode ter sido usado diretamente pelas alunas.

³⁴⁵ O livro didático em questão era destinado às aulas de trabalhos manuais de ambos os sexos e seguia o programa oficial de governo paulista para facilitar sua adoção nas escolas públicas de todo o estado. Direcionava-se principalmente aos primeiros anos de escolaridade e reunia trabalhos em papel, cordões, crochê e pontos de trabalhos de agulha de acordo com sua adequação por classe/seriação e sexo. É possível verificar, pelos textos que o crochê e os trabalhos com agulha eram destinados exclusivamente para o ensino feminino. SOARES, Rosina Nogueira e MILANO, Miguel. *Op.cit*, s.d..

³⁴⁶ SOARES, Rosina Nogueira e MILANO, Miguel. *Op.cit*, s.d., p. 4.

Outro livro dos mesmos autores mostra bem a continuidade esperada na execução do aprendizado³⁴⁷ (Figura 21).

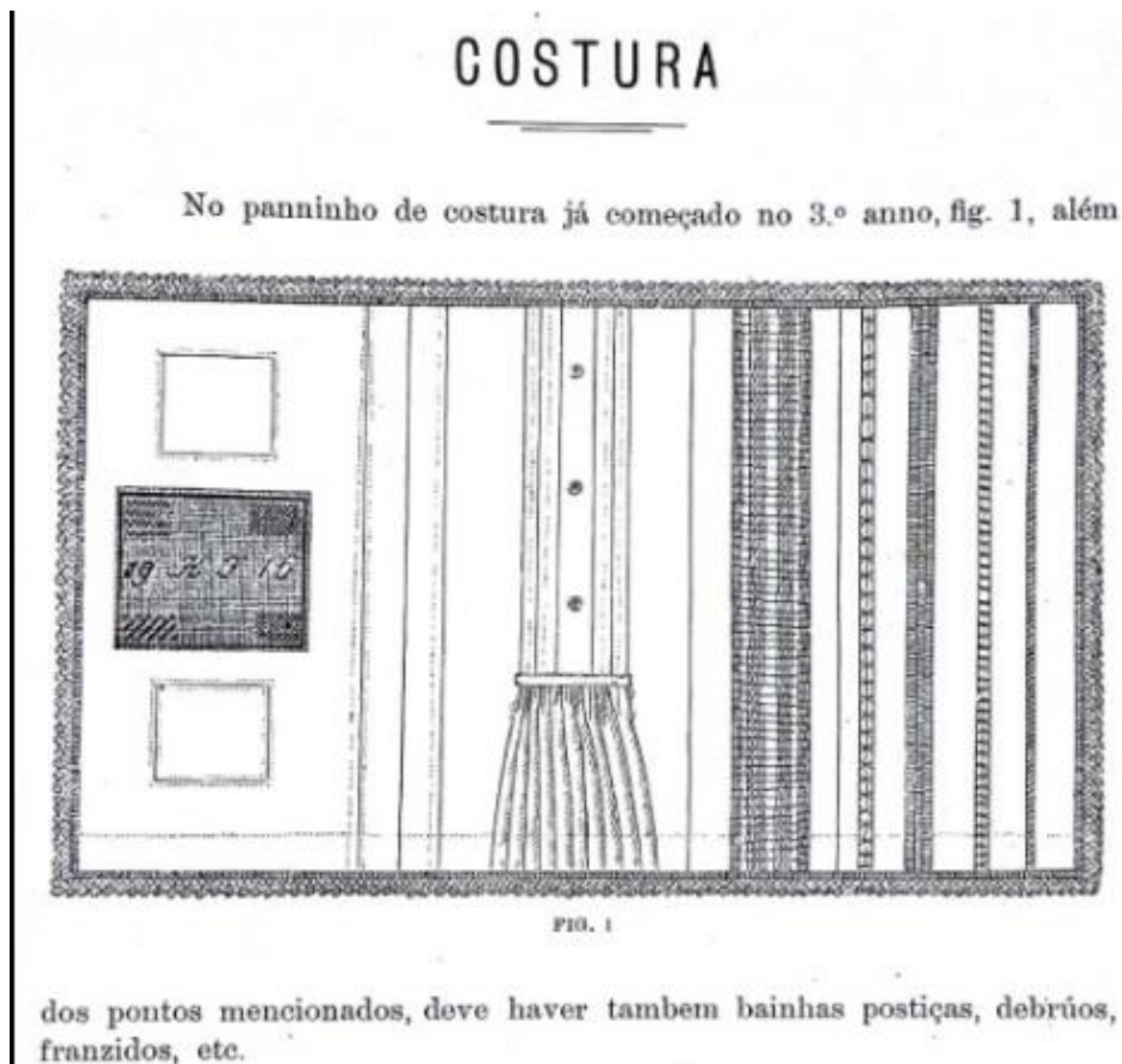


Figura 21. Livro didático "Trabalhos manuaes" para alunas do quarto ano. Como se percebe, pelo seu enunciado, o paninho já foi iniciado no ano anterior. Biblioteca do Livro Didático, FEUSP.

Nas pesquisas com este tipo de artefato realizadas na América do Norte e na Europa são muito frequentes amostras com letras e monogramas. Contudo, foi curioso notar que não havia nenhuma amostra deste tipo entre as encontradas na Sala de Guardados em Itu, nele havendo apenas um papel vegetal com várias letras, que possivelmente serviu de modelo, sem datação e nenhuma relação direta com os trabalhos ali presentes. É de se presumir que fossem ensinados, dada a grande popularidade que este tipo de bordado ganhou no Brasil oitocentista³⁴⁸.

³⁴⁷ *Ibidem*. p. 4.

³⁴⁸ CARVALHO, Vânia Carneiro. *Op.cit.* 2008, p. 109.

O trabalho com amostras era bastante popular. Exemplo disso é a amostra do acervo do Museu Paulista³⁴⁹, como na figura 22, que conta com alguns exemplos de bordado em um estojo de couro, que preserva a amostra, evidenciando sua importância.



Figura 22. Amostra de um Cartela de Bordados de 1913. Revestida internamente de couro preto, com bordados em motivos florais e geométricos. Acervo digital do Museu Paulista-USP.

Como atesta Marize Malta:

Idealmente a mulher oitocentista toca e canta, pinta e lê, limpa a casa e está por um bom tempo com a agulha na mão, consertando uma peça ou criando algo novo.

O aprendizado em casa e nos colégios femininos reforçava a ideia de naturalização da costura na vida da mulher oitocentista, quase como algo atávico ao feminino. Toda jovencinha recebia seu pedaço de pano onde aprendia seus primeiros pontos com a mãe ou uma instrutora, e armazenava os motivos preferidos em uma espécie de mostruário e prova de percurso³⁵⁰.

As amostras com bordados seriados também eram largamente usadas nas escolas da Congregação de São José. Na Sala de Guardados de Itu, foi coletado um total de sete amostras deste tipo, que as alunas chamavam por paninhos, sendo duas com bordados em cores vermelhas e cinco em bordados brancos. Duas amostras não possuem bainhas ou alinhavo na sua lateral (Figuras 9 e 16). Na Figura 23, o paninho

³⁴⁹ O acervo conta com inúmeras peças têxteis, tanto de vestuário, como decorativas e de uso do cotidiano doméstico

³⁵⁰ MALTA, Mariza. *Op,cit*, 2015, p.7.

segue a descrição feita por Parker, em que é possível ver diferentes pontos e técnicas lado a lado. As dimensões são 11 cm de base por 21 cm de comprimento para o paninho da esquerda e 12,5 cm por 21 para o da direita, constituindo-se o padrão para os paninhos de treino.



Figura 23. Amostra padrão para ensino de variados tipos de pontos de bordados. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP

Em ambos, é possível perceber a bainha feita nos contornos da peça para evitar que se desfie o tecido. Além disso, os panos de amostra também são divididos em duas partes no sentido vertical, sendo que na amostra da esquerda, esta divisão usa pontos de entremeios³⁵¹ foi feita com ponto *ajour*³⁵² com uma linha vermelha guia.

³⁵¹ Pontos cuja função é a junção de duas partes de tecido por um ponto de entremeio. Vários são os tipos de pontos de entremeio, sendo o ponto *ajour* um deles e que é bastante encontrado nas amostras.

³⁵² Tipo de ponto usado em bordados de bainhas abertas. É executado desfiando-se os fios de tecido para, em seguida, bordar-se as beiradas do desfiado. Também são feitos em trabalhos de fios soltos ou fios agrupados, que são deixados assim quando os fios da urdidura ou da trama são retirados. Por ele, a bordadeira deve retirar os fios do tecido pelo centro até onde foi marcada a barra, onde se deve cerzir as pontas de maneira invisível. Entre os tipos deste ponto, encontramos o *ajour* simples, em escadinha, em ziguezague, o italiano e o entrelaçado. Estas técnicas servem para trabalhos em renda renascença e bordados do tipo *richelieu*.

Neste, os trabalhos formam conjuntos de bordados de fios agrupados que têm função de ladear o bordado livre. Em cada lado, nas duas amostras, os bordados são correlatos, diferenciando-se pelos pontos, mas com resultados semelhantes. Na amostra da direita, não há nenhum bordado de fio solto ou de fios agrupados, apenas pontos de bordado livre. Nele se observam diferentes tipos de pontos de contorno³⁵³, pontos chatos³⁵⁴, pontos de cadeia³⁵⁵ e pontos de nó³⁵⁶.

O uso de linho e a confecção destes paninhos em sala de aula faziam parte do protocolo de ensino na Congregação. Segundo Veronica Sekules³⁵⁷, o linho é um material complexo e muito valorizado desde os tempos medievais, que atribuiu a ele qualidades práticas e simbólicas de pureza e feminilidade. Sua costura era território feminino. Por ser um tecido plano³⁵⁸, de trama simples, é bastante apropriado para o bordado, tanto livre como de fios contados, assim como permite os bordados de trama aberta e de fios agrupados. Outro tecido frequentemente usado era o morim³⁵⁹. As ex-alunas, contudo, recordam-se com maior frequência do uso de linho. O linho utilizado poderia ter diversas texturas e aberturas de trama, mas a escola se utilizava dos tecidos mais finos, também segundo relato das ex-alunas, com acabamento mais delicado, mas com maior grau de dificuldade na execução.

³⁵³ Servem para contornar e selecionar o que será trabalhado no bordado livre. Também é usado como hastes de folhas e flores, ou contornos entre desenhos. Os tipos mais comuns destes pontos são haste e haste português, alinhavo, alinhavo entrelaçado, atrás, pequinês, repolego ou de amarra, cordonê, laçadas cruzadas e partido.

³⁵⁴ São pontos que preenchem os bordados. Entre os tipos de pontos, é comum o uso de ponto reto, cheio, matiz, chato, folha, pétala, renascença, pé de galinha, cruz, ilhoses, casear, etc...

³⁵⁵ Também são pontos adequados para preenchimento ou ligação entre desenhos do bordado, mas se caracterizam por sua forma em cadeia, como elos de uma corrente. São comuns os tipos cadeia simples, torcido, sólido, aberto e xadrez; margarida; elos simples e em ziguezague; de roseta e espiga.

³⁵⁶ São os nozinhos típicos dos miolos de flores ou adornos entre desenhos, mas também servem como preenchimento ou hastes entre desenhos. Mais comuns são: nozinhos franceses, rocó, coral, biquinhos em nó (também chamados de biquinhos da Antuérpia), elos em nó, aresta com nó, etc...

³⁵⁷ SEKULES, Veronica, *Spinning Yarns. Clean Linen and Domestic Values in Late Medieval French Culture*. In: MA CLANAN, Anne Laura e ENCARNACIÓN, Karen Rosoff. *The material culture of sex, procreation, and marriage in premodern Europe*. New York, Macmillan Press, 2002, p. 79-81.

³⁵⁸ Tecido cujas tramas são entrelaçadas em duas carreiras perpendiculares. Nestes tecidos, a camada longitudinal é chamada de "urdume" e a horizontal de "trama".

³⁵⁹ Tecido de algodão cardado (penteado) e com construção leve. Normalmente branco, compreende tecidos de diferentes características, em que a menor fibra resulta, geralmente, na melhor qualidade do tecido produzido. Muito usado para peças de enxovais e para bordar.

Acreditava-se que a educação laboriosa servia como importante forma de evitar pensamentos desviantes ou fora dos padrões de conduta esperado, conforme síntese elaborada no manual de civildade de Maria Amália Vaz Carvalho³⁶⁰:

Também não pedimos para nosso sexo a emancipação, essa utopia de que se falla tanto e com tantas banalidades impensadas.

O que nós desejamos é ver na mulher uma personalidade robusta e consciente, inaccessível ás chimeras da sentimentalidade, solidamente e despretenciosamente instruída, tendo todas as noções práticas necessárias para subordinarem seu destino ás leis do bom senso, ao alcance de todos os descobrimentos do seu tempo, compreendendo o bello debaixo de todos os seus aspectos; prompta para perdoar o mal mas não para transigir com elle; sabendo resistir-lhe mas sabendo explicar as circunstanças que o attenuam ás vezes.

Tendo acima de todas as religiões a religião do Bem, sacrificando-se aos seus affectos, mas sacrificando-se principlamente aos seus deveres.

Laboriosa como condição indispensável da propria dignidade.

O trabalho é a redempção.

Não há mulher que não tenha conhecido mais ou menos fugitivas, mais ou menos traçoeiras, mais ou menos perigosas, essas horas más chamadas tentações. O trabalho é a salvaguarda para essas horas³⁶¹.

A mulher laboriosa devia usar o trabalho como forma de evitar o mal e as tentações. Outra condição para a avaliação dos trabalhos nas amostras era a limpeza do local, das próprias amostras e da técnica em si. Não eram permitidas arestas grosseiras ou fios soltos, rigor que aumentava conforme o desenvolvimento do aprendizado e da idade das alunas. Nem em seu avesso, o paninho poderia apresentar fios soltos. Fios estes que deveriam ser de seda, para garantir um maior refinamento dos trabalhos, aumentando o grau de dificuldade. Afinal, é frequente a referência entre elas a expressão que só se é possível conhecer a habilidade de uma bordadeira pelo seu avesso, que deve ser tão impecável quanto a frente do bordado.

As técnicas empregadas, os tipos de tecido e aviamentos usados demonstram um apego às tradições dos trabalhos em agulha. Em uma época de crescimento das

³⁶⁰ Escritora portuguesa, autora de contos e poesia, além de ensaio e artigos. Colaborou em diversos jornais e revistas portuguesas e brasileiras, publicando crônicas literárias e artigos sobre ética e educação, geralmente analisando a condição e o papel feminino na sociedade de seu tempo. Cf. MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário Brasileiro ilustrado; sob o patrocínio do Instituto Nacional do Livro*. São Paulo, Saraiva, 1969.

³⁶¹ CARVALHO, Maria Amália Vaz. *Mulheres e Criações: notas sobre educação*. Porto, Joaquim Antunes Leitão e irmão, 1880, p. 30-31.

facilidades trazidas pela industrialização³⁶², com bordados à máquina, tecidos com o uso de gaze³⁶³ em lugares estratégicos, ora na barra, ora em seu interior, indicando e facilitando o local de se bordar, o que levava a uma diminuição das exigências de habilidades. Bordar de maneira tradicional era uma forma de preservar as tradições femininas das artes têxteis, que possuíam no Brasil grande influência do artesanato francês, que ganhou prestígio principalmente ao se contrapor aos avanços industriais e reforçar as tradições aristocráticas³⁶⁴. A congregação também foi herdeira deste prestígio e usou muito do ensino destes trabalhos para transmitir seus tradicionais valores religiosos³⁶⁵.

O bordado sempre possuiu uma grande familiaridade com o universo religioso. Junto às esculturas e pinturas, serviram como demonstração de poder durante a Idade Média, com vários centros de produção e ensino. Visto como uma atividade pura, espiritualizada e disciplinadora, a religião se apropriou destes trabalhos e desenvolveu uma larga tradição que chegou aos nossos dias. Por isso, nas escolas de caráter confessional, o bordado ganhou ainda mais importância do que nas escolas laicas, pois, por ele era possível recomendar a uma aluna: “realizai vossas atividades com grande fidelidade, procurando usar todos os meios necessários para torna-las mais perfeitas”³⁶⁶. Uma peça bordada ou confeccionada materializa o esforço.

Religião e trabalhos de agulhas se entrelaçavam perfeitamente para atender às demandas do movimento religioso, da sociedade da época e dos modelos normativos de mulher, cujo comportamento esperado era de entrega e amor à família, satisfazendo-se ao servi-la com alegria, graça, dedicação e simplicidade. Bordar permitia também o aprimoramento da disciplina corporal e o refinamento da

³⁶² A Companhia Taubateana Industrial foi um exemplo deste crescimento, fundada no dia 04 de maio de 1891, por Félix Guisard. Inicialmente, sua produção era voltada para confecção de meias e camisas, mas logo passou a produzir tecidos planos, adequados tanto para confecção de vestuários como para bordados, ficando famosa pelo seu morim “Ave Maria”, distribuído em todo território nacional. C.f. SOTO, Maria Cristina M. Indústria e transformações urbanas – 1891-1942. In: *Revista de História*, n. 135, 2º semestre, 1996, p. 79-80.

³⁶³ Tecido leve e aberto, com algodão cardado. Eram também frequentes os tecidos com barras em étamine, que é o mais popular dos tecidos para bordar, pois serve para qualquer tipo de peça de decoração ou uso pessoal. É recomendado fundamentalmente para bordar trabalhos em pontos contados, como ponto cruz, entretanto aceita qualquer outro tipo de ponto para bordar.

³⁶⁴ CARVALHO, Vânia C. *Op.cit.*2008, p. 74

³⁶⁵ Um livro bastante completo de bordados e costura é o guia francês *Encyclopedie des Ouvrages de Dames*, escrito por Thérèse de Dillmont, em 1886 para o grupo DMV, empresa francesa de linhas fundada em 1746. Nele é possível ver inúmeros tipos de técnicas e procedimentos, com imagens do passo a passo de cada técnica, além de possíveis usos. Muitas das amostras têm técnicas parecidas com as descritas na obra, contudo não foi possível observar seu uso pelas freiras.

³⁶⁶ MÉDAILLE, Jean-Pierre. *Op. cit.* 2010, p. 46.

coordenação motora. Entre todas as técnicas de trabalhos em têxteis, a que mais agregava todos esses valores era o bordado em roupas brancas.

O bordado branco

Com o desenvolvimento das habilidades das aprendizes, novos desafios lhes eram apresentados. Neste processo, a evolução dos pontos e das técnicas levava sempre a um novo patamar de complexidade. O bordado branco era o símbolo desta evolução, pois somava às técnicas do bordado colorido a dificuldade do suporte material e da manutenção da limpeza e execução dos pontos. Eram também bastante populares como atestam as seções e anúncios dos periódicos destinados ao público feminino das *Revista Feminina* e *A Cigarra*³⁶⁷. Vera Cleser oferece um exemplo desta popularidade e dificuldade adicional dos trabalhos em roupas brancas:

Um dos trabalhos mais agradáveis e mais bonitos é o bordado branco. O preço dos preparos é insignificante e bellissimo o efeito de um bordado bem executado. Nunca, porém, deve-se bordar á noite, nem ao anoitecer; todas nós temos o sagrado dever de procurar conservar o órgão mais nobre e mais precioso do nosso corpo... a vista³⁶⁸.

Outra autora que atesta a dificuldade do trabalho em roupa branca foi Julia Lopes de Almeida:

A roupa branca deve ser ampla, talhada com gosto, bordada com carinho; há pontos elegantes adequados a cada peça, modelos graciosos, variados, desde mais singellos até os mais complicados e trabalhosos [...]

Para fazer costura branca é preciso ter um gênio especial, sereno e paciente. Nella, os olhos não se recreiam na variedade das cores, nos cambiantes brandos e refrangíveis dos setins, nos múltiplos e engenhosos feitios das *toilletes* de baile ou caseiras, de visita ou de passeio, de jantar ou de *soirée* [...] há simetria, igualdade e perfeição.

[...] após discorrer sobre o tipo correto de roupa para cliente loira e morena – compara a modista com a bordadeira de tecido branco. A modista olha contente para sua obra e imprime com orgulho o seu nome em letras doiradas; a propicia aragem da fama há e faze-lo voar pelas salas, e todas as elegantes virão bater á sua porta.

A pespontadeira de morim, não. Tem o seu gosto pautado pelas regras; não há alterações de vulto. Cada fio de linha cose pontos eguaes, pequenos, certos.

³⁶⁷ CARVALHO, Vânia Carneiro. *Op. cit.* 2008, p. 74.

³⁶⁸ CLESER, Vera. *Op. cit.* 1898, p. 111.

Supõe-se ser uma rapariga franzina, **pallida, de sorriso doloroso, olhar resignado, fronte estreita e pouco inteligente, humilde, pequenina e dócil: aprendeu paciente, afez-se a esse trabalho material, acabrunhador, mal pago.**

O seu nome?

Não o inscreve; e como necessariamente as lágrimas são da côr, como o panno onde caem, nenhum vestígio vemos do seu *eu...*

Uma boa dona de casa comprehende todas essas coisas. Porque? porque de tudo ella aprendeu um pouco.

Não é só a necessidade de serzir, a repassar, a prender malhas e a comprehender a utilidade da agulha; é o cuidado, é o zelo, é o amor que dedica as coisas que lhe pertencem e em que parece adivinhar uma palpitação da vida que se animou anteriormente³⁶⁹. (grifos da autora)

Também era uma roupa que exigia constante cuidado e manutenção, causa de sua especial atenção no ensino:

Com a roupa branca há sempre que coser: botões arrancados, cadarços partidos ou rendas esgarçadas, é prudente examinal-a na ocasião de passar a ferro, coisa de imprescindível urgencia para que o desmazelo não vá entrando como hábito na casa, e para que se vão immediatamente reparando as faltas. Para isso, teremos sempre um pequeno sortimento de botões, de fitas de linho, de carreteis, de linha de bordar e de retroz para serzir meias, etc...

É a roupa branca, affirmo ainda, que mais limpidamente se espelha a bôa administração de uma dona de casa: portanto, não lhe deve faltar um botão, um cadarço, um ponto³⁷⁰.

Pelas descrições, bordados e costura em roupa branca como trabalho remunerado era inglório. A descrição da provável executante como franzina, pálida, de olhar resignado, fronte estreita e pouco inteligente, humilde, pequenina, dócil e anônima indica provavelmente que, na hierarquia dos trabalhos manuais, este figurava como dos mais complexos e difíceis, não pelos pontos em si, posto que são os mesmos dos demais tipos de bordados, mas pelo conjunto de atenção e cuidado que se deveria ter na execução. Segundo a *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*, são bordados propícios para a confecção de *lingerie* e objetos de *toilette*, além de terem vários gêneros, com os bordados em linha branca formando desenhos, ou trabalhos bastante vazados, inspirando-se na renda veneziana, como no caso dos bordados do tipo madeira, renascença e *richelieu*³⁷¹.

³⁶⁹ ALMEIDA, Julia Lopes. *Op. cit.* 1905, p.22-24.

³⁷⁰ *Ibidem*, p. 26.

³⁷¹ DILLMONT, Thérèse de. *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*. France, Éditeur Mulhouse, Nouvelle Édition revue et augmentée, s.d., p. 41

Mesmo com tanta exigência e dificuldade, artigos e instruções para peças brancas são constantes, senão maioria nas revistas que ensinavam estes trabalhos, exemplo disso figura na *Revista Feminina*, publicação que teve por muito tempo uma seção permanente de trabalhos manuais. As peças brancas eram indispensáveis em qualquer enxoval, e ajudavam a cumprir a função de tornar o lar um local de descanso e aconchego. Estas peças perduraram, pois, se observarmos as páginas da Revista, percebemos que existe uma clara atualização no *design*, nas imagens, nas propagandas, mas os trabalhos manuais aparecem com uma grande prevalência de trabalhos brancos.

TRABALHOS DE AGULHA

Crochet imitação de renda de Veneza. — No nosso numero de novembro demos uma amostra de crochet, imitação de renda de Veneza e promettemos ás nossas leitoras que publicaríamos no presente numero um lindo trabalho para o qual serviria de centro a nossa amostra. Muitas das nossas leitoras estarão pois esperando ansiosamente a nossa secção e acreditamos que todas vão ficar contentíssimas com a bellissima almofadinha que a nossa gravura representa, para a qual vamos aproveitar o nosso quadrado de crochet, ensinando ao mesmo tempo a technica das outras partes do trabalho. A almofadinha além do quadrado do centro, cuja descripção completa figura no nosso numero pas-

dentro da 3.^a das 6 primeiras ms. e fecha-se a volta.-4.^a volta-1 m. s. 4 ma. sobre as 3 ms. seguintes: 1 p. salta a md. seguinte e repete-se 7 vezes desde o 4 e fecha-se a volta com um ponto dentro da 1.^a ma., corta-se a linha e remata-se.-5.^a volta.-Fazem-se dentro do 1.^o p., duas mt., 8 ms. e 1 brida dupla 4 seguem-se 1 brida dupla, 8 ms. e 1 brd. dentro do p. seguinte e 1 brd., 8 ms. e 1 brd. dentro do p. seguinte; repetir desde 4 duas vezes mais 1 brd., 8 ms. e 1 brd. dentro do ultimo p. e 1 ponto para fechar a volta dentro do brd.-6.^a volta-3 ms. e 13 md. sobre as primeiras oito ms. 4 saltam-se os 2 pontos seguintes e fazem-se 14 md. sobre os 8 ms. seguintes: repetir desde 4 seis vezes mais; fechar a volta com 1 ponto dentro da 3.^a ms., cortar a linha e rematar.

Para as 2 rodinhas.— 1.^a volta-9 ms. e 1 md. dentro da 1.^a ms., 5 ms. 1 md. dentro da mesma 1.^a ms., 5 ms. 1 ponto dentro da 3.^a das oito ms. seguintes e fechar a volta-2.^a volta.-1 ms. 4 fazer sobre as 5 ms. seguintes 3 ma. 1 p. 3 ma. — então 1 p. salta a md. seguinte e repete 2 vezes mais desde 4; fechar a volta com um ponto dentro da 1.^a ma.; cortar a linha-3.^a volta-1 ma. dentro do 1.^o p.-7 ms. e meia md. dentro do p. seguinte; 7 ms. e 1 ma. dentro do p. seguinte; repetir desde-4 uma vez mais; 7 ms. e meia md. dentro do p. seguinte; 7 ms. e 1 ponto dentro da primeira ma. para fechar a volta.-4.^a volta. 1 ms. e depois 1 ma. dentro da mesma ma.-8 ma. sobre as 7 ms. seguintes e 1 ma. dentro do ponto seguinte: Repetir desde-4 4 vezes ainda e em seguida: 8 ma. sobre as 7 ms. seguintes, 1 ponto dentro da 1.^a ma. para fechar a volta e corta-se a linha.

Para as tiras de crochet filet— 1.^a volta-Começa-se por 21 ms., saltam-se 8 ms. e faz-se 1 md. dentro da 19.^a ms. para formar o primeiro aberto; 2 ms. saltam-se 2 pontos 1 md. dentro do 3.^o ponto para formar 1 aberto, fazem-se 3 abertos mais e 5 ms. e viram-se — essas são para o 1.^o aberto da volta seguinte.-2.^a volta-5 abertos, 5 ms. e vira-3.^a volta-1 aberto, 3 fechados, 1 aberto, 5 ms. e virar.-4.^a volta-1 aberto, 1 fechado, 1 aberto, 1 fechado, 1 aberto, 5 ms. e virar.-5.^a volta-1 aberto, 3 fechados, 1 aberto, 5 ms. e virar.-6.^a volta-5 abertos, 5 ms. e virar.-7.^a volta-5 abertos, 5 ms. e virar.-8.^a volta 2 abertos, 1 fechado, 2 abertos 5 ms. e virar.-9.^a volta-5 abertos 5 ms. e virar.-10.^a volta-5 abertos, 5 ms. e virar.-11.^a volta 1 aberto, 3 fechados, 1 aberto 5 ms. e virar.-12.^a volta-1 aberto, 1 fechado, 1 aberto, 1 fechado, 1 aberto, 5 ms. e virar.-13.^a volta-1 aberto, 3 fechados, 1 aberto, 5 ms. e virar.-14.^a volta-5 abertos, 5 ms. e virar.-15.^a volta-5 abertos, 5 ms. e virar.



LINDA ALMOFADA DE LINGERIE

sado, é ainda composta de tres grandes rodas e duas rodinhas em crochet Cluny e quatro quadros de crochet, imitação de filet ou filet verdadeiro, a vontade.
Materia: Meio metro de linho branco de 36 pollegadas de largura; meio metro de seda cõr de rosa ou outra cõr delicada para o forro; uma fõrma de almofada em coração; 2 novelos de linha n. 50; 1 agulha de crochet n. 11; 3 meadas de linha de bordar, n. 20.
Abreviaturas.— M. malha, ms. malha solta, ma. malha apertada, md. malha dupla, mt. malha triplice, p. picot, br. brida, brd. brida dupla, brt. brida triplice.
Para as tres grandes rodas.— 1.^a volta-8 m. soltas e fecha-se a rodinha.-2.^a volta-1 ms. e 16 ma. dentro da rodinha e fecha-se a rodinha.-3.^a volta-6 ms. salta 1 ma. da volta anterior, md. dentro do ponto seguinte 3 ms. salta 1 ma. e faz-se 1 md. dentro do ponto seguinte: repete-se desde 4 5 vezes mais e depois: 3 ms. e 1 ponto

(Sentida na proxima numero)

PO' DE ARROZ

Muito agradável à pelle e de perfumes diversos: industria nacional, mas que rivalisa com as melhores marcas estrangeiras, tanto em qualidade como em acondicionamento

R' venda na
CASA BARUEL

Exigir sempre



SABÃO

Da mesma marca, perfumado liquido

Preço:
Põ de arroz . . . 28500
Sabão 28000
e mais 600 réis para o porte

Pedidos pelo Correio à rua de S. Joaquim, 115

Figura 24. "Trabalhos de Agulha", na Revista Feminina. Receita para fazer almofada com diferentes técnicas na Revista Feminina, janeiro de 1916, p. 29. APESP.

TRABALHOS FEMININOS

ALMOFADAS

ALMOFADA MODERNA

O trabalho de aplicação tem a grande vantagem de não exigir conhecimentos especiais muito aprofundados e especializados de bordado para obter um resultado excelente. Com um pouco de gosto e de habilidade, ou melhor, de cuidado e paciência, pôde-se empreender facilmente a execução destes trabalhos, tal como por exemplo esta almofada moderna ornada com um moderníssimo desenho. O efeito é dos melhores como beleza de conjunto.

O fundo é um bello serim de um "beige" dourado em tom bem quente. Para uma flor poder-se-á o embutido azul verde; para a outra, assim como para a meia flor, um embutido cor de tijolo. Cortam-se cuidadosamente estes embutidos e applicam-se sobre as flores respectivas, desenhadas sobre o fundo.

Uma das flores, a do centro, tem todas as pétalas contornadas com o auxilio de um floco negro, man-



Elegante e bonita almofada moderna.

tido por meio de pequenos pontos transversaes. A nervura é igualmente em floco, e todo o centro, cheio de pequenos nós em floco, é limitado por um circulo em fio de ouro. A flor de baixo, tal como a meia flor, são contornadas em fio de ouro collocado nos bordos e mantido igualmente por fios transversaes. O amago é feito de pontos de nó em fio de ouro e é todo cheio de embutidos pretos.

Para fazer opposição, as folhas devem ser tratadas muito ligeiramente; ellas, pois, serão executadas em ponto de haste com a seda byzantina verde jade e o interior das folhas é cheio de alguns pontos lançados do mesmo tom, o que lhes augmentará a graça, fazendo resaltar mais vivamente o desenho.

Terminado o bordado, dobra-se a almofada de serim tijolo e guarnece-se com torçal de metal cor de ouro velho.



Curioso tapete japonês.

Figura 25. "Trabalhos femininos", na *Revista Feminina*. Após expor receitas de trabalhos com aplicações que não exigiam grande habilidade no bordado, a mesma *Revista Feminina* insistia na moda e beleza do bordado branco, dezembro de 1922, s.n.p. APESP.

TRABALHOS FEMININOS

BORDADO BRANCO

Mais uma vez ainda insistimos sobre a utilidade e vantagens do bordado branco. Não receamos nos tornar cacetes pizando e repizando o mesmo assumpto, pois são tão suggestivas as creações, tão lindos os motivos e tão artisticos os riscos que a leitora amiga, melhor comprehenderá a nossa insistencia.

Accresça-se agora a isso que acima dissemos, mais a circumstancia de que o bordado branco está na moda, que elle impera mais que nunca, offerecendo um contraste vivo e interessante com a cor e o estylo do mobiliario.

Si atendermos o lado pecuniario, então mais razão ainda temos nesse nosso modo de ver, porque é muito mais barato que todos os demais de confec-

ção mais simples, não exigindo conhecimentos a não ser um pouco de paciencia e attenção. Neste genero de bordados é preciso ter sempre em grande conta a harmonia das linhas para não se quebrar a suavidade do conjuncto. A primeira vista, um defeito não nos parece tão grande e pensamos que facilmente elle desapparecerá depois do trabalho prompto, quando ahí é que está o engano, principalmente se o motivo tiver pontos em Riche-lieu e Milão.

Tudo o cuidado talvez seja pouco, porém essa attenção que se dispensa ao trabalho é fartamente recom-

pensada no fim, quando admirarmos aquelle conjuncto harmonico de linhas cheias ou abertas ou de pontos.

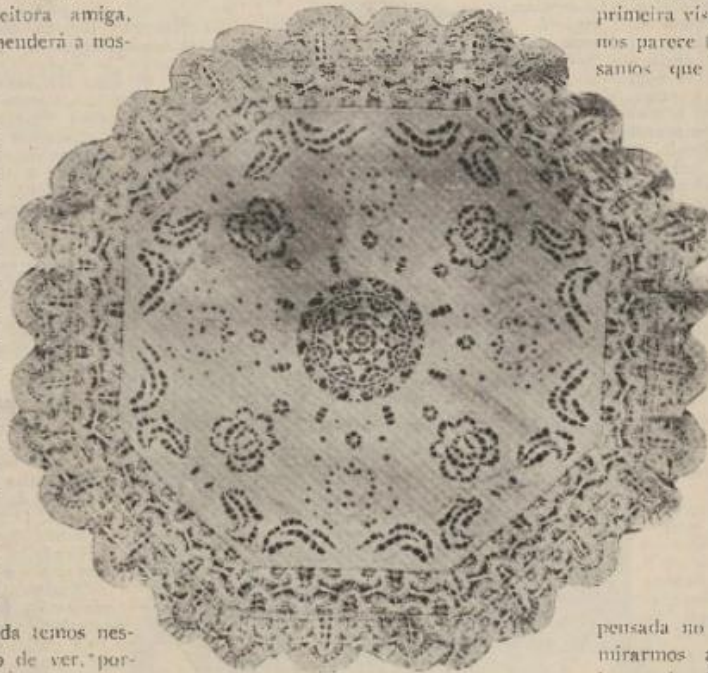


Fig. n.º 1 — Bella toalha para mesa de centro. Preço do risco pelo côrtejo: 35000.

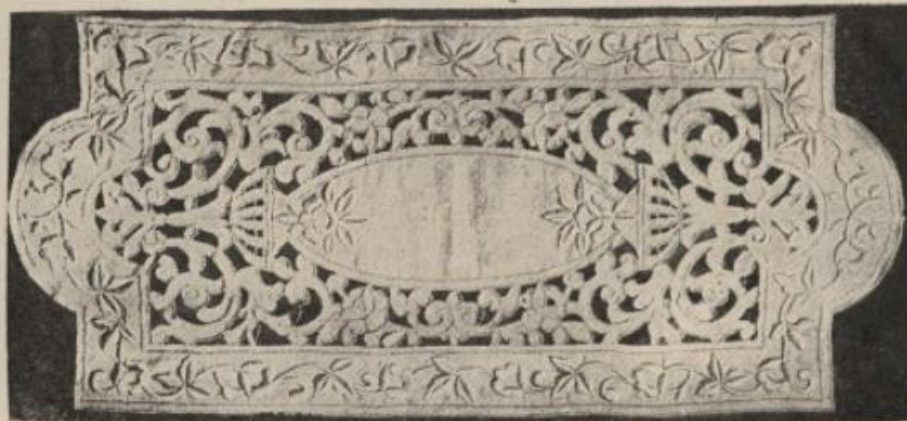


Fig. n.º 2 — Artística toalha para buffet, em estylo Renascença. Risco em tamanho natural: 45000.

Figura 26. "Trabalho Feminino - o bordado branco", *Revista Feminina*. A mesma *Revista Feminina* insistia na moda e beleza do bordado branco, dezembro de 1922, s.n.p. APESP.

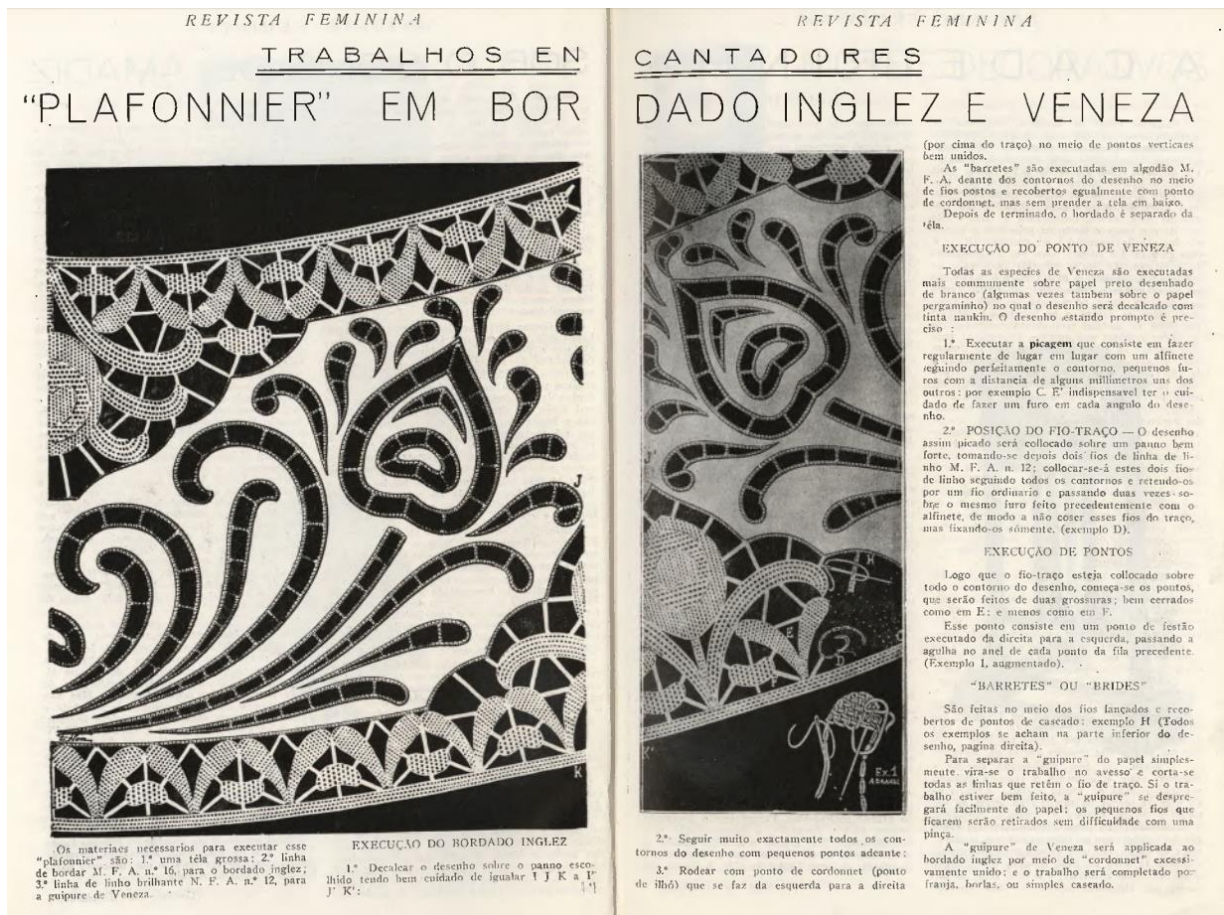


Figura 27. "Trabalhos encantadores", na *Revista Feminina*. Receita para fazer almofada com diferentes técnicas, julho de 1926. s.n.p. APESP.

Ao observarmos os exemplares da *Revista Feminina*, o que se percebe é uma continuidade da valorização deste tipo de trabalho. Em alguns casos, observa-se o objetivo de tentar facilitar o trabalho feminino, caso de muitas receitas de crochês em que se promete maior facilidade de execução com efeito semelhante a uma renda, ou também quando publicam receitas de colagens, que, segundo a Revista, exigem menos habilidade que os bordados tradicionais. Caso emblemático é o do fascículo publicado em dezembro de 1922, comemorativo de fim de ano e do Centenário da Independência. Na seção destinada a trabalhos femininos, as receitas do exemplar são de "almofadas modernas" com colagens (Figura 25). O texto introdutório apresenta logo suas vantagens: "O trabalho de aplicações tem a grande vantagem de não exigir conhecimentos especiaes muito aprofundados de bordados para obter um resultado excellent"³⁷². Porém, após três páginas com o tutorial de confecção, aplicação e montagem das almofadas, a mesma Revista que convida às facilidades de um trabalho mais simples e moderno, tem todo um artigo sobre a beleza incontest

³⁷² "Trabalhos Femininos. Almofadas", *Revista Feminina*, dez. 1922. s.n.p.

dos bordados brancos³⁷³, como se pode observar na figura 26. O texto começa incisivo:

(...) mais uma vez insistimos sobre a utilidade e vantagens do bordado branco. Não receiamos tornar cacetes pizando e repizando o mesmo assumpto, pois são tão suggestivas as creações, tão lindos os motivos e tão artísticos os riscos que a leitora amiga melhor compreenderá a nossa insistencia.

Acresça-se agora a isso que acima dissemos, mais a circumstancia de que o bordado branco está na moda, que elle impera mais do que nunca, offerecendo um contraste vivo e interessante com a cor e o estilo do mobiliario³⁷⁴.

Ao se observar a própria publicação, há que se discordar da ideia de estar mais em evidência naquele momento do que em outros. Em um pequeno exemplo temporal com as Figuras 24, 26 e 27, que datam de 1916 a 1926, é possível observar trabalhos em roupas brancas usando padrões tradicionais destes tipos de bordados, tendo o último (Figura 27) um grafismo um pouco mais moderno em relação aos demais, mas com um grau de dificuldade grande e usando as mesmas técnicas. Também a simbiose com o mobiliário, oferecendo a visão de seu contraste como algo a valorizar o móvel é recorrente. Nas descrições sobre a importância dos trabalhos de agulha de alunas do curso normal dos anos de 1950, Marilena Camargo ainda encontra o argumento de que serviam “para enriquecer os móveis”³⁷⁵.

Um dos possíveis motivos do sucesso da roupa e trabalhos artesanais brancos reside nos discursos normativos da época, que reconhecem a mulher como repositária natural da castidade e da pureza, virtudes que, na religião, são o ponto nevrálgico da concepção de feminilidade. As transformações urbanas pela quais o Brasil passou, os discursos médicos higiênicos e o projeto modernizador da República vieram acompanhados do aumento das reivindicações por maior emancipação política feminina, que ganharam espaço e projeção. Porém, não alteraram a imagem ideal de mulher. O mesmo exemplar da Revista exemplifica bem esta aparente contradição entre ideais modernos e tradições religiosas, pois logo o seu primeiro texto vem com o título: “O voto feminino – o projeto ainda está no Senado”. Mais adiante é possível ler o discurso da Dra Myrtes de Campos sobre o brilhante parecer do Dr. Evaristo de Moraes “Uma grande vitória de feminismo brasileiro”. Por ele se noticia que há apenas

³⁷³ Neste caso, não eram oferecidas receitas dos trabalhos, apenas informando à leitora sobre estes trabalhos e indicando preços das peças. *Ibidem*, 1922, s.n.p.

³⁷⁴ *Ibidem*, 1922, s.n.p.

³⁷⁵ CAMARGO, Marilena A. J. Guedes de. *Op. cit*, 2000, p. 136; CARVALHO, Vânia Carneiro. *Op. cit*, 2008, p.75; MALTA, Marize, *Op. cit*, 2015, p.4-5.

um congressista manifestadamente contra o voto feminino. Na sequência dos artigos, é possível ler sobre o feminismo no Brasil, na Inglaterra, nos Estados Unidos, sobre a emancipação feminina no Japão e na Rússia e até uma anedota em tom de escárnio “O anti-feminista”. Mas a publicação conta também com inúmeros textos religiosos, trechos de passagens bíblicas, aproveitando-se do fim do ano, e de autoria de senhoras ligadas a grupos de caridade. Entre os textos, há um que estabelece uma relação entre religião e vestuário:

“A moda e a Eucharestia”

Conferência da Exma. Sra. D. Anninha Rezende, no Salão do Collegio da Imaculada Conceição, secção das senhoras do Congresso Eucharistico.

Á primeira vista, nos afigura que a moda e a Eucharistia se repellem. Si bem attentarmos, entretanto, para o papel que representa a moda na arte, veremos logo como ellas se relacionam entre si, como se harmonizam.

A Eucharistia é a synthese do Bem e do Bello; a arte é uma das manifestações do Bem e do Bello; ora a moda, usada com discrição e bom gosto dá graça e encanta: logo participa da arte. A Igreja. Em todos os tempos, sempre amou e protegeu a arte subordinada porém a Fé e ajoelhada aos pés do Crucifixo; não condemnemos, pois, a moda, desde que esta não collida com as máximas do Evangelho.

[...] O luxo do vestuario, como em tudo o mais, tem muitas vezes sua razão de ser. Nas sociedades bem contituidas, torna-se elle o symbolo da hierarchia, e , uma vez contido nos justos limites, completa a ordem, ao envez de destruil-a. certo não diremos a uma dona de casa que se vista como a sua domestica, e nem a uma dama da alta sociedade como uma operária.

Ama-se naturalmente o que é bello e harmonioso, e nessa belleza exterior ama-se o reflexo dessa ordem e dessa outra belleza cujo germen trazemos todos na alma.

A moda, desde que fique na nota graciosa, suggere á industria bellas creações, torna mais agradaveis as relações da sociedade e póde até estabelecer a supremacia de um paiz sob o ponto de vista da elegância.

(Após comentar as variações diversas da moda) [...] Nada disso: o maior attractivo de uma jovem é a modestia e a simplicidade, que nella realça ainda mais a frescura e a graça da idade e são os principaes adornos da virgem.

Preguem ás donzellas a elegancia, essa cousa inteiramente diversa do luxo e que provém antes da simplicidade: a elegancia da linguagem e – poque não diremos?!- mesmo a elegância do espírito e do coração.

Onde pois, a intolerância da Igreja!? Si Roma pagan pela lei Appia prohibia ás matornes o uso de decote, dos artificios, dos coloridos vivos, do abuso das joias, do luxo em suma, com fim de pôr um limite das despesas fabulosas que affectavam o erario publico; si em pleno paganismo as patricias romanas trajavam longas tunicas amplas, que lhes envolviam inteiramenteo corpo e lhes imprimiam harmonia e

graça, não é demais que a Igreja Catholica, fiel depositária do dogma da imaculada Conceição e defensora imperterrita da pureza de Maria, a honra e a gloria da mulher e, sobretudo, da mulher brasileira, com um fim mais nobre verbera a moda no que tem de inconveniente, procure abolir do meio da sociedade christan o uso exaggerado do decote e prégue ás suas adeptas o recato, a modestia e a pureza, maravilhas essas que só a Igreja Catholica pode gerar.

Sem esse recato e sem essa modestia, tão necessarias á pureza dos costumes, voltariamos á selvageria e incorreriamos na censura mui judiciosa de um escriptor, cujo nome não me ocorre, que diz algures: As selvagens quanto mais se civilizam, mais se vestem; as ultra civilizadas ou, por outra, as pseudo-civilizadas, quanto mais se civilizam, menos se vestem.

Mas não há contradição entre o texto religioso que preconiza uma mulher de respeito através de seu vestuário com os textos sufragistas e feministas da Revista. Pois em todos existe um ponto de convergência, a mulher honesta e cidadã é aquela que demonstra uma atitude respeitável, humilde, distinta e recatada, enquanto as jovens devem preservar também o ideal de pureza virginal. As condutas descritas combinam com o que preconiza o livro *Máximas de Perfeição*, que prega que o ideal cristão é despojar-se de todas as vaidades, revestindo-se de humildade, mansidão, modéstia e outras virtudes³⁷⁶.

Para as senhoras, a sobriedade e elegância se traduziriam pelas roupas, assim como nas jovens. Em um instantâneo da vida social paulista, publicado pela revista *A Cigarra*³⁷⁷, em que se registra, como se vê na Figura 27, cena do baile do Clube Concórdia, realizado no Teatro Municipal para sócios deste clube, percebe-se como as cores claras são uma prevalência nas jovens em particular. Se as roupas são totalmente brancas, não é possível afirmar, pois a fotografia em preto e branco matiza as cores mais claras, mas, dada a popularidade das roupas brancas, podemos inferir que são, assim como nos objetos de decoração do lar, imperativos no vestuário. Os tons leves, pastéis corroboram o ideal de pureza e a moda, como mostra bem o texto de D. Anninha Rezende: era mais um veículo de demonstração dos signos da época.

³⁷⁶ MÉDALLE, Jean-Pierre. *Op.cit.*2010, p. 15.

³⁷⁷ *A Cigarra*, 31/01/1916, s.n.p.

O BAILE DO "CONCORDIA"



Aspecto do salão do Theatro Municipal, durante o ultimo baile do Club Concordia



Outro aspecto do mesmo baile

Figura 28. O baile da Concórdia. Revista A Cigarra, 31/01/1916, s.n.p. APESP.

Para Umberto Eco, o “cristianismo primitivo havia educado para a tradução simbólica dos princípios da fé”³⁷⁸. As cores desempenharam papel proeminente dentro desta tradição simbólica, em que o branco, o vermelho e o verde seriam cores benignas, enquanto que o amarelo e o preto remeteriam a dor e penitência. O branco desde então simbolizou a luz e a eternidade, a pureza e a virgindade, que também era frequentemente representada, conforme atesta Johan Huizinga, pela rosa branca, enquanto a rosa vermelha simbolizaria o mártir:

A associação simbólica fundada nas propriedades comuns pressupõe a ideia de que essas propriedades se confundem com a essência das coisas. A visão de rosas brancas e vermelhas desabrochando entre espinhos fará nascer no espírito medieval uma assimilação simbólica: a de virgens e de mártires irradiando glória entre os seus perseguidores. A assimilação produz-se porque os atributos são os mesmos: a beleza, a ternura, a pureza, as cores das rosas são também as das virgens, e a cor vermelha a do sangue dos mártires. Mas esta similaridade só terá significado místico se o meio termo que relaciona os dois termos do conceito simbólico exprimir uma essencialidade comum aos dois; por outras palavras, se o vermelho e o branco forem qualquer coisa mais do que nomes de uma diferença física de base quantitativa, se forem concebidos como essências, como realidades. O espírito do selvagem, da criança e do poeta nunca os vê de outra forma. Ora a beleza, a ternura, a brancura, sendo realidades, serão também entidades; e por consequência tudo o que é belo, terno ou branco deve ter uma essência comum, a mesma razão de existência, o mesmo significado perante Deus³⁷⁹.

No estandarte da Nossa Senhora do Patrocínio exposto na Sala de Guardados, a virgem está ladeada por rosas (Figura 18). Nas amostras das Figuras 7, 8 e 16 da escola também há bordados em rosa de diferentes tipos: na primeira, em ponto matiz na cor vermelha sobre linho branco medindo 13 x 21cm; na segunda, uma rosa feita em ponto cheio e ponto apanhado jacobino ou treliça³⁸⁰, feito em bordado branco sobre linho medindo 12,5 x 21cm; no último, percebe-se um trabalho misto de pintura e bordado em cores com ponto matiz avermelhado, onde a rosa é o vestido da menina desenhada, feito em cetim de seda medindo 10 x 12cm.

³⁷⁸ ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro, Record, 2010, p. 107-108.

³⁷⁹ HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa, Editora Ulisseia, 1985, p. 152.

³⁸⁰ Ponto de bordado muito usado em miolos de flores ou de desenhos onde o efeito aberto é necessário, dando a impressão de furinhos, ou tela.



Figura 29. Amostra em linho branco em bordado de fios agrupados com diferentes pontos de entremeio para renda do tipo renascença. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.



Figura 30. Amostra em linho branco em bordado de fios agrupados com diferentes pontos de entremeio. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.



Figura 31. Amostra em linho branco em bordado de fios agrupados com diferentes pontos de entremeio e barra ao final com ponto ilhós e uma casa de botão. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

Há dois paninhos de amostras em bordado branco com flores e outros três com diferentes técnicas de bordados de fios agrupados, com diferentes pontos de entremeio, que transformam o tecido em rendas (Figuras 29, 30 e 31). No último, além dos diferentes tipos de ponto *ajour*, malha e crivo, é possível perceber uma barra

diferente das demais amostras, aparentando um treino para confecção de camisas, até porque nela estão bordados um ponto ilhós e uma abertura caseada para passagem de botão.

Além das amostras em tamanho padrão, há uma sexta amostra em bordado branco de dimensão menor, em tecido com textura diferente daquela do linho, medindo 7,5 x 10,5 cm e com apenas um único trabalho, uma folha branca em relevo³⁸¹ contornada por ponto alinhavo enlaçado (Figura 32), provavelmente para treino de confecção de lenços.



Figura 32. Amostra em tecido branco com bordado simples. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

Todas as amostras em tecido branco mostram uma combinação entre os elementos religiosos dos bordados e das tarefas domésticas típicas da feminilidade. São amostras que servem para a confecção de praticamente todas as peças do enxoval, além de conjugar a possibilidade de confeccionar objetos de devoção, como vestimentas de santos, estandartes e peças de batismo e de altar. Além disso, as roupas brancas exigem, como já se viu, ainda mais os cuidados e a atenção requeridos para a prática de trabalhos manuais, sendo um aliado poderoso para o

³⁸¹ Ponto de alinhavo é um ponto simples em que a agulha passa por cima e por baixo do tecido, fazendo os pontos no direito e do avesso do mesmo tamanho. Quando se quer evidenciar e contrastar as bordas, é passado uma linha de contraste para formar uma cercadura decorativa.

condicionamento físico identificado com a feminilidade. Como observa Vânia Carneiro de Carvalho:

A prática do artesanato pressupõe como ponto de partida uma relação orgânica entre corpo e objeto, em que o sujeito, reproduzindo técnicas e padrões transmitidos de geração a geração, exerce pleno domínio sobre cada etapa de seu trabalho, sendo a agulha, o tear ou a tesoura de costura mera extensões do seu braço³⁸².

Para um espaço escolar e religioso, local privilegiado para ensinar as jovens a resguardar sua beleza intocada e virginal, estes trabalhos ajudavam a estabelecer uma conexão entre as simbologias da pureza e da virgindade bem de acordo com o imaginário que se forjou no século XIX, com o controle da sexualidade e os arquétipos religiosos, ditando essas normas inclusive sobre os corpos das alunas, privilegiando uma atividade que reunia em si mesma todos os gestos e controles corporais da feminilidade. Para esta construção, a escola, e em especial a de tipo confessional, foi um valioso veículo na constituição de práticas sociais em conformidade com estes padrões.

Bordados em papel – os canivets.

O bordado, como já apontado aqui, foi usado para transmitir as doutrinas católicas e as condutas corporais desejadas às meninas e moças em idade escolar. Mas não só. Outro artefato mostrou-se bastante recorrente nas atividades da escola, o *canivet*³⁸³ ou, papel rendado. Sua estrutura complexa e trabalhosa de recorte de papel colaborava para reforçar as prescrições do manual, levando a praticante ao disciplinamento da vontade e do corpo. Segundo Lubare e Kingery³⁸⁴, um objeto incorpora atributos ao longo de sua existência, atravessa redes de significados que o classificam e reclassificam em categorias constituídas culturalmente.

Na trajetória de um objeto deve-se levar em conta todo o processo de modificação do seu contexto original para um novo, tornando o seu entendimento imprescindível para compreender o objeto como fonte de informação. No caso dos

³⁸² CARVALHO, Vânia C. *Op.cit.* 2008, p. 78.

³⁸³ Por ser uma congregação francesa, optou-se pela grafia em francês, pois, segundo irmã Zilda Marino, era usual entre as irmãs a manutenção da nomenclatura francesa.

³⁸⁴ LUBAR, Steven e KINGERY, David, *apud* REDE, Marcelo. *Op.cit.*, 2011, p. 276-277.

*canivets*³⁸⁵, a busca pelas suas transformações e ressignificações passa necessariamente por sua ligação com a sacralidade. Ele seria uma manifestação de piedade e devoção, e seu entorno recortado como um bordado o tornava único. Foi bastante difundido a partir do século XVII, mas pode ter origem ainda mais remota, no período medieval. O termo *canivet* designa a ferramenta usada para criar iluminuras, o que o colocaria em mosteiros (praticado por freiras e internas) ainda antes do tempo de sua difusão e popularização no XVII, quando passou a ter uma forte identificação com o mundo feminino.

Os *canivets* são papéis cujos entalhes nas dobras criam a aparência da renda, que os aproxima do mundo da mulher, colaborando com a construção de uma identidade feminina. Os trabalhos em papel não se restringiam aos *canivets*. A tradição portuguesa de se fazer doces assentados sobre papéis rendilhados se deu nos conventos portugueses e chegou ao Brasil.

A tradição brasileira e feminina, herdada dos portugueses, na confecção de doces cristalizados nos indica uma tendência em tratar artisticamente os produtos açucarados. A prática de recortar papéis que resultavam num finíssimo trabalho rendilhado, utilizado para enfeitar todo tipo de produção de doces aparece descrita por John Luccock, em 1808: “Gabam-se da excelencia de seus doces, fazendo deles presentes muito bonitos, geralmente embrulhados em papel caprichosamente recortado, coisa em que gastam muito tempo e esforço (...)”³⁸⁶.

No *canivet* não pode haver erro – seu material não permite que se desmanche ou recomece. O corte não se recupera, portanto carrega a necessidade de precisão, paciência, treino em um trabalho demorado e complexo. Seus instrumentos também exigem grande precisão para o entalhe, tanto com o canivete, como com a agulha, que cria o serrilhado que permite retirar os interiores de papel para criar os espaços vazados da renda. O objeto é único, portanto agrega ainda mais valor à imagem do santo. É nítido o trabalho e empenho colocado sobre a obra. A fascinação que a obra produz age sobre o seu observador, provocando a contemplação de quem o observa. A atração estética conduziria à introspecção. Características importantes por se tratar de figuras religiosas que devem justamente conduzir ao contato com o mundo imaterial, promover a transcendência.

³⁸⁵ *Canivet* é uma arte religiosa conhecida como santinhos rendados, de larga tradição na França e em outros países de tradição católica.

³⁸⁶ LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. São Paulo, Edusp, 197p. 79; CARVALHO, *Op.cit.* 2008: 193



Figura 33. *Canivet* com poema, em papel vegetal, imitando trabalhos em ponto hardanger e pintura à mão. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

O trabalho da Figura 33 possui dimensão de 21 x 30 cm, confeccionado em papel vegetal e pintura a mão, letras em nanquim, ele é todo talhado com agulhas, formando um padrão de bordado em ponto hardanger. Com incontáveis detalhes,

mostra a precisão, alia pintura minuciosa, letra precisa e em tamanho bastante reduzido, principalmente as que formam a inscrição na fita desenhada.

Mas se os *canivets* são objetos únicos, objetos de devoção e demonstração de sacralidade, nas escolas da Congregação eles serão ressignificados para incorporar mais um elemento além dos já mencionados: um caminho para o autocontrole e autodisciplina, pois eles serviram de suporte para um importante instrumento de inserção social das alunas nas obras extramuros da Congregação, os “ramalhetes espirituais”.



Figura 34. Parte externa do ramalhete espiritual de D. Duarte Leopoldo e Silva. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.



Figura 35. Ramallete espiritual de D. Duarte Leopoldo e Silva- parte interna. Confeccionado para o jubileu episcopal de 1929 de D. Duarte, bispo de São Paulo de 1906-1938. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.



Figura 36. Ramalhete espiritual de D. José Gaspar d'Afonseca e Silva - parte externa. Ramalhete espiritual das alunas do Colégio N. Sra. do Patrocínio para o bispo de São Paulo. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

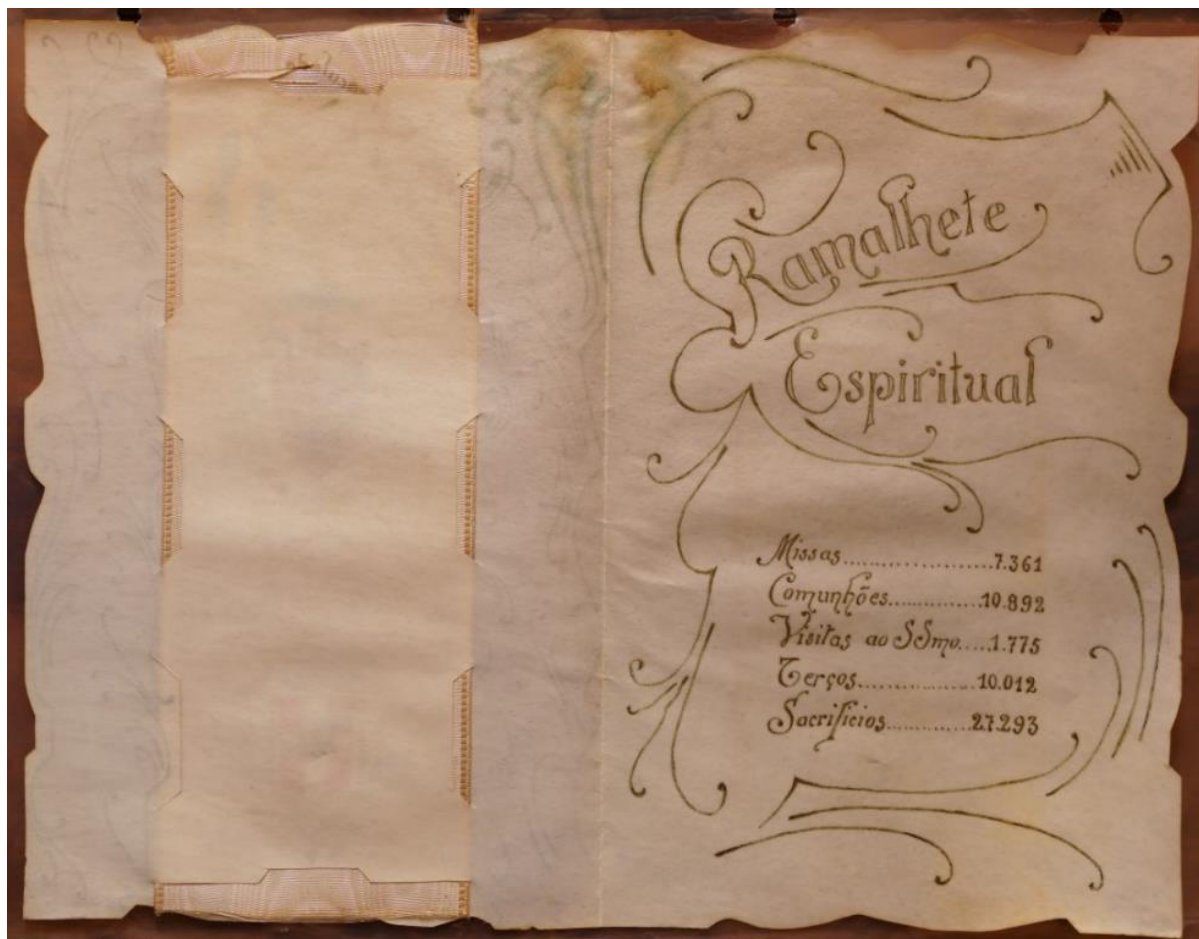


Figura 37. Ramallete espiritual de D. José Gaspar d'Afonseca e Silva - parte interna. Ramallete espiritual das alunas do Colégio N. Sra. do Patrocínio para o bispo Dom José Gaspar, bispo de São Paulo entre 1939-1943. c. 1929. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

Estes ramalhetes eram feitos no formato dos *canivets*, mas ao invés de conter as imagens piedosas continham uma lista das atividades devocionais de todo o conjunto de alunas da escola. Cada aluna ou membro da Congregação contabilizava individualmente a quantidade de missas, participações em terços, comunhões e outros serviços religiosos, informações que eram reunidas pelas irmãs. A partir da informação individual, fazia-se um quadro geral de todo o universo escolar para tornar público o perfil devotado do corpo discente. Os ramalhetes eram confeccionados para ocasiões de visita de alguma proeminente figura do catolicismo, caso do primeiro ramallete (Figura 34), feito em comemoração ao jubileu episcopal de D. Duarte Leopoldo e Silva, em 1929.

O primeiro não possuía entalhes, não se caracterizando como um *canivet* propriamente dito. Era, porém, ricamente decorado e pintado à mão, e envolvia a contabilidade das práticas devocionais de alunas e dos doentes internados na Santa

Casa de Itu. Já o segundo ramallete possuía entalhes e a inserção de uma fita também pintada à mão, além de entalhes nas laterais. Era apenas descritivo das atividades das alunas e foi feito, pela observação do brasão episcopal desenhado na parte superior, para Dom José Gaspar d'Afonseca, bispo de São Paulo entre 1939-1943, portanto fora do recorte temporal desta pesquisa. Porém ele ajudou a entender outra fita. O que impressiona neste *canivet* (Figuras 36 e 37) não é seu entalhe sobre o papel, que serve mais para segurar a fita e ornar sua borda, mas a pintura feita sobre a fita, que possui detalhes minuciosos e de grande grau de dificuldade, com letras pequenas, como a inscrição em latim sobre o desenho da fita. Mesmo padrão observado na fita feita em homenagem ao bispo Dom Duarte Leopoldo e Silva (1º arcebispo) entre 1907-1938. Nela podemos ver o brasão do arcebispo e o brasão da Congregação de São José:



Figura 38. Fita em homenagem a D. Duarte Leopoldo e Silva feita na ocasião da visita do arcebispo nas cerimônias comemorativas dos 60 anos do noviciado de Madre Maria Theodora, 1929. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.



Figura 39. Detalhe da fita em homenagem a D. Duarte Leopoldo e Silva. Feita na ocasião da visita do arcebispo nas cerimônias comemorativas dos 60 anos do noviciado de Madre Maria Theodora, 1929. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

Como se vê pelo detalhe, as fitas, medindo 8 x 26cm, são todas pintadas à mão contendo minúsculas letras dentro dos brasões episcopais e da Congregação. Fruto de um árduo trabalho, ainda mais se considerarmos a textura de uma fita, que por mais que não seja acetinada é bastante porosa, demandando cuidado para não borrar o desenho e a própria trama da fita (Figuras 36 e 37). O trabalho não possui a assinatura de sua executante e nem era preciso, pois, de acordo com o *Máximas*, em seu capítulo 4, sobre pureza de intenção, sugere: “agi de tal modo que vossas boas obras sejam

desconhecidas no tempo e conhecidas somente por Deus”³⁸⁷. Trabalhos detalhados e minuciosos de pintura em papel são possíveis de perceber nos santinhos da Figura 40, que possui dois santinhos industrializados³⁸⁸ e dois feitos à mão. À primeira vista, os quatro parecem fruto de impressão, principalmente por causa da precisão e limpeza do traçado e pintura.



Figura 40. Santinhos religiosos. Os dois da esquerda são artesanais, enquanto que os da direita foram produzidos por uma indústria francesa de objetos religiosos. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

³⁸⁷ MÉDALLE, Jean-Pierre. *Op.cit.*2010, p. 20.

³⁸⁸ Bonamy Edit. Pontifical. Poitiers Déposé.

O ramalhete é a síntese da máxima de conduta, pois torna pública a grande devoção da comunidade escolar e congregacional, sem individualizar e enaltecer qualquer figura, nem mesmo quem produziu tão delicado objeto. Como envolve um reconhecido sistema técnico de execução de objetos de arte ao mesmo tempo em que é admirado sem que todos dominem seu modo de fazer, ao que Alfred Gell denominou como “tecnologia do encanto”, estes objetos se tornam capazes de exercer um encantamento e um poder de fascinação sobre seus observadores. A fita é capaz de produzir um efeito – agência – sobre seu observador, que percebe todo o tempo, dedicação, destreza e entrega para sua confecção, evidenciando todas as virtudes valorizadas pelas irmãs³⁸⁹.

Paradoxalmente, a coleta de informação sobre a vida e o cotidiano espiritual de todo o grupo permitia distinguir cada indivíduo dentro deste mesmo grupo. Com isso, era possível averiguar qual aluna participou de mais missas, comungou mais e participou de mais terços. Logo, mesmo sob o argumento de coletivizar as condutas para evitar qualquer destaque personalizado, o que se verificava na prática é o que podemos chamar de pedagogia da emulação, onde as jovens eram instadas a uma velada competição, em que seria reconhecida aquela que mais contribuía para a contabilidade final do ramalhete. Com isso, as mais empenhadas ganhavam visibilidade dentro da Congregação e fora dela, já que o ramalhete servia de bilhete de entrada destas alunas ao seletivo grupo de filhas de Maria.

A nova mulher deveria cuidar de sua família conforme os novos tempos, sem ignorar os preceitos de higiene e de puericultura tão em voga na época e não esquecidos pela escola. A diferença era o forte componente religioso que essas moças tinham como missão. Seu ramalhete dá a dimensão disso. A interiorização da disciplina que os ramalhetes deixam entrever eram sintomáticos do século XIX e início do século XX.

³⁸⁹ GELL, Alfred. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. In: *Concinnitas*, ano 6, vol. 1, n. 8, jul 2005 p. 44.

CAPÍTULO 4. O direito e o avesso – visibilidade e invisibilidade femininas.

A mulher da virada do dezenove para o vinte foi educada para ocupar com plenitude o espaço doméstico. Ela era o epicentro do lar e suas ações deveriam, diuturnamente, corroborar tal educação. Mas ao se educar, mesmo sob os ditames de educação conservadora e religiosa, tal educação abriu paradoxalmente um importante caminho para a vida pública. A vida escolar preparava para a maternidade e para o cuidado do próximo, mas pelos ideais cristãos, tais cuidados também deveriam se estender aos mais necessitados. A caridade cristã virou praticamente um dever social feminino, principalmente entre as classes mais abastadas, em que se organizavam eventos para tal fim. A educação contribuiu solidamente para essa forma de sociabilidade.

Toda a dinâmica educacional e organizacional das irmãs se balizava em uma constante dicotomia entre a humildade e a exibição. Cultivava-se comportamento e atitude discretos, mas ao fazer isso, a premiação tornava pública a humildade, conferindo distinção ao grupo; e ao conferir distinção, fazia crescer o orgulho pelo mérito. Para a igreja e para a escola, se algo deveria ser digno de orgulho, teria de ser a humildade.

Em uma época em que eram poucos os espaços públicos permitidos a uma mulher vista como correta e “de família”, as escolas religiosas criaram um desses poucos lugares de encontro de trânsito livre, onde as mulheres podiam organizar eventos e seu trabalho era permitido e exposto longe dos julgamentos morais. Dentro da tradição católica herdeira do espírito reformador tridentino, as freiras eram especiais divulgadoras de dois instrumentos de evangelização: a primeira eucaristia e o grupo filhas de Maria. Entre os preceitos católicos que ensinavam por meio destes mecanismos estava o aniquilamento³⁹⁰, que consistia no esvaziamento de si próprio e do próprio egoísmo, personalizado pelo comportamento humilde, modesto, devoto, inspirado nas figuras da virgem, de seu esposo e de Jesus. Não obstante toda essa valorização, ao fazê-la, a congregação expunha e premiava publicamente aquelas que alcançavam o comportamento esperado, desenvolvendo uma pedagogia da

³⁹⁰ Aniquilamento é um termo típico do vocabulário dos autores do século XVII, como Jean-Pierre Médaille, que faz referência à carta aos Filipenses: “Jesus, mesmo tendo natureza divina, não pensou em valer-se de sua igualdade com Deus, mas preferiu aniquilar-se a si mesmo. (Fil: 2,6-11) No guia, tem a intenção de se referir àquele que, docilmente, se deixa esvaziar de si mesmo e de seu próprio egoísmo, para ser plenificada pela própria plenitude de Deus. In: MÉDAILLE, Jean-Pierre. *Op.cit*, 2010, p. 10.

emulação, em que os artefatos colaboravam precipuamente para a diferenciação e distinção entre as alunas.

Fitas brilhantes – a pedagogia da emulação

A Revolução Francesa operou de maneira significativa sobre o recrudescimento das resoluções tridentinas tanto na França como em toda a Europa. Foi graças à laicização e ao combate frontal dos revolucionários contra a Igreja que esta retomou e consolidou seu modelo doutrinário que tomaria corpo no século XIX. A reforma ultramontana visava combater o pensamento moderno, na tentativa de recuperar o papel hegemônico que a Igreja desempenhara durante o Antigo Regime. Defendia o fortalecimento do poder decisório e doutrinário emanado do Papa e da Cúria romana, em oposição a todos os processos de laicização da sociedade. Segundo Gaeta³⁹¹, este catolicismo estava marcado por um fechamento sobre si mesmo e negou as outras formas de ser católico típicas da tradição luso-brasileira colonial, estabelecendo as dicotomias entre o velho e o novo, o bom e o mau. Paula Leonardi explica que este fenômeno se intensificou ainda mais na transição do Império com a República, com o rompimento legal entre Estado e Igreja, que fez com que esta se empenhasse ainda mais em difundir o culto ao sagrado coração de Jesus e de Maria³⁹².

Para garantir a força unificadora deste movimento, alguns dispositivos foram desenvolvidos e faziam parte dos rituais escolares católicos que, segundo Pintassilgo e Pedro,³⁹³ incluíam “gestos e posturas corporais, movimento e formas de organização, discursos e práticas diversas, envolvendo atores, remetendo-os para algo transcendente (crenças, valores, conhecimento) e projetando a sua transformação na sociedade”. Um deles era o desenvolvimento da Primeira Comunhão, prática que se difundiu com as irmãs francesas no Brasil³⁹⁴, onde se sedimentou como um rito importante do catolicismo. A *Revista Feminina*, por exemplo,

³⁹¹ GAETA, Maria Aparecida J. V. A Cultura Clerical e a folia popular. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 17, n. 34, 1997.

³⁹² LEONARDI, Paula. *Puríssimo Coração: um colégio de elite em Rio Claro*. Campinas, Dissertação (Mestrado), FE-UNICAMP, 2002, p.103.

³⁹³ PINTASSILGO, Joaquim e PEDRO, Lénia. Rituais escolares e construção identitária (Portugal na transição do século XIX para o século XX). In: *Atas do IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: rituais, espaços & patrimônios escolares*. Instituto da Universidade de Lisboa, IX CLBHE, 2012, p. 365. Acesso eletrônico das atas <http://colubhe2012.ie.ulisboa.pt/>, vol. 1.

³⁹⁴ AZZI, Riolando. *Op.cit.*2012a, p.167.

trouxe em sua edição de dezembro de 1919, figura 41, dicas sobre a *toilette* perfeita para o dia. Visto como um momento solene e de extrema importância na educação religiosa foi descrito como uma cerimônia de “dulcíssimo encanto, em que almas candidas, - flores que mal desabrocham na aurora da vida, - se comunicam em espirito, na symbolica mesa da Eucharistia, com Aquelle que vive palpitando em seus corações juvenis e puros”³⁹⁵. Para ser coerente com o momento, a revista sugere que a roupa adequada para as meninas, alvo da matéria, simbolizasse a humildade e a pureza que tal momento ensejava.

A musselina é, e será sempre será, o tecido mais apropriado para essa *toilette*.

Quanto mais simples, mais se aproximará do costume austero das ordens religiosas sem lhe quebrar a elegância singela e delicada.

Devem-se evitar adornos de rendas, bordados e *plissés*, que dariam ao traje um ar frívolo, às vezes pretencioso.

Os vestidos são compridos, um pouco menos do que antigamente, sem exageros de babados e sem inconvenientes de sobressaias incommodas.³⁹⁶

³⁹⁵ Texto que acompanha a matéria sobre ‘A primeira comunhão’, figura 41. In: *Revista Feminina*, dez. de 1919, s.n.p..

³⁹⁶ *Idem*.

A primeira communhão

Das cerimoniaes com que a liturgia catholica solemnaiza os varios actos da Religião, é, talvez, mais tocante e de mais intensa poesia mystica a da primeira communhão. — Cerimonia de dulcissimo encasto em que almas candidas, — flores que mal desbrocham na aurora da vida, — se communicam em espirito, na symbolica mesa da Eucharistia, com Aquelle que vive palpitando em seus corações juvenis e puros.

Nesse dia, de jubilo para a Igreja que reproduz por todos os seculos o acto de Jesus: *Stulte parvulus venire ad me*, — ha um tramberdar de celeste alegria no semblante angelical das meigas criancas para as quaes a primeira communhão synthetisa, assume as proporções de um acontecimento de immorredoura lembrança.

De resto, pela existencia alóia, quem não recorda com saudade indizivel aquella data tão grata pela sua synthese augusta?

E por tão santa e de intuitos tão elevados, convem que a primeira communhão se imprima, da parte dos paes, um cunho solemne, sem que no traje dos filhos se excedam em arrebiques deslegrantes e contrarios aos preceitos da Igreja condemnando o luxo, a ostentação.

Assim, apresentamos ás queridinhas leitoras prestes a fazer a sua primeira visita á mesa eucharistica, varios modelos muito graciosos da epovsae que lhes ficassõ muito bem emprestando-lhes um donaire encantador, realçando-lhes a formosura primaveril de sua juventude.

A mussellina é, e será sempre, o tecido mais apropriado para essa toilette.

Quanto mais simples, mais se approximarã do costume austero das ordens religiosas sem lhe quebrar a elegancia singela e delicada.

Devem-se evitar adornos de rendas, bordados ou plissés, que darão ao traje um ar trivial, ás vezes pretencioso.

Os vestidos são compridos, um pouco menos do que antigamente, sem exaggerar de babados e sem inconveniente de sobressias incommodas.



O véu de tulle de mussellina, orlado de um simples picot e collocado bem para a frente, produz o effeito de toucado.

E' preciso que os cabellos não o ultrapassarem em uma decimim um tanto profana.

Os cabellos cortados á bebi, como estã em uso, preclam-se immenso a esta toilette, dando ás meninas um aspecto até certo ponto menacal.

O toucado é susceptível de alguma phantasia, tendo-se, porém em conta não empregar topos de fitas, laçantes, sendo de muito bom gosto o véu simples sobre uma touca cobrindo o cabello, e presa por baixo do queixo.

No punho esquerdo um laço de fita longo.

Uma fita azul prenderá a gola do corpete, fazendo ressaltar a physiognomia amavel da galante menina.

Figura 41. A Primeira Comunhão, *Revista Feminina*, dez. 1919, s.n.p. APESP.

Outro dispositivo importante foi a organização de um grupo leigo que buscava fomentar um modelo específico de religiosidade católica, uniformizando suas práticas, em que se acentuava a mensagem baseada no antagonismo corpo e alma próprios da mensagem cristã católica, a Pia União das Filhas de Maria, sob o patrocínio da Virgem Imaculada e de Santa Inês³⁹⁷.

Como demonstra Alan Corbin³⁹⁸:

A partir de meados do século [XIX] declinam as mortificações pouco adequadas à feminização da prática. A Igreja, que investe na mulher para levar a bom termo sua reconquista, deve tomar em consideração o discurso médico que sublinha a fragilidade das filhas de Maria. Mil pequenas mortificações, mais adaptadas ao ritmo dos tempos femininos, substituem o sangue e a dor. Interioriza-se a contabilidade dos pequenos sacrifícios.

Nestas escolas, a disciplina deveria ser severa. Era importante diminuir os arroubos da mocidade e o comportamento impulsivo, que levavam a emoções perigosas. Como salienta Alan Corbin:

A quebra do ritmo dos impulsos conjuga-se aqui com a vontade de estancar as fontes de emoção e restringir os assomos da sensualidade. Já que os sentidos são semelhantes a portas abertas para o demônio, é preciso ensinar a prudência, instruir a juventude para que ocupe permanentemente as mãos, receie seu próprio olhar, saiba falar em voz baixa e, melhor ainda, se compenetre das virtudes do silêncio. (...) A tentativa de descorporificação se exaspera com o enaltecimento do modelo angelical, em muitas moças opera-se então uma verdadeira identificação com o anjo³⁹⁹.

Todo esse comportamento era esperado das alunas. Um meio de perceber isso era através da elaboração do ramallete espiritual, que, ao coletar individualmente as ações de devoção para transcrever o total da escola, tornava público o comportamento individual de uma aluna e, como consequência, tornava-a postulante para o grupo das

³⁹⁷ A criação de grupos leigos de devoção mariana tem origem no século XII quando o beato Pedro de Honestis instituiu, na Igreja de Santa Maria, em Ravena, Itália, a Confraria dos Filhos e Filhas de Maria, que além da medalha pendente do pescoço trazia a fita azul. O pleno desenvolvimento dessa Associação só veio ocorrer em 1864 quando ela foi canonicamente estabelecida, com regra e manual aprovado pelo Papa. O responsável por esta recriação do grupo foi o abade Passeri, pároco da igreja de Santa Inês, em Roma, daí o patrocínio desta santa pelo grupo. Cf. RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 17; SCARPIM, Fábio Augusto. Modelos de virtude cristã: A Pia União Das Filhas de Maria em uma Paróquia de origem italiana. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VII, n. 20, Setembro, 2014, p. 153 - 167.

³⁹⁸ CORBIN, Alan, Op.cit, 2009, p. 407.

³⁹⁹ *Idem*, p. 419.

filhas de Maria por mostrar seu nível de engajamento espiritual. Ao fazer parte deste seletivo grupo, a aluna recebia o direito de portar sobre suas vestes a fita azul com a medalha característica do grupo. A entrada selecionada era a mais forte arma disciplinadora da escola, dado o apelo e o prestígio que tal pertencimento conferiam, além de ser um meio destas meninas e moças terem uma vida social digna fora dos muros da escola e do lar. Vale lembrar que o desenvolvimento de laços de amizade mais profundos era dificultado pelas freiras, que não permitiam agrupamentos de conversa por muito tempo, nem com mais de três alunas.

As freiras faziam questão de frisar que a disciplina não era conquistada com violência física, optando, pois, como uma aluna do colégio preferiu descrever, pela aplicação de uma prática pedagógica que se baseava em estímulo, recompensa e consagração:

Há em todos os Collegios catholicos para meninas uma instituição que é a um tempo estímulo, recompensa, consagração.

As alunas bem formadas, os espíritos aperfeiçoados, precisam ter um dístico, uma insígnia, medalha ou diploma que destaque e agrupe ao redor do atingido, formando uma sociedade espiritual. É o escopo da Pia União das Filhas de Maria. Felizes das alumnas que atingem todos os degraus do aperfeiçoamento, orgulham-se depois de librar os seus nomes nos paramos da virtude e da piedade a que conseguiram chegar, depois de esforços, que duram anos e trenam a vontade na pratica das boas acções.

É estímulo – porque não há coração mediamente bom que não aspire respirar o suave ambiente, gozar o doce nome das eleitas da Mãe do Céu.

É recompensa - porque, áquellas que, por vontade própria, por esforço continuo, por mortificações constantes, conseguem reunir e armazenar os merecimentos que as fazem dignas d'aquella honra, é justo se dê o premio de serem admittidas naquelle grêmio espiritual.

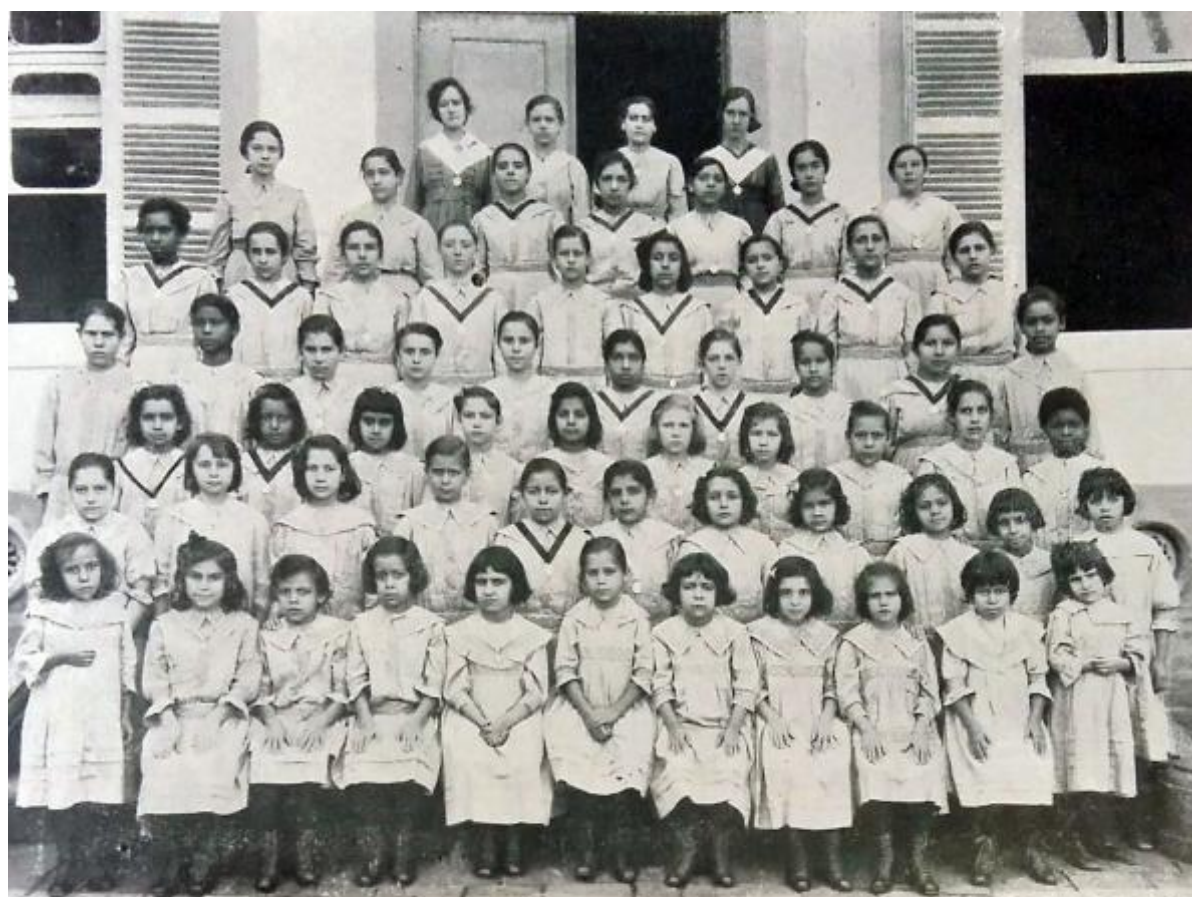
É consagração – porque, reconhecer-lhes o direito de usar o nome “Filhas de Maria” é consagrar-lhes os merecimentos.

As filhas de Maria – projeção dentro da escola e na sociedade

“A ascensão á essa verdadeira dignidade comporta tres degraus: - I) “*Protegida*”; II) “*Aspirante*”; III) “*Filha de Maria*”. Nesta ultima etapa a vencer está a plenitude do merecimento⁴⁰⁰.

⁴⁰⁰ Poliantéia. Op.cit, p. 204.

A consagração vinha em forma de uma fita azul e uma medalha. Nela se vê de um lado inscrito a expressão “Monstra te esse Matrem” (mostra-se para ser mãe) e “*Congregation des Enfants de Marie*”, do outro, além do lugar para se colocar o nome e a data da congregada⁴⁰¹. Todo comportamento estimulado pela escola era recompensado com uma fita. Ostentar tais objetos era a materialização de todo o trajeto indicado pelas irmãs, os degraus do aperfeiçoamento. Não era um grupo pautado por elitismo, já que se consagrava o comportamento pio e devotado, independentemente de classe social ou mesmo de *status* de pensionista, sendo possível para todas as alunas, incluindo as não pagantes. Na Figura 42 é possível observar um grupo de órfãs de Campinas com várias alunas ostentando fitas de distinção.



Campinas — *Um grupo de orphãs do Asylo anexo á S. Casa (1919)*

Figura 42. Grupo de alunas órfãs do asilo anexo à Santa Casa de Campinas, com várias alunas com as fitas de recompensa. *Poliantéia em Homenagem à Madre Maria Theodora*. 1919, p. 319.

⁴⁰¹ *Ibidem*, p. 205.

A partir do momento que a aluna ostenta a fita, seu comportamento deve ser ainda mais exemplar, a fim de mostrar a cada instante e para todos com quem se relaciona que é merecedora de tal mérito. Marcel Mauss⁴⁰² explica como os homens, de várias sociedades, de uma forma tradicional, “sabem servir-se de seu corpo”, sabedoria que ele denominou como *técnicas do corpo*. O corpo e todo o comportamento de uma filha de Maria deveriam ser coerentes com os valores do grupo. Desenvolvia-se uma série de condutas corporais que automatizavam os gestos até se tornarem hábitos. Esse corpo controlado e disciplinado tornava visível as doutrinas da congregação, e, por consequência, da Igreja. Como constatou Daniel Miller, ao analisar a obra de Bourdieu:

Habitus is learnt through interactive practices, as the acts of living within a world is composed of this same order are continually reinforced in different domains. In fact, this is a process of familiarity rather than learning. Since these domains are physical, they act to provide the agent with objective probabilities producing subjectivity⁴⁰³.

Era preciso construir uma “fachada”, que, segundo Erving Goffman, “é o equipamento expressivo de um tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”⁴⁰⁴. No caso do grupo, uma fachada laboriosa, dedicada, como descreve a *Poliantéia*:

Corria o ano de 1865. O Collegio N. Sra. Do Patrocinio ganhava terreno; seu renome estendia-se ao longe, sendo-lhe porta voz da fama as próprias alumnas, que, no seio da família, iam continuar a vida nobremente laboriosa, dedicada, ordeira e modesta, característica das educandas de S. José, e que tão bem quadrava com os costumes fidalgos e patriarchaes dos nossos antigos.

A vista d’essas tão lisonjeiras primicias, a saudosa Irmã Maria Angelina, autorizada por Mére Theodore, tratou logo de fundar no

⁴⁰² MAUSS, Marcel. *As técnicas do Corpo*, 1990. p. 401.

⁴⁰³ MILLER, Daniel. Extracts from material culture and mass consumption. In: *Material Culture: Critical Concepts in the Social Sciences*. BUSCHLI, Victor., London and New York, Routledge, 2004, p. 307.

⁴⁰⁴ O autor se utiliza da metáfora da ação teatral para analisar a estrutura que o homem desenvolve em suas interações sociais. Nestas interações, o indivíduo age como um ator ao tentar dirigir e dominar as impressões que possam ter dele, empregando técnicas de sustentação para que acreditem que o personagem que veem possui efetivamente os atributos que aparenta possuir, que envolve um ciclo contínuo de crença-descrença. Por um lado, o indivíduo-ator pode estar sinceramente convencido que a impressão da realidade encenada é a própria realidade, como, por outro, o ator não se encontra convencido de sua prática, descrente de sua ação ou pode até mesmo ser cínico. Isso é entendido como representação, que é “toda atividade de um indivíduo que acontece num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. Cf. GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985, p. 29.

Collegio do Patrocinio uma Congregação de Filhas de Maria, conforme usos dos Collegios catholicos europeus⁴⁰⁵.

Pouco adiante, é possível observar o sentimento pelo qual passou uma aluna, de nome Laura, ao ser selecionada para tal grupo:

Que factu extraordinario, inaudito, jubiloso foi esse da selecção das primeiras *Congreganistas* (era o termo usado). Como batiam emocionados os corações n'aquella solemníssima reunião a que assistiu todo o corpo docente e discente. *Notre Mére* abriu a sessão enaltecendo a dignidade, os privilégios e os deveres ineherentes ao título de "Filhas de Maria" e fechou-a proclamando os nomes das ditosas eleitas.

Que jubilo! Que enlevo, que lágrimas de comoção! Que parabens sinceros! Com que respeitosa admiração olhavam as pequeninas para a fita azul e a medalha de prata, distinctivos da phalange mariana! Com que santa inveja repetiam as maiores "Minha vez ha de chegar!". E hoje, tal como ha meio século, essa commovedora scena renova-se nas vésperas das grandes festas de Maria SS..., Phenix renascente, esse quadro de 55 anos é sempre novo... nas Filhas, Netas, Bisnetas e, quiçá Trinetas, representem as emoções de outr'ora⁴⁰⁶.

Muito da contradição existente no uso de uma pedagogia calcada na emulação dentro de um colégio católico transparece no depoimento de Laura. Para uma congregação que tinha como máxima a virtude do aniquilamento, a autora descreve sem nenhuma cerimônia o sentimento de júbilo que experimentou, além da inveja despertada nas demais, que se consolavam com a ideia de que "seu dia há de chegar". Essa incoerência nos traz novamente as ideias de Goffman, que alerta que é esperada uma compatibilidade entre ambiente, aparência e maneira, uma *fachada social*⁴⁰⁷. Freiras são hábeis em tal representação, pois geralmente transmitem austeridade no comportamento coerente com suas doutrinas religiosas. Mas é na exceção que muitas vezes se descortina qual a fachada que se pretende construir. Aqui, um orgulho fora do usual enaltecimento do modelo angelical e mariano do grupo transparece o que ele realmente fazia sentir nas agraciadas. Mas a filha de Maria logo deveria lembrar o peso da pequena medalhinha de prata e continuar dentro de seu papel de devota humilde, abnegada, que celebra as virtudes de Maria, que aceitou resignada o papel de mãe.

Novamente, a inconsistência entre ideal e prática ficava evidente, pois o grupo recebia atenção de vários setores da sociedade, sendo frequente a citação dos trabalhos realizados pelas filhas de Maria, não só as ligadas às irmãs de São José,

⁴⁰⁵ Poliantéia, *Op.cit.* 1919, p. 206.

⁴⁰⁶ *Ibidem*, p. 206.

⁴⁰⁷ GOFMAN, Irving. *Op.cit.* 1985, p. 32.

como pode ser visto nas páginas de periódicos de grande circulação, como na Figura 41, de *A Cigarra*:



Figura 43. Seção *Vida Religiosa*, da revista *A Cigarra*, 31/01/1916. Registros de grupo de clérigos em retiro e das devotas filhas de Maria de Santa Cecília, na capital, na revista *A Cigarra*, s.n.p. APESP.

Outro ponto que demonstra a clara importância do grupo dentro da congregação é o espaço de reunião para orações exclusivo das participantes do grupo. A capela na casa de Itu (Figura 44) fica logo ao lado de onde hoje é a Sala de Guardados e é ela própria guardada como uma relíquia. Seu tamanho e ornamentação mostram que não se trata de um espaço qualquer. Porém, pela localização dentro da escola e pela exclusividade de seu uso às filhas de Maria, simbolizava bem o jogo de mostra e esconde entre recato esperado e premiação pública, entre humildade cristã e orgulho e inveja da posição social conquistada por mostrar devoção, recato e castidade. São várias capelas destinadas ao grupo. Cada escola, internato, externato e anexo das órfãs têm seu próprio espaço de devoção.



Itú — Collegio N. S. do Patrocinio — Actual Capella das Filhas de Maria, construida em 1887.

Figura 44. Capela das filhas de Maria do Colégio N. Sra. do Patrocínio, Itu. *Poliantéia em Homenagem à Madre Maria Theodora*. 1919, p. 231.

Alinhavos invisíveis - as órfãs

Talvez o grupo que melhor exemplifique este jogo paradoxal entre visibilidade e invisibilidade seja o de órfãs das escolas anexas da congregação. Essas alunas internas não pagantes eram sustentadas pelo orçamento interno e doações de proeminentes figuras, mas também de contratos firmados com os governos estaduais e locais do Império e da República, a título de trabalho assistencialista⁴⁰⁸. A caridade sempre foi uma prática estimulada pela doutrina católica e, conseqüentemente, de suas instituições, que tinham nas ordens religiosas seu braço mais presente. Essas alunas, portanto, tinham a dupla função de ser o objeto da caridade, onde encontravam abrigo, assistência e uma profissão; além de permitirem publicizar essa mesma caridade.

Um exemplo da importância dessas alunas é a constância com que aparecem nas publicações sobre a Escola, ou mesmo nos seus materiais promocionais. Em 28 de junho de 1879, o jornal *Gazeta de Taubaté* noticia pela primeira vez a nova instituição de ensino destinada para moças na cidade de Taubaté, o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho. A notícia é, na realidade, uma transcrição de texto originalmente publicado em jornal de outra cidade, na *Gazeta de Guaratinguetá*⁴⁰⁹, cidade com grande número de fazendeiros de elevada estima social na região cafeeira do Vale do Paraíba. O texto apresenta bem a clientela principal do referido colégio, deixando entrever as expectativas e impressões que tal instituição provocou na sociedade. É possível também identificar os traços das concepções educacionais e religiosas nele presentes por meio de informações e adjetivos enunciados em profusão.

O edifício, espaçoso e sólido, é feito com parcimônia e simples. O luxo é ali substituído pelo aceio.

A ordem e regularidade presidem todos os aspectos das collegeaes, que vivem bem alegres.

⁴⁰⁸ Segundo Geraldo Ghisoti, as instituições religiosas que vieram ao Brasil no século XIX atendiam aos pobres dentro dos limites de seus regulamentos, das suas dependências e de seus orçamentos. Já Laima Mesgravis observou que a presença das religiosas (somadas à nova mentalidade das novas gerações da elite paulista) frente às obras de Assistência Social contribuiu para seu processo de modernização: “essas mudanças se patenteiam, por exemplo, na aceitação progressiva do trabalho feminino, refletida na contratação de Irmãs de caridade para administração de hospitais, asilos e escolas, e na preocupação de profissionalização das órfãs”. Cf. MESGRAVIS, Laima. *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1884)*. São Paulo, Conselho Estadual da Cultura, 1976, p. 239; GHISOTI, Geraldo. *Os operários da caridade: a Sociedade de São Vicente de Paulo em São Paulo*. São Paulo, tese de doutoramento – FFLCH-USP, 1991, p. 155.

⁴⁰⁹ Sem especificação de data de quando foi originalmente publicado.

Ha alí filhas de ricos fazendeiros daquele município e circumvizinhos, que pagam pensão, e pobres orphans que viviam no desamparo: acham-se todas no mesmo pé de igualdade, sob a mesma disciplina, como se fossem irmans.

A direção do colégio é confiada ás zelosas irmans de S. José, porém sob a inspeção do virtuoso fundador do estabelecimento e dos pais das educandas⁴¹⁰.

Em seu início, o Jornal testemunha a importância do estabelecimento para uma cidade tão rica e importante do Norte do Vale, destacando a relevância do projeto proposto por Mons. José Pereira da Silva Barros para sua construção, que “Ha pouco mais de dous anos, Mons. José Pereira da Silva Barros (...) havia concebido a grandiosa ideia de fundar ali (Taubaté) um estabelecimento, onde se educassem as orphans de que está repleta a nossa sociedade”⁴¹¹. É, sem dúvida, curioso o texto começar com uma alusão às órfãs da escola, já que o estabelecimento fazia parte de um projeto destinado às elites agrárias. É possível que a referência aos desamparados atendesse melhor aos ditames da doutrina religiosa, deixando em segundo plano, apenas na dimensão discursiva, a vocação real do Colégio. Haidar⁴¹² observou em todos os colégios secundários particulares para moças a alusão às órfãs que estudavam no local.

Para as órfãs, a formação semi profissionalizante servia para desempenharem o papel de serviçais, sem esquecer que representava um ato de assistencialismo e doutrinação oferecido pela Igreja. O fato de a Escola possuir duas clientelas socialmente tão distintas não significou uma convivência entre diferentes, mas a instituição de um regime de forte separação. Paula Leonardi⁴¹³ percebeu claramente esta divisão ao estudar o colégio de elite Puríssimo Coração, em Rio Claro, na primeira metade do século XX, e percebeu a singularidade vivida pelas alunas bolsistas daquele colégio pela entrevista feita com uma aluna nesta condição. A existência de alunas órfãs apartadas das alunas pagantes é corroborada pelos relatos de D. Nena, que deixa claro em suas memórias sobre os tempos de interna na instituição que ela e as outras internas eram terminantemente proibidas de se dirigirem ou conversarem com as órfãs, que, aliás, não precisavam necessariamente ser órfãs de pai e mãe, mas sim, órfãs da riqueza. A mesma D. Nena, quando questionada sobre sua saída prematura do Colégio após a falência de seu pai durante a crise do café, e perguntada

⁴¹⁰ *Gazeta de Taubaté*, 28 de jun. de 1879, p. 1.

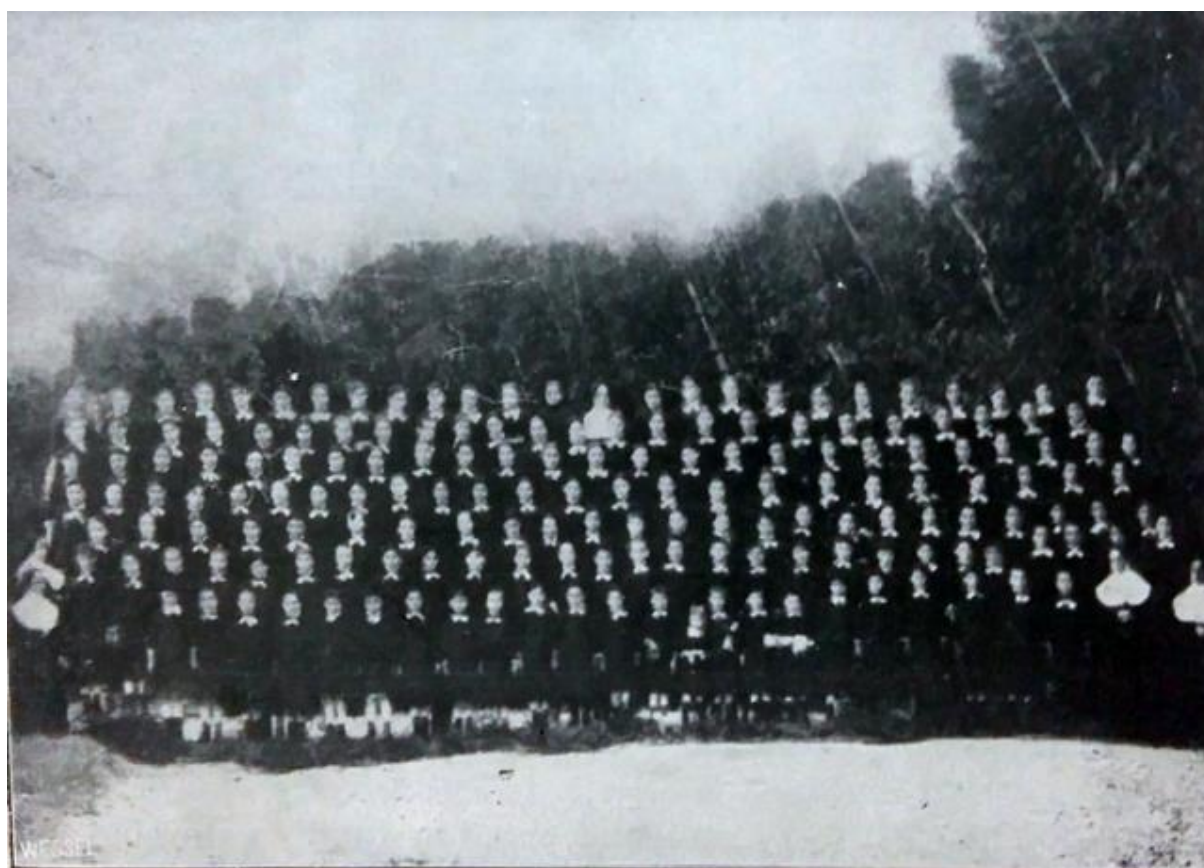
⁴¹¹ *Ib.idem*, p. 1.

⁴¹² HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *Op.cit*, 2008, pg 212.

⁴¹³ LEONARDI, Paula. *Op.cit*, 2002, p. 12-13.

se não era possível voltar sem precisar pagar, ela disse que isso não foi possível, pois ela reingressaria no Colégio como órfã, condição inadmissível para sua família.

O livro *Poliantéia* é repleto de imagens de escolas, salas de aulas e alunas. Entre as fotografias de alunas, é frequente as imagens de turma, exemplos das Figuras 42 e 45, com a clássica formação escolar perfilada em degraus mostrando alunas ao meio, ladeadas por suas mestras, totalizando 13 fotografias deste tipo, em que 11 são de alunas pagantes e 2 não pagantes; ou imagens mais lúdicas do momento de recreio, como nas Figuras 46 e 47. Também apareceram imagens do recreio no Seminário da Glória, em 1919 e recreio das primeiras 13 alunas do orfanato anexo ao Externato São José, de Taubaté, totalizando 7 fotografias, em que três são de alunas pagantes, duas são de ex-alunas no pátio em comemoração aos 60 anos do noviciado de Madre Maria Theodora e duas são de recreios de alunas não pagantes.



Itú — Collegio N. S. do Patrocinio — Grupo de alumnas de 1888.

Figura 45. Alunas do Colégio N. Sra. do Patrocínio, 1888. *Poliantéia*, 1919, p. 184.



Figura 46. Recreio das alunas menores do Colégio N. Sra. do Patrocínio. Libreto de imagens do Colégio, Sala de Guardados do Colégio N. Sra. do Patrocínio, Itu/SP, s.n.p.



Figura 47. Recreio das alunas maiores do Colégio N. Sra. do Patrocínio. Libreto de imagens do Colégio, Sala de Guardados do Colégio N. Sra. do Patrocínio, Itu/SP, s.n.p.

Existem apenas quatro imagens de alunas posando em situação que indica alguma atividade e elas evidenciam o destino diferenciado da educação dos dois grupos:



Taubaté — *Collegio N. S. do Bom Conselho. Escola cantorum em 1919.*

Figura 48. Alunas internas do Colégio N. Sra. do Bom Conselho. *Poliantéia*, 1919, p. 330.



Figura 49. Capela do Asilo dos Expostos. Alunas internas do Asilo dos Expostos, São Paulo, em *Polianteia*, 1919, p. 397.



Wanderley — *Refeitório do Asylo dos Expostos.*

Figura 50. Refeitório do Asilo dos Expostos. Alunas internas do Asilo dos Expostos, São Paulo, em *Poliântéia*, 1919, p. 398.



Figura 51. Dormitório do Asilo dos Expostos. Alunas internas, São Paulo, em *Poliantéia*, 1919, p. 398.

Como fica patente nas imagens, enquanto as alunas pagantes de Taubaté posam para a fotografia com seus instrumentos musicais, como na Figura 48, as órfãs de São Paulo⁴¹⁴ mostram que seus instrumentos são de limpeza: duas seguram um espanador na Figura 49, uma segura um prato, na Figura 50, e outra segura um travesseiro na Figura 51.

Beatriz Fischer analisou a relação entre artefatos escolares presentes nas fotografias posadas como uma forma deliberada de transmitir uma ideia, um valor, um modelo de comportamento de uma determinada cultura escolar⁴¹⁵. Os objetos são

⁴¹⁴ As imagens são do Asilo dos Expostos, que passou a ser administrado pelas irmãs de São José em 1904. Antes disso, era administrado pela Irmandade de Misericórdia, que possuía no local a “roda” dos expostos. Inicialmente, o estabelecimento funcionava no largo da rua da Glória, em uma chácara conhecida como *dos ingleses*. Já em 1896, a irmandade adquire, por meio de permuta com a herança de João Floriano Wanderley, uma chácara no bairro do Pacaembu, para onde muda e recebe a denominação informal de Wanderley. Cf. *Poliantéia*, 1919, p. 392-393; AZZI, Riolando. *Op.cit.*, 2012, p. 250.

⁴¹⁵ FISCHER, Beatriz T. Daudt. Recordação escolar: aluno, livros, mapa e globo – uma imagem recorrente da cultura escolar (1949-2009). In: Atas do IX Congresso Luso-Brasileiro

inseridos para demonstrar a relação e acesso dos alunos a materiais didáticos que colaborariam para seu aprendizado, fazendo com que, em meio ao cenário montado, esses retratos representassem o aluno e seu ambiente escolar. No caso das imagens do asilo do Wanderley aqui expostas, elas não formam um cenário idealizado, pois as alunas estão em seu ambiente de trabalho/aprendizado, porém seus personagens são nitidamente posados. Rachel Abdala explica que “posar é um elemento compositivo do retrato que se torna cênico pela sua produção”⁴¹⁶. Portanto, as alunas posaram segurando os objetos característicos do espaço selecionado para a fotografia, que também permitiram evidenciar o tipo de aprendizado que elas tinham ali. Involuntariamente, as imagens denunciam que não havia “pé de igualdade” entre as alunas como era noticiado à época.

Estas imagens corroboram o contrato celebrado entre as irmãs e o governo provincial, onde havia em seus artigos as condições para sua vigência. Entre eles, o caráter centralizador da congregação e as balizas para o trabalho educacional a ser executado:

1º A Casa Mãe da dita Congregação obriga-se a manter o Estabelecimento.

[...] 4º A direção moral, Religiosa e literária do Seminário ficará inteiramente confiada ao zelo da Superiora e de suas irmãs, que regerão por um regulamento interno, assentado sobre as seguintes bases:

Primeira: Instruir as órfãs no Catecismo, gramáticas portuguesa, história sagrada, aritmética e geografia.

Segundo: Ensinar a costurar, remendar, pontos de meias, e todos outros quaisquer serviços de agulha.

Terceiro: Cozinhar, e em geral **todas as prendas domésticas das condições de órfãs**⁴¹⁷. (grifo da autora)

Outra evidência desta diferenciação era com a identificação das alunas. Ao final da *Poliantéia*, foi colocada uma extensa lista com os nomes das alunas matriculadas no Colégio N. Sra. do Patrocínio desde sua abertura em 1959, todas pagantes. Eram educadas de maneira diferente das pensionistas, sendo estas últimas treinadas para

de História da Educação: rituais, espaços & patrimônios escolares. Instituto da Universidade de Lisboa, IX CLBHE, 2012, p. 3287. Acesso eletrônico das atas <http://colubhe2012.ie.ulisboa.pt/>, vol. 2.

⁴¹⁶ ABDALA, Rachel. *Op.cit.*, 2013, p. 190.

⁴¹⁷ *Contrato Estabelecido em conformidade com a Lei n. 71, de 10 de abril de 1870. Apud, AZZI, Riolando, Op.cit.*, p. 214.

serem criadas e serviçais⁴¹⁸, aprendendo a cozinhar e o onipresente trabalho de costura e agulha, outra possível ocupação para estas meninas. Nas escolas, seu espaço de morada e ensino era chamado de anexo. Na condição de órfãs, aprendiam a servir de maneira discreta as pensionistas. D. Bernardete N. Faria, aluna do Bom Conselho, lembrou que eram essas alunas que serviam as refeições, único momento que se viam, pois as aulas eram separadas e a limpeza dos aposentos feita sem que houvesse aluna pagante. Eram invisíveis no cotidiano escolar, segregadas espacialmente, mas serviam para expor para a sociedade a caridade da instituição. Simone Santos percebeu que as práticas corporais diferenciadas entre patroas e empregadas serviam para a manutenção da hierarquia social⁴¹⁹. As escolas da Congregação colaboraram, a sua maneira, para essa hierarquização excludente.

Vestindo afeto – a unicidade do ensino de costura.

A educação entre pagantes e não pagantes era diferente na forma e na função. Porém, a intersecção destes dois sistemas que corriam em paralelo era o ensino de trabalhos de costura e agulha. Se para as primeiras, a produção destes artefatos constituiria um refinamento e uma distinção aristocrática, como já dito anteriormente, para as segundas representaria uma possível renda para sua subsistência, portanto era essencial habilitar ambas nesses trabalhos tão valorizados para a ordem doméstica.

As escolas profissionalizantes, como a Escola Profissional Feminina (Figuras 52 e 53), ofereciam oficinas destes trabalhos a suas alunas por entenderem um campo de trabalhos importante para a mulher, como consequência da já citada naturalização destes trabalhos como condição feminina. Na figura 51, contudo, é possível observar na fotografia superior uma divisão na turma, na qual o grupo ao fundo da sala trabalha com máquinas e o das mesas da frente se ocupam de trabalhos manuais. Na descrição da escola, é possível observar que as oficinas são de confecções, bordados, rendas, chapéus para senhoras, flores e *lingerie*. A escola pretendia, assim, oferecer um

⁴¹⁸A preparação para o magistério também aparecia como uma importante atividade profissionalizante para essas meninas, principalmente no Seminário da Glória, onde foi fundado, como já assinalado aqui, um curso Normal. Algumas alunas internas pagantes também manifestavam o desejo de seguirem o magistério como forma de ocupação digna fora do espaço limitado do lar. Mas essa não era a função principal das escolas da congregação na segunda metade do século XIX e início do XX, principalmente para as alunas não pagantes de suas escolas anexas.

⁴¹⁹ SANTOS, Simone Andriani. *Op.cit*, 2015, p. 304-305.

ensino de todo o processo produtivo, impedindo o aprendizado especializado realizado nas fábricas, que a matéria chama de “operário-máquina, produtor inconsciente, preguiçoso de corpo e de espírito”⁴²⁰.



Figura 52. Alunas da oficina de rendas e bordado da Escola Profissionalizante de São Paulo, revista *A Cigarra*, 1919, de 25 de mar. de 1915. APESP.

⁴²⁰ “Escola Profissional Feminina”, na Revista *A Cigarra* de 25 de mar. de 1915

Escola Profissional Feminina



Officina de "Lingerie" (2.º anno) sob a direcção da professora d. Maria Antonietta Furquim



Officina de Collecções (2.º anno) sob a direcção da professora d. Rosa de Castro Ferraz

Figura 53. Alunas da oficina de rendas e bordados da Escola Profissionalizante de São Paulo, revista *A Cigarra*, 1919, de 25 de mar. de 1915. APESP.

Pelas amostras da Sala de Guardado, há uma variedade de trabalhos de vestuário e de decoração doméstica. São trabalhos em tricô, crochê, bordados miniaturizados para aprender sua confecção. Na Figura 54 é possível observar uma manta, com dimensões de 7 x 7 cm; um sapatinho de bebê, de 5 cm de comprimento, 5 cm de distância do pé e 3 cm de tornozelo; uma luvinha de 7 x 5 cm; e um pequeno cachecol com 5 cm de largura e 15 cm de comprimento, além de um descontextualizado barrado em macramê, com 10 cm de largura e 11 de comprimento da barra. Por sua dimensão diminuta, é possível imaginar que servem como aprendizado, ou, no máximo, como objetos para bonecas, caso da manta. Em ambas as possibilidades, assinalam o papel de mãe de sua executora.



Figura 54. Amostra de trabalhos em tricô e macramê. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

Outra amostra com objetos em dimensão diminuída tem duas toalhas de mesa e bandeja (Figura 55), sendo a oval medindo 16 x 13cm com barrado em renda e bordado colorido e a retangular 13 x 11cm, também com barra em renda, mas com trabalho em bordado branco. Por fim, um babador de 15 x 10 cm, que obviamente não cabe em um bebê, também servindo à ideia de roupa para treino ou peça de brinquedo,

todas contando com pontos diversos: nó francês, ponto cheio, haste, *ajour* e caseado para renda em crochê. Já a amostra da figura 56 tem, além de toalhas brancas, uma em *richelieu* oval, com 9 x 14 cm; uma quadrada com tecido branco e crochê, com 10 cm de cada lado; uma gola em renda renascença, com 7 x 15 cm e um crochê, de forma irregular com 20 x 11 cm.



Figura 55. Amostra de toalhinhas e babador em linho, bordado e renda. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.



Figura 56. Amostra de toalhas bordadas e gola. Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP. Fotografia da autora, 2016.

Todas as peças mostram a importância dos trabalhos de confecção para vestir a família, tanto bebês, como no caso dos sapatinhos e babador, como adultos, além daqueles para a casa. No processo de nidificação do lar típico do século XIX, vestir a casa com estes objetos era o equivalente a vestir a família, era levar o aconchego servindo seus parentes com seus cuidados através deles.⁴²¹ Segundo Vera Cleser, tais práticas estavam na base da felicidade doméstica:

A mais sólida base para a felicidade que uma boa mãe possa dar à sua filha, consiste em familiarizar esta, desde a infância, com o serviço doméstico, ocupando-a conforme a sua idade e forças. Estes deveres em nada estorvam o estudo sério do curso colegial, de piano, de canto, etc; com um bom plano doméstico ha tempo para tudo, inclusive para passeios e divertimentos sociaes. Fosse uma moça dotada das melhores intenções, de uma habilidade notável, de uma boa vontade inexcedível, ella perderia tempo e dinheiro de uma maneira desanimadora si, depois do seu casamento, tivesse de dirigir a sua casa, sem ter previamente, no lar paterno, praticado os

⁴²¹ BEAUDRY, Mary C. Findings - the material culture of needlework and sewing. Yale University, 2006, p. 169.

trabalhos que corre sob a exclusiva responsabilidade da mulher. Em geral as moças têm pouca afeição aos trabalhos caseiros e esquivam-se deles, alegando que “uma vez casadas, não lhes será difícil lidar com este serviço simples e insignificante.” Ilusão! governarão mal o seu lar si não tiverem adquirido as habilitações indispensáveis sob a judiciosa direcção duma mãe cuidadosa e exigente, e isto innumerous exemplos o provam.

Sim. Os trabalhos caseiros são insignificantes, faceis, triviais, mas o conjuncto destas insignificancias é o conforto, a prosperidade, a doce e irresistivel attracção do lar! ⁴²²

Os manuais de civilidade só tornavam evidente a noção de aconchego do lar oitocentista, que é largamente devedora dos têxteis domésticos. Através deles, as mulheres ofereciam os encantos visuais para a casa. A materialização de todos os ideais de feminilidade estava na confecção do enxoval do bebê (Figura 57). Segundo a *Revista Feminina*, representava “a primeira grande aurora da vossa alma de mulher”⁴²³. Era também parte do dote da noiva, prática que perdurou mesmo com o enfraquecimento do dote.

⁴²² CLESER, Vera. *Op.cit*, 1898,p.2-3.

⁴²³ *Revista Feminina*. fev. 1917, s.n.p.



O enxoval de meu bebê

Vosso primeiro filho está para nascer. Quantas carinhosas preocupações vos enchem o espirito, no desperiar de vossas mais intimas sensibilidades! O enxoval! Sonhaes com coisas lindas, delicadas, bordadas por vossas



mãos, para a primeira grande aurora de vossa alma de mulher! Vossa inexperiencia, porém, está indecisa. Eis quando vos trazemos as seguintes indicações para o enxoval de vosso primeiro bebê. Como material deveis

comprar o seguinte: — 12.^m de linho, batista e nanzuck; 8 metros de fustão; 6.^m de flanelinha; 12.^m de nanzuck grosso; 10.^m de crêpe de algodão; 1.^m de linho para babadores; 1 metro de impermeavel para babadores; 1 metro de flanela grossa para forrar o impermeavel dos babadores; fitas e preparos.



Com o material acima podeis fazer um enxoval completo, que será enriquecido com bordados e rendas. As camisolas devem ter 26 pollegadas de comprimento; comprehendidas as mangas, requerem um e oitenta de



fazenda. Devem ser amplas como se vê em nossa gravura central. O fustão é geralmente estreito. Com os 8.^m indicados podem-se fazer quatro vestidinhos, com tiras e sem gollas, ornamentados com renda, no pescoço e nos pontos. As reupinhas devem ser folgadas e com barras, a despregar, para servirem durante os seis primeiros mezes. Na nossa gravura central e nas gravuras, ao alto da pagina encontrareis modelos de touca, uma mais rica, para passeio e duas mais singelas para casa.



Figura 57. Matéria sobre enxoval de bebê, *Revista Feminina*, fev. de 1917, s.n.p. APESP.

A naturalização dos trabalhos de costura na vida da mulher do XIX e início do XX fez com que seu ensino fosse ponto convergente em todo o sistema educacional, das escolas laicas e profissionais. As irmãs de São José eram parte deste sistema, habilitando suas alunas, de todos os segmentos sociais, para estes trabalhos.

Acabamento perfeito – as exposições de trabalhos manuais nas escolas.

Ponto nevrálgico da feminilidade, a ponto de ser a convergência do sistema educacional em todos os segmentos sociais, os trabalhos femininos de agulha e costura ganharam destaque na mídia. Representação feminina por excelência, era frequente ver em revistas e jornais matérias sobre as exposições (Figura 58), onde se vê uma profusão de trabalhos manuais pendurados nas paredes do salão do Grupo Escolar do Braz⁴²⁴. Uma escola pública, para ambos os sexos, com muitos trabalhos expostos das aulas de trabalhos manuais femininos.

⁴²⁴ O Primeiro Grupo Escolar do Braz foi criado por decreto de 8 de agosto de 1898, e instalado no dia 15 do mesmo mês e ano, em prédio de propriedade do Estado. Situado na avenida Rangel Pestana, o grupo recebia, anualmente, segundo o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1907/1908, matrículas de 700 a 800 alunos, de ambos os sexos. O seu primeiro diretor foi o professor Mario de Arantes, logo substituído pelo professor Francisco Pinto e Silva. O edifício em que estava instalado dispunha de 16 salas de aula: esse grupo se distinguia pelo número elevado de classes, provavelmente devido à alta demanda escolar da capital. Além das salas de aula, o edifício contava ainda com sala da diretoria, vestiários, depósitos de materiais escolares (objetos para estudo de Física, Química, Anatomia e Geografia), porão (onde são guardados os aparelhos de ginástica e instalados os sanitários) e pátios de recreação. O grupo escolar funcionava com duas seções, masculina e feminina, complementemente separadas. No ensino constava somente o curso preliminar, ministrado nos moldes das escolas-modelos da capital. *Memória da Educação*. CRE-Mário Covas, acesso: nov. 2016. http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1898-Primeiro_Grupo_Escolar_do_Braz.pdf

147-148

Festas Escolares



Grupo de professoras e outras excmas. senhoras assistindo à inauguração da exposição de trabalhos no Grupo Escolar do Braz



O dr. João Chrysostomo, inspector geral da Instrução Publica, e outras pessoas gradas, por ocasião da festa de encerramento do anno lectivo, no Grupo Escolar do Braz.

Figura 58. "Festas Escolares", matéria sobre as festividades de encerramento da Escola do Braz, A Cigarra, 31 de dez. 1914. APESP.

A relevância social de tais eventos era tamanha que muitas vezes, como lembram Oliveira e Amaral, eles ocorriam em ambientes externos às escolas, como clubes e agremiações⁴²⁵. As exposições possuíam uma estética e organização do acervo muito semelhantes, mesmo comparando escolas públicas e religiosas, e de regiões diferentes do Brasil⁴²⁶. As festas escolares, como salienta Anamaria Freitas e Milena Aragão⁴²⁷ sobre escolas de Aracaju, funcionavam como uma “vitrine de talentos”, onde as jovens executavam peças musicais, declamavam poesia e apresentavam seus dotes em trabalhos manuais e pinturas. No caso das escolas paulistas, isso não era diferente.

A beleza feminina sem cultura não tinha o mesmo valor, por isso era necessário “harmonizá-la” com inteligência e coração⁴²⁸. Aqui, é interessante a justaposição das duas palavras, o coração transforma a inteligência feminina em algo distante da racionalidade masculina, o coração ajudaria a colocar a razão feminina em função das emoções, porém controladas e direcionadas para um fim maior, o casamento.

As atividades relacionadas aos trabalhos manuais e de agulha ultrapassavam os anos de escolaridade, constituindo-se como uma presença social constante e marcante da mulher. Eram através desses eventos que davam visibilidade aos seus trabalhos beneficentes (Figura 59), além de angariarem fundos para isso. Novamente observamos, como já foi aqui demonstrado por Clive Edwards, Roszika Parker, Vânia Carvalho, Goggin e Tobin e tantos outros, o trabalho feminino aceito socialmente era o não remunerado, relacionado ao cuidado do próximo e através da produção de objetos que não atentassem contra sua natureza feminina, os trabalhos de agulha e de decoração.

⁴²⁵ OLIVEIRA, Maria Augusta e AMARAL, Giana. *Op.cit.*2015, p.400.

⁴²⁶ Maria Augusta Oliveira e Giana Amaral estudaram as exposições na cidade de Pelotas, comparando uma escola confessional, imbuída de transmitir as doutrinas religiosas a uma escola feminina pública e republicana. Já sobre Minas Gerais, Wenceslau Gonçalves Neto analisa os regulamentos de colégios religiosos mineiros, enquanto que Anamaria Freitas e Milena Aragão estudaram as aulas de leitura para meninas em Recife. Todos observaram a realização de exposições de trabalhos manuais. Cf. OLIVEIRA, Maria Augusta e AMARAL, Giana, *Op.cit.*2015, p. 380-403; GONÇALVES NETO *Op.cit.*, 2014, p.99-117; FREITAS, Anamaria e ARAGÃO, Milena. *Op.cit.*, 2015, p.85-103.

⁴²⁷ *Ibidem*, p. 96.

⁴²⁸ CARVALHO, Vânia C. *Op.cit.*, 2008, p. 234.

Exposição Artística Beneficente



Artistas e amadores que auxiliaram os festa da Exposição



Senhoritas e cavalheiros que figuraram na "chitarrada."

Figura 59. Exposição beneficente de A Cigarra, 31 de jan. 1916. APESP.

Nas escolas católicas, a exposição de prendas estava intimamente articulada à inculcação dos benefícios do cristianismo. Um e outro se fundiram na formação de meninas disciplinadas, com prêmios e visibilidade por bom comportamento e dedicação aos trabalhos manuais e às doutrinas religiosas. No primeiro dia do ano de 1881, o jornal *A Gazeta de Taubaté* trazia em sua primeira página, em seu noticiário, um texto assinado sobre um evento realizado no Colégio Bom Conselho, realizado no dia 30 de dezembro do ano anterior, como parte das festividades de encerramento do ano letivo. As primeiras linhas já mostram a vocação da educação proposta pela Escola e tão valorizada pela sociedade a ponto de ser notícia de primeira página:

Collegio do Bom Conselho.-

Depois da exposição de prendas, onde cada specimen traduzia o apurado gosto e dedicação das alumnas – forma, no dia 30 do passado, distribuídos os premios na rasão do adiantamento de cada uma.

Reunidas perto de noventa meninas, foram inauguradas as solemnidades do acto com um dialogo, por dez meninas, sobre o estabelecimento do chistianismo, sua acção benefica em face do século, e prejuízos do paganismo.

Aplaudidas como deveriam ser, por uma parte de nossa selecta sociedade e de muitos distinctos cavalheiros das cidades circumvesinhas – preencheu a solenidade - varias peças de musica executadas ao piano, canto, monologos em francês & em os quaes não faltaram os merecidos applausos.

(...) Escrevendo a ultima hora e por isso sem espaço para uma noticia circunstanciada – cabe-nos o grato dever de felicitar ao denodado Monsenhor Silva Baorros, as exmas. Irmãs de S. José, dignas e virtuosas professoras, e aos srs. Pais de familia que têm a felicidade de educar suas filhas n'uma casa onde os seus legitimos e reais fructos no futuro, serão apanagio dos seus sacrificios no presente⁴²⁹.

Vânia Carvalho explicou que a valorização da intimidade e o enriquecimento das relações sociais permitiram a construção de um importante papel feminino, o de mediadoras sociais. Sua participação nos eventos sociais conferia *status* ao chefe da casa. “A “mulher de sala” ou a “mulher-ornamento” não era um simples acessório dos encontros formais; sua obrigação era agradar”⁴³⁰. Pelo que se viu na descrição da exposição final de trabalhos do colégio Bom Conselho de Taubaté, a preparação das jovens estava bem amalgamada na feitura da futura “mulher-ornamento”, pois já em sua juventude participava de um evento social mostrando seus dotes nas artes

⁴²⁹ *Gazeta de Taubaté*, 10 de janeiro de 1881.

⁴³⁰ CARVALHO, Vânia C. *Op.cit.* 2008, p. 106.

femininas, eloquentes no diálogo, hábeis e talentosas no canto, piano, francês e, sem esquecer do principal, boas cristãs.

A comemoração, além de evidenciar os talentos das meninas, era também um momento de aprendizado de conteúdos, valores, normas e comportamentos aceitáveis socialmente. Possuía uma série de características, de rituais, de técnicas que contavam com a participação direta das alunas, o que tornava este evento único. Além disso, se considerarmos que se trata de internas, o evento se tornava igualmente um momento de fruição social. Entretanto, Renata Marcílio Cândido salienta que nem todos os atores do universo escolar tinham a mesma experiência e expectativa para esses eventos escolares, mas, para os alunos, as comemorações poderiam ser consideradas como momentos muito especiais, nos quais eles, participantes ativos, eram os corresponsáveis pelo seu sucesso⁴³¹.

Pensando o conceito de cultura escolar de Dominique Julia, vemos

(...)a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)⁴³².

As exposições escolares de trabalhos femininos, nas escolas públicas e privadas, incluindo aí as de caráter confessional, constituíam uma prática que permitia a incorporação de todo um conjunto normativo de padrões de conduta, conhecimento e comportamentos valorizados para a feminilidade do século XIX e início do XX e conferiam visibilidade ao trabalho escolar e a seus integrantes.

⁴³¹ Para o corpo burocrático e docente, as festas eram mecanismos de ascensão na carreira, pois alguns diretores utilizaram as festas para se promoverem socialmente; os inspetores de ensino para constatarem o real adiantamento do ensino e melhor fiscalizarem a realidade observada nos relatórios mandados pela escola; os professores para demonstrarem o avanço escolar, o desenvolvimento dos seus alunos e para afirmarem suas identidades. Cf. CÂNDIDO, Renata Marcílio. *CULTURAS DA ESCOLA: AS FESTAS ESCOLARES EM SÃO PAULO (1890-1930)*. São Paulo, Dissertação de mestrado, FEUSP, 2008, p. 147.

⁴³² JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Maringá, n°1 jan/jun, 2001, p.10.

BURITY PERDIDO

Versão hespanhola



O brilhante prosador mineiro dr. Alfonso Arinos, que se tem recommendado altamente ao apreço dos

intellecuaes, publicou ha alguns annos o livro de contos e novelas *Pelo Sertão*, cuja edição se acha exgotada.

Deste bello livro, essencialmente nacional, obtivemos por intermedio do nosso distincto collaborador dr. Leopoldo de Freitas, esta versão para o hespanhol do bello conto *Burity Perdido*.

«Vieja palmera solitaria, testigo sobreviviente del drama de la conquista, cuanta majestad no exprimes venerable eponimo de los campos! En medio de verde campina de un verde descolorido y melancolico donde se mueren suavemente las doradas floresillas del ramero, levantaste allanera al cielo desdoblando las firmes palmas, viejo guerrero petrificado en medio de la pelea!»

Apareciendo como el poema, poema vivo de una raza que es casi exlinguida, como doliente canción del sufrimiento de las tribus indigenas, como un himno glorioso de sus hechos; narración conmovida de las luchas contra los hombres de Europa. Porque de pié quedaste, allanera palmera cuando ya caliran otras antepasadas en la selva?

Ni los antiguos rapsodistas, ni esa leyenda llena de poesia del ciego cantar de la liada hacen mas tristeza que el viejo vegetal, silencioso cantor de la vida primitiva de los desiertos!

Grandiosa torre de los campos y de las selvas junto de vuestro pié paze tranquillamente el toro salvaje y las ligeras potrancas que no conocen el dominio del hombre.

Son companeras vuestras, repetidas veces bandos de

patos negros arribando de lejanas lagunas em demanda de otras más calmes y solitarias que domina la vieja palmera, con el porte erecto y majestuoso como el de alguno antiguo guerrero de piedra.

Fieros cerdos corriendo nel campo y al pasar por la antigua palmera de cierto con motivos de la murmuración del viento entre las hojas, remolinan y crujen los dientes con enlurecimiento, como el redoblar de tambores de guerra.

El oscuro caballo en la sombra de la fronde tan elevada — mueve vanidosamente la cabeza para arrojar la crin del copete, que le cubre los ojos, relincha despues con fuerza l'amanau lo querida en la manada que se pasea em la pastaje de orilla de la laguna.

Junto de la palmera, por la noche, cuando los otros animales adormecidos el *Cangussú* pasa en montería: cuando vuelve la carne de la presa le ensangrienta las fauces y su paso es más ondulante... talvés que posasen cerca de vuestro tronco, hace dos siglos las primeras banderas de la invasión, el guerrero tupy, esclavo de los Piratyningas se quedó extasiado delante de la misma palmera vieja y recordó los tiempos de su independencia, cuando las tribus vagaban libres por esas tierras.

Poeta de los desiertos, silencioso cantor de la naturaleza virginal de las flores, evohe!... Generaciones e generaciones pasarán todavia antes que ese tronco oscuro e añoso se quede muerto.

La tierra quo en derredor fienes y los vecinos campos tomarán vuestro nombre y lo deben de guardar... Eponimo!

Si en alguno dia la civilización llegar a esos puntos lejanos — talvés una gran ciudad floresciente exista en la extension de la campina que sirve de surco al viejo Burity perdido.

Entonces como los hoplitas de Atenas, cautivos en Syracusa, y que conquistaran su libertación — en



A comissão de recepção da festa de encerramento 'dos aulas do Externato S. José', recentemente realizada nesta capital



Grupo das Irmãs do Externato S. José

Figura 60. Fotografias de parte do público e das irmãs do Externato São José da capital,

A CIGARRA

ferneciendo los vencedores con la narración de sus desgracias: en la poesia sublime de Euripides — impedirás Poeta del desierto la propria destrucción comprando lo derecho á la vida con la poesia salvaje y dolorida que tan bien comunicas á todos los corazones.

Entonces, talvés con calma amante de las primitivas leyendas: alma que tenges despertado el Amor y á la Poesia — no permitiendo la distrución y horás por que vengas aparecer en ancha plaza, como un monumento para las generaciones muertas — una hoja siempre abierta del poema que no fue escrito pero que vive en la inteligencia de cada uno de los hijos de nuestra tierra.*

S. Paulo, 4 de Dezembro de 1915

LEOPOLDO DE FREITAS

*“EXTERNATO S. JOSE”.



Gracioso grupo de gentis senhoritas que representaram a peça "O Jury do Progresso", na festa realizada no "Externato S. José", por ocasião do encerramento das aulas daquelle estabelecimento de ensino

Natal dos Pobres.
— FESTA D' "A CIGARRA".

A Cigarra resolveu este anno volver as suas vistas para os pequenos pobres, offerecendo-lhes uma grande arvore de Natal, com prendas e brinquedos para mil creanças, numa festa que terá a collaboração preciosa de senhoritas que sempre deram á nossa

lhas, e de cujos galhos penderão as prendas lindas, alli levadas pela generosidade paulista.

A Cigarra, que já tem recebido para esse fim muitas prendas, agradece commovidamente o patrocínio que as senhoras têm dado á sua caridosa idéa.

Toda e qualquer prenda destinada ás nossas creanças pobres pode ser entregue na redacção da Cigarra, á rua Direita, 35, de onze da manhã ás seis da tarde.

Figura 61. Festividades de final de ano das alunas do Externato São José da capital. As alunas se vestem com fantasias da peça que apresentaram sobre o progresso. É interessante notar que parte das personagens que representam o progresso usam vestes típicas masculinas, revista A Cigarra, 8 de dez de 1915. APESP.

"EXTERNATO S. JOSÉ".



Aspecto do salão do "Externato S. José.", durante a festa de encerramento das aulas daquelle estabelecimento



Aspecto da exposição de pintura e trabalhos do "Externato S. José."

Figura 62. Exposição dos trabalhos das alunas do Externato São José da capital. Por ela é possível ver a presenças de autoridades eclesiásticas no evento, revista *A Cigarra*, 8 de dez de 1915. APESP.

Para as freiras, esses eventos eram uma forma de demonstrar aos pais que seu investimento estava correspondendo ao imaginado e para mostrar para as autoridades eclesiásticas (Figura 62) responsáveis o andamento do projeto educacional e doutrinário. Vale ressaltar que as irmãs, por mais que agissem com autonomia em suas escolas e instituições assistenciais, elas, pela hierarquia do clero, estavam formalmente submetidas aos seus patronos⁴³³. A celebração desses eventos sugere um relatório do que acontecia no cotidiano escolar⁴³⁴. Internamente, as festividades de final de ano, somadas às premiações de adiantamento que ocorriam ao longo do ano, eram sua força disciplinar. Através das premiações das virtudes, as irmãs selecionavam as alunas que mereciam entrar para o grupo de filhas de Maria, como já dito, que oferecia uma distinção vitalícia e incluía a moça em um universo público de eventos filantrópicos. Neste espaço, a presença feminina era celebrada, publicada (Figuras 60, 61 e 62), pois significava o sucesso do projeto ultramontano e da educação religiosa.

Esses trabalhos artísticos, ao se feminizarem, como tantos estudiosos do bordado ressaltaram, perderam qualquer estatuto de arte, quando muito integravam-se no que se considerava como trabalhos artesanais, ou no máximo, como artes aplicadas. Com isso, suas executoras ficaram no anonimato, circunscritas ao espaço doméstico. Porém, foi através destes típicos objetos femininos que as mulheres ganharam um importante espaço de visibilidade e sociabilidade que abriram as portas de seu confinamento no lar para o mundo.

⁴³³ As normas e regras da vida religiosa eram exclusividade masculina. Até praticamente o Concílio Vaticano II, somente homens elaboravam o saber teológico e orientavam a vida espiritual das mulheres. Ainda hoje, apenas homens tomam assento nas assembleias em Roma, sede de governo e decisões do catolicismo. Cf. NUNES, Maria José R. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORI, Mary e PINSKY, Carla B. *Op.cit.*, 2010, p. 482.

⁴³⁴ BALASSIANO, Ana Luiza Grillo. Festas Escolares e a tradição da Premiação No Liceu Francês RJ *Op.cit.* 2012, p. 3255.

Tecendo conclusões

O bordado, veículo que colaborou para oprimir também se transformou em veículo de expressão. Por ele, as mulheres foram socialmente limitadas a expressarem seus sentimentos pessoais, mas por meio dele preencheram lacunas, pois, muitas vezes, fez tornar visíveis sua dedicação e trabalho duro, transformando-o em motivo de orgulho. Torna-se assim um vestígio de sua existência, de pouco valor como bem material, mas de grande valor pessoal, representativo de uma linhagem feminina. Aimee E. Newell reforça, ao analisar a amostra de bordado de Amy Fisk⁴³⁵, como os bordados exaltavam os símbolos de feminilidade e nobreza feminina. Era a habilidade mais desejável em uma mulher, constituindo sua maior virtude, pois era sinônimo de castidade, silêncio e obediência⁴³⁶. Ecos de uma longa tradição de feminização e naturalização dos trabalhos manuais de agulha, que perduraram em diferentes práticas sociais e estruturas organizacionais e políticas de diferentes culturas, da europeia à americana, da porto-riquenha à brasileira, em projetos políticos e sociais mais variados, do liberalismo republicano, ao ultramontanismo reformador, os trabalhos manuais se constituíram como um projeto sistemático de inculcação de valores, condutas corporais e de representação do feminino em vários tempos e espaços.

O bordado produziu no corpo de sua executante todos os signos corporais de feminilidade. Seu olhar, sua atenção, sua delicadeza de execução e manutenção fizeram dele um instrumento poderoso de educação da feminilidade. A agulha, a linha e o tecido funcionaram nesse processo como próteses motoras que ajudaram a moldar o gestual da mulher de “respeito”, como também permitiram o desenvolvimento de um trabalho digno e condizente com o papel da mulher. Isso porque, com o bordado vinha

⁴³⁵ A autora usa a amostra de bordado que Amy Fisk fez em duas etapas, aos 9 e aos 58 anos. Amy Fisk, filha de uma das famílias de fundadores da região de New England, bordou sua amostra no período anterior à guerra de secessão. Através dela, Newell mostrou as transformações pelas quais o interior doméstico e os artefatos de costura e agulhas passaram por causa do advento da industrialização e dos hábitos da sociedade de consumo. Ela situa o trabalho de Fisk em duas fases: o aprendizado, uma espécie de rito de passagem, aos nove anos, e seu amadurecimento, em que bordar à moda antiga funcionaria como um reforço das tradições femininas que se afrouxavam diante das facilidades da indústria têxtil e de aviamentos. Feitos para serem emoldurados, bordados com técnicas tradicionais ajudam a reforçar o currículo social ao preservar e reforçar os valores de feminilidade e de grande habilidade que trabalhos desta natureza evidenciavam Cf. NEWELL, 2006, pp. 51- 68.

⁴³⁶ GOGGIN, Maureen *et al.*, *Op.cit.* 2006; SIMIONI, Ana Paula. *Op.cit.* 2010, p.7; CAMARGO, Marilena. *Op.cit.* 2014: 134-137; MALTA, Marize. *Op.cit.* 2015.

também a possibilidade de paramentar a família e a casa, funcionando como uma extensão da mulher em seus entes mesmo na sua ausência. Um marido se sentiria cuidado e acompanhado ao carregar um singelo lenço confeccionado por sua esposa, um filho se sentiria abraçado com uma roupa feita por sua mãe, assim como um pai se sentiria orgulhoso ao ver sua filha respeitando a economia doméstica. Para aquelas menos afortunadas, o bordado seria um trabalho digno com sua condição econômica e de mulher.

A prevalência de roupas brancas entre estes trabalhos se coadunava com outro importante preceito da época, o higienismo. Inculcar na mulher seus preceitos era garantir o futuro saudável à nação. Novamente, estes objetos se mostrariam úteis, pois sua conservação requeria limpeza, exigindo da dona de casa atenção constante, pois deixava público qualquer desmazelo com as roupas.

Tornando possível mostrar dedicação e limpeza, o bordado também era uma forma de mostrar o cuidado de uma mulher com seu lar. Neste processo de nidificação, os trabalhos têxteis colaboraram para sedimentar a presença feminina no lar, que era a responsável por garantir o conforto visual através de seus trabalhos.

Somado a todos esses processos que convergiram na segunda metade do século XIX para a criação do ideal de feminilidade, a castidade e o ideal mariano da pureza e devoção exerciam um forte poder sobre a mulher. Abandoná-lo representava a desonra de toda a família. A religião se incumbiu de criar os mecanismos de doutrinação deste ideal, tanto no catolicismo, como no protestantismo. Controlar os desejos e a sexualidade era ponto pacífico desta ideologia. Novamente o bordado colaborava com estes preceitos, tanto por sua identificação com a sacralidade, como na inculcação da obediência e da disciplina.

A difusão da imprensa em geral, e dos manuais de etiqueta e prescrição de condutas em particular, representaram bem a tensão entre modernização e conservadorismo. Se por um lado as ideias de progresso, a luta sufragista, a escolarização feminina e periódicos destinados especificamente a esse público alardeavam uma nova forma de viver, com novas tecnologias, consumo que prometia facilidades domésticas e um maior tempo livre, vemos por outro um incremento dos ideais de feminilidade, tornando-se mais rígidos e controlados. Caso emblemático desse contraste é a evolução da saia do começo do século XX descrita por James Laver:

As saias ficaram estreitas na barra e, em 1910, mais ainda, tendo como resultado a saia afunilada, que impedia a mulher de dar passos

maiores que cinco ou oito centímetros. Para evitar que a mulher desse um passo mais largo e rasgasse a saia, costumava-se usar uma tira larga de cadarço. Parecia que todas as mulheres – e isso no ano dos protestos das sufragistas – estavam determinadas a ter o aspecto de uma escrava de harém do Oriente⁴³⁷.

Pela imprensa e periódicos de vasta circulação, a moda da Europa logo chegava no Brasil. Em tempos de trem, de automóvel, a moda dificultava o andar feminino. Essas contradições podiam ser percebidas na Europa, na América e no Brasil.

A educação feminina, em geral, e as escolas da Congregação de São José, em particular, se valeram de todos estes mecanismos para ensinar o que construíram como sendo feminilidade. Mas nas escolas da Congregação estes se incorporaram fortemente aos preceitos de sua doutrina religiosa ultramontana e com o papel da mulher esperado por esta doutrina: a esposa/mãe devota e educadora do lar. As aulas de trabalho manual ensinavam o que foi um dos ingredientes para inculcar a doutrina religiosa e induzir comportamentos, junto com todo o seu currículo intencional e não intencional. Mas também contribuíram para dar visibilidade às moças que para lá foram, que usaram de suas habilidades não só para conseguirem um bom casamento, mas para terem acesso a uma forma de sociabilidade moralmente aceita.

A Congregação usou e fez contínua propaganda de suas aulas de trabalhos manuais. Através delas, abriu acesso a um seleto grupo de alunas e ex-alunas, as filhas de Maria, que garantiram um espaço ainda mais respeitado de socialização. Esta organização era estimulada pelas irmãs, que indicavam as alunas que teriam a honra de participar do grupo por sua devoção e abnegação, mas as filhas de Maria eram totalmente gerenciadas pelas alunas e ex-alunas. Sua função era desenvolver obras de caridade para os necessitados, geralmente custeadas pelas reuniões organizadas para a exposição e venda dos trabalhos desenvolvidos por seus membros. Eram os trabalhos manuais e de agulha ganhando visibilidade, gerando renda e criando espaços de sociabilidade extramuros da escola e do lar.

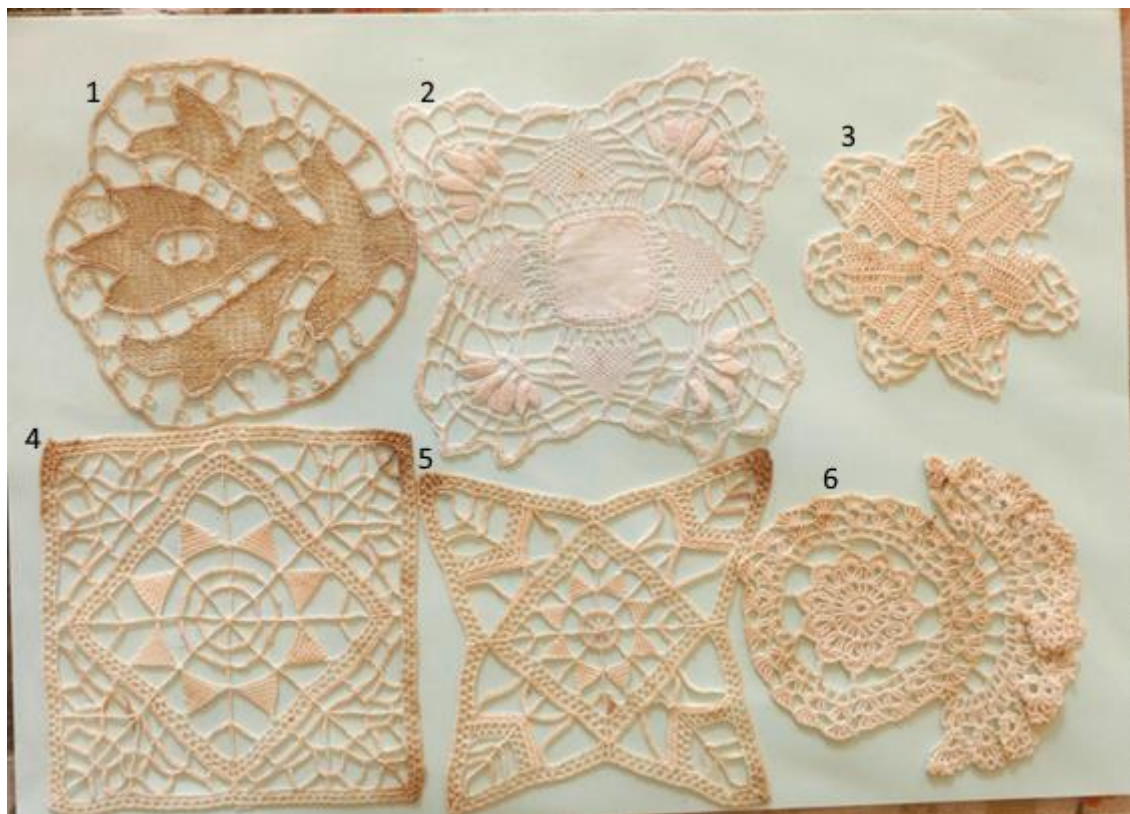
⁴³⁷ LAVER, James. *A roupa e a moda: Uma história concisa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 224.

ANEXO – AMOSTRAS DA SALA DE GUARDADOS

A identificação das amostras deste anexo contou com a participação de artesãs da cidade de Taubaté, além de bordadeiras da Feira de Artesanatos realizada na praça central da mesma cidade. A principal dificuldade foi com o desacordo de opiniões com relação aos nomes de pontos ou identificação de certas técnicas de algumas amostras. Por esta razão, todos os dados coletados por entrevista foram conferidos e validados com base nas obras *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*⁴³⁸, de TH. de Dillmont e *100 Pontos de Bordado*⁴³⁹, além de tutoriais da web.

Todos os trabalhos aqui mostrados estão colados sobre papel sulfite tamanho A4, em 2 pasta do tipo catálogo, com sacos plásticos.

1.



Número de amostras: 6

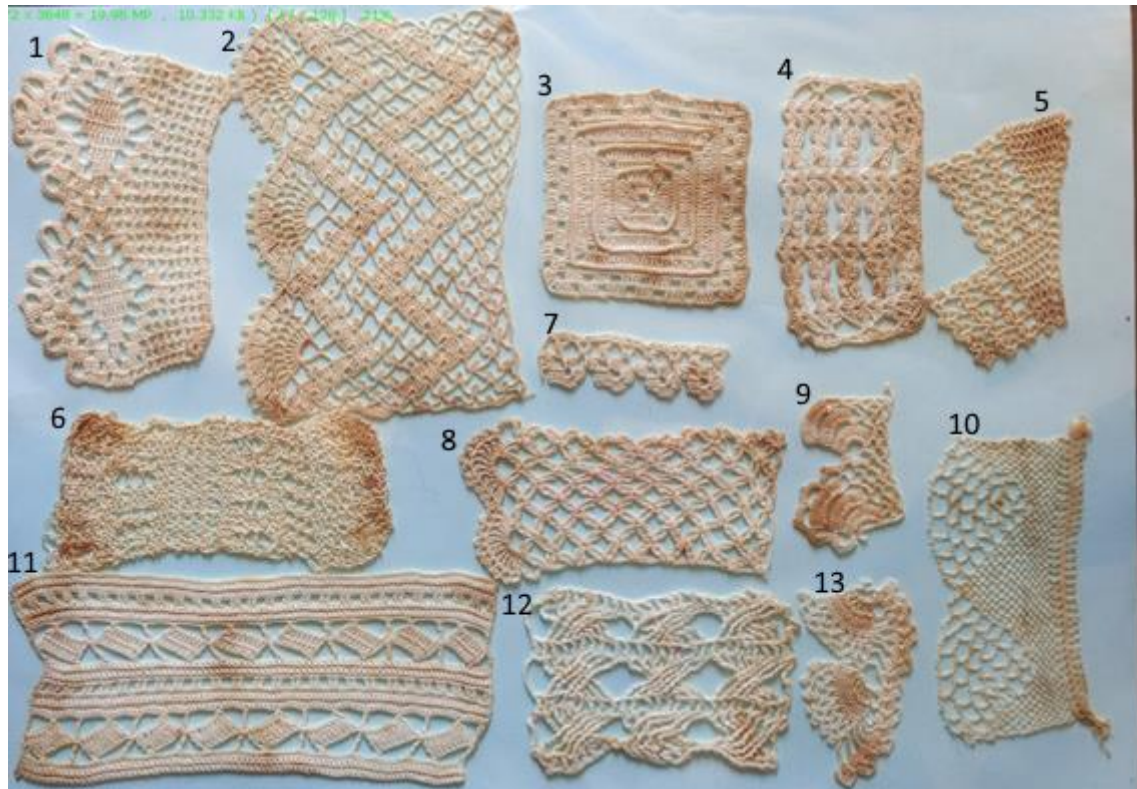
Material: linha branca fina de algodão e linho, 5.

Descrição: pontos apanhado jacobino ou crivo e caseado com picô, 1; centro em linho ladeado por crochê, 2; Segundo linho, também ladeada por crochê, 2; demais trabalhos em crochê.

⁴³⁸ *Op.cit.*

⁴³⁹ *Op.cit.*

2.



Número de amostras: 13

Material: linha branca fina de algodão; linha de seda, 6.

Descrição: todos em crochê.

3.

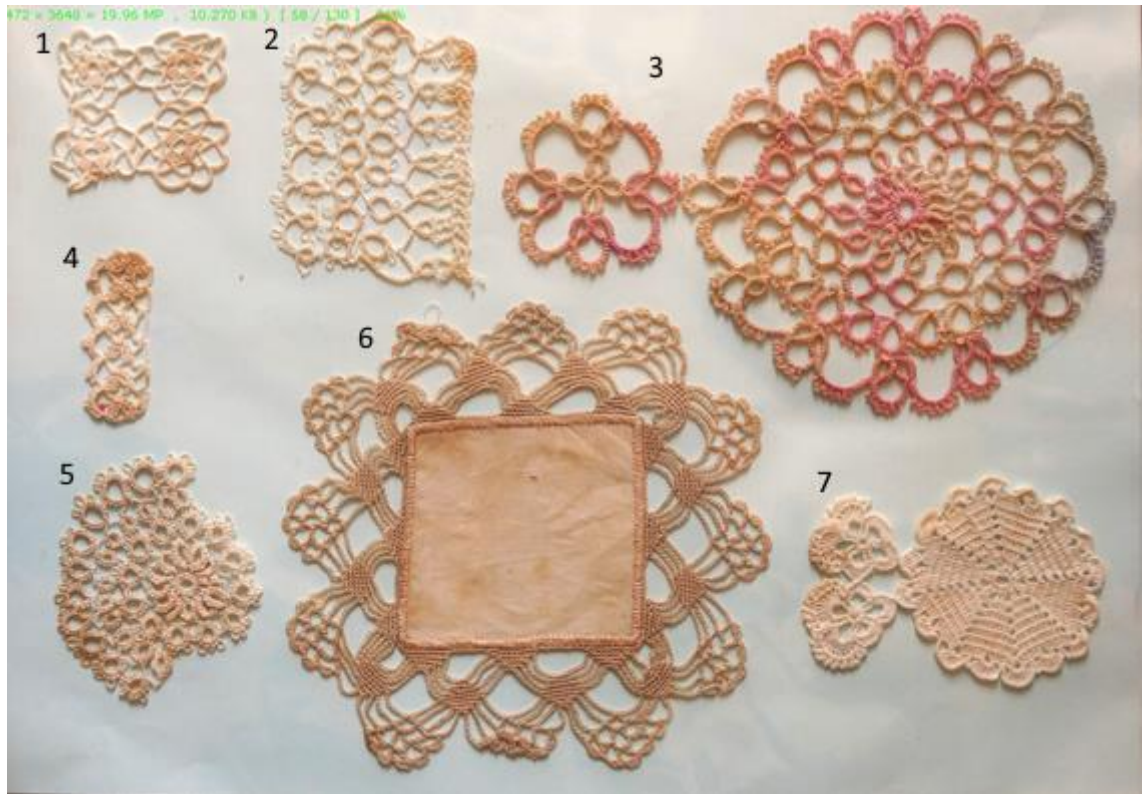


Número de amostras: 15

Material: amostras em fio de seda; fio de algodão, 11.

Descrição: bordados do tipo *frivolité*.

4.

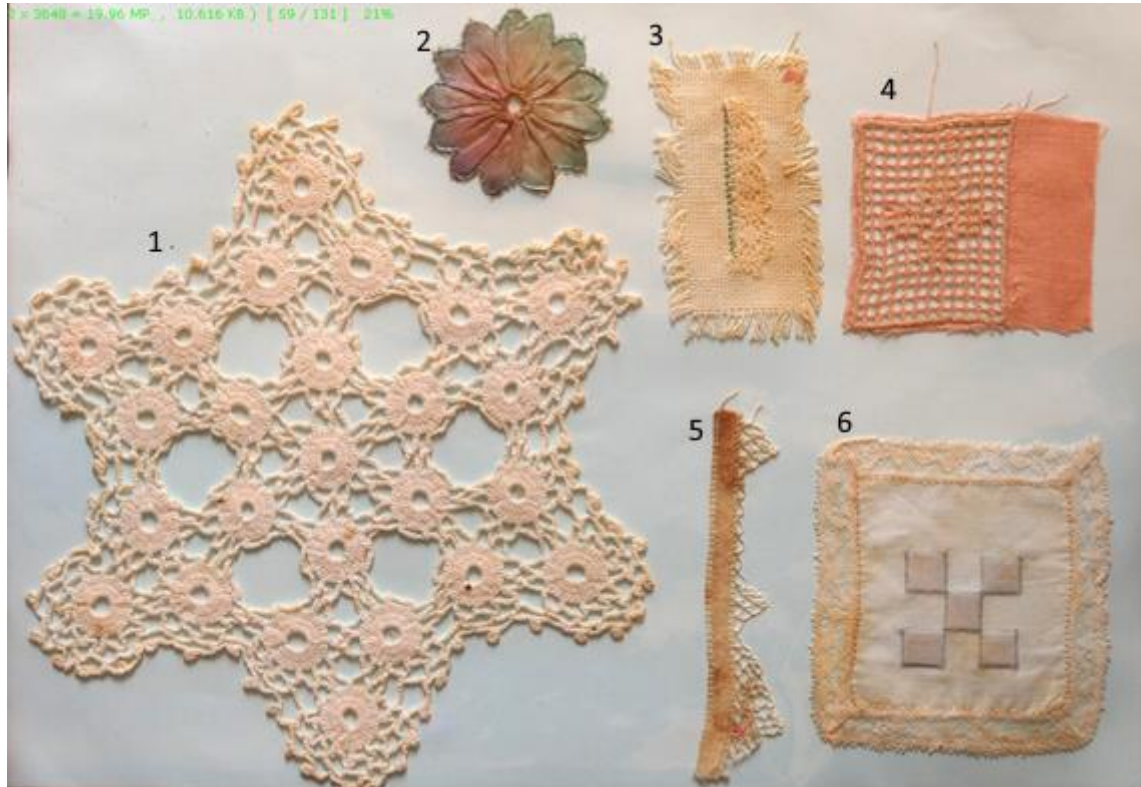


Número de amostras: 7

Material: linha de seda e linha fina de algodão em uma amostra.

Descrição: trabalhos em crochê; toalhinha em cambraia de linho ladeada por crochê, 6; rendas em *frivolité*, 1, 2, 3 e 5.

5.



Número de amostras: 6

Material: linha de seda; linha fina de algodão em uma amostra; linho; cambraia de linho.

Descrição: um trabalho em crochê, 1; um trabalho tipo fuxico, 2; em étamine com renda sobreposta, 3; pedaço de tecido em ponto crivo, 4; fita com barra em crochê, 5; trabalho em cambraia de linho, com bordado em relevo contornado por ponto alinhavo enlaçado e ladeada por renda pronta, 6.

6.



Número de amostras: 2

Material: linha fina de algodão.

Descrição: trabalho em crochê, 1 e *frivolidé*, 2.

7.



Número de amostras: 4

Material: linho, linha fina de algodão em uma amostra.

Descrição: trabalho em renda *richelieu*, 1, renascença, 2, em crochê com centro em linho, 3; crochê, 4.

8.



Número de amostras: 2

Material: linho; feltro; fitas; linhas de seda e de algodão.

Descrição: trabalhos em aplicação de feltro, tecido e fita; crochê e bordados em pontos diversos: haste, rococó, nó francês, cheio, crochê, atrás, amostras 1 e 2.

9.



Número de amostras: 4

Material: linho grosso, 1 e 3; cambraia de linho, 2; étamine, 4; renda pronta, 1, 2 e 3; passamanaria, 4.

Descrição: trabalho em ponto crivo guarnecido com renda, 1; bordado aberto tipo crivo e *richelieu*, 2; ponto reto guarnecido com renda, 3; vagonite em étamine guarnecido com passamanaria, 4; trabalhos em crochê e uma com centro arremates em renda pronta.

10.



Número de amostras: 3

Material: linha de seda, cetim de seda, 1; etamine, 2; linho, 3.

Descrição: pontos diversos: cheio, matiz, haste, 1 e 2; arraiolo e crochê, 2.

Observação: rostos do bordado da amostra 1 apresenta leves traços de pintura, bastante desbotada.

11.



Número de amostras: 2

Material: linho, 1; feltro, 2, fios de seda.

Descrição: pontos diversos, cheio, reto, haste, caseado, pétala, nó francês, 1; crochê e aplicação, 2.

12.

[48 = 19.96 MP , 10.357 KB] [68 / 138] 21%



Número de amostras: 2

Material: lã.

Descrição: crochê, 2; tricô, 2.

13.



Número de amostras: 4

Material: linhas coloridas de seda, cetim de seda, 1 e 3; feltro, 2; etemine e lã, 4.

Descrição: pontos diversos: cheio e reto, 1 e 3; aplicação em feltro, 2; arraoilo em lã, barra em crochê, 4.

14.



Número de amostras: 5

Material: lã; fio de algodão, 5.

Descrição: tricô em lã, 1, 2, 3 e 4; macramê, 5.

15.



Número de amostras: 3

Material: linho, 1 e 2; cambraia de linho, 3, renda pronta, fios coloridos, e branco.

Descrição: Pontos diversos: nó francês, ponto cheio, haste, *ajour*, caseado para renda, em todas amostras.

16.



Número de amostras: 2

Material: cambráia de linho e linha branca de algodão.

Descrição: Pontos diversos para *richelieu*.

17.



Número de amostras: 2.

Material: linha de seda e algodão vermelha.

Descrição: linho com bainha em pontos diversos: crivo, haste, reto, pé de galinha, partido, cordonê, nó francês, haste.

18.



Número de amostras: 3.

Material: linha de algodão e seda, tecido cânhamo e linho.

Descrição: bordado hardanger em cânhamo, 1; cambraia de algodão com tela sobreposta e ponto reto, 2; linho formando barra com bordado e renda na dobra, 3.

19.



Número de amostra: 2

Material: cambraia de linho e linha branca.

Descrição: pontos tipo crivo.

20.



Número de amostras: 3

Material: fios de algodão e seda.

Descrição: trabalhos em crochê.

21.



Número de amostras: 14

Material: fios de seda e algodão e etamine.

Descrição: crochê, 1, 7 e 11; macramê, 2 e 8, desenhos geométricos em ponto alinhavo e reto, 3, 4, 5, 6, 9, 10 e 12; filé, 13 e 14.

22.



Número de amostras: 4

Material: cambraia de linho, etamine

Descrição: cambraia de linho com bainha e bordados em crivo, ilhós e casa de botão, 1; cambraia de linho bordado em relevo contornado por ponto alinhavo enlaçado, e alinhavo simples, 2; étamine com ponto reto.

FONTES

Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) Solar da Viscondessa, Universidade de Taubaté – UNITAU.

Ofícios diversos. Processo de fechamento do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.

Pareces da Instrução Pública – 1878.

Chroniques de la Congregation des Soeurs de Saint-Joseph de Chambéry. Chambéry, Imprimeries Réunies, 1936, vol XII.

Arquivo Histórico Municipal Dr. Feliz Guisard Filho

Gazeta de Taubaté, 1978, 1880, 1881.

A Semana, 1898, 1890.

Diário de Taubaté, 1896.

O Taubateano, 1901, 1902, 1903, 1904.

Caderno da aluna do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho Diva Machado Cesar, 1926.

Arquivo Público do Estado De São Paulo (APESP)

Gazeta de Taubaté, 1890.

Ofícios da Instrução Pública de Taubaté. Ordem 5112, lata 91.

Ofícios da Instrução Pública de Itu. Ordem 5062, lata 41 e Ordem 5063, lata 42.

Periódicos

A Cigarra.

Anuários do Ensino do Estado de São Paulo. São Paulo, Directoria Geral da Instrução Pública, 1907-1930.

Manual Prático Pedagógico. A Eschola Publica, Oscar Thompson et al. 1898.

Revista Feminina.

Biblioteca de Livros Didáticos – FEUSP

PIZZURO, Pablo. *El Trabajo Manual*. Buenos Aires, Cia Americana de Biletos, 1896

MILANO, Miguel. *O Lar*. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1915.

SOARES, D. Rosina Nogueira e MILANO, Miguel. *Trabalhos Manuaes*. São Paulo e Rio de Janeiro, Weisflog Irmãos, 1917.

Catecismo de D. Epaminondas. 1890, 1896.

Sala de Guardados do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, Itu/SP.

Home Needlework Magazine, de 1904 e 1905.

SOARES, D. Rosina Nogueira e MILANO, Miguel. *Trabalhos Manuaes*. São Paulo e Rio de Janeiro, Companhia Melhoramentos de São Paulo, s/d.

Álbum de fotografia *Colégio N. Sra. do Patrocínio – Itu*. Sem data.

Cadernos da aluna Valentina de Barros Civatti, de 1885, 1886.

Polianthéa de Homenagem à Madre Maria Theodora de Voiron, Itu: 1859-1919. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1919.

MÉDAILLE, Jean Pierre. *Máximas de Perfeição*. Porto Alegre, Edição da Congregação, 2010.

Legislação

BRASIL. *Lei Imperial de 15 de outubro de 1827*. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm. Acesso em: 19/03/2014.

BRASIL. *Lei Imperial Nº 16 de 12 de agosto de 1834*. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM16.htm Acesso: 19/03/2014.

BRASIL. *Regulamento da Instrução Primaria e Secundaria do Districto Federal*. Decreto N. 981 - de 8 de novembro de 1890 Decreto N. 981 - de 8 de novembro de 1890. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso: 19/03/2014

BRASIL. *Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879*. In: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html> . Acesso em: 19/03/2014.

Ata do Primeiro Congresso Católico de Educação, realizado no Rio de Janeiro em 1934. In: *Revista de Educação*, Directoria de Ensino do Estado de São Paulo, São Paulo, vol. VIII, dez/1934, nº 8. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116758/Primeiro%20congresso%20catholico%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%2c%201934.PDF?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 abr. 2016.

Manuais de bordado

Encyclopédie des Ouvrages de Dames. TH. Dilmont, Bibliothèque D.M.C., Mulhouse, s.d..

100 Pontos de Bordado. Coats/Corrente. In: http://www.coatscrafts.com.br/NR/ronlyres/BFD5B616-D15B-48C6-8FDE-D471B6FE37C8/106590/manual_bordado.pdf. Acesso em jan/2016.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA, Rachel Duarte. *Fotografias escolares: práticas do olhar e representações nos álbuns escolares da Escola Caetano de Campos (1895-1966)*. São Paulo, Tese (Doutorado), FE-USP, 2013.

ABREU, Maria Morgado. *Taubaté: de núcleo irradiador do bandeirismo a centro industrial e universitário do Vale do Paraíba*. Aparecida do Norte, Editora Santuário, 1991.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e decotas: Mulheres da Colônia*. (Estudo sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do sudeste – 1750-1822). São Paulo, Tese (Doutorado), FFLCH-USP, 1992.

_____. Educação feminina: vozes dissonantes no século XVIII e prática colonial. In: *Histórias & Utopias*, BLAJ, Ilana e MONTEIRO, John M. *XVII Anpuh*, 1996, p. 252-266.

ALENCAR, José. *Diva*. São Paulo, Ática, 1980.

ALMEIDA, Júlia Lopes. *O Livro das Noivas*. Rio de Janeiro/São Paulo/Minas. Francisco Alves & Cia., 1905.

_____. *O Livro das Donas e Donzelas*. Desenhos de Jeanne Mahieu. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte. Francisco Alves & Cia., 1906.

ALMEIDA, Jane S. de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo, Unesp, 1998.

_____. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* Campinas, SP, Autores Associados, 2007.

_____. Educadoras Missionárias na Província de São Paulo em finais do século XIX: Fragmentos de sua passagem pela Educação Escolar. *Cadernos de História da Educação*, v. 12, n. 1, 2013, pg 205-217.

ALVES, Gislene. Educação feminina no século XIX em Pindamonhangaba: um desafio civilizador? In: GONÇALVES, Mauro Castilho; EUGÊNIO, Cesar Augusto. *História da Educação no Vale do Paraíba Paulista*. Temas, objetos e fontes. Jundiaí, Paco Editorial, 2013.

ANJOS, Juarez José T.. Dom Antônio Joaquim de Melo e suas concepções ultramontanas sobre a educação da criança pela família na diocese de São Paulo (1851-1861). In: *Revista Opsi*, UFG, v. 15, nº 2, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsi/article/view/30640/18048#.Vqb0H8tViko> Acesso em: jul/2015.

AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In: In: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres*. São Paulo, Contexto, 2012, p. 65-83.

- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. São Paulo, Globo, 1997, [1899].
- _____. *Helena*. 9 ed. São Paulo, Ática, 1979, [1876].
- AZEVEDO, Aluísio de. *O livro de uma sogra*. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia, 1951, [1895].
- AZZI, Riolando. *O Catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- _____. (org.). *Congregação das Irmãs de São José: Educação, Saúde e Assistência Social na Província de São Paulo (1859-1909)*. São Paulo, Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, v. 1, 2012a.
- _____. (org.). *Congregação das Irmãs de São José: Educação, Saúde e Assistência Social na Província de São Paulo (1909-1959)*. São Paulo, Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, v. 2, 2012b.
- BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. A lousa escolar: traços da história de uma tecnologia da escola moderna. In: *Educar em revista*, Curitiba, nº 49, jul/set 2013, pp 121-137.
- BARRETO, Lima. Um e outro. In: BARRETO, Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. (org.) SCHWARCZ, Lília Moritz, São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- BAUSUM, Dolores. *Threading time: a cultural history of threadwork*. Fort Worth, Texas, TCU Press, c2001.
- BEAUDRY, Mary C. *Findings - the material culture of needlework and sewing*. Yale, Yale University, 2006, p. 4.
- BENCOSTTA, Marcus Albino Levy e CUNHA Maria Iza Gerth. Educação feminina católica e educação masculina protestante no Brasil do século XIX: fragmentos de uma história institucional e cultural. In: *EDUCAÇÃO & LINGUAGEM*, ANO 11, n. 18, jul. dez. 2008, p. 25-43
- _____. e SOUZA, Rosa Fátima de. Dossiê Cultura Material Escolar: Abordagens Históricas. In: *Educar em Revista*. Curitiba, n.49, Jul-set. 2013, Introdução.
- _____. Mobiliário escolar francês e os projetos vanguardistas de Jean Prouvé e André Lurçat na primeira metade do século XX. In: *Educar em revista*, Curitiba, nº 49, jul/set 2013, pp19-38.
- _____. et al. *Memórias da educação: Campinas (1850-1960)*. Campinas: UNICAMP, 1999.
- BENINCASA, Vladimir. *Fazendas paulistas: arquitetura rural no Ciclo Cafeeiro*. São Carlos, Tese (doutorado), Escola de Engenharia de São Carlos - USP, 2007.
- BENITO, Augustín Escolano. Las materialidades de la escuela (a modo de prefacio). In: GASPAR DA SILVA, Vera Lúcia. *Objetos da escola: espaços, lugares de constituição de uma cultura material escolar* (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis, Insular, 2012.
- BIOTO-CAVALCANTI, Patrícia Ap.; TEIXEIRA, Rosiley (orgs.). *História da Educação Brasileira: (Pedagogia de A a Z; v. 6)*. Jundiaí, SP, Paco Editorial, 2013.

BOIVIN, Nicole. The Agency of Matter. In: _____. *Material cultures, material minds: the impact of things on human thought, society, and evolution*. New York, Cambridge University Press, 2008

BORGES, Davi Coura. “*Dai-me almas e ficai com o resto*”: As práticas escolares do *Gymnasio São Joaquim de Lorena, para a formação do bom cristão e do honesto cidadão (1902-1928)*. In: GONÇALVES, Mauro Castilho; EUGÊNIO, Cesar Augusto. *História da Educação no Vale do Paraíba Paulista. Temas, objetos e fontes*. Jundiaí, SP, Paco Editorial, 2013.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp, Porto Alegre, Zouk, 2007.

BRAUNSTEIN, Philippe. As abordagens da intimidade nos séculos XIV-XV. In: *História da vida privada: da Europa Feudal à Renascença*. DUBY, Georges (org.). São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p.552-647.

CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. “*Coisas Velhas*”: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo, Unesp, 2013.

CAMPAGNOL, Isabella. Invisible Seamstresses: Feminine Works in Venetian Convents from the Fifteenth to the Eighteenth Century. In: GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes (org.). *Women and the material culture of needlework and textiles (1750-1950)*. Farnham, England Burlington, Ashgate, 2009, p. 167-183.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. *Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura*. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Ogr). Brasília, MEC, Secretaria de Educação Básica, 2007.

CARVALHO, Maria Amália Vaz. *Mulheres e Creações: notas sobre educação*. Porto, Joaquim Antunes Leitão e irmão, 1880.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A Escola e a República*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2008.

_____. Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, n. Série, v. 8/9, 2000-2001, editado em 2003, p. 293-324.

_____. Cultura material, espaço doméstico e musealização. In: *VARIA HISTÓRIA*, Belo Horizonte, vol 27, n. 46, jul.dez. 2011, p 443-469.

CASTRO, César Augusto. *Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS)*. São Luís, EDUFMA, Café & Lápis, 2011.

CASTRO, Hebe Maria e SCHNOOR, Eduardo (ogrs). *Resgate: uma janela para o oitocentos*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1995.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Educação, História e Religião: Ordens religiosas como lócus da construção de identidades femininas. In: *Revista Aulas*. Dossiê Religião n.4 – abril 2007/julho 2007.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Nova edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand, 1990.

_____. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). In: *Cadernos Pagú*. Campinas, v. 4, jan-jun.1995, p. 37-47.

_____. “Distinção e divulgação: a civilidade e seus livros”. In: *Leituras e leitores no Antigo Regime*. São Paulo, UNESP, 2004, p. 45-90.

CLAUSSE, Arnould. A Idade Média. In: DEBESSE, Maurice e MIALERET, Gaston. *História da Pedagogia*. São Paulo, ed. Nacional, 1974.

CLESER, Vera. O lar Doméstico. Conselhos Práticos sobre a boa direção de uma casa. Typographia de Oscar Monteiro, São Paulo, 1898.

CORBIN, Alan. Bastidores. In: PERROT, Michelle (org). *História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, vol. 4. São Paulo, Companhia das Letras, 2009. 2009, p. 387-568.

CORRÊA, Rosa Lydia T. Cultura, material escolar e formação de professores: como disciplinar o corpo – imagens e textos. In: *Educar em revista*, Curitiba, nº 49, jul/set 2013, pp 183-205.

COSTA, Emília Viotti. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 7ª ed. São Paulo, Editora da UNESP, 1999.

CRUZ, Heloísa de Faria (org). *São Paulo em Revista: Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedade Paulistana 1870-1930*, São Paulo, Arquivo do Estado, 1997.

CUNHA, Maria Isa Gerth. *Educação feminina em uma escola total confessional católica: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio*. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1999.

CUNHA, Maria Iza Gerth da. Formar damas cristãs, cultas, virtuosas, polidas, sociáveis: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, por; BENCOSTTA, Marcus Levy Albino et al. *Memórias da educação: Campinas (1850-1960)*. Campinas: UNICAMP, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Das mãos para as mentes*. Protocolos de civilidade em um jornal escolar/SC. (1945-1952). In: *Educar em revista*, Curitiba, nº 49, jul/set 2013, pp 139-159. D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary e PINSKY, Carla B. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2010.

DÓREA, Célia Rosângela D. A arquitetura escolar como objeto de pesquisa em História da Educação. In: *Educar em revista*, Curitiba, nº 49, jul/set 2013, pp 161-181.

EASTOP, D. 2007. Material culture in action: conserving garments deliberately concealed within buildings. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material* [Journal of the University of Sao Paulo, Brazil], 15 (1) [January-June 2007], 187-204.

EDWARDS, Clive. Home is Where the Art is: Women, Handicrafts, and Home Improvements 1750-1900. In: *Journal of Design History*. Oxford, Oxford University Press, Vol. 19, n. 1, 2006, p. 11-21.

EDWARDS, Clive. Material Cultures women's home-crafted objects as collections of culture and comfort -1750-1900. In: POTVIN, John and MYZELEV, Alla. *Material Cultures - 1740-1920: the meanings and pleasures of collecting*. Surrey, Ashgate, 2009, p. 37-52.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro, Record, 2010, p. 107-108.

FARGE, Arlette. Famílias. A honra e o sigilo. In: CHARTIER, Roger (org). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Vol. 3; São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 559-594.

FERNANDEZ-SACCO, Ellen. Mundillo and Identity: The revival and transformation of Handmade Lace in Puerto Rico 2006: 156. In: GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes (org). *Women and the material culture of needlework and textiles (1750-1950)*. Farnham, England Burlington, Ashgate, 2009, p. 149-166.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Recordação escolar: aluno, livros, mapa e globo – uma imagem recorrente da cultura escolar (1949-2009). In: Atas do IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: rituais, espaços & patrimônios escolares. Instituto da Universidade de Lisboa, IX CLBHE, 2012, p. 3287. Acesso eletrônico das atas <http://colubhe2012.ie.ulisboa.pt/> , vol. 2

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. História da violência nas prisões. Petrópolis, RJ, Vozes, 1987.

_____. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Vol. 1, rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOX, Sandi. *For Purpose and Pleasure: Quilting Together in Nineteenth-Century America*. Nashville, TN: Rutledge Hill Press, 1995.

GADOTTI, M. *História das idéias pedagógicas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

GASPAR, Vera, PETRY, Maria Gabriela. *Objetos da escola: espaços, lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – séculos XIX e XX)*. Florianópolis, Insular, 2012.

GAETA, Maria Aparecida J. Veiga. A Cultura Clerical e a folia popular. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 17, nº 34, São Paulo, 1997.

GHISOTI, Geraldo. *Os operários da caridade: a Sociedade de São Vicente de Paulo em São Paulo*. São Paulo, tese de doutoramento – FFLCH-USP, 1991, p. 155.

GELL, Alfred. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. In: *Concinnitas*, ano 6, vol. 1, n. 8, jul 2005 p. 44.

GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes (org). *Women and the material culture of needlework and textiles (1750-1950)*. Farnham, England Burlington, Ashgate, 2009.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Editora Vozes, 1985, p. 29.

GONÇALVES, Mauro C. Escola Normal Livre Nossa Senhora do Bom Conselho: no coração da cidade, um projeto de formação de professoras (1954-1969). In: Mauro Castilho Gonçalves, Cesar Augusto Eugenio. (Org.). *História da Educação no Vale do Paraíba paulista: temas, objetos, fontes*. Jundiaí, SP, Paco Editorial, 2013, p. 139-151.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. "Educação Christã da Mocidade": Regulamentação da vida escolar em Colégios Católicos de Minas Gerais (1863-1911). *Cadernos de História da Educação*, v.13, n.1, 2014, pg 99- 117.

GROSVENOR, Ian e MACNAB, Natasha. 'Seeing through touch': the material world of visually impaired children. In: *Educar em revista*, Curitiba, nº 49, jul/set 2013, pp19-38.

HABNER, June E. Mulheres da elite: honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres*. São Paulo, Contexto, 2012, p. 43-64.

HAIDAR, Maria de Lourdes Mariotto. *O Ensino Secundário no Brasil Império*. 2 ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HALTMAN, Kenneth. Reaching Out to Touch Someone? Reflections on a 1923 Candlestick Telephone. In: *American Artifacts: Essays in Material Culture* , 2000, 71-92.

HELLMAN, Mimi. Furniture, Sociability, and the Work of Leisure in Eighteenth-Century France. *Eighteenth-Century Studies*, vol. 32, n. 4 (1999), p. 415-445.

HILSDORF, M. L. S. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

HOUBRE, Gabrielle. Inocência, saber, experiência: as moças e seu corpo fim do século XVIII/começo do século XX. In: MATOS, Maria Izilda S. de e SOIHET, Rachel (org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo, Unesp, 2003, p. 93-106.

HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa, Editora Ulisseia, 1985, p. 152.

JOHNSON, Geraldine A. Beautiful Brides and Model Mothers. The Devotional and Talismanic Functions of Early Modern Marian Reliefs. In: MCCLANAN, Anne L. and ENCARNACIÓN, ROSOFF Karen. *The Material Culture of Sex, Procreation, and Marriage in Premodern Europe*. Palgrave, 2002, p. 135 – 161.

KISHIMOTO, Tizuko M.. Froebel e a concepção de jogo infantil. *Revista da Faculdade de Educação*, USP, v.22, n.1, 1996.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia, Ateliê Editorial, 1999.

KUNRATH, Pedro Alberto. *O mistério da graça divina e a colaboração humana no processo da justificação*. In: *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, nº 156, jun/2007.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A economia cafeeira*. São Paulo, Brasiliense, 1998.

LATOURE, Bruno. The Berlin Key or how to do things with words. In: P.M. Graves-Brown. *Matter, Materiality and Modern Culture*. London, Routledge, 1991, pp 10-21.

LAVIER, James. *A roupa e a moda: Uma história concisa*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 224.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª edição, Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 2003.

LEONARDI, Paula. Igreja católica e educação feminina: uma outra perspectiva. *Revista HISTEDBR on-line*, v.9, n. 34, 2009. Acesso em: 15/04/2015.

_____. *Puríssimo Coração: Colégio de elite em Rio Claro*. Campinas, Dissertação (mestrado), FE-UNICAMP, 2002.

LIMA, Solange Ferraz de. O Trânsito dos Ornatos: Modelos ornamentais da Europa para o Brasil. Seus usos (e abusos?). In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 16, n.1, jan-jun 2008, p. 143-192.

LIMA, Tânia A., BRUNO, Maria Cristina, FONSECA, Marta. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, Século XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ. Expedição Museológica. In: *Anais do Museu Paulista*. Nova Série, nº 1, 1993, p. 179-206.

LIMA, Tânia Soares de. Chá e simpatia: Uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. In: *Anais do Museu Paulista*, n. série, v.5, jan./dez. 1997, p. 93-127.

LOURENÇO FILHO. *A Pedagogia de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro, Melhoramentos, 1952.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ªed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. 9ªed. São Paulo, Contexto, 2010.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. São Paulo, Edusp, 197p. 79.

LUZURIAGA, Lorenzo. *História da Educação e da pedagogia*. 14ªed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1983. MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, v.3, p. 367-421.

MANOEL, Ivan. *Igreja e educação feminina: Os colégios das Irmãs de São José de Chambery, 1859-1919*. São Paulo, Tese (doutorado), FFLCH-USP, 1992.

MARQUESE, Rafael de Bivar. O vale do Paraíba e o regime visual da 2ª escravidão: o caso da fazenda Resgate. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, vol. 18, jan/jun 2010.

MARTINS, Patrícia Carla de Melo. *Seminário episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX*. São Paulo, Tese (doutorado) PUC-SP, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de e SOIHET, Rachel (org). *O corpo feminino em debate*. São Paulo, Unesp, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo, Edições Loyola, 4ª edição, 1996.

MELO, Antonio de M.. *Imprensa Taubateana: contribuição à sua história – 1861 1981*, Taubaté, Almanaque Urupês, livro eletrônico: acesso em jun. 2016.

MENESES, Ulpiano B. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005. p. 18-84.

_____. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV, n.21, 1998, p. 89-102.

_____. Os museus na era do virtual. In: Bittencourt, José Neves; Granato, Marcus & Benchetritt, Sarah F., orgs., *Museus, Ciência e Tecnologia*, Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2007: p. 49-70.

_____. Rumo a uma História Visual. In: ECKERT, Cornelia & NOVAES, Sílvia Caiuby (orgs). *O Imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 33-56.

MESGRAVIS, Laima. *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599-1984)*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

MILLER, Daniel. Extracts from material culture and mass consumption. In: *Material Culture: Critical Concepts in the Social Sciences*. BUSCHLI, Victor., London and New York, Routledge, 2004, p. 307.

MILLER, Daniel. Materiality: An Introduction. In: _____. (Editor). *Materiality*. Durhan and London, Duke University Press, 2005, p. 1-50.

MOACYR, Primitivo. *A Instrução e o Império*. 3 volumes. São Paulo, Ed. Nacional, 1936. In: _____ Brasiliana eletrônica. <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/37/A-instrucao-e-o-Imperio-1-vo> Acesso em 03/04/2015.

MORMUL. Najla Mehama, MACHADO, Maria Cristina Gomes. Rui Barbosa e a Educação Brasileira: os pareceres de 1882. In: *Cadernos de História da Educação – v. 12 – jan/jun. 2013. 277- 293.*

MOTTA SOBRINHO, Alves. *A Civilização do Café (1820-1920)*. São Paulo, Brasiliense, 1978.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EDUSP/EPU, 1974.

NEWELL, Aimee E. “Tattered to Pieces”: Amy Fiske’s Sampler and the changing Roles of Women in Antebellum New England. In: GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes. *Women and the material culture of needlework and textiles (1750-1950)*. Farnham, England Burlington, Ashgate, 2009, p. 51-68.

NÓVOA, Antônio (org.). *As Organizações Escolares em Análise*. Lisboa: Portugal: Edições Dom Quixote, 1999.

NIZZA DA SILVA. Maria Beatriz. Mulheres brancas no fim do período colonial. In: *Cadernos Pagú*. Campinas, v. 4, 1995, p. 75-96.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e PINSKY, Carla B. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Antônio e MACHADO, Maria Cristina Gomes. O debate da instrução no Império: recortes da legislação na perspectiva de Moacyr. In: *Revista HISTEDBR*. Vol. 15, mar/2015, p. 1-25. Acesso em: ago/2015.

OLIVEIRA Maria Augusta M. de e AMARAL, Giana Lange do Amaral. Representações da educação feminina em imagens: trabalhos manuais na Primeira República. In: *Dimensões*. Pelotas, v. 34, 2015, p 380-403.

OLIVEIRA, Ricardo Santa Rosa. *Educação, Maternidade e Progresso: Uma análise sobre a educação de mulheres entre 1870-1910*. Campinas, Dissertação (mestrado), IFCH-UNICAMP, 1995.

PARKER, Rozsika. *The Subversive Stitch: Embroidering and the making of the feminine*. New edition. London and New York, I. B. Tauris, 2010.

PASCHE, Aline de Moraes L. e PINTO, Inára de A. P.. Doutrina e Religião cristã: a igreja católica no exercício do magistério e na seleção dos mestres. In: *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 13, n. 1, jan/jun. 2014, pp. 81-98.

PEARCE, Susan M. *Interpreting Objects and Collections*. London and New York, Routledge, 2001.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *Revista de História*, 2005, vol. 24, n.1, pp77-98. Acesso em: março 2014.

PERES, Tirsa Regazzini. Educação Brasileira no Império. In: PALMA FILHO, J.C.. *Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação, História da Educação*. 3ªed. São Paulo, PROGRAD/UNESP/ Santa Clara Editora, 2005, p. 29-47.

PERRENOUD, Pierre. Currículo real e trabalho escolar. In: _____. *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto, Porto Editora, 1995.

PERROT, Michelle. Outrora, em outro lugar. In: _____. *História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 14-17.

_____. Figuras e papéis. In: _____. *História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, vol. 4. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 2009: 107-168.

_____. A vida em família. In: _____. *História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 2009, p. 169-175.

_____. Dramas e conflitos familiares In: _____. *História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 2009, p. 246-267.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 1: A Era dos modelos rígidos. In: _____. e PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres*. São Paulo, Contexto, 2012, p. 469-512.

PRESCOTT, Cynthia Culver. Crazy Quilts, controlled lives: consumer, culture and meaning of Women's domestic Work in the American Far West. In: GOGGIN, Maureen

Daly; TOBIN, Beth Fowkes. Women and the material culture of needlework and textiles.(1750-1950). Farnham, EnglandBurlington, Ashgate, 2009, p. 111-124.

PRISTASH, Heather; SCHAECHTERLE, Inez; WOOD, Sue Carter. "The needle as a pen". In: GOGGIN, Maureen Daly; TOBIN, Beth Fowkes. Women and the material culture of needlework and textiles.(1750-1950). Farnham, EnglandBurlington, Ashgate, 2009, p. 13-28.

POMIAN, Krzysztof. A história das estruturas. In: LE GOFF, Jacques, CHARTIER, Roger e REVEL, Jacques. *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar– Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary e PINSKY, Carla B. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2010.

REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro, Elsevier Editora, 2011.p 133 – 150.

_____. *História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material* in: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, n. Sér. v.4, jan./dez. 1996, p.265-282.

RIBEIRO, A. I. M. *A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas, 1863-1889*. Campinas: CMU/Unicamp, 1996.

RIBEIRO, Betânia, SILVA, Elizabeth da e ALVES, Maria Aparecida. Jornal como fonte: uma das ponts do *iceberg* nas narrativas em História da Educação. In: *Cadernos de História da Educação*. Pelotas, v. 13, n. 1, jan./jun., 2014, 219-231.

RIBEIRO, Maria, L. S. *História da Educação brasileira (a organização escolar)*. 19ªed. Campinas SP, Autores associados, 2003.

RICCI, Fábio. A economia cafeeira e as bases do desenvolvimento no Vale do Paraíba paulista. In: *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada*, vol. 1, n. 1, jul/dez 2006, pp. 23-34. In: <http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/artigo02.pdf>
Acesso: set/2015.

RODRIGUES, Leda Maria. *A Instrução Pública em São Paulo*. São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, 1962.

ROMANELLI, Otaíza O. *História da educação no Brasil*. 8ªedição, Petrópolis, Vozes, 1986.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres*. São Paulo, Contexto, 2012.

RÖWER, Basílio. *Manual da Pia União das Filhas de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1949, p. 17.

RUSSO, Silveli Maria. *Espaço doméstico, devoção e arte: a construção histórica do acervo de oratórios brasileiro, séculos XVIII e XIX*. São Paulo, Tese (Doutorado), FAU-USP, 2010, p. 298-299.

- SAHLINS, Marshall. Notas sobre o sistema de vestuário americano. In: _____. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p.199-225.
- SANFELICE, José Luís. *História e História da Educação*. Campinas SP, Autores Associados, 1998.
- SANT'ANNA, Denise B. de." Sempre bela". In: PINSKY, Carla e PEDRO, Joana. *Op.cit.* 2012: p. 105-125.
- SANTOS, Simone Andriani dos. *Senhoras e criadas no espaço doméstico, São Paulo (1875-1228)*. São Paulo, Dissertação (mestrado), FFLCH-USP, 2015.
- SANTOS, Vera Lúcia. *A Revista do Patrocínio*. São Paulo, Dissertação (mestrado), FFLCH-USP, 2004.
- SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José C. (org) *História da Educação: Perspectivas para um intercâmbio internacional*. Campinas SP: Autores Associados, 1999.
- _____. *A pedagogia no Brasil: história e teoria*. Campinas SP: Autores Associados, 2008.
- SAVIANI, Dermeval. "Pedagogia e política educacional no Império brasileiro." *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia/MG*. 2006.
- SCHUELLER, AFM de, e AMB de M. MAGALDI. "Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa, 2008." (2011).
- SCHWARCZ, Lilia. "Introdução". In: ROQUETTE, José Ignácio. *Código de bom tom: ou, Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo, 1997.
- SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla B. e PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres*. São Paulo, Contexto, 2012, p. 15-42.
- SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In:_____. (org). *História da Vida Privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, v.3, p. 7-48.
- SNYDERS, George. Os Séculos XVII e XVIII. In: DEBESSE, Maurice e MIALERET, Gaston. *História da Pedagogia*. São Paulo, ed. Nacional, 1974.
- SHARP, Katherine. Women'screativity and display in the eighteenth-century British domestic interior. In: McKELLER, Susie and SPARKE, Penny. *Interior design and identity*. Manchester, Manchester University Press, 2004.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Bordado e transgressão: questão de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. In: *Revista Proa, Campinas, v.2, 2010*. Acesso em: 27/07/2014.
- SILVA, Christiane Grace. *A laicização do ensino: Um debate na imprensa de Taubaté acerca do novo modelo republicano de educação (1891-1905)*. São Paulo, Dissertação (mestrado), PUC-SP, 2008.
- SILVA, Olívia Sebastiana. *Uma alma de fé: Madre Maria Teodora Voiron*. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1984.
- SODERO TOLEDO, Francisco. Taubaté como palco, o Vale do Paraíba como cenário. In: *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, Taubaté, vol. 4, n. 3 (especial), 2008, pp. 118-137.

SOTO, Maria Cristina M. *Pobreza e conflito: Taubaté 1860-1935*. São Paulo, Anablume, 2001.

SOUZA, Gizele. Cultura escolar material na história da instrução primária no Paraná: anotações de uma trajetória de pesquisa. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, nº14, mai/ago 2007.

SOUZA, Regina Maria S. A cultura material da Deutsche Schule. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 14, mai/ago 2007, p. 71-94.

SOUZA, Rosa Fátima, VALDEMARIN, Vera Teresa (Org.). *A cultura escolar em debate: questões conceituais e desafios para o campo de pesquisa*. Campinas SP, Autores Associados, 2005.

SOUZA, Rosa Fátima; SILVA, Vera Lúcia G.; SÁ, Elizabeth F. (Org.). *Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930)*. Cuiabá, EdUFMT, 2013.

_____. Inovação educacional no século XIX: A construção do currículo da escola primária no Brasil. In: *Cadernos Cedes*, nº 51, novembro / 2000.

_____. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. In: *Educar em revista*. Curitiba, nº 49, jul/set 2013, pp 103-120.

TANURI, Leonor Maria. *Contribuição para o estudo da escola normal brasileira*. In: *Pesquisa e Planejamento*. São Paulo, vol. 13, dez/ 1970, pp. 7-97.

_____. História da formação de professores. In: *Revista Brasileira de Educação*. Nº 14, Mai/ago 2000, pp. 61-193.

TURNER, David M. The Body Beautiful. In: REEVES, Carole (edited). *A Cultural History of the human body: in the enlightenment*. Bloomsbury Academic, London, Oxford, New York, 2010, p. 113-132.

TOSI, Pedro Geraldo e FALEIROS, Rogério Naques. Domínios do café: ferrovias, exportação e mercado interno em São Paulo (1888-1917). In: *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 20, n. 2 (42), p. 417-442, ago. 2011

VALDEMARIN, Vera Teresa. *História dos Métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso*. São Paulo, Cortez 2010.

_____. e PINTO, Adriana Aparecida. Das formas de ensinar e conhecer o mundo: lições de coisas e método de ensino intuitivo na imprensa periódica educacional do século XIX. In: *Revista Educação em Questão*. Natal, v. 39, set/dez, 2010, p. 163-187.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. In: *Revista educação em Questão*, Natal, v. 28, n. 14, jan/jun 2007, p. 24-41.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolar. In: *Currículo sem Fronteiras*, vol. 9, nº1, pp 25-41, Jan/Jun 2009. (online) www.curriculosemfronteiras.org. Acesso em janeiro de 2015.

_____. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta, FIGUEIREDO, Luciano e GREVAIS, Cynthia (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte, Autêntica, 3ª Ed., 2003, p. 497 - 515.

_____. e SILVA, Vera Lúcia Gaspar da. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In: *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 11, n. 2, 2010, p. 29-45.

_____. *As lentes da História: Estudos da História e Historiografia da Educação no Brasil*. Campinas SP, Autores Associados, 2005.

WARNIER, Jean-Pierre, *apud* REDE, Marcelo. Estudos de cultura material: uma vertente francesa. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, n. Sér. v. 8/9, 2000-2001, p. 281-291. Editado em 2003.

WERNET, Augustin. *A Igreja paulista no século XIX: A Reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851- 1861)*. São Paulo, Ática, 1987.

WHITING Gertrude. *Old-time Tools and Toys of Needlework*. New York, Dover Publications, 1981.

XAVIER, Libânia e CARVALHO, Fábio G.. *Pesquisa educacional, História da Educação e Historiografia*. Diálogos em curso, intercâmbios possíveis. In: *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 12, n. 1, jan/jun. 2013, pp. 231-251.